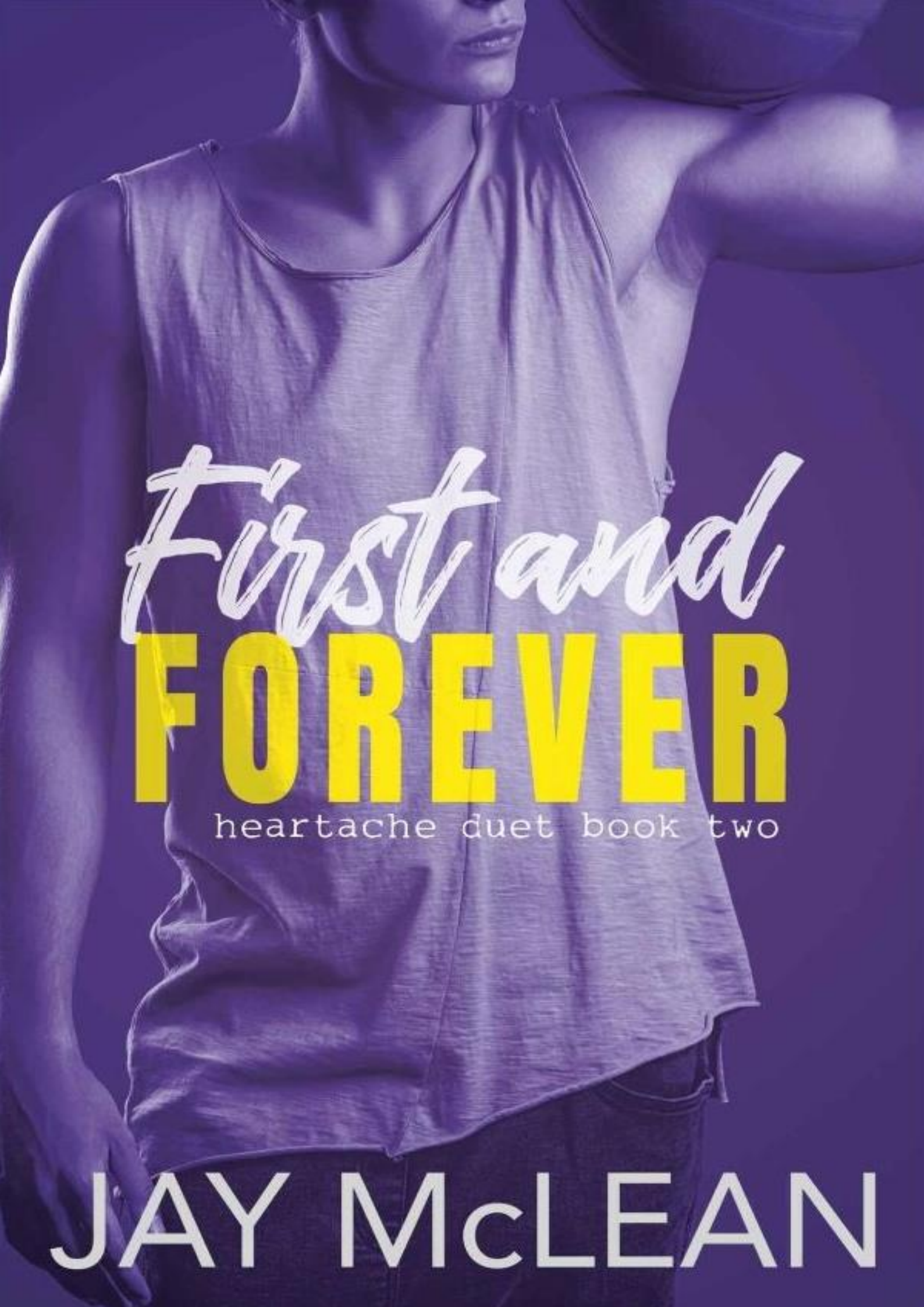

First and
FOREVER
heartache duet book two
JAY McLEAN



Tradução: Cris Lux

Revisão Inicial: Cris Lux

Revisão Final: Thais Lux

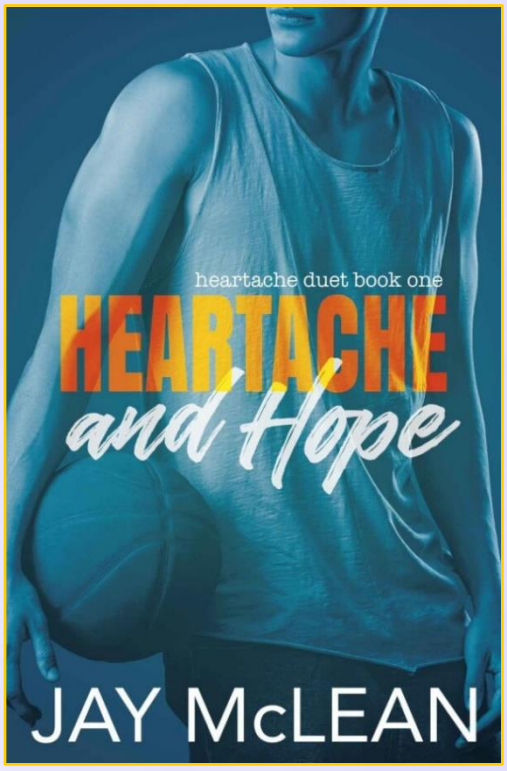
Leitura Final: Cylla Lux

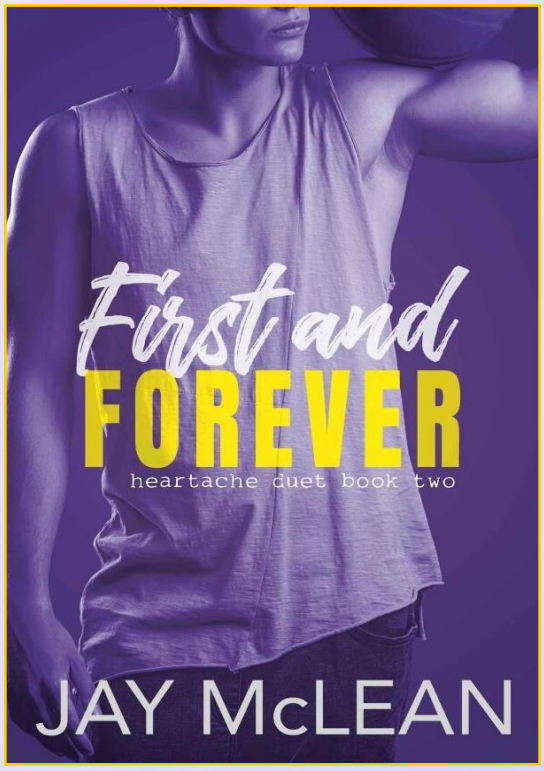
Formatação: Elena Lux

Março / 2020

The Heartache Duet

by Jay McLean







Finalizada!!!

Não há mais beijos de boa noite.

Não batidas nas janelas.

Não há mensagens de texto longas.

Não há telefonemas tarde da noite.

E sem balões no dia de jogo.

Há apenas Connor. E Ava.

Existindo em um mundo cheio de nada além de mágoa.

Enquanto procuravam na escuridão por vislumbres de esperança.

Porque com esperança, vem magia.

E magia é para sempre.



Capítulo 1

Connor

Todos os dias se confundem, e a única coisa que me interessa é o basquete. Porque nunca quis tanto sair dessa lixeira de vida do que agora. Karen senta ao meu lado em psicologia, Ava no lado oposto da sala, o mais longe possível de mim. Ela não fala comigo, nem sequer olha para mim. Passo todo almoço no refeitório, sufocando na estupidez das pessoas ao meu redor.

Não há beijos de boa noite.

Não bate na minha janela.

Não há mensagens de texto longas.

Não há telefonemas tarde da noite.

E sem balões no dia de jogo.

Sou só eu. Existindo em um mundo estrangeiro, vivendo uma vida que pensei que queria enquanto amava uma garota que *não pode me* amar de volta.



E há também meu carro de merda que decide parar de trabalhar aleatoriamente no caminho para casa depois de outra sessão de treinamento particular consecutiva. Eu tenho tempo suficiente para parar o carro na beira da estrada antes que ele morra completamente. Abaixando minha testa

contra o volante, ligo o motor. *Nada*. Eu verifico o medidor de combustível; isso é bom. Então eu ligo o alerta e abro a porta com os dois pés, minha frustração aparecendo na forma de um gemido. Eu levanto o capô e depois olho para um pedaço de metal porque não tenho ideia do que estou olhando.

Eu ando em volta do carro, inspecionando os pneus por quê... Não sei por quê. Estou cansado e dolorido, e só quero chegar em casa e morrer na minha cama e não me levantar até que precise. Pego o telefone do meu carro e ligo para o número do meu pai. Soa. Eu tento de novo. E de novo. E tenho certeza de que há outras pessoas para quem eu poderia estar ligando, mas estou exausto, físico e emocionalmente, e então sento minha bunda no cascalho na frente do carro e tomo o silêncio ao meu redor. Aprecio isso. Está escuro, mas o céu está limpo, exceto por algumas estrelas solitárias. Se um assassino em série passasse, eu seria a vítima perfeita. Eu rio com o pensamento e vou para a mensagem Ava... Mas então eu lembro. E então eu me pergunto como é que eu poderia ter esquecido.

Depois de tudo o que aconteceu com minha mãe, meu pai achou que seria uma boa ideia fazer terapia, sozinhos e juntos. Lembro-me de sentar ao lado dele quando o terapeuta lhe pediu para descrever como era perdê-la - sua esposa. Ele disse - além de suas preocupações sobre o que isso faria comigo em longo prazo - perdê-la era como acordar duas vezes.



Primeiro você acorda e pensa que tudo está normal. Como se você fosse entrar na cozinha, e ela estaria lá tomando café e brincando com seu filho. E então você percebe que isso não vai acontecer e

acorda novamente. Para a realidade. E essa realidade é a sua vida.

Eu acho que, de certa forma, ainda estou na fase de acordar pela primeira vez. E talvez não seja justo, ou *certo*, comparar perder Ava com meu pai perder sua esposa, a mãe de seu filho, mas aí está.

E aqui estou eu.

Estendo a minha frente, protejo meus olhos dos faróis que se aproximam. O carro diminui a velocidade e depois atravessa, estaciona na minha frente, faróis dianteiros. Reconheço o carro assim que minha visão clareia e depois as pernas longas e a saia curta. Karen fica entre os dois veículos. "Que diabos está fazendo?"

Dou de ombros, mantenho meus olhos nos sapatos dela, porque sei que se eu olhar para cima, verei muito mais do que quero. "Eu não sei, vendo a paisagem?"

"O quê?" Ela bufa, sentando na minha frente, suas pernas chutadas ao lado das minhas.

"Meu carro quebrou, *obviamente*."

Ela suspira. "Eu deveria começar a usar uma capa se vou economizar tanto quanto você."



"Você não precisa ficar", digo a ela. “Meu pai pode vir me pegar. Ele simplesmente não está atendendo ao telefone agora.”

Karen assente, uma carranca puxando seus lábios. "Mas você é todo patético e infeliz, e eu sinto muito por você, então..."

Eu rio uma vez. "Eu sou tão óbvio?"

"Connor", ela lamenta. "É como se você tivesse esquecido que eu a perdi uma vez também."

Olho para as minhas mãos, limpo o nó na garganta.

"Mas você é tão trágico agora, e eu entendo", diz ela com uma quantidade surpreendente de sinceridade. "Talvez ajudasse se você falasse sobre isso?"

"Acho que não há nada a dizer."

“Bem, o que aconteceu com vocês? O que mudou?"

"Eu não sei..." Eu encontro uma pedra solta e a jogo em minhas mãos. “A mãe dela aconteceu, e meu basquete assumiu o tempo livre que tínhamos. Nunca parecíamos estar na mesma página ao mesmo tempo.”

"Isso é péssimo e tudo mais, mas é inevitável, não é?"

Farejo as lembranças que inundam minha mente e pergunto: "Você sabe qual é a pior parte?"

"O que?"

Eu olho para ela e lhe dou uma verdade que guardei apenas para mim. "Eu estava fazendo tudo por ela."



Sua sobrancelha se levanta. "O que você quer dizer?"

“Meu plano sempre foi de quatro anos em uma faculdade D1 e depois espero ser profissional. Mas então eu conheci Ava e a mãe dela e... e eles estão lutando muito

com tudo. Eu só... pensei que se colocasse o trabalho agora, então poderia receber a oferta que precisava fazer o meu um ano e depois declarar o rascunho e, esperançosamente, obter um contrato decente o suficiente para que eu pudesse... eu poderia cuidar delas, você sabe?"

Karen está quieta enquanto ela olha para mim, bem nos meus olhos, e eu não desvio o olhar porque não tenho nada a esconder. Quase um sussurro, ela pergunta: "Ela sabe disso?"

Eu balancei minha cabeça

"Por que não?"

"Porque eu não disse a ela", suspiro.

"Por quê?"

Eu respiro fundo. “Porquê e se eu não conseguir? E se todas as suas esperanças de seu futuro dependessem de mim e eu não pudesse seguir adiante?” Eu jogo a pedra do outro lado da estrada. "E se eu falhar?"

A garganta de Karen se move com a andorinha, e ela quebra o olhar e olha para o colo. "É muita pressão para se colocar Connor."

"Mas não é só isso", continuo, sentindo o peso das minhas palavras liberarem a pressão no meu peito. "Eu não disse a ela porque não queria que ela se sentisse obrigada a ficar comigo se ou quando ela parasse de me amar."



O olhar de Karen encontra o meu novamente, as sobrancelhas levantadas. "Ela disse que te ama?"

Eu concordo.

"E você... você a ama?"

"Meu coração bate por ela."



Ava

O Sr. Ledger abre a porta, arregalando os olhos quando me vê. “Ei, Ava. Connor não está em casa agora.”

Boa. "Na verdade, eu vim vê-lo."

"Claro", diz ele, assentindo. "Você quer entrar?"

Olho por cima do ombro para a porta aberta do quarto de Connor e afasto as lembranças. "Eu preferiria ficar aqui fora, se estiver tudo bem?"

Ele oferece um sorriso antes de acender a luz da varanda. "Com o que posso ajudar?"

"Você mencionou antes se precisasse de ajuda com qualquer coisa que poderia para contar com você... e eu sei que Connor e eu não estamos mais juntos, mas eu esperava que sua oferta ainda se mantivesse?"

"É claro", diz ele, preocupação enchendo seus olhos enquanto seu olhar passa rapidamente para a nossa casa. "Está tudo bem com sua mãe?" Ele recua um passo e começa a calçar os sapatos, acrescentando: "Devo procurar meu médico...”



"Não!" Eu saio correndo, acenando com a mão na minha frente. “Não, ela está bem. Desculpe. Balanço a cabeça. “Eu não quis te assustar. Ela está... Está bem. *Fisicamente.”* Eu levanto a pilha de papéis entre nós, ainda quente da impressora. "Trevor e eu, nós recebemos

esta carta do nosso seguro sobre os cuidados da mamãe, e eu não entendo muito, ou nada realmente, mas acho que eles querem fazer alterações e...”

"E você quer que eu dê uma olhada nisso?" Ele interrompe.

"Sim, por favor," eu respiro. "Quando você tiver tempo. Eu sei que você está ocupado.”

"Eu tenho tempo agora", diz ele com um sorriso tranquilizador. Ele pega os papéis de mim e aponta para os degraus da varanda.

Eu aceno, agradecida. "Muito obrigado, senhor", digo a ele, sentando-me. "Você não tem ideia do quanto eu aprecio isso."

Ele se instala ao meu lado, seus olhos segurando os meus. “Não tem problema, Ava. Eu farei o que puder.”

Antes que ele possa ler a primeira linha, um carro entra em sua garagem e minha respiração pega. Eu conheço o carro. Eu conheço a garota. Eu *pensei* que conhecia o garoto sentado ao lado dela. "Obrigado pela carona", ele grita por cima do ombro enquanto sai, depois fecha a porta do carro. Ele começa a vir em nossa direção, nem uma vez olhando para cima. Ele ainda não me viu, e eu gostaria que ele não me visse. Eu gostaria que fosse tão fácil me esconder aqui como na escola. Minha dor no coração força uma respiração estremecida, e eu me levanto. O movimento é suficiente para Connor olhar para cima, o cervo encontra os faróis e ele para. Um som estrangulado se forma em sua garganta, seus olhos arregalados e fixos nos meus. "Ei."



Eu venho para com o som de sua voz, na maneira como me olha. Eu olho para longe e forço-me a lembrar de que já não existimos. Somos apenas ele e eu... E o mundo que nos divide. "Oi", eu ofereço, meu sorriso falso escondendo minha verdadeira agonia.

"Ava acabou de fazer algumas perguntas sobre sua apólice de seguro", diz Ledger, e Connor assente sem mudar o olhar.

"Eu deveria ir", murmuro, depois viro para o pai de Connor. “Coloquei meu número no topo, então ligue ou envie uma mensagem depois de ler. E obrigado novamente. Eu realmente gostei disso."

Ele sorri. "Não há nenhum problema, Ava."

Eu me viro para sair, mas uma parede de Connor bloqueia meu caminho. "Posso acompanhá-la até a sua porta?"

Os nervos voam através do meu corpo. "Se você quiser."

Ele se vira, esperando que eu fique ao lado dele antes de dizer: "Meu carro quebrou e Karen me deu uma carona para casa".

Eu contenho meu escárnio a um desprezo silencioso. "Ela parece estar fazendo muito disso ultimamente."



O grunhido de Connor termina em um suspiro. Mãos enfiadas nos bolsos, ele mantém a boca fechada até estarmos na minha varanda. "Ava, eu preciso saber que você acredita em mim", diz ele, e eu paro com

um pé no degrau e olho para ele. "Entendo que você terminou comigo e, por mais que eu odeie isso, não posso forçá-la a ficar comigo se não quiser." Mordo o lábio porque não tenho nada a dizer, nada para adicionar. E então ele continua: “Eu não deveria ter mentido para você. Sim, fui só eu no carro dela naquela noite e sim, fiquei mais tempo fora do que lhe disse. Ela nos levou ao parque esportivo e, depois de me dar um tapa por um tempo, jogamos e conversamos sobre bola a noite toda ...”

"E a maior parte da manhã", acrescento, olhando para baixo, meus braços cruzados, protegendo-o de mim.

Ele recua um pouco como se tivesse sido atingido por minhas palavras. "Sim", ele admite. "Perdi a noção do tempo."

“Porque você estava tão ocupado se divertindo?” Ele não responde imediatamente, e então eu digo através da dor no meu peito: “Porque é bom esquecer de vez em quando, esquecer as pressões da vida e ser despreocupado adolescente normal?” Quando olho para cima, o vejo me olhando com angústia nos olhos. Ou talvez seja culpa.

Ele lambe os lábios, oferece um encolher de ombros meio de coração. "Eu acho... eu não sei."

"É meio pior", eu resmungo. "Você está tendo uma conexão emocional com outra pessoa." Eu luto para manter minhas lágrimas escondidas. "Eu quase prefiro que você apenas fode..."



"Pare com isso", ele interrompe.

"Não importa mais", eu sussurro.

"Importa porque eu não posso me afastar disso sabendo que você pensa isso de mim." Ele dá um passo à frente. “Eu não faria isso com você. Não *pude*. Ava, você me *conhece*. Você me conhece melhor do que ninguém neste mundo inteiro. Você sabe o quanto eu te amo” ele implora sua voz embargada pela emoção. "Você *me* conhece, Ava", ele repete, e eu posso sentir as camadas de proteção que construí em torno do meu coração começar a enfraquecer, derramar, desintegrar-se. Ele bate um dedo no meu queixo, levantando, então não tenho escolha a não ser encará-lo. Olhar para ele. Ver a tristeza, agonia e desespero em sua *alma.* Ele segura meu pescoço, sua testa descansando contra a minha. Hálito quente contra meus lábios, ele sussurra: "Ava, você conhece meu *coração.*"

Seria tão fácil beijá-lo.

Amá-lo abertamente e sem arrependimentos.

Ignorar todo o resto.

Mas também seria ganancioso.

E tolo.

E *imprudente.*

"Eu acredito em você, Connor." Eu empurro contra seu peito, forçando algum espaço entre nós. "Mas não podemos ser o que você quer que sejamos."



Capítulo 2

Ava

A tristeza se apega aos cílios de mamãe enquanto eu me apego à esperança, e quando seus olhos se fecham as lágrimas que ela derrama se fundem com a água do banho até o queixo. Passo o pano pelas cicatrizes no rosto dela, depois descendo pelo pescoço e depois pelo braço amputado. "Eu nunca serei a mesma", ela sussurra.

Minha mão para. "Não. Você não vai" digo honestamente. "Mas apenas por fora. Seu coração ainda é o mesmo."

Seus olhos se abrem e ela cobre minha mão com a dela. "Mas minha mente não é, Ava, e é isso que me assusta mais."

Eu também não digo, e odeio pensar nos demônios que inundam sua mente, lutando continuamente por maneiras de escapar. Mesmo sabendo a verdade excruciante do que ela experimentou, nunca vou entender completamente a gravidade disso. "Nós vamos encontrar uma maneira de recuperá-la." Eu beijo seu templo. "Eu prometo mamãe."



Dou a mamãe os remédios antes de ir para a cama com ela. E como todas as outras noites desde a primeira vez que ela perguntou, eu deito com ela até que esteja dormindo profundamente e rezo para

que o novo coquetel de drogas faça o resto. Então eu vou para o meu quarto e me preparo para outra longa noite de lição de casa.

Uma hora em um jornal inglês e minha mente começa a vagar. Meu desejo toma conta dos meus dedos enquanto eles tocam no teclado. E mesmo que Trevor não esteja em casa, eu ainda checo por cima do ombro para me certificar de que estou sozinha. A vergonha toma conta de mim enquanto eu vou para o site da escola, clique na guia Atletismo e rolando para baixo até o *Wildcats Basketball.* Eu assisto os destaques de seu último jogo, meus lábios formando um sorriso sempre que ele aparece.

"Ava?" Trevor grita atrás de mim e eu giro meu coração disparado.

“Jesus, você me assustou. Quando diabos você chegou em casa?

"Agora." O sorriso que ele carrega é tão grande que me deixa desconfiada. "E eu tenho uma surpresa para você." Ele dá um passo para o lado, e outra figura se junta a ele.

"Amy!" Estou de pé e a abraço tanto que ela recua um passo. Eu nem sabia que Trevor estava *conversando* com sua ex, mas ela não tem outra razão de estar aqui além de vê-lo. Eu recuo meu sorriso tão largo quanto o de Trevor apenas momentos atrás. "O que você está fazendo aqui?"



Trevor joga o braço em volta da cintura dela e dá um beijo na bochecha. "Ela está aqui para ver o *namorado* dela."

Meu próximo grito é audível, apenas por pouco, e eu abraço os dois.

Amy ri, coloca as mãos nos meus ombros enquanto observa minhas feições, seus olhos azuis se apertando. “É tão bom ver você, Ava. Puxa, você cresceu.”

"Eu nem sabia que você e Trevor estavam conversando novamente."

Ela encolhe os ombros. "O amor tem um jeito, sabia?"

Eu aceno, mesmo que eu *não* saiba. O único amor que experimentei vem com limites. E esses limites foram alcançados.

Meu laptop começa a reproduzir outro vídeo, este com som, e Trevor espia por cima do meu ombro para olhar para ele. É um rolo de destaque de Connor Ledger, e abaixo o olhar, esperando por sua resposta.

"Jesus Cristo, Ava, eu pensei que você tinha terminado com esse idiota."

"Não o chame assim", eu assobio.

Ele passa por mim, sua raiva tensa nos ombros e fecha a tela. Então ele se vira para mim. “Você nem deveria estar olhando essas coisas. Você só vai dificultar as coisas para si mesmo.”



"Cale a boca", eu argumento. “Você fez o mesmo com Amy e seu novo namorado. Você perseguiu o inferno fora dela.”

"Você fez?" Amy pergunta.

Trevor balança a cabeça, o nariz queimando com a expiração. "Isso não é o mesmo!"

"Por quê? Só porque não estamos mais juntos não significa que não me importo com a vida ou o futuro dele."

"Sim, bem, você não deveria. Ele é uma merda por lhe contar o que ele fez!"

"Não! Você é um pedaço de merda por manter isso em segredo de mim!"

"Eu estava fazendo isso para protegê-la!"

"Bem, muita boa coisa!" Eu grito, esquecendo que minha mãe está dormindo no quarto ao lado. "E isso é tudo culpa sua de qualquer maneira!"

"*Minha?*"

"Sim. Lembra quando você disse..." Eu aprofundo minha voz para imitar a dele. "*Você pode namorar, Ava. Você seria uma ótima namorada.*" Caio na minha cama, minhas sobrancelhas franzidas. E porque sou pirralha, cruzo os braços e faço beicinho. "Eu nunca deveria ter ouvido você!"

Trevor ri curto e histérico. "Você quer me culpar porque o seu ex acabou por ser o Rei dos Idiotas?"

"Saia!" Amy e eu pedimos em uníssono.



Os olhos de Trevor se arregalam, concentrando-se primeiro em mim, depois em Amy. "*O que?*"

"Saia", diz Amy, seu tom muito mais calmo que o meu. Ela pressiona as mãos

no peito dele, tentando acalmá-lo com seu toque. "Ava e eu vamos ter uma conversa de garotas, ok?"

Trevor grunhe, mas a beija de qualquer maneira. "Bem."

Assim que Trevor sai do quarto, a porta se fecha entre nós, Amy se acomoda na minha cama, de costas contra a parede. Ela dá um tapinha no lugar ao lado dela, então eu recuo e sento como ela está. Alcançando através de mim, ela pega meu travesseiro e entrega para mim. "Grite."

"O que?"

"Grite", ela repete. "Tire sua frustração agora, para que você possa falar comigo sem raiva balançando suas palavras."

Eu grito no travesseiro.

"Isso ajudou?"

"Sim", eu minto. Não ajudou em nada.

"Então, esse garoto... Connor, certo?"

Eu concordo. "Quanto você sabe?"

Ela pega um pedaço do jeans. “Trevor e eu conversamos muito ultimamente. Ele praticamente me manteve atualizada sobre tudo o que sabe. Mas tenho certeza de que ele não sabe muito, então talvez você possa me dizer essas partes?”



É tão libertador poder conversar com alguém, compartilhar tudo o que Connor e eu experimentamos. Tanto os bons quanto os ruins, mas especialmente os

bons, porque havia muito disso. E eu não tinha mais ninguém com quem compartilhar essa alegria, essa emoção. Eu conto a ela tudo o que aconteceu até agora, e falo por minha decepção quando conto a ela o modo como conversei com mamãe no dia do torneio de Connor e, depois, por minha dor de cabeça quando conto a ela sobre Connor e Karen.

"Você honestamente acredita que algo aconteceu com eles?", ela pergunta calmamente. É a primeira vez que ela fala durante todo o meu discurso, mas sei que está ouvindo com base em seus acenos de cabeça, carrancas e sorrisos nos momentos apropriados.

"Eu não sei", eu admito com um suspiro.

"Você e ele...?"

Balanço a cabeça.

"Você *já?*"

Eu concordo.

“Ele já *alguma vez?*"

"Não", murmuro. "Eu sei o que você está pensando. Mas eu só... eu não o vejo fazendo isso só por fazer.” Lembro-me de quando o trouxe quando estávamos no lago, e ele disse que estava assustado, mas talvez álcool e Karen combinado... “Mas acho que há uma conexão emocional lá, uma com a qual não posso competir, e acho que é isso que mais machuca. Isso e o fato de que ele mentiu para mim.”



Amy respira fundo, sua franja loira mudando com a força. “Sinto muito, Ava. Você está em uma situação tão difícil e jogando um relacionamento na mistura, isso só torna as coisas muito mais difíceis para você.” Ela cutuca meu lado. "Posso ver como ele é?"

Assentindo, pego meu laptop e o coloco no meu colo. Então levanto a tela e encontro o perfil de Connor no site da escola.

Amy solta um assobio baixo. “Droga, garota. Não é de admirar que você esteja tendo dificuldades para se livrar. Ele é *gostoso.”*

"Eu sei", murmuro. "Eu o odeio."

Ela ri. "Você tem alguma de vocês dois juntos?"

Abro a pasta na área de trabalho intitulada “Connor 4 Ava” e passo as fotos juntas. Principalmente fotos que ele me enviou tiradas em seu telefone, selfies em seu carro ou na arquibancada.

Amy pega o laptop de mim para que ela possa olhar mais de perto, foto após foto, trazendo lembranças, causando mais sofrimento à minha dor no coração.

"Você parece tão feliz, Ava", diz ela.



Aperto o nó na minha garganta. "Eu fui."

"E tão apaixonada."

Não posso lutar contra o soluço a tempo. "Eu fui."

"Oh, querida", ela murmura, me envolvendo em seus braços. "Eu gostaria de poder consertar isso para você."

Fungo a dor e limpo meus olhos em seu ombro. "Obrigado por ouvir", eu sussurro. "Eu senti falta de ter você por perto."

Ela suspira, acaricia meu cabelo. "Eu não estou indo a lugar nenhum."

Trevor bate na porta e não espera por uma resposta. Eu garanto que meus olhos estão claros antes de me afastar. "Você contou a ela?", ele pergunta a Amy.

Amy balança a cabeça e se levanta ao lado dele.

Eu olho para os dois. "Dizer-me o que?"

“Amy e sua família me pediram para visitar no Dia de Ação de Graças. Você acha que vai ficar bem se eu for?” Ele pega a mão de Amy na dele e os dois me observam, olhos arregalados. Trevor acrescenta: "Peter se ofereceu para ficar com você."

Peter.

Eu engulo nervosa, inquietação fluindo em minhas veias. Mas quando olho para eles, com a força de seu amor e a esperança em seus corações, digo: "Claro que você pode ir, seu idiota."



Capítulo 3

Connor

É o último período do último dia antes do feriado do Dia de Ação de Graças e todas as minhas aulas têm sido uma loucura. Até os professores já estão no modo de férias. O Alto-falante soa com um alerta para um anúncio, e a voz do diretor Brown chia através dele. Ele começa com a saudação geral, seguida de um monte de relatórios desinteressantes e depois diz: "E uma mensagem especial para o nosso próprio Connor Ledger, que estará passando o intervalo no Crossland Invitational[1] em Indiana". Enterro minha cabeça em minhas mãos enquanto todos ao meu redor aplaudem. Com o rosto vermelho de vergonha, olho para cima quando ele acrescenta: “Com apenas cem estudantes de todo o país selecionados para experimentar essa oportunidade única na vida, deve-se notar o quanto estamos orgulhosos de você. Bom trabalho, Connor! Todos os outros tenham uma pausa segura e agradável. Vemo-nos do outro lado... bem descansado, espero.”

Meu telefone vibra no meu bolso, repetidamente, mas eu não verifico. Parte do castigo de papai por jogar meu velho na parede e esmagá-lo foi substituí-lo por um telefone flip[2] rosa brilhante a partir do *quarto* ano. Possui botões físicos - você



[1] É um convite para evento com outros jogadores de Basquete famosos e promessas do Basquete.
[2] Celulares que abriam a tampa

precisa pressionar várias vezes para que a letra correta apareça.

Quando a campainha final toca, todos saem correndo pelas portas, sua excitação evidente nos aplausos e gritos. Vou para o estacionamento dos estudantes para me encontrar com Rhys que está me dando carona de e para a escola desde que meu carro morreu e papai e eu achamos que não é digno de conserto. E mesmo que o carro do meu pai fique na calçada quando estou na escola porque ele está em casa dormindo, ele se recusa a me deixar dirigir - outra parte do meu castigo. Este por danificar minha mão de tiro. A desvantagem de pegar carona é que Rhys gosta de passear depois da escola, atirando na merda com o resto dos caras. Eu? Eu só quero chegar em casa.

“Nosso próprio Connor Ledger, pessoal!” Mitch anuncia, com as mãos em concha na boca enquanto eu caminho em direção a eles.

Balanço a cabeça, estreito os olhos para ele.

"Aww, mas estamos todos tão orgulhosos de você!" Karen diz com uma risadinha, bagunçando meu cabelo enquanto passo por ela para despejar minha bolsa no carro de Rhys.

"Isso foi embaraçoso", murmuro.



Rhys ri, finge tirar uma coroa da cabeça e colocá-la na minha. "Você é o rei da escola agora."

Mitch zomba, pega a coroa imaginária e a joga no chão, depois pisa nela. "Eu sempre fui o rei, seus filhos da puta."

"Rei da patrulha imbecil", Oscar grita.

"Foda-se", Mitch bufa.

Eu rio. " Fique bravo com isso, você cozinhou demais seis pacotes de frango Mc Zé Ninguém."[3]

Karen solta uma risada, com a mão no meu ombro para se manter em pé.

"Falando em rei da escola", diz Rhys, apontando para um carro que subia os degraus da escola.

Reconheço o carro e imediatamente fico mais alto.

Rhys acrescenta: "O que Peter Parker está fazendo aqui?"

"Peter da Ava?" Mitch comenta.

Minha testa afunda. "O que você quer dizer com Peter *da Ava*?"

Rhys balança a cabeça. "Não é assim. Ele apenas quer dizer que o conhecemos *através da* Ava."

"Não", Mitch fala sério. "Quero dizer, vamos ser reais. Ele provavelmente fodeu a luz do dia..."

"Cuidado com a porra da sua boca", eu aviso.

Mitch ri. "O que é isso para você? Como se você e Karen não fossem..."



[3] Citação de Gordon Ramsay apresentador de Hotel Hell.

"Nós *não* estamos.", eu cortei, empurrando a mão de Karen do meu ombro. Eu empurro o carro de Rhys, meus olhos procurando por Ava. Não demora muito para encontrá-la. De cabeça baixa, ela desce os degraus da escola segurando as alças da bolsa. Ela percebe o carro de Peter e sorri para ele do jeito que costumava sorrir para mim. Ele sai para cumprimentá-la com um abraço que dura muito, e eu sinto o momento em que meus ombros se esvaziam. Ele mantém os braços em volta da cintura dela enquanto ela se afasta as mãos pressionadas contra o peito dele, e eu me pergunto se ela sente a mesma coisa lá - no lugar onde a vida vive - como ela se sentia comigo. Finalmente, ele a solta, e então ela está na ponta dos pés, os olhos selvagens, procurando por algo. Eles pousam em mim e meu pulso se torna volátil. Minhas respirações param quando ela caminha em minha direção, e tudo e todos ao meu redor ficam em silêncio. Tudo o que ouço é o bater do meu coração. Uma batida. Duas. Ela para alguns metros na minha frente, seu olhar abaixado enquanto ela junta as tiras. "Ei."

Eu administro um "ei" de volta.

Seus olhos levantam para os meus. "Você tem um minuto?"

Eu engulo meus nervos. "Certo."

Ela dá um passo para trás, implicando que eu sigo, e eu sigo. Porque eu a seguiria até os confins da terra, se ela me deixasse. "Foi um discurso e tanto Brown o elogiou", ela murmura, olhando para os pés enquanto caminhamos em direção ao carro de Peter. Ele está encostado no capô, os braços cruzados, os olhos em nós.



"Foi possivelmente o momento mais embaraçoso da minha vida."

Sua risada é curta. Afiada. "Mas é um grande negócio, então entendo por que ele quis anunciar isso ao mundo."

Eu dou de ombros.

"De qualquer forma", diz ela, parando a meio caminho do carro de Peter. "Eu hum..." Ela solta um suspiro pesado, depois balança a cabeça. "É tão estúpido agora que estou aqui..."

"O que está acontecendo?"

Sua garganta palpita e ela enfia a mão no bolso. “Eu peguei uma coisa para você.” Ela revela um punhado de balões laranja brilhantes. Com a voz baixa, ela diz: "Você disse uma vez que era o seu amuleto da sorte." Seus olhos encontram os meus, angústia se acumulando em suas profundezas. "E eu pensei que você poderia estar nervoso, então eles estão lá se você os quer ou precisa deles - se eles ainda significam alguma coisa." Ela os segura entre nós, mas eu não posso me mexer.

Não posso falar.

Não consigo desviar o olhar.



"Eu sabia que era estúpido", ela murmura, virando-se para sair.

"Não. Eu os quero!” Eu rapidamente agarro seu braço. "Por favor?" Eu estendo minha mão, palma para cima, e ela as

coloca lá. Eu posso ver o marcador preto misturado com laranja, e o peso no meu peito dobra.

"Eu deveria ir", diz ela calmamente. "Peter está esperando."

Eu concordo. “Então, o que há com isso? Vocês são namorados...?"

"Não", ela ri. “*Deus, não.* Ele vai ficar comigo durante o feriado.”

"Oh." O ciúme é uma cadela. "Ele não tem sua própria casa?"

Ela fica quieta enquanto mastiga o lábio inferior, e afasto as lembranças de mim fazendo o mesmo com aquele lábio, na minha cama, com ela seminua e em cima de mim, enquanto ela me olhava como se nosso amor não conhecesse fronteiras. "Trevor está indo embora com Amy."

"A ex dele?" Eu interrompo.

Seus olhos se arregalam, apenas um pouco. "Você lembra?"

Eu aceno de novo. "Eu me lembro de muito." Eu me lembro de *tudo*. E uma parte de mim odeia isso.



"Eles estão juntos agora, então isso é legal", ela me diz, olhando por cima do meu ombro, onde Peter está esperando por ela.

Quando seus olhos encontram os meus novamente, eu digo: "Então, o que você está me dizendo é que as pessoas podem

se separar, mas há *esperança de* que possam encontrar o caminho de volta uma para a outra novamente?"

Ava olha. Bem *dentro de* mim. "Boa sorte no convite, ok?"

Meu coração afunda, e respiro fundo para diminuir a dor. "Sim, ok."

Olho para os balões na minha mão enquanto ela passa por mim. E quando penso que posso me mover novamente, ela grita por trás: "Ei, Connor?"

Eu giro nos meus calcanhares. "Sim?"

Ela está a apenas dois passos de distância, e com o menor sorriso sorrindo, ela diz: “Eu sei que as coisas estão diferentes entre nós agora, mas sempre vou me orgulhar de você, do quanto você trabalhou por isso, e isso nunca vai mudar.”

"Obrigado, Ava", digo a ela, minha voz clara. "Significa muito."

Isso significa tudo.



Capítulo 4

Connor

Connor: *Você está aí, eu não quero te acordar às 4:40 da manhã, e eu só preciso dizer que meu colega de quarto está roncando. e não da ok, eu posso passar por esse tipo de ronco. Quero dizer, 2 motosserras uma sequoia. Meus ouvidos doem.*

Ava: *Por que você está digitando como se tivesse 12 anos?*

Connor: *O velho telefone teve uma briga com a parede e meu pai me deu um telefone antigo. Eu estava cansado de apertar botões.*

Ava: *Essa é a mesma parede que veio ao seu punho?*

Connor: *Talvez.*

Ava: *Idiota.*

Connor: *Obrigado.*



Ava: *Vá dormir 2. Grande dia em 2 dias.*

Connor: *É rosa quente*

Ava: *O que é?*

Connor: *O Telefone*

Ava: *LOL*

Connor: *Ele está resmungando PEITOS*

Ava*: ?*

Connor: *Companheiro de quarto rocando.*

Ava: *Connor, você precisa descansar um pouco. Jogue algo nele.*

Connor: *Sapato?*

Ava: *Não o seu. Dele.*

Connor: *K*

Connor: *Ele está levantado agora. Ele sai correndo. Eu vou dormir.*

Ava: *Boa noite.*

Connor: *Obrigado.*

***



Connor: *É misto.*

Ava: *?*

Connor: *Aqui.*

Ava: *No convite?*

Connor: *Sim*

Ava: *Ah, aposto que elas amam você.*

Connor: *10*

Ava: *10 meninas?*

Connor: *Sim*

Ava: *Mostrou alguma delas seu [4]weenus?*

Connor: *Lol não. Garotas tem sapinho.*

***

Connor: *Adivinha quem gastou e conseguiu um telefone barato, mas muito melhor?*

Ava: *Estou assumindo que a pessoa que está me enviando mensagens de texto usando as palavras certas (graças a Deus).*

Connor: *Eu me sinto como um novo homem.*

Ava: *Você não deveria estar subindo e descendo uma quadra?*

Connor: *Estamos dando um tempo.*



[4] Weenus: Como citado pelo personagem no primeiro livro, seria um pedaço de pele do cotovelo. Não foi encontrada palavra em português compatível.

Ava: *E você está me enviando uma mensagem?*

Connor: *Eu precisava contar a alguém sobre o meu novo telefone.*

***

Connor: *O que você está fazendo?*

Ava: *Tentando mostrar a Peter como usar uma máquina de lavar.*

Connor: *Como ele não sabe como usar uma?*

Ava: *Vida de privilégio, eu acho. E aí?*

Connor: *Nada, apenas jantando com alguns dos caras.*

Ava: *Então você realmente deveria estar presente, não?*

Connor: *Estamos todos em nossos telefones.*

Ava: *Eu tenho que ir. Peter está prestes a lavar uma camisa vermelha com roupas brancas.*

Connor: *Você deveria deixá-lo.*

Ava: *Isso seria mau.*

***



Connor: *Ava*

Ava: *Connor*

Connor: *Oi*

Ava: *O que houve?*

Connor: *Não consigo dormir.*

Ava: *...*

Connor: *Eu provavelmente deveria quebrar esse hábito, não é?*

Ava: *Eu não sei Connor. Eu acho que sim...*

Connor: *Desculpe.*

***

Connor: *Papai e eu estamos prestes a embarcar em nosso voo para casa. Eu só queria pedir desculpas por entrar em contato com você tanto quanto. Acho que ainda estou lutando para esquecer você, que é meu problema, não seu. E eu pensei que talvez os balões significassem algo, mas obviamente, eu estava errado. Acho que vou te ver por aí. Desculpe de novo.*



Capítulo 5

Connor

"Estou derrotado", digo a papai, minha cabeça rolando contra o banco do passageiro do carro enquanto olho para as luzes da rua familiar.

"Sim, eu aposto. Você teve alguns dias lá, filho."

Eu fecho meus olhos. "Me acorde quando chegarmos em casa."

"Estamos entrando na rua agora", diz ele, rindo.

"Esses poucos segundos vão ajudar, confie em mim."

Ele contorna o final do beco sem saída e depois bate na minha perna. "Estamos em casa."

"Já?" Eu brinco.

Estamos fora e desempacotando nossa bagagem um momento depois, quando a luz da varanda de Ava se acende. Ela veste calça de moletom e um capuz grande do Texas A&M. O ciúme queima um buraco no meu peito. Ela coloca um fone de ouvido e depois se senta em um banco na varanda que não estava lá antes de eu sair. Mudando meu foco para longe dela, pego a última das nossas malas da caminhonete do papai.



"Você vai falar com ela?" Papai pergunta.

Balanço a cabeça enquanto caminho pela nossa garagem. "Ela deixou bem claro que não estava realmente interessada em conversar comigo nos dias de hoje."

Papai murmura: "É difícil saber o que as mulheres querem."

"Conte-me sobre isso", murmuro.

Ele abre a porta da frente e tira as malas das minhas mãos. “Fale com ela, Connor. Se não for por ela, então por você. Você não pode estar neste limbo miserável para sempre.”

Ava está deitada do outro lado do banco quando eu chego à varanda dela. Seus olhos estão fechados, seus dedos entrelaçados e descansando em seu estômago. Começo a sair, meus nervos tirando o melhor de mim, mas paro quando vejo um toque de sorriso nos lábios dela. "Que esquisito", ela murmura, seus olhos se abrindo. Ela se senta, pega o fone de ouvido e dá um tapinha no lugar ao lado dela. "Como foi seu voo?"

Sento-me ao lado dela. “Tudo bem. Só vim pedir desculpas pessoalmente. E eu acho... para ter alguma clareza sobre o que posso e o que não posso fazer quando se trata de você. Quero dizer, não temos contato ou...?”



Ava está quieta antes de soltar um suspiro pesado. “Eu não sei, Connor. Eu acho que vai ser difícil para nós dois navegar no que fazemos daqui. Isso não é fácil para mim também. E você age como se eu estivesse

segurando todas as cartas, mas não estou. E não é como se eu não sentisse sua falta. Eu faço. Eu ainda pulo quando meu telefone toca, porque estou tão acostumada a ser você, mas... não podemos...”

Virando-me para ela, vejo a sinceridade em seus olhos. Não sei como responder ao que ela está dizendo, então digo nada. Em vez disso, pergunto: "Onde está Peter?"

"Dentro. Ele tem algum trabalho a fazer.”

Eu aceno para o moletom dela. “Esse é um belo moletom que você está vestindo. Um pouco grande, no entanto.”

Os olhos dela se estreitam. "Você viu o tamanho de Trevor, certo?"

"É do Trevor?" Eu pergunto. "Não é do Peter?"

Ava balança a cabeça, seu olhar fixo no meu. "Por que seria dele?"

"Eu não sei." Olho para as minhas mãos, quebro os nós dos dedos. "Ele fica com você e..."

"E você acha que estou dormindo com ele?"

Outro encolher de ombros. "Mitch disse..."

“Mitch é um idiota, Connor. Não dê ouvidos a ele.”

Aperto o nó na minha garganta. "Então você não é...?"

"Se eu fosse fazer algo funcionar com alguém, seria..." Ela interrompe um



suspiro e balança a cabeça como se estivesse limpando seus pensamentos.

Sento-me mais alto e digo: “Podemos apenas conversar? Eu não estou trazendo *Nós*. Eu só quero ficar com você um pouco.”

"Claro." Ela sorri, mas é triste. "Eu não sabia que seu pai estava indo com você."

"Sim", eu suspiro. “Ele não iria, mas então comecei a pensar sobre isso. Eu nunca tinha voado antes, e a ideia de estar em um aeroporto... eu não sei. Eu tive todo esse estúpido ataque de pânico por causa disso, o que é idiota por quê...”

"Não é idiota", ela interrompe, fazendo beicinho.

Eu dou de ombros. "É incrivelmente assustador ter que pedir ao seu pai que voe com você, porque você não pode superar seu maldito trauma de infância, sabia?"

Ela me olha por um momento, depois abaixa o olhar. "Eu acho incrivelmente corajoso você ter ido", diz ela calmamente.

Eu esfrego minhas têmporas, uma dor de cabeça de tensão aumentando. "Como está sua mãe?"



Ava solta um suspiro, sua careta consumindo tudo. “Eles a pegaram em muitos remédios, ela nem é mais minha mãe. Ela é *apenas* humana. Eu odeio tanto.”

"Eu sinto muito."

Ava encolhe os ombros. “Krystal esteve aqui durante o intervalo, então eu tenho muito tempo livre em minhas mãos.” Ela dá um tapinha no banco em que estamos sentados. "Eu tenho esse."

"Percebi."

"E..." ela segura um monitor de bebê que eu ainda não tinha visto "...eu peguei isso no quarto da mamãe. É... espere... *o melhor.”*

Uma risada baixa se forma no meu peito, e eu olho para frente quando digo: “Eu nunca vou viver com essa, não é?” É quando vejo um carro escuro cruzando a rua lentamente, sem faróis acesos. "O que diabos é isso?"

Ela espia, vê o que estou vendo. "Eu não sei", ela murmura.

Eu fico de pé.

Ela faz o mesmo.

O carro gira no final do beco sem saída e diminui ainda mais quando começa a passar. Eu passo na frente de Ava. "Abaixe-se!"

"O que?"



Eu a empurro para trás de mim, meus olhos se estreitaram, tentando se concentrar. A janela traseira abaixa e um cano de arma. "Foda-se!" Eu me viro, empurro Ava no chão e a cobri completamente. Meus ouvidos se enchem com os gritos de Ava quando tiro após tiro é disparado, alguns atingindo a

casa, outros nas minhas costas. Eu a seguro enquanto ela tenta se libertar, chorando meu nome. Os pneus guincham e depois o silêncio desce. Com o coração acelerado, respiro quente e pesado contra o ar frio da noite, verifico que eles se foram antes de soltá-la. Seus olhos arregalados, boca aberta, ela olha para mim, sem piscar. Eu engulo, tiro a porra da tinta do meu braço. "Era apenas uma arma de paintball", expiro.

Ava está balançando a cabeça, sua respiração irregular. "Connor." Meu olhar trava no dela. Os olhos dela são selvagens. "Não havia como você saber que era apenas uma arma de paintball."

Meu pulso bate violentamente no meu peito, mas tento me manter calmo. Para ela. Eu limpo a tinta no banco, a adrenalina apertando minhas vias aéreas. "Deve limpar facilmente."

"Deixa. Não importa." A garganta de Ava se move conforme ela engole enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. A raiva estraga seus traços quando diz: "É a terceira vez nesta semana que alguém mexe com a casa. Às vezes eu gostaria de poder incendiar toda essa porra de lugar e sair e nunca olhar para trás." Ela respira uma vez calmamente. Duas. Então ela olha para mim, com lágrimas escorrendo pelo rosto. "Nada de bom veio deste lugar, Connor. Teve *você*. E agora não há nada."



Eu seguro seu rosto em minhas mãos, meus olhos encharcando sua dor no coração. "Eu ainda estou aqui", eu respiro.

Ela agarra a minha jaqueta, com os olhos fechados. Um batimento cardíaco

passa forte e seguro. Eu abro minha boca, ao mesmo tempo em que a porta da frente se abre.

"O que diabos aconteceu?" Peter pergunta.

Eu não me viro para ele. Eu mantenho meus olhos em Ava enquanto ela pisca. Pisca. Pisca.

"Foda-se", Peter cospe. "Entre, Ava."

Meu silêncio implora para ela ficar.

Mas sua realidade a força a sair.



Ava

"O que diabos aconteceu?" Peter sussurra, me arrastando para o meu quarto.

Ainda em choque, eu o encaro.

Seus olhos não param de se mover quando ele me pega, sua mão no meu braço apertando. "Você está bem? Você se machucou?"

"Não", eu sussurro. "Connor..."

"Connor o que?"

Eu tento respirar, tento acalmar o inferno. "Connor me jogou no chão e me cobriu... mas ele não sabia que não era real..."

"Jesus Cristo, Ava", ele murmura, caindo na beira da minha cama. "Seu garoto é um idiota."

"O quê?" Eu bufei.

Peter ri. "Ele está disposto a levar balas para uma garota que ele nem namora."



As palavras de Peter perfuram um buraco no meu peito, e eu luto para ficar de pé. Luto para respirar. Sento-me ao lado dele, meu olhar abaixado, mão no estômago para aliviar a dor.

Peter joga o braço em volta do meu pescoço, me trazendo para ele. Ele acrescenta, zombando: “A NBA do garoto está comprometida e ele apenas arriscou sua vida por quê? Para *você*?” Bile sobe à minha garganta. “Sem ofensa, Ava, mas Trevor já desistiu de sua vida por você. Você não quer que outra pessoa faça o mesmo. Se você não gosta dele, precisa deixar claro. Porque ele é claramente burro demais para descobrir por si mesmo.”

Minha visão fica embaçada.

“E por que diabos você ainda mora neste buraco de cidade com pessoas que constantemente abusam de você? Não entendo por que você não pode simplesmente me deixar cuidar de você.”

A culpa corrói em minhas veias, esquentando e fervendo de raiva.

Eu calço meus sapatos e caminho até a casa de Connor. Eu não vou à janela dele. Eu vou até a porta dele.

Bato duas vezes.

Ele responde vestido com um par de shorts de basquete e nada mais. Os vergões começaram a se formar onde as bolas o atingiram, e eu olho para cima e para os olhos dele, minha visão subitamente clara. "Você é um idiota!"



Sua coluna se endireita.

"Você não pode estar por aí arriscando sua vida por mim."

Ele suspira. "Era apenas uma bola de paintball..."

"Mas você não sabia disso, sabia?"

Seus lábios se apertam.

“Jesus, Connor! O que você estava pensando?”

Com um movimento lento da cabeça, seu queixo se fecha quando ele diz: "Eu estava pensando que precisava proteger a pessoa que amo!"

Minha respiração prende com as palavras dele, mas a culpa controla toda a minha. “Você não pode fazer isso! Nós não estamos...” pressiono uma mão no meu peito, acalmo as batidas abaixo dele. "Nós precisamos parar."

"Parar o que?"

“Contornando essas linhas. Não podemos continuar fazendo isso. *Eu* não posso continuar fazendo isso. Não posso continuar enviando mensagens contraditórias. Merda, você poderia ter...”

"Ava", ele suspira.

"Precisamos de um termino limpa", declaro. Lágrimas ardem atrás dos meus olhos, e eu as pisco, permaneço firme. “Não há mais mensagens de texto. Não fale mais. Não há mais *nada*!”



Seu peito se agita com a respiração, e eu posso ver o peso do conflito caindo sobre seus ombros. Eu levanto meu queixo, determinada.

Connor lambe os lábios, seu olhar caindo. "É isso que você quer?"

Não, é o que você *precisa.*

Ele precisa de mim fora de sua vida.

Para o bem.

"Sim."

Assentindo, ele se inclina contra o batente da porta aberta. "Karen me pediu para ir ao inverno formal com ela."

Eu morro por dentro.

Por fora, eu mantenho minha posição. "Então vai."

Ele solta um suspiro. E então seus olhos encontram os meus, nublados, como se sua mágoa destruísse toda a esperança.

Eu olho para longe.

Logo antes de ele fechar a porta para nós.



Capítulo 6

Ava

Monitor de bebê preso no bolso da minha calça de moletom, eu seguro a escada para Trevor enquanto ele procura as luzes de Natal na garagem. Nós não as usamos desde que nos mudamos para cá, mas Trevor está nessa *vibe*, influenciado por Amy, que celebramos o feriado como qualquer outra família.

"Tenho certeza de que os embalamos em recipientes limpos", digo a ele.

"Não, *eu as* empacotei em sacos de lixo."

“Não, *sou eu* quem os empacotei. Eu acho que saberia.”

"Você mal empacotou qualquer coisa", ele murmura.

"Eu fiz."

"Não fez."

"Fiz sim."



"Cale a boca, pirralha."

"Como você tem 22 anos?"

"Como você está?"

Eu solto uma risada, e Deus, isso é bom. Faz semanas que não sinto nem um pouco de alegria, e uma parte de mim se pergunta se essa é a verdadeira razão pela qual Trevor quer de repente fingir que o Natal é *uma coisa* quando não o comemoramos uma vez desde o retorno da mãe.

“Encontrei!” Ele anuncia.

"Veja. Uma caixa limpa” eu zombo, pegando-a quando ele começa sua descida. "Quem teria pensado?"

Estamos saindo da garagem quando um Hummer chega ao meio-fio. "O que é isso?" Trevor pergunta.

"Inverno formal", digo a ele, meu coração afundando. Tem sido impossível não contar os dias junto com toda a escola, mas enquanto todo mundo está animado com isso, eu estava com medo. E eu definitivamente não quero estar aqui para vê-lo.

"Vamos", digo a Trevor ao mesmo tempo em que a porta da limusine se abre. Karen sai com um vestido vermelho apertado, seguida por Rhys de smoking. Karen espera no carro enquanto Rhys caminha em nossa direção.

"Estou bem?" Rhys cumprimenta Trevor, dando um aperto de mão estranho que só os irmãos fazem. Então ele se vira para mim. "Diz."



"Diga o quê?" Eu pergunto.

"Diga-me que estou bem."

Eu zombo, reviro os olhos.

Ele acrescenta: "Tenho um encontro no carro, mas posso transar com ela bem rápido, se você quiser substituí-la."

Trevor ri.

Eu digo: "Claro, me dê cinco minutos para mudar."

Rhys me dá seu sorriso de megawatt que tem garotas apaixonadas por ele. Tinha *me* apaixonando por ele. As sobrancelhas dele se erguem. "Eu vou esperar."

"Cale a boca." Eu chuto de brincadeira a perna dele, minhas mãos ocupadas segurando as luzes.

"Apenas uma foto", o pai de Connor chama, seus passos rápidos enquanto ele tenta acompanhar seu filho andando pela entrada da casa.

"Pai, não!" Connor lamenta.

Karen ri. "Dê ao homem o que ele quer!"

Eu olho fixamente, minha garganta se fechando quando Connor está na frente de Karen. Ele está de smoking perfeitamente ajustado, a gravata vermelha combinando com o vestido dela. Connor levanta um corpete entre eles, da mesma sombra, como se eles tivessem planejado tudo isso com antecedência. Então ele pega a mão dela, coloca-a no pulso, e ela coloca a mesma mão sobre o peito dele: *mágica*.



A dor bloqueia minhas vias aéreas, mas não consigo desviar o olhar. Nem mesmo quando ela fica na ponta dos pés, os lábios

pressionados na bochecha dele. "Obrigado."

"De nada", ele responde. "Você está bonita."

"Ava", diz Trevor, mas sua voz é distante. Tão longe. "Talvez devêssemos ir."

"Eu estou bem", eu digo as palavras queimando minha garganta.

"Eles são apenas amigos", Rhys tenta me convencer. Mas o jeito que eles se voltam para o pai de Connor, o jeito que ela segura a cintura dele, o jeito que ele coloca a mão nas costas dela... Muita coisa pode mudar em poucas semanas.

Lágrimas embaçam minha visão.

Trevor diz: "Ava, vamos para dentro."

"Eu estou bem", repito. Mas eu não estou. Estou tão longe de que *tudo bem* é uma fantasia. E eu sei que queria isso. Para Connor seguir em frente. Para ele deixar seu amor viver em outra pessoa, mas isso não para a dor.

"Rhys, vamos lá!" Karen grita, e eu sei que eles vão me ver: essa garota solitária e patética de suor, mãos amarradas em magia falsa. E então eu me viro para Trevor e olho nos olhos dele. Tentando encontrar a força que preciso para não perdê-la. Ele olha para mim, com pena em sua expressão. Uma carranca puxa seus lábios. Rhys beija o topo da minha cabeça. "Vejo você mais tarde, A."



Eu o ouço sair, mas não respondo. Eu continuo olhando para o

meu irmão mais velho, buscando coragem. Procurando por esperança. Mas não há nada lá. "Ava..." ele sussurra.

E solto o primeiro soluço. "Eu *não* estou bem."

"Eu sei."

Eu corro para dentro de casa, descartando as luzes da porta da frente e entro no quarto de minha mãe. Ela está dormindo profundamente, mas eu rastejo em sua cama de qualquer maneira.

Eu preciso dela.

Eu preciso tanto dela. “Eu preciso de você, mamãe. Acorde."

Ela não se mexe.

"Acorde!" Eu grito. "Eu preciso falar com você." Eu a sacudo, minhas lágrimas caindo rapidamente e livres, meu coração partido fluindo no som de soluços. “Por que você não pode simplesmente ser minha mãe! Eu preciso da minha mãe!”

"Ava!" Trevor está de pé ao lado da cama, tentando me puxar para longe. “A deixe dormir. Você não pode ser assim. Não com ela.”



Ele me agarra pela cintura e me carrega até a porta dela, me deixando de pé quando saímos do quarto. Caio no chão e choro em minhas mãos. E eu não paro. Não *posso*. Eu me esforcei até o ponto da histeria e estou sem fôlego, a dor no peito insuportável. "Quero tudo o que eles têm e não

posso!" Desmoronar. Libere as emoções pelas quais me apeguei por muito tempo. Meus ombros tremem com a força dos meus gritos.

Trevor sai e volta com um saco de papel. Ele se agacha ao meu lado e segura a bolsa na frente da minha boca, sua mão formando o *O* perfeito. “Vamos, Ava. Respire” ele sussurra, trazendo-o aos meus lábios. Pego sua mão e faço o que ele pede e choro mais quando ele me segura, acariciando meu cabelo. "Eu não sei o que fazer aqui", diz ele, com a voz embargada. Eu tento acalmar minha respiração, olho para ele através de cílios líquidos. Seus olhos estão vermelhos por conter suas próprias lágrimas, sua respiração curta, áspera. Seus lábios tremem quando ele acrescenta: “Estou fora da minha profundidade aqui, Ava. E eu não sei o que fazer.” Ele exala uma respiração longa e trêmula, seu olhar disparando para o lado. "E não sei quanto mais posso aguentar."



Connor

Estamos na mesma academia onde as práticas são realizadas, e eu prefiro estar cometendo suicídios por uma hora seguida. A música está muito alta e as luzes estão muito brilhantes, e eu não quero estar aqui. "Você quer dançar?" Karen pergunta sentada ao meu lado.

"Eu realmente não danço", digo a ela. Eu sou um encontro péssimo; Eu sei isso. E eu realmente deveria fazer mais um esforço. "Quero dizer, eu realmente não sei como."

"Eu posso te ensinar", ela oferece, e o sorriso que ela me dá apenas me faz sentir pior.

"Talvez outra hora? Eu realmente sinto vergonha de mim mesmo na frente de todos."

"Uma aula particular." Ela sorri. "Estou em baixo."

Ficamos em silêncio por mais cinco minutos antes de ouvi-la suspirar alto por causa da música.

"Sinto muito", digo a ela.

"Está tudo bem." Ela encolhe os ombros, e eu posso ver a frota de decepções em suas feições, ver a genuína carranca puxar seus lábios. Ela cai na cadeira, com os cabelos cortando o rosto, e eu me sinto o maior pau da história do mundo.



"Ei", eu digo, arrastando as pernas da cadeira dela até que ela esteja de frente para mim. Eu levanto o queixo, afastando

uma mecha de cabelo dos olhos dela. Ela olha para cima, triste, olhos tristes nos meus. E não é culpa dela que eu sou do jeito que sou. Nem um pouco. "Sinto muito", repito. "É só que... danças não são realmente minhas coisas."

Ela assente como se me conhecesse. E mesmo que estivéssemos passando mais tempo juntos nas últimas semanas desde que Ava esmagou minha alma, ela não me *conhece*. Não é o meu *verdadeiro* eu. Não como Ava me conhece.

"Vamos sair daqui", diz ela, de pé e pegando minha mão. Não sei para onde estamos indo, mas em qualquer lugar é melhor do que aqui, e por isso sigo cegamente atrás enquanto ela me leva para fora da academia e pelos corredores vazios.

Acabamos na academia maior, onde os jogos são disputados. "Confortável agora?" Karen pergunta, tirando os calcanhares das sandálias.

Eu concordo. "Muito."

Rindo, ela puxa um frasco da bolsa e o entrega para mim. “Você precisa relaxar, Connor. O mundo não acaba amanhã.”

Ela tem razão. "Você está certa. E me desculpe. Tenho certeza de que esta versão de mim não era o que você esperava quando me pediu para ir com você.”



Com um encolher de ombros, ela vai para o canto da quadra e pega uma bola da estante. “Eu apenas gosto de sair com

você. Realmente não importa o que fazemos."

Tomo um gole do bourbon que ela esgueirou, me perguntando por que ela o trouxe, já que não bebe. "Eu também." E não é uma mentira. Eu estava errado em julgá-la da maneira que eu fiz, porque ela é divertida de se estar por perto. O tipo de *diversão* que me permite esquecer todo o resto.

"Mano a mano?" Ela pergunta, girando sem esforço a bola na ponta do dedo.

Eu tomo outro gole, respiro o álcool direto para mim. "A última vez que tocamos, eu te peguei."

"Você não me acertou." Ela sorri. "Ainda."

Pego a bola dela, faço um simples arremesso, depois vou atrás da bola e seguro-a debaixo do braço enquanto a encaro. "Vou lhe dar uma vantagem de quinze pontos, apenas para torná-lo justo."

"Combinado."

Jogamos até às três da manhã, dando um tempo para eu tomar um gole no seu frasco. "Você precisa me dar mais do que isso, se quiser uma chance de marcar", eu rio.

Ela estreita os olhos. "Tantas insinuações, não posso escolher uma."



Fico embaixo da cesta, jogo a bola para ela enquanto ela espera na linha de lance livre. Eu digo: "Vou lhe dar uma chance, só porque sinto muito por você".

Sorrindo, ela dribla por alguns segundos, os pés plantados no chão. E então ela se aproxima de mim, cada vez mais perto, até que ela está de pé na minha frente, o nariz no meu peito. "Connor?"

Eu estou mais alto. "Karen?"

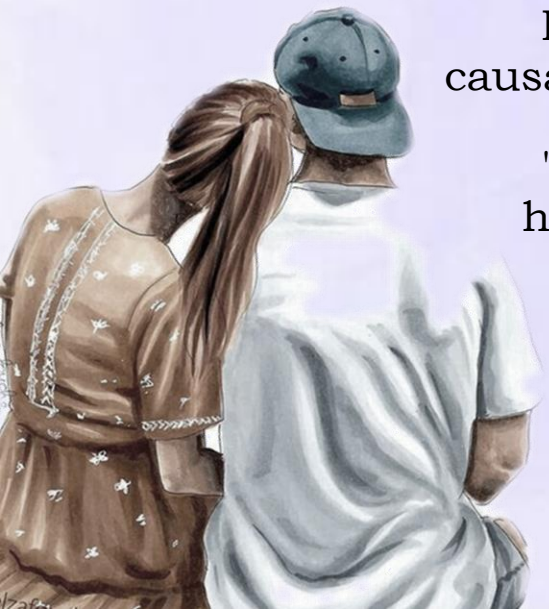
Ela joga a bola atrás dela, e eu a vejo voar no ar, sentindo uma risada crescer dentro de mim. Mas para quando as mãos dela pressionam contra o meu peito, forte o suficiente para eu dar um passo para trás e depois outro, e outro, até minhas costas baterem em uma parede. Eu engulo nervoso, e olho para ela. Suas mãos viajam pelo meu tronco, até meu estômago, e minha respiração para quando ela lambe os lábios. Olhos nos meus, ela murmura: "Você perde cem por cento das chances que não aproveita certo?"

Eu concordo.

Seus olhos se fecham, e eu respiro fundo quando ela se inclina para frente, boca pronta, e seria tão fácil fazer isso. Para *ser* este. Com *ela*. Eu fecho meus olhos...

E eu imagino Ava.

Meus olhos se abrem. "Eu não posso", eu sussurro minhas mãos encontrando os ombros de Karen para detê-la. Para *me* parar. "Eu sinto Muito. Não posso."



Karen mantém o olhar abaixado. "Por causa dela?" Ela pergunta calmamente.

"Não, por minha causa", digo honestamente, colocando mais espaço entre nós. "Porque meu coração sempre será dela, mesmo que ela nunca o aceite."

Capítulo 7

Ava

Estou farta de chorar.

Estou farta de esperar.

E estou cansada da minha própria auto piedade.

Prometo me tornar a aluna modelo (para Trevor) com a paciência perfeita (para minha mãe), e paro de deixar minhas emoções me motivarem e, em vez disso, uso meu amor e apreço por Trevor para me guiar.

A vida é uma série de decisões, disse o pai de Connor. *Você os cria porque eles se sentem bem na época, mas você não está vinculado a eles para sempre.* Mas *estou* vinculado a eles.

Eu fiz uma escolha para ficar para minha mãe.

E eu escolhi deixar Connor partir.

Eu tenho que me ater a essas decisões e aproveitar ao máximo o que tenho.



E essa decisão é final.

É dia de Natal, outro dia zero em casa. Mas Trevor e eu - estamos *tentando,* e foi tudo o que ele pediu. Amanhã, ele

parte para o Colorado para passar o resto das férias com Amy. Krystal ainda estará aqui durante o dia, e eu tenho a equipe de crise na discagem rápida, caso precise deles. Peter estará na cidade, mas ele só vai parar de vez em quando para me checar.

Eu ando pela cozinha fazendo o meu melhor para criar um jantar de Natal digno das esperanças de Trevor de tornar o dia especial. Mamãe se senta à mesa da cozinha, um quadro branco na frente dela. Ela está praticando escrever com a mão esquerda todas as palavras que a lembram do Natal. Não lhe traz felicidade nem miséria.

"Escolha uma", ordena Trevor, entrando na sala com dois rolos diferentes de papel de embrulho. "O roxo é sua cor favorita, mas não é tão festivo quanto o vermelho."

Eu sorrio. “Eu ficaria com roxo. Com certeza.”

"Fita?" Ele pergunta.

"Temos fita adesiva?"

“Droga.” Ele vasculha todas as gavetas da cozinha antes de sair. Mãe escreve *papel de embrulho* no quadro.

"Essa é boa!" Eu encorajo.

Ela não reage.



"Fita elétrica ficaria bem?" Trevor chama.

"Não!"

Mãe escreve *família*.

Meu coração explode. "Eu gosto dessa", digo a ela.

"Mmm", ela responde.

Trevor volta para a sala, uma pilha de papéis em suas mãos. Seus olhos roçam um e depois outro. E meu coração para no segundo em que percebo o que ele está lendo. Ombros tensos, eu rosno: "O que diabos você está fazendo?"

Os músculos do maxilar dele marcam.

Corro até ele, tento agarrá-los, mas ele os segura acima da cabeça.

"Quando diabos você ia me dizer?!"

"Devolva-os", eu resmungo, tentando alcançá-los.

"Não!"

"Por que diabos você está pegando minhas coisas?"

"Pare de xingar", mamãe murmura.

Ele agarra meu ombro e me empurra para trás, batendo os papéis na mesa da cozinha, fazendo mamãe estremecer em seu assento. Ela olha para ele, com os olhos mais claros.



Ele me mantém à distância, literalmente, e eu tento afastá-lo, mas ele é muito forte. “Texas A&M, Universidade da Flórida, UNC. Essas são todas as cartas de aceitação antecipada, Ava!”

"O quê?" Mamãe sussurra, ficando de pé.

"Trevor, por que você faria isso?"

"Fazer o que?", Ele grita o volume de sua voz me fazendo encolher. "Se importar com o seu maldito futuro?"

“Você disse que eu tinha que me inscrever. Você não disse que eu tinha que aceitar!”

"O quê?" Mamãe pergunta novamente, folheando todas as cartas.

"Olha o que você fez Trevor!" Eu grito. "Você lhe deu uma falsa esperança!"

"Ava, eu juro por Deus", Trevor rebate. "Se você perder esses prazos..."

"Você está indo", mamãe diz, com um tom calmo.

"O quê?" Eu xingo. "Eu não estou indo a lugar nenhum."

Seu olhar se levanta, trava no meu. Resoluto. "Você está indo, Ava."

Eu respiro fundo. Segure. Meus dentes cerraram. "Eu não estou deixando você."

"Sim, você está!", Ela grita, batendo a mão na mesa.

Eu olho para Trevor. "Veja o que você fez!"



Trevor balança a cabeça, indignação flamejando em seus olhos. "Sua bunda malcriada está indo para a faculdade."

Eu estou congelada, meus punhos cerrados ao meu lado. Olho entre eles, a

raiva crescendo dentro de mim, me rendendo na forma de lágrimas quentes. "Como diabos eu devo ir!" Eu choro. “Sob nenhuma circunstância, *nesta* vida, é possível eu ir embora. Nenhuma!"

"Droga! Não sei de que outra maneira conseguir isso através de sua cabeça teimosa!” Mamãe grita. “Eu não *quero* você aqui! *Eu* não quero estar aqui!”

"Pare com isso!" Eu imploro, pressionando as palmas das mãos nos ouvidos. Meu coração dói, cai para o nó apertando no meu estômago.

"Eu te dei uma saída!" Mamãe grita.

Dobro-me, fraca.

"Você não deveria ter me salvado, Ava!"

Eu não consigo respirar.

"Você deveria ter me deixado morrer como eu queria!"

"PARE!" Eu grito minha garganta coçando com a força. Eu posso sentir o estalo físico do meu coração... Logo antes do colapso.

"Ava", Trevor sussurra, seus braços passando ao meu redor.



Eu luto contra seu aperto e me liberto, empurrando-o para fora do caminho. Então eu corro para fora. Eu preciso encher meus pulmões de ar. Porque sinto que estou me afogando. Como se eu estivesse debaixo d'água por quase três anos, e não posso -

não consigo respirar o que não é uma mágoa ou esperança liquefeita, e *acabou*.

Estou tão fodidamente acabada.



Connor

Papai trabalha em turno duplo durante o Natal por causa de dinheiro. E não a versão "legal" do dinheiro. Mas papel-moeda da vida real para compensar o que gastamos no convite que participei. Rhys me convidou para passar o dia em sua casa, e quando eu mencionei que não queria me intrometer no tempo da família, ele riu, disse que o Natal em sua casa era a maior explosão do ano e que a maioria da equipe comparecia. Depois de seus próprios jantares de Natal. Então eu vou. Por que realmente? O que mais eu vou fazer? Papai e seu parceiro de trabalho, Tony, também foram convidados. Eles vieram, comeram a quantidade de comida oferecida, mas tiveram que sair logo depois. Aparentemente, as emergências não param para ninguém.

Agora está escuro, e a equipe e Karen estão no quarto de Rhys enquanto os adultos têm uma orgia gigante no andar de baixo. Na verdade não. Mas essa é a história que Mitch continua contando. "Se eu estivesse lá em baixo, escolheria a mãe de Karen", diz ele.

Karen zomba. "Ela recusaria você mais rápido do que Connor me recusou."

"Queime", Rhys ri.



Eu me viro para Karen, estreito os olhos.

"O quê?" Ela ri. "É verdade!"

As coisas com Karen e eu ficaram estranhas por um minuto quente. Então ela me chamou de *garotinho*, o que quer

que isso signifique, e me disse que meu arremesso era fraco. Nós estamos bem desde então.

Há uma batida na porta de Rhys, e todos escondemos o álcool que conseguimos esconder. "Sim?" Rhys chama.

A mãe dele enfia a cabeça. “Você entregou os presentes, [5]urso pookie?”

A sala inteira explodiu em gargalhadas.

"Sim, urso pookie", zomba Mitch. "Você fez?"

Rhys suspira, depois oferece à mãe um sorriso cheio de dentes. "Eu vou fazer isso agora. Obrigada, *mãe*!” Ela fecha a porta e Rhys vai para o armário dele, pega um saco de lixo gigante de presentes. "Tenha isso", diz ele, largando a bolsa no meio do chão.

Mergulhamos como crianças em uma festa quando a [6]piñata quebra, lutando e lutando por presentes que nem merecemos. Rasgo os meus, meus olhos se arregalam quando vejo o que está dentro. “Ei, essa é uma carteira da Louis Vuitton. Eu acho que talvez..."

“O meu também!” Oscar anuncia, já transferindo seus cartões.

"Droga", eu rio. "Vocês realmente moram em outro mundo." Eu me movo para a janela, abro uma abertura nas persianas para ver todos os carros estacionados no gramado da frente - por manobristas, é claro. E foi aí que a vi. Eu reconheceria aqueles cachos soltos em



5

6

qualquer lugar. Ela está sentada em frente à sua antiga casa, exatamente como no dia do incidente na cafeteria. E eu entendo que ela não quer nada comigo, mas vendo-a assim, lembrando como ela estava naquela época, não posso deixar de ir até ela. Se ela precisar de mim, eu estou aqui. Sempre. Eu digo a quem estiver ouvindo: "Eu voltarei".

Eu tento tornar minha presença conhecida porque não quero assustá-la, mas isso não parece importar porque Ava está paralisada, queixo erguido, encarando a casa que ela costumava chamar de lar. "Hey", eu resmungo.

Lentamente, ela se vira para mim, e mesmo em sua aparente desesperança, ela ainda é incrivelmente bonita.

Com o coração pesado, pergunto: "Posso sentar com você?"

Voltando para casa, ela assente, um movimento tão leve que quase sinto falta.

Sento-me ao lado dela, ignorando o chão gelado debaixo de mim. "Você está bem?", Pergunto.

Ava não responde imediatamente. Ela apenas olha, ela pisca lentamente. "É tão legal, hein?"

"A casa?"



"Sim", ela suspira. “Costumávamos ligar luzes coloridas durante o Natal. Eles só têm brancos, mas ainda é tão bonito.”

"É", murmuro, mas não estou olhando para as luzes. Eu estou olhando para ela.

Ela respira profundamente, sua voz baixa quando diz: “Às vezes eu venho aqui e apenas olho para ela. Tento me lembrar de todos os bons momentos que tive lá, as lembranças felizes, mas nunca consigo pensar em nada além de... além do sangue.”

"O *sangue*?"

Ela assente, as pálpebras pesadas quando se vira para mim, os olhos nublados. "Havia muito sangue, Connor", diz ela, sua voz tensa com suas emoções retidas. Seu lábio inferior treme, e luto contra o desejo de abraçá-la, puxá-la para dentro de mim e amá-la abertamente. "Deveria haver um cuidador comigo naquele dia", diz ela. "Mas eles estavam doentes, e eles não puderam vir, e eu fiz um primeiro período de testes." Ela limpa as lágrimas sem choro para acompanhá-las. Depois de engolir audível, ela acrescenta: “Fiz um teste estúpido e a deixei lá. Sozinha. Eu estava fora há mais de duas horas e quando voltei...” Ela estremece e, desta vez, ignoro o que sei que ela quer. Aperto minha mão em torno da dela, mas fico em silêncio. “Estava tão quieto. Eu a chamei, mas ela não respondeu. E então as escadas. Eu me lembro das escadas. Lembro-me dos rangidos sob meus pés. E lembro-me de percorrer todos os cômodos, sentindo o pavor aumentar a cada passo.” Ela funga sua angústia. "E então o banheiro e o sangue e a água e ela estava lá e ela..."



"Ava..." Eu sussurro, envolvendo meus braços em volta dela. Eu a puxo para perto de mim, meu coração batendo forte.

Ela soluça no meu peito. “Ela não estava respirando, Connor. Oh, Deus...”

Seus ombros tremem, seu choro se torna mais altos.

"Shh, está tudo bem", eu sussurro em seus cabelos. Fungo minhas próprias lágrimas enquanto a ouço desmoronar, e faço o meu melhor para mantê-las juntas. "Está tudo bem, Ava."

"Mas não é", ela grita, segurando minha jaqueta. "Não está bem. Nada está bem, e eu não sei... eu não..." Ela luta para falar, luta para respirar através de sua dor. "Ela me odeia porque eu a salvei. Ela me odeia!"

"Não, ela não faz", eu tento acalmar.

"Ela não sabe, Ava", Karen diz, e eu não sei de onde ela veio ou há quanto tempo ela está ouvindo. Ava sai do meu abraço, limpando as bochechas com as costas da mão.

"Ela não te odeia", repete Karen, sentada do outro lado dela. "E eu sei... eu sei que este lugar, esta casa, traz de volta todas essas lembranças para você, mas existem tantas boas", ela se apressa. "Como aquela árvore", diz ela, apontando para uma pequena árvore bem no meio do jardim da frente. "Essa é a árvore de Scout, lembra?"

Ava solta um soluço.

"E lembra quando sua mãe te surpreendeu com ele? Saímos do ônibus e ela estava parada naquele alpendre, e você não sabia que ela estava voltando para casa e você correu pela entrada tão rápido que sua bolsa pegou sua saia e você me mostrou sua calcinha vermelha brilhante?"



Ava...

Ava *ri*... Um som tão puro, mesmo que termine com outro soluço.

“E você pulou nos braços dela, e ela te abraçou, virou-a como se não pesasse nada. Deus, eu estava com tanta inveja do amor genuíno que ela tem por você. E então ela trouxe esse cachorro vira-lata que encontrou na base... tão velho esfarrapado e cego nos dois olhos, e você caiu de joelhos e amou aquele cachorro feio tanto quanto sua mãe adorava vê-la com ele.”

Os ombros de Ava tremem desta vez de rir.

"E a varanda do seu quarto", Karen continua, cutucando o lado de Ava. “Lembra como você e eu costumávamos nos destacar e fingir que estávamos nos apresentando para uma multidão de milhões? Nós estouramos a trilha sonora do *High School Musical* como se pudéssemos cantar, e realmente acreditávamos que Troy Bolton iria de alguma forma subir lá e declarar seu amor eterno por nós.”

Eu pergunto: "Quem é Troy Bolton?"

"Cale a boca, Connor", Karen reclama, e Ava ri, com a cabeça baixa.

"Mas minha memória favorita de todas é o balanço de pneus no seu quintal."



Ava olha para ela, sem palavras e sem fôlego.

Karen olha para a casa como Ava fez apenas momentos atrás: olhar distante mente perdida. “Eu tinha acabado de

completar 14 anos e precisava conversar com você, mas você não estava lá. Trevor levou você para o dia, apenas você e ele. E quando sua mãe me disse, eu disse que esperaria por você e me sentei naquele balanço de pneu. Eu provavelmente estava lá por cinco minutos antes de sua mãe aparecer e me dizer que ela não era Ava, mas ela ouviria se eu quisesse conversar. Então eu fiz. Eu disse a ela sobre o namorado da minha mãe na época. Sobre como ele estava rastejando e me tocando." A voz de Karen falha. Ela limpa a garganta, senta-se mais alto e acrescenta: "Sua mãe perguntou se eu tinha contado à minha mãe, e eu tinha, mas ela não acreditou em mim. Então, sua mãe - ela disse que cuidaria disso... Esse cara se foi no dia seguinte. Apenas arrumou as malas e saiu. Nunca ouvi sobre ele novamente. Deus, sua mãe era minha heroína. Ela sempre foi minha heroína, Ava. Ela era como uma mãe para mim quando eu não tinha uma." Karen suspira. "E acho que foi por isso que fui tão difícil - o que aconteceu com ela. E sinto muito por não poder estar lá para você do jeito que você precisava de mim. Me desculpe, eu parei de aparecer, e sei que é tão egoísta, mas... ela era uma pessoa tão forte e poderosa na minha vida e vê-la..." Karen interrompe um soluço, esfregando os olhos. "Vê-la assim me matou, A. E eu simplesmente não podia. Eu não tenho sua força. E me desculpe."

Ava está em silêncio. Nenhuma resposta verbal. Mas ela segura a mão de Karen na dela. Uma oferta de paz.



Atrás de nós, uma garganta limpa. Rhys caminha ao nosso redor, dizendo: "Bem, você sabe qual é a minha memória favorita daquela casa?"

Ava olha para ele.

“Minha memória favorita está na minha janela, vendo você experimentar biquíni no seu quarto.”

"Oh, meu Deus", Ava sussurra, balançando a cabeça.

Rhys sorri. "Pequeninos como o que."

"Cala a boca!" Ava chuta o pé.

Eu digo: "Estou prestes a dar um soco em você".

"Ele não vale a pena", Ava diz, virando-se para mim. Depois de um suspiro pesado, ela pergunta: "Você me leva para casa?"

"Vou levá-la para onde quiser."



Ava

Trevor está sentado na nossa varanda quando Karen chega ao meio-fio. Eu digo adeus a Rhys e Karen no banco da frente e espero Connor sair primeiro. "Vejo você mais tarde, ok?" Pergunto a ele.

Ele concorda. "Sempre que você precisar de mim."

Eu o abraço rapidamente, depois caminho até minha garagem. Trevor fica de pé quando eu chego perto. "Jesus, Ava, eu tenho estado tão preocupado."

Caio em seus braços abertos, seu peito largo subindo contra mim como se fosse a primeira vez que ele conseguia respirar. "Sinto muito", diz ele. "Eu sinto muito."

"Eu sei", digo a ele. "Eu também."

Eu o solto e sento nos degraus da varanda, esperando que ele se junte a mim antes de dizer: “Trevor, eu não vou para a faculdade. Pelo menos ainda não.”

"Ok", ele respira.

“Sinto que tudo o que fazemos ultimamente é lutar. Você contra mim. Eu contra a mamãe.” Eu aperto o nó na minha garganta. “Eu não quero que você sinta que não aprecio tudo o que você fez por nós. Acredite, eu carrego tanta culpa...”



"Ava", ele interrompe, mas eu não o deixo falar, porque eu preciso dizer o que está em minha mente.

"Eu sei que você sente falta da sua vida antiga e da sua independência, e eu não o culpo." Eu respiro fundo. “Eu só preciso passar o resto do ano letivo e vou encontrar uma maneira de consertar tudo. Eu prometo. Mas primeiro, eu preciso me consertar. Porque eu tenho estado infeliz, Trevor, e eu só... quero ser feliz novamente.”

Trevor sorri, mas é triste.

“E espero encontrar força nessa felicidade para poder ser a pessoa que quero ser. Não apenas para mim, mas para todos os outros ao meu redor.”

Com o braço em volta do meu pescoço, ele me puxa para mais perto dele. "Eu quero isso para você também, Ava."

"Sinto falta de quem costumava ser", digo honestamente. "E sinto falta dos meus velhos amigos."

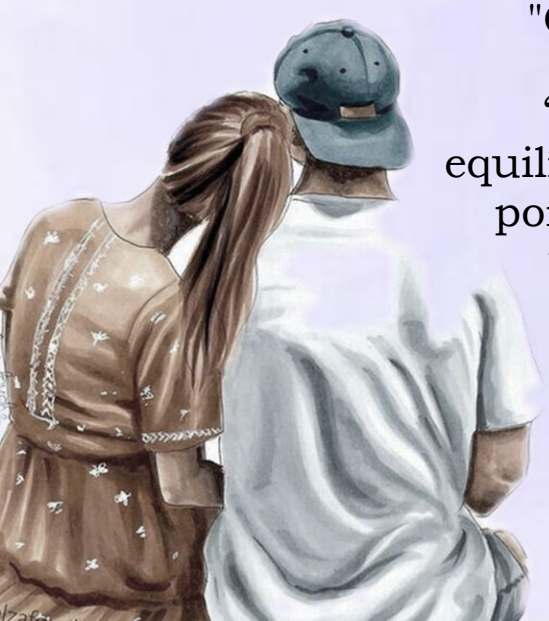
"Sim?"

"Sinto falta de Karen e Rhys e..."

"Connor?" Ele pergunta.

Eu concordo. “Eu sei que você não é o maior fã dele agora, e não é que eu queira ficar com ele *assim*, mas ele me fez feliz, Trevor. Mesmo quando éramos *apenas* amigos.”

"Ok", ele respira.



“Eu só... eu preciso encontrar um equilíbrio, e preciso começar a me cuidar, porque não posso continuar assim, Trevor. Eu simplesmente *não posso*.”

Capítulo 8

Ava

Eu tive que praticamente empurrar Trevor pela porta e entrar em um táxi para que ele não perdesse o voo para o Colorado. Ele era inflexível em ficar, preocupado com o que eu faria sem ele. Eu tive que prometer ligar três vezes por dia e responder a cada uma de suas mensagens de texto em cinco minutos. Peter vem me procurar todas as noites desde que Trevor se foi, mas as coisas conosco não são as mesmas desde o feriado de Ação de Graças... Quando eu disse a ele que ele precisava parar de me pressionar sobre certas escolhas que eu me recuso a fazer.

Quanto a mim, tenho tentado mais cuidar de *mim*. Da minha felicidade. E com a Krystal por aí durante o dia, eu pude ter um pouco mais de liberdade do que estou acostumada. Até agora, dei os primeiros passos para obter a permissão de um aluno, caminhei pelo parque local, andei em ônibus aleatórios, assistindo pessoas, e assisti sozinha a um filme inteiro no cinema. Eu também tenho mantido contato com Karen. Apenas algumas mensagens aqui e ali. Definitivamente, não teremos o mesmo nível de amizade de anos atrás, não porque nenhum de nós *não* queira isso, é só que... Crescemos e nos tornamos pessoas diferentes. E depois há Rhys. Rhys sempre será Rhys.



Agora, estou tentando fazer a única coisa que adiei durante todo o intervalo.

Subo os degraus da varanda de Connor pela quinta vez nos últimos quinze minutos. Eu chego à sua porta, levanto meu punho para bater e depois saio de frango no último segundo. Desço as escadas, dou uma palestra animada e depois volto.

Deve ser fácil: bater, perguntar se ele quer sair e ver para onde as coisas vão a partir daí. Mas não é fácil, porque...

Por que e se ele disser não?

Desço correndo os degraus e caminho até a entrada de carros antes de liberar o fôlego que eu estava segurando. Olho para minha casa, lembro o que há lá dentro. *Quem* está aí. E lembro-me da minha razão.

Não posso ser quem ela precisa que eu seja se estiver infeliz. E Connor - ele ajuda a tirar a miséria.

"Vamos, Ava", eu sussurro, sacudindo minhas mãos. Eu praticamente corro até a porta dele e bato sem deixar meus pensamentos me ultrapassarem. Apenas alguns segundos se passam antes que a porta se abra. Connor está vestindo uma camiseta folgada de manga comprida e shorts de basquete, e de alguma forma tudo ainda consegue mostrar seu corpo perfeito. Abro mais os olhos, e tento acalmar a respiração. Ele está descalço, e eu nunca prestei atenção nos pés dele, mas, *Jesus,* até eles são gostosos.



"Ei", diz ele, todo calmo e tranquilo, como se não fosse necessária toda a coragem do mundo para eu ficar na frente dele. "E aí?"

Quando olho para cima, ele está mordendo uma maçã, as sobrancelhas levantadas.

"Eu uh..." *Eu queria saber se você gostaria de sair.* As palavras estão *direitas* lá, na ponta da minha língua, e eu deveria apenas dizer, apenas deixar escapar para fora, mas as minhas inseguranças obtém o melhor de mim, então eu aponto atrás de mim para o caminhão em sua garagem. "Isso é seu?" Oh, meu Deus. E se não *for* dele? Está na garagem dele há dias, então presumi que ele tivesse um carro novo, mas e se... E se ele tiver uma garota ...

"Uh huh", diz ele, olhando por cima do meu ombro para ele.

"É bonito." Reviro os olhos, dou-me um tapa internamente. "Você sabe... para um caminhão."

Ele fica mais alto, olha para mim, a testa franzida. "Você precisa de uma carona em algum lugar?"

Eu concordo. Uma mentira. Mas ele não vai dizer não a uma carona se estiver oferecendo... Certo? “Apenas para o mercado bem rápido? Estamos sem... *frutas*.”

"*Fruta*?" Ele pergunta, sorrindo enquanto morde sua maçã novamente. "Eu posso poupar algumas frutas."

“E um... pão. E leite. Você sabe...” Eu dou de ombros. "As necessidades."



Ele entra em casa, coloca o tênis, sem meias. Pegando um par de chaves do gancho junto à porta, ele pergunta: "Você está pronta para ir agora?"

"Uh huh."

Ele fecha a porta atrás dele. "Vamos."

No segundo em que estou no carro dele, minhas narinas estão inundadas com todas as coisas sobre Connor e minha mente... Minha mente inunda com todas as memórias de nós sentados em seu carro velho, toda conversa e todo momento de riso, cada toque de sua mão na minha perna.

A maçã presa em sua boca, ele coloca a mão na parte de trás do meu assento enquanto olha para trás para voltar para a estrada.

"Quando você conseguiu isso?", Pergunto.

Ele ajeita o carro, pega a maçã e diz: “Presente de aniversário do papai. Eu sei, sou mimado.”

Meu coração dá um pulo, e eu faço beicinho para ele. "Foi seu aniversário?"

Ele olha para mim, seus olhos zoneados nos meus lábios. Ele lambe o próprio antes de focar na estrada novamente. "Alguns dias atrás, sim."

"Desculpe. Eu não sabia.”

Connor encolhe os ombros. "Como você pôde?"



Verdadeiro. "Você fez alguma coisa no dia?"

Outro encolher de ombros.

"Bem, é uma boa caminhonete."

Ele se inclina contra a porta e murmura: "Sim, você disse isso." Não há humor em seu tom, e agora que penso nisso, ele realmente não parecia tão feliz em me ver. E essa percepção cria uma dor maçante no meu peito. “Eu interrompi alguma coisa? Você estava ocupado?”

Ele mantém o olhar para frente. "Não."

"Porque se você estivesse, eu poderia pegar o..."

“Eu disse que não, Ava. Está bem."

"Você parece... como se estivesse com raiva de mim?"

O peso do seu suspiro me faz querer *sair*. Fora deste carro e fora de toda essa situação. Isso foi claramente um erro, e eu nem sei o porquê. Ele para no vermelho, e eu estou *tão* tentada a abrir a porta e correr. Qualquer lugar exceto aqui.

Engulo o nó na garganta e me forço a tentar novamente. "Você está pronto para a escola?"

Seu olhar passa para o meu, sua mandíbula tique taque. Então ele se aproxima, liga o rádio. E minha dor no coração se torna muito forte. "Na verdade, eu esqueci minha carteira", digo a ele, olhando pela minha janela. Eu luto para falar através do nó gigante na minha garganta. "Você pode me levar de volta para casa?" Ele espera pelo verde e decola novamente, mas ele não se vira. “Ou apenas me deixe em qualquer lugar. Eu posso andar."



"Eu posso pagar o que você precisa Ava."

Mas eu não *preciso de* nada além dele, e ele claramente não está disposto a me dar isso. "Honestamente, está tudo bem."

"Estamos quase lá."

"Nós podemos apenas"

Ele aumenta o volume, me excluindo completamente.

Eu dou as costas para ele, enxugo meus olhos antes que a primeira lágrima caia.

Não quero que ele as veja. Para *reivindica-las*.

Chegamos à loja e pego o que fingi de vir aqui: pão, leite, fruta. Ele anda comigo, mas não falamos, não nos entreolhamos. No caixa, ele pega um ramo de flores antes de pagar por tudo. Não pergunto para quem são as flores, porque *qualquer* resposta me arruinaria mais. "Eu vou te pagar de volta", digo a ele, e ele balança a cabeça, olhando para todos os lugares, menos para mim.

Quando chegamos à caminhonete, sento-me de costas para ele, meu rosto praticamente pressionado contra a janela. Nós não dizemos uma palavra um para o outro até estarmos sentados na entrada da garagem dele, e o motor desligar, e estarmos rodeados de silêncio. Ele pergunta: "Ei, você se lembra daquele dia no lago?"



Não sei por que de todas as coisas que ele poderia dizer, ele escolhe dizer isso.

Eu aceno sem me virar para ele. "Claro."

Ele limpa a garganta. “Esse foi um dos melhores dias da minha vida, Ava.” Ele abre a porta e eu faço o mesmo, mas nenhum de nós sai do carro. Depois de um suspiro, ele diz: “Eu só queria que você soubesse disso. Por qualquer motivo estúpido.”

Finalmente o encaro, vejo a angústia em seus olhos e digo meu coração partido formando minhas palavras: "Foi *o* melhor dia da minha vida".

Sua cabeça cai para frente e ele esfrega a parte de trás do pescoço, depois aperta a ponta do nariz. "Foda-se", ele cospe, batendo no volante.

Eu me encolho, pego as compras e saio do carro, precisando do ar, do espaço. "Obrigado pela carona", eu chamo, fechando a porta.

Eu chego à calçada antes que ele agarre meu braço. "Ava, apenas espere."

Eu respiro fundo, seguro e viro relutantemente para ele.

Ele está segurando as flores ao seu lado, sua mandíbula tensa, as narinas dilatadas.

Eu estou de pé, olho para ele.

Depois de uma inspiração profunda, ele deixa escapar *tudo:* “Eu gostaria de saber o que você queria de mim, Ava, porque está fazendo a minha cabeça entrar. Um minuto você está me dizendo que não quer contato, e no próximo você está batendo na minha porta pedindo uma carona. Por que não liga para Rhys ou Karen? Ou Peter? Porque eu sei que



ele está na cidade checando você. E você sabe como eu sei? Porque Rhys me disse. Você não. E eu sei que Krystal esteve com sua mãe o tempo todo, o que significa que você teve todas as chances de vir e sair comigo. E honestamente, eu *esperei*. Por dias, eu esperei você aparecer. E agora é o último dia de folga, e quando você vem, é porque precisa de algo de mim. E tudo bem. Se você ou sua mãe precisam de alguma coisa, eu estou aqui. Fiz essa promessa a você e estou cumprindo. Eu só...” Ele aperta a ponta do nariz novamente, depois solta um suspiro. “Sabe, Rhys me deu uma festa de aniversário e perguntou se eu queria convidá-la e nem sabia o que dizer. Tipo somos amigos ou...” Ele balança a cabeça, seus olhos nos meus. "O que você *quer* Ava?"

Eu escuto todo o seu discurso, agonia apertando a fonte da minha vida. Eu o encaro, sem fôlego quando finalmente encontro minha voz. "Eu esperava que pudéssemos ser amigos."

Ele assente, seus olhos escurecendo. "Ava, eu..."

"O quê?" Meu olhar cai, meu coração também. "Apenas diga Connor."

“Eu não acho que posso ser *apenas* seu amigo. Agora não. Não quando eu sei como é ter toda você.”

Eu luto para mantê-lo unido. "Isso é bom."

Ele cheira uma vez. "Você pode dar isso para sua mãe?" Ele murmura, entregando-me as flores. "Eu esqueci a última vez que estive lá."



***

Mamãe está descansando em seu quarto quando eu entro então eu desempacoto os poucos itens que tenho e coloco as flores em um copo plástico grande. Seu olhar se move para mim quando abro a porta, seus olhos brilhando quando ela vê as flores. Eu as coloco na mesa de cabeceira enquanto espero que ela se sente. Ela olha para as flores, confusa a princípio, e então um toque de sorriso brilha em seus lábios. Ela olha para eles mais perto, extasiada, os dedos acariciando as pétalas. "Tanta cor", ela murmura.

"Você gosta das cores?"

"Bonita", ela afirma, sem tirar os olhos deles.

Eu digo a ela, minha voz calma enquanto eu luto para segurar meu coração partido, "Connor pegou elas para você."

Ela assente. "Connor[7], 1,98m está esperando um surto de crescimento."

E mesmo com a minha dor, não posso deixar de sorrir. "Esse é ele."

"Ele é um bom garoto."

"Sim", eu digo, limpando as lágrimas que ela não percebe. "Ele é."



[7] Referencia no primeiro livro ao tamanho de Connor que seria o mesmo que Kobe Bryant.

Capítulo 9

Connor

"Você parece idiota", diz Oscar, afundando no banco ao meu lado.

É o primeiro período, novo semestre, ano novo, a mesma merda.

Escolhi a mesa no canto de trás da sala porque nem sei o que essa aula implica e quanto menos atenção receber, melhor. "Eu não dormi bem", digo a ele, e é verdade. Passei a maior parte da noite olhando para o meu telefone, para o cursor piscante da mensagem vazia endereçada a Ava. Eu não conseguia pensar em nada para dizer. Na minha cabeça, eu sabia que tinha dito tudo o que precisava. Mas não parou a dor. E toda vez que eu fechava meus olhos para tentar dormir, tudo que eu via era a dor nos olhos dela quando eu contava como me sentia.

Mas não me arrependo.

Não posso.



Porque tudo o que eu disse foi fato.

Oscar diz, interrompendo meus pensamentos: “É melhor você sacudir essa merda no almoço. Temos aquela manifestação animada na academia, lembra?”

Eu gemo, bato minha cabeça na mesa.

"Bem-vindo à multimídia" anuncia a Srta. Salas, de pé na frente da classe. "Espero que vocês estejam prontos para trabalhar este semestre, porque há muito que fazer!"

A porta da sala se abre, e é como a primeira vez que a vi: um passarinho saindo do ninho pela primeira vez, um desconcerto de membros. "Desculpe", Ava murmura. Seu cabelo está solto hoje, cachos selvagens saltando ao redor. Ela entrega ao professor um pedaço de papel, os olhos abatidos. "Eu tenho um bilhete da Srta. Turner."

A senhorita Salas olha para a nota, com o nariz torcido. "Você chegará atrasada após cada sessão com o psicólogo da escola?"

A classe começa a rir baixinho, e eu fecho meus punhos, meu queixo batendo. O garoto na minha frente, Roy, chama: "Pelo menos não é alcoólatra anônima como a mãe dela."

Eu chuto as costas da cadeira dele. Difícil. Ele bate o quadril na beira da mesa e grita de dor. Então ele se vira para mim. "Que porra é essa, Ledger?"

Eu vejo: "Que tal você assistir sua porra de boca?"

"Que tal vocês *dois* observarem suas bocas!", Grita à senhorita Salas. Como se ela pudesse falar. Quem diabos é ela para jogar fora os negócios de Ava assim?



Ok.

Claramente, ainda estou apaixonada pela garota. Isso não vai mudar. Eu só

preciso encontrar uma maneira de calar esses sentimentos para que eu possa seguir em frente com a minha vida. E não com ou para outra pessoa, mas para mim. Porque estou me afogando nesses sentimentos, lentamente, e isso está me matando.

"Vá em frente e encontre um lugar vazio", a professora diz a Ava.

Ava começa a sentar na primeira fila.

Boa.

Distância.

É exatamente disso que eu preciso.

Ao meu lado, Oscar se levanta e grita: “Esqueci meus contatos hoje, então preciso ir... para frente.” Demoro um momento para perceber o que ele está fazendo, mas, quando chego, já é tarde demais. Ele já está lá, e Ava está vindo em minha direção.

Ela se senta ao meu lado, segurando a bolsa no peito.

A professora começa a estudar o currículo da turma pelo resto do ano, e Ava abaixa a bolsa no chão e chuta a parte de trás do assento de Roy para chamar sua atenção. “Psiu. Roy!” ela sussurra.



Ele se vira para ela, um olhar no lugar.

Ela diz sua voz calma e cheia de clareza: “Apenas para sua informação, minha mãe não é alcoólatra. Ela nem bebe. Ela foi à *guerra*, lutou por *seu* país e foi atingida

por uma granada. Ele explodiu metade do braço e metade do rosto e, por causa disso, ela sofreu *danos cerebrais*. E esse dano cerebral é a razão pela qual ela insulta suas palavras. Não é o álcool." Ela respira fundo, as narinas dilatando. "Então, da próxima vez que você quiser dizer algo sobre ela, porque você acha que isso lhe dará algumas risadas baratas, apenas... tire um momento e imagine se isso acontecesse com sua mãe."

Roy pisca e pisca, e ele olha para Ava como se fosse a primeira vez que a via.

Enquanto isso olho para Ava com admiração.

"Ei", diz Roy, "Você é meio gostosa quando está nervosa".

Eu chuto a cadeira dele novamente. Mais difícil desta vez.

Ava zomba. "Foda-se."

Passamos o resto da aula ouvindo a senhorita Salas conversando, conversando e conversando sem realmente dizer nada. Quando o período termina, eu me viro para Ava, movimento para Roy. "Isso foi impressionante."

Ava encolhe os ombros. "Estou farta do mundo ditando como me sinto, como ajo ou o que faço", diz ela, franzindo a testa. "Eu superei isso, sabia?"

"Por que me sinto pessoalmente atacado agora", eu digo, brincando enquanto pego minha bolsa e bola.



"Não se sinta assim", ela garante, saindo da sala comigo. “Não é sobre você, Connor. Você me deu muita perspectiva.”

Paramos do lado de fora da sala e nos viramos um para o outro. "Como assim?"

"Eu não sei", ela murmura. “Eu sinto que... como se minha mente estivesse uma bagunça agora, mas tenho dezessete anos e vou ter essa mesma mente por um longo tempo. E essa mente vai tomar muitas decisões ruins antes que eu aprenda com elas e comece a tomar as decisões certas.”

Minhas sobrancelhas se levantam.

Ela encolhe os ombros. “Eu não sou como você. Não tenho um objetivo definido para o resto da minha vida. Não há *jogo final* para mim. Mas há duas coisas que sei que quero, e a primeira é encontrar uma maneira de sair desse show de merda de uma cidade.”

"E o segundo?", Pergunto.

Com um suspiro, ela balança a cabeça. “Eu tenho que ir para a aula. Vejo você por aí, ok?”

***



A reunião de hoje é a mesma de todas as outras anteriores. Observamos a nova rotina das líderes de torcida e, em seguida, o treinador nos chama um por

um enquanto ouvimos os aplausos de nossos colegas. A única coisa diferente da atual é que *Ava está aqui*.

Nas arquibancadas.

Destacando-se.

Fora de lugar.

Ela não bate palmas, nem grita, nem faz muita coisa. Ainda assim, não consigo tirar os olhos dela. "Ela prometeu a Trevor que aproveitaria ao máximo seu último semestre", diz Karen, acenando com o pompom por todo o meu rosto.

Afasto o braço dela, meus olhos encontrando Ava novamente. "Então, isso significa comícios de ânimo?"

“Espírito escolar, você sabe. Rah! Rah! Rah! Vaiiii, gatos selvagens!”

"Hã."

Karen ri. "Você achou que ela estava aqui para apoiá-lo?"

"Não." *Talvez.*

"Você certamente parece ser alguém que nem *quer* ser amigo dela."

Meus olhos se voltam para os dela. "Ela te contou isso?"

Karen assente, um brilho nos olhos.



“Não é que eu *não* queira. É que não *posso*.”

"Uh huh."

O treinador chama o nome de Rhys e Ava sorri, bate palmas pela primeira vez. “Está vendo isso?” Karen diz. "Ela deu um fora no traseiro dele, e eles se tornaram *melhores* amigos." Ela dá um tapinha na minha cabeça como se eu fosse um cachorro. "Você deveria ser mais como Rhys."

Eu reviro meus olhos. "Você deveria ser mais como Ava."

Karen ri. "Essa é uma batalha difícil que eu nunca vou escalar."

Eu a encaro.

Ela encolhe os ombros. “Existe apenas uma Ava neste mundo, Connor. Então, a bola está na sua quadra.” Ela bate na minha bunda. "Sua vez."

Ela está *certa*. Jesus, ela está certa. E mesmo sendo Ava quem interrompeu as coisas ou pediu uma pausa limpa, ela tinha razões muito melhores - razões fora de controle - do que apenas o simples fato de que ela *não podia* estar perto de mim porque era "muito" difícil. “Eu sou péssimo. De muitas maneiras. Por muitas razões. Eu não sei como consertar isso", eu admito.



Karen balança a cabeça, aponta para o treinador. “Não, você está...”

"Nós não temos o dia inteiro, Ledger!" Treinador grita.

Oh. Eu corro e fico ao lado de Rhys, mas mantenho meus olhos em Ava. Ela está sorrindo, mas não bate palmas como fez com Rhys. Em vez disso, ela coloca as mãos em volta dos lábios e bocas, "Vaias!"



Capítulo 10

Ava

Surpreendentemente, as primeiras duas semanas do novo semestre passam voando. Não sei se é a súbita mudança de atitude ou o fato de que parei de dar a mínima para o que as pessoas dizem ou pensam sobre minha família, mas seja o que for isso fez a diferença, e com certeza não estou reclamando.

Chego ao primeiro período mais cedo do que todos os outros, porque não quero repetir a vergonha da Srta. Salas, embora não pense que ela faria isso novamente depois do meu pequeno discurso retórico da Srta. Turner em uma das minhas sessões. Em breve, mais e mais estudantes começam a entrar, e há um zumbido no ar como se algo *grande* tivesse acontecido. E, por mais que tente acompanhar todas as notícias da escola, estou claramente fora do circuito.

Do meu assento no fundo da sala, vejo Oscar entrar com alguns caras da equipe que não estão nesta classe. Então Rhys aparece com uma sacola cheia de algo que ele entrega aos caras. Ele envia algumas das meninas na sala um sorriso, deixando-as fracas dos joelhos e depois pisca para mim. Eu reviro meus olhos. Então Connor entra, e assim que ele faz, a sala entra em erupção com aplausos. A equipe o pulveriza com infantis fios laranja brilhante, e Oscar levanta todos



os 120 quilos de Connor, cantando seu nome, e o que diabos está acontecendo?

Eu envio uma mensagem para Trevor.

Ava: *Nós fizemos os playoffs?*

Trevor: *Quem?*

Ava: *O time de basquete.*

Trevor: *Ava! Eu não sei. Eu nem vou a essa escola. E seu melhor amigo é um co-capitão. Então é o seu ex. Pergunte a eles.*

Ava: *Eu não quero. :(*

Trevor: *Então me deixe em paz com suas perguntas idiotas. Estou tentando ganhar a vida.*

Ava: *Você é mal-humorado.*

Trevor: *Você é teimosa.*

Ava: *Era uma vez, você era meu irmão favorito.*

Trevor: *Era uma vez, minha irmã cresceu e parou de ser uma pirralha.*

Ava: *Tudo bem. amo-te. Tchau.*

Trevor: *Também te amo. Merdinha.*



"Ok, pessoal!", Exclama Miss Salas, entrando na sala. Ela joga as coisas na mesa e continua: "Todo mundo que não faz parte da turma, saia imediatamente."

Oscar coloca Connor de pé novamente, e os outros garotos vão embora. Connor leva um momento para remover todos os fios coloridos dele e do chão - com a ajuda de duas garotas da classe - e destrói tudo. Ele encontra um assento vazio na frente da sala, e eu pego meu telefone novamente, envio uma mensagem para ele.

Ava: *Hum. O que?*

Observo Connor enfiar o telefone embaixo da mesa e ler a mensagem. Ele olha para trás, procurando, e me encontra no fundo da sala. Quando as costas da Srta. Salas estão viradas, Connor corre para o assento vazio ao meu lado. "O que houve?" Ele sussurra sua boca tão perto do meu ouvido que eu posso sentir o calor de sua respiração.

"O que foi isso?" Eu sussurro de volta.

Ele se afasta, oferece um encolher de ombros.

Eu bato na perna dele com a minha. "O que acabou de acontecer?"

Balançando a cabeça, olhando para frente, ele diz: "Não é nada".

"Você é tão cheio de merda."

Connor ri.



Eu bato mais forte na perna dele.

Ele se abaixa embaixo da mesa, coloca a mão no meu joelho e aperta. "Pare com isso!"

Eu ignoro as borboletas que pulam no meu estômago quando ele levanta a

mão mais alta, os dedos no interior da minha coxa. "Connor", eu sussurro. "Conte-me!"

Ele move a mão mais uma polegada, e minha respiração pega. Ele deve perceber porque se vira para mim com um sorriso. Mordendo o lábio, ele levanta uma sobrancelha. Porra, o que quer que tenha acontecido o deixou *arrogante*. Aperto os olhos, ignorando as repercussões de ter meu telefone em exibição e digito o nome dele na barra de pesquisa.

A risada de Connor faz as borboletas *subirem*.

Eu li o resumo do primeiro site que aparece.

Connor Ledger, da Academia de St. Luke, NC, nomeado [8]All-American...

Eu suspiro. Audivelmente. E viro para Connor, meu sorriso sem limites. Eu me inclino para ele, sussurro em seu ouvido, "Parabéns".

Sua garganta se move com o engolir quando ele se aproxima, pega meu telefone de mim. Sob a mesa, seus polegares voam sobre a tela. Quando ele termina, ele coloca o telefone de volta na minha frente.

Aplicativo do Notes aberto.

Cursor piscando.



[8] Para ser considerado um All-American de consenso, um atleta precisa figurar no primeiro time-ideal.
Ao fim da temporada regular em dezembro, diversos órgãos começam a divulgar seus times All-American, composto do que, para eles, é a verdadeira seleção de melhores jogadores.

Cinco palavras:

Eu fiz isso por você.



Capítulo 11

Connor

Trevor queria que eu lhe parabenizasse por ser All-American. Escreve Ava em um bloco de notas, deslizando-o sobre a mesa entre nós durante a aula.

Eu tinha chegado a sala antes dela e colocado minha bolsa no assento para que ninguém mais a pegasse. Quando ela entrou com outra nota da Srta. Turner era o único local disponível.

Eu escrevo:

Diga a ele que eu disse obrigado.

OK.

Então pego o bloco de notas e coloco na minha frente, olhando para cima para garantir que o professor não esteja assistindo. Não posso cometer nenhum erro que anteceda os playoffs.

Eu escrevo:

1.

2.

3.



E viro para Ava. Ela está olhando para mim, sobrancelhas desenhadas, e eu não posso deixar de sorrir. Aproximo-me dela, nossos braços se tocando e preencho os espaços vazios.

1. Você tem deixado o cabelo solto ultimamente, e eu acho que é porque você sabe que eu gosto assim. Verdadeiro ou falso?

Ava zomba e circula *falso.*

2. Você chegou atrasada às aulas depois de ver a Srta. Turner. Está tudo bem?

Ava pega o meu bloco de notas e escreve na metade inferior da página:

Estou passando por muita coisa no momento, e ela está me ajudando a resolver tudo. De um jeito bom.

Sorrio quando li sua resposta, reivindicando o bloco de notas de volta. E, apenas para acrescentar drama extra à nossa conversa silenciosa, dou as costas para ela, protegendo seu ponto de vista e preenchendo o último número:

3. Eu, Ava Diaz, perdoo Connor Ledger por ser um idiota... Por ser egoísta e estúpido ao dizer que ele não podia ser apenas amigos. Só porque ele me viu nua no passado, isso não significa que ele só quer me ver nua toda vez que estamos perto um do outro. Porque amigos não ficam nus juntos. Eles simplesmente não. A menos, é claro, que eu, Ava Diaz, queira ficar nua na frente de Connor Ledger. Então Connor Ledger é tudo a seu favor. E eu, Ava Diaz, nunca,



jamais, levarei à tona o fato de que Connor Ledger ficou meio excitado durante um dos longos discursos da Srta. Salas pensando em mim nua. Verdadeiro ou falso?

Deslizo o bloco de notas e vejo os olhos de Ava se mover a cada linha que ela lê seu sorriso ficando mais amplo, terminando em uma risada ofegante. Ela pega a caneta de mim e risca tudo depois que eu sou um idiota, depois circula *verdadeiro.*

Olhando para cima, Ava já está me olhando, seu rosto apenas a centímetros do meu. Meus olhos exploram os dela, procurando uma aparência de esperança. "Quero que você olhe para a pessoa sentada ao seu lado", anuncia a Srta. Salas.

Ava e eu compartilhamos um sorriso.

"Acostume-se a eles", acrescenta ela.

E a respiração de Ava aquece minha carne quando ela solta uma risada silenciosa.

"Porque essa será a pessoa com quem você trabalhará no seu próximo projeto."

"Aqui vamos nós de novo", Ava sussurra.

Salas acrescenta: "E você passará muito tempo com eles".



Sorrindo, eu quebro o contato visual para escrever:

Nu?

Debaixo da mesa, Ava empurra sua perna contra a minha. Eu aperto o joelho dela, aperto uma vez. E mantenho minha mão lá.

"Quem aqui ouviu falar de podcasts e YouTube?", Pergunta a Srta. Salas, e a sala se enche de uma mistura de gemidos e risadinhas.

Eu deslizo minha mão para cima da coxa de Ava e aperto novamente. "Isso é *tudo sobre* você", digo a ela.

"Sim!" Ela sussurra. "Hora de tirar os peitos."



Capítulo 12

Ava

"Quais você gostaria?" Pergunto a mamãe, sentada à mesa da cozinha com fotos espalhadas na nossa frente. Ela queria reorganizar as fotografias na parede do quarto para poder vê-las mais nítidas da cama.

"Este", diz ela, apontando para uma de Trevor e eu de pé ao lado de seu carro. “E este aqui.” É outro de nós - este quando éramos mais jovens, de pé na piscina da nossa casa velha, a pele escura de Trevor como um contraste contra a minha. Ela o leva até o nariz, inspeciona-o mais de perto. "Eu tirei essa aqui."

"Você fez", eu digo, tentando esconder minha emoção. "Você se lembra de fazê-lo?"

"Sim."

A porta da frente se abre e Trevor entra.

"Esse é seu irmão?", Ela pergunta.



"Sim."

"Trevor!" Ela chama.

"Oi, mamãe Jo!" Ele deixa cair suas ferramentas e corre para a cozinha, sua expressão preocupada.

"Olha!", Diz ela, apontando para as fotografias. "Eu preciso de uma de você e Amy."

O sorriso que me ultrapassa é instantâneo. O mesmo acontece com Trevor. "Vou mandar algumas para Ava para ela imprimir."

"Bom", mamãe diz, assentindo.

Eu digo a ele: “O jantar está no forno. Mais dez minutos.”

Trevor vai à geladeira tomar uma cerveja, enquanto mamãe diz: "Espere aqui." Ela se levanta lentamente e vai para o quarto.

Enquanto ela está fora, Trevor e eu compartilhamos um olhar de espanto. "Ela está indo tão bem", eu sussurro.

Trevor assente. “Apenas não tenha muitas esperanças, ok? Ela já fez isso antes.”

"Eu sei."

"Eu quero dizer isso, Ava."

Aperto meus lábios com força, acenando com a cabeça e espero que mamãe volte. “Aqui.” mamãe diz, colocando uma caixa de veludo preto na mesa da cozinha. Ela dá um tapinha no ombro de Trevor. "Para você."



"Eu?" Ele pergunta de olhos arregalados.

Mamãe assente enquanto se senta novamente.

Trevor abre a caixa, com a testa baixa quando vê o que está dentro. "Este é o anel que papai te deu?", Ele pergunta.

Mamãe oferece outro aceno de cabeça. "Para Amy."

"Eu não estou pedindo para ela se casar comigo ainda", Trevor diz através de uma risada.

"Um dia", diz a mãe, as pálpebras pesadas. Ela está ficando cansada e precisará descansar em breve. "Este", ela diz para mim, puxando outra fotografia de Trevor e eu em sua direção. "Eu gosto muito deste."

Meu telefone toca em algum lugar na sala de estar e peço a Trevor que o pegue enquanto coleciono as fotos em uma pilha. "É Connor", ele me diz, voltando para a cozinha.

"Por que ele ligaria?" Eu murmuro, mais para mim do que qualquer outra pessoa.

Pego meu telefone de Trevor e respondo: "Alô?"

"Eu entrei na Duke!"

"*O quê*?" Eu grito meu coração disparado, a alegria correndo pela minha linhagem.

"O quê?" Trevor sussurra, apontando para o telefone.



"Connor entrou na Duke!" Eu grito, segurando o telefone no meu ouvido. “Oh, meu Deus, Connor! Você entrou na Duke!”

"Eu entrei na Duke", ele repete, ofegante, como se não pudesse acreditar.

"Onde você está?" Eu rio, incapaz de conter minha alegria.

"Eu estou do lado de fora."

"Ele está lá fora", digo a Trevor, suplicante.

"Vai!"

Corro para a porta, com os pés descalços e a felicidade cheia. Connor está andando pela calçada em direção à minha garagem, e eu corro. Eu corro tão rápido e tão forte e tão livre, e eu bato em seu peito, meus braços em volta de seu pescoço. "Você entrou na Duke!" Eu grito meu orgulho saindo na forma de riso.

"Puta merda", ele murmura, me segurando com ele, seu braço em volta da minha cintura enquanto a outra mão segura a parte de trás da minha cabeça. "Eu não posso acreditar, Ava."

Eu o solto e aterro de pé. "Bem, porra, acredite, porque está acontecendo!"

Ele agarra o cabelo, olhando para o céu. "Isso é *loucura*."

"Não, não é!" Eu digo, puxando seu braço. Eu o conduzo de volta para minha varanda e nos sentamos nos degraus, meu sorriso dividindo meu rosto em dois. E não importa o que somos agora, ou o que éramos no passado. Sonhos são sonhos, e nada, nem ninguém deve tirar a beleza de alcançá-los. Ultimamente tenho derramado tantas lágrimas que parece muito *mais* quando as lágrimas vêm da alegria. "Deus, Connor", eu choro. "Estou tão orgulhosa de você."



Connor se senta com os cotovelos nos joelhos, a carta ainda agarrada na mão, à cabeça baixa enquanto ele tenta acalmar a respiração.

"Você está bem?" Eu rio, limpando a umidade das minhas bochechas. Eu sei o quanto isso significa para ele. É um passo mais perto.

Ele olha para mim, tentando conter um sorriso. "Está acontecendo", diz ele. "Puta merda, está realmente acontecendo."

"Está apenas começando", digo a ele, balançando o braço. “Você vai percorrer todo o caminho! Eu posso sentir aqui.” Eu pressiono uma mão no meu peito. "Tudo o que você trabalhou... tudo o que você sempre quis."

Ele lambe os lábios, balança a cabeça. Uma batida de silêncio passa quando sua expressão cai. Alcançando, olhos fixos nos meus, ele passa uma mecha do meu cabelo. "Nem tudo, Ava."

Meu coração se esforça contra o significado por trás de suas palavras, e eu empurro a dor repentina. Porque este é *o* momento *dele.* Seu tempo. E é maior do que ele, eu e toda a bagagem que carregamos. Eu recuo, engesso um sorriso com pouco esforço. "O que seu pai disse?"

"Ele não sabe."



"O que?"

Ele solta um suspiro pesado. "Eu estava... eu apenas abri a caixa de correio e vi a carta e li as primeiras palavras e... e você foi a primeira pessoa que pensei em ligar." Ele

engole, respirando fundo. "E eu sei que isso provavelmente é ruim, considerando o que somos, mas..."

Eu cortei porque não quero que este momento leve a perguntas sobre nós: "Espere, então você só leu as primeiras palavras?"

Ele concorda.

Pego a carta dele e finjo ler. “Caro Connor Ledger. Temos o prazer de informar que você foi selecionado para participar da nossa lista de espera... ”

"Cale-se! *Não* diz isso!” Ele pega a carta de mim, seus olhos selvagens enquanto a lê. "Jesus, Ava." Ele aperta o peito. "Você me assustou."

Eu rio, enfio o lado dele com o meu. "Vá contar ao seu pai."

Connor encolhe os ombros. "Ele está dormindo."

"Connor!" Eu rio. "Tenho certeza de que ele não vai se importar se você o acordar."

"Estou com medo", diz ele rindo.

"Sobre o que?"



"Eu não sei", ele admite, esfregando os olhos. "Estou nervoso para contar a ele." Seu olhar se move para o meu. "Você vem comigo?"

Eu fico de pé. "Certo."

Pegando minha mão, deixei que ele desse o ritmo da minha entrada para a

dele. Ele abre a porta e fica no meio da sala de estar. "Papai! Acorde!"

"Connor?" Seu pai chama do seu quarto.

"Sim. E coloque algumas calças! Ava está aqui!"

Eu rio baixinho.

Um minuto depois, Corey aparece, os olhos semicerrando por ter acabado de acordar. Ele examina a mão de Connor ligada à minha por apenas um momento antes de olhar para Connor. "O que está acontecendo?"

Connor parece ficar mais alto quando ele entrega a carta ao pai. "De Duke?" Corey murmura, depois lê em voz alta: "Caro Connor Ledger. Temos o prazer de informar que..." E isso é o mais longe que ele chega diante de seus olhos se arregalarem, e todo o seu rosto se ilumina como se o sono fosse antigo. "Oh, Connor!" E então sua expressão cai, e ele cobre o rosto, os ombros tremendo com o choro.

"Aww." Faço beicinho para Connor e esfrego seu braço. "Estou indo."

"Tudo certo."

Eu me inclino, beijo sua bochecha. "Parabéns."



"Obrigado", diz ele, mas ele está olhando para o pai. Eu chego à sua porta antes de ouvir Connor dizer através de uma risada. "Pai. O que há de errado?"

"Estou tão orgulhoso de você, filho. Você ganhou isso. *Você* fez isso."

Connor

Papai passa o resto da noite no telefone para quem quer que o ouça continuar falando sobre eu entrar na Duke. Dizer que ele está orgulhoso é um eufemismo e dizer que estou feliz em fazê-lo sentir seria o mesmo.

Sentamos e fazemos um banquete comemorativo juntos, o telefone dele tocando continuamente enquanto o meu fica estagnado. Além de Ava, eu não disse a ninguém, e acho que gostaria de mantê-lo assim pelo maior tempo possível. Com os playoffs chegando, quero manter meu foco no time que me ajudou a ser notado.

O telefone do papai soa e ele atende no primeiro toque. "Ele fez isso!", Ele quase grita. "Ele entrou na Duke!"... "Eu sei, estou em êxtase!"... "Tudo por conta própria!"

Sorrio com a exuberância dele, mas o fato é que ele está errado. Não havia como eu ter feito nada sem o apoio dele ou sem o esforço final dele para fazer tudo pela garota do lado.

Pego meu telefone.

Connor: *Ei, posso ir mais tarde?*

Ava: *Claro! Você está bem?*



Connor: *Sim, eu só preciso te dizer uma coisa.*

Ava: *Devo ter medo?*

Connor: *Não, apenas me envie uma mensagem quando estiver livre.*

Ava: *Ok*

São quase dez horas quando Ava me envia uma mensagem.

Ava: *Eu posso sentar na minha varanda agora?*

Connor: *Eu estarei lá em cinco.*

"Olá, [9]Diabo-Azul Duke", Ava canta enquanto eu subo sua garagem.

"Porra, isso parece bom", eu rio. Ela está sentada na varanda, com um cobertor ao redor, com as mãos em volta de uma caneca. "Olhe para todos vocês reunidos."

"Está frio", diz ela, deslizando um pouco para que eu possa me sentar ao lado dela. Ela chega embaixo do banco e revela outra caneca, entregando para mim. "Chocolate quente?"

Pego nela, soprando no vapor crescente. "Obrigado."

“Marshmallows?” Ela pergunta, cavando debaixo do cobertor para pegar um saco de marshmallows.

Segurando a caneca entre nós, digo através de uma risada: "Jesus, o que mais você tem aí embaixo?"



[9] Time de basquete da Universidade Duke.

Ela coloca alguns marshmallows e diz: "Eu tenho mais uma coisa, mas é uma surpresa".

"É uma surpresa nua?"

"Connor!" Ela grita, batendo do meu lado com o dela.

O chocolate quente derrama sobre a borda da caneca, queimando minha mão. "Merda!"

"Desculpe!"

Eu assobio, colocando a caneca no chão e depois aperto minha mão. Eu lambo o líquido dos meus dedos e olho para Ava. Seus olhos cheios de luxúria estão fixos na minha boca, minha mão, sua respiração ficando mais curta.

Presa.

Eu sorrio. "Posso ajudá-la, sua esquisita?"

Ava pisca e volta à realidade... Uma realidade onde eu felizmente a faria lamber meu corpo inteiro. Ela limpa a garganta. "Inversão de marcha."

"O que?"

"Vire-se. Por aí."

Balanço a cabeça. "Não."



“O que você acha que eu vou fazer?”

“Eu não sei. Despeje líquido quente escaldante em cima de mim.”

Ela revira os olhos e diz: "Tudo bem".

De costas para mim, ela enfia a mão no cobertor novamente, e eu a vejo puxar um balão - este azul. Seus ombros se erguem com a inspiração e depois ela sopra no balão, fazendo-o expandir. Ela leva alguns segundos para dar um nó no final. Quando ela termina, ela se vira para mim, segurando o balão entre nós. Pego ele e leio o marcador preto.

Connor Ledger

#1 Vaias Diabo

"Eu amo isso", digo honestamente, meu sorriso estúpido. "É o melhor presente que já recebi."

Ela ri, toma um gole de seu chocolate quente. "Melhor do que aquele caminhão doce sentado na sua garagem?"

"Muito melhor", eu rio, trocando o balão pelo meu próprio chocolate quente. Eu tomo um pequeno gole.

A porta da frente se abre e Trevor sai, olhando para o telefone dele. Quando ele levanta o olhar, ele diz: “Ei, mano. Parabéns."

“Obrigado, cara. Aprecio.” Nós fazemos o aperto de mão padrão - *estranho - do* atleta universal.

Ele diz: "Ei, você sabia disso do acordo com..."



"Pare", Ava avisa.

Os olhos dele estreitam-se para ela. "Estou conversando com Connor." Ele muda seu foco para mim. “Você sabia que, do acordo com o Huffington Post e o The Daily

Beast, o Texas A&M é o campus *mais feliz* do país? A nação inteira, *Connor*.”

Não sei qual é o ângulo dele, mas minha mente está bem decidida para Duke. "Eu *não* sabia disso", respondo.

"Huh." Trevor assente, depois encolhe os ombros. "Só pensei em mencionar."

Ele volta para casa sem outra palavra, e eu me viro para Ava. "O que foi aquilo?"

Ela está revirando os olhos, a cabeça se movendo de um lado para o outro. "Ele está tentando me fazer ir para o Texas A&M." Ela soca o ar. [10]"Gig 'em, Aggies!"

"Espere, você foi aceita?"

Assentindo, ela diz: "Consegui aceitação antecipada em alguns lugares".

"O que?! Você não me disse isso.”

“Aconteceu, você sabe, quando não estávamos realmente falando. Isso causou *muito* drama.”

"Sim? Como assim?"

Ela suspira, assim como uma rajada de vento, forçando seus cabelos selvagens a saltarem por todo o lugar. Ela tenta controlá-lo, mas outra rajada vem, e sua sobrancelha afunda, a frustração se forma nos lábios.



[10] São termos da Faculdade Texas A&M. “Aggies costumam dar um joinha e dizer “Gig ‘em!”

Coloco a caneca ao meu lado no banco e tiro o capuz. Então eu estou na frente dela, ordeno: "Braços para cima". Com uma risadinha, ela faz o que eu peço, e eu deslizo sobre sua cabeça, certificando-me de que seu cabelo está preso sob o capuz. Sento-me e olho para ela bem a tempo de vê-la cheirando o tecido. "Por que você está tão obcecada por mim?"

"Cheira bem", diz ela rindo. "Como atleta pós-banho e espírito adolescente."

"Quantos atletas você cheirou?"

"Oh, Deus", ela geme. “Como, *por isso* muitos.”

"Hã."

Sua risada se forma profundamente em sua garganta.

Bato na perna coberta de manta com as costas da minha mão. "Então, você conseguiu aceitação antecipada em alguns lugares...?" Eu pergunto, nos trazendo de volta.

Assentindo, ela diz: "Eu meio que escondi as cartas de Trevor."

"Por quê?"

"Porque", ela suspira, olhando para frente. “Eu não queria que ele me pressionasse para ir. E ele fez exatamente isso, e minha mãe se envolveu e disse algumas coisas muito duras. Saí correndo de casa e, poucas horas depois, você me encontrou sentada do lado de fora da minha casa antiga.” Ela inclina a cabeça para me encarar, com um sorriso triste.



"Sinto muito que tenha acontecido."

"Está bem. Estamos lidando com tudo isso agora."

"Então, você recebeu *algumas* aceitações antecipadas?"

"Uh huh", ela diz como se não fosse grande coisa.

"Para onde?" *Por favor, diga Duke. Por favor, diga Duke. Por favor, diga Duke.*

Ela inspira profundamente. "Apenas Texas A&M, Universidade da Flórida e UNC."

"Isso é enorme, Ava. Tipo, mesmo se você não for, isso é... "

"Enorme", ela termina para mim. "E não é como se eu não estivesse orgulhosa de mim mesma, porque eu estou. Eu sei o quanto trabalhei para isso. Só que ainda não estou pronta. Eu tenho muitas coisas para descobrir antes disso."

Eu tento me colocar no lugar dela. Tudo é tão simples para mim. Eu tenho um objetivo, e não há nada realmente me impedindo de alcançá-lo além de mim. Existem muitos fatores fora de seu controle e o fato de ela conseguir:

"Você gosta do chocolate quente?" Ela pergunta, rompendo meus pensamentos.



Tomo outro gole minúsculo. "Sim, é muito bom", eu digo meus ombros tensos enquanto esfrego meu braço, tentando aliviar a brisa do ar frio da noite.

Ava se aproxima suas mãos segurando o cobertor aberto para

mim. Aperto as pontas do cobertor e as envolvo ao redor de nós dois, protegendo-nos do resto do mundo. Eu uso o calor do corpo dela para me aquecer. Ela diz: "Você não deveria ter me dado seu moletom com capuz, *estúpido*."

"Então, devolva."

"Nunca", ela sussurra.

Eu não me importo, porque ela está de short, suas pernas nuas emitindo mais calor. Eu agarro suas panturrilhas e as coloco sobre meu colo. Ela se mexe até ficar confortável, pegando meu braço livre e segurando-o. Com a cabeça apoiada no meu bíceps, ela diz: “Sinto falta desses momentos com você. Quando o mundo está quieto e podemos *ficar*... e não importa o que somos. Somos apenas duas pessoas que gostam de estar próximas, sabe?”

"Sim,” eu concordo.

“Nós não precisamos de etiquetas, Connor. Amigos ou não, você sempre será o garoto que se esforçará para me mostrar que a mágica é real e que existe e...” Ela faz uma pausa, exalando aquecendo meu peito. "Você sempre será insubstituível para mim."

Eu deixei cada uma das palavras dela afundar, inalando-as através da minha alma. "E você sempre será a minha primeira."



Sua cabeça se inclina para olhar para mim. "Mas nós nunca..."

“Você sempre será meu primeiro *amor*, Ava. Todo o resto é insignificante.”

Ela respira fundo, cambaleante, com os olhos nos meus. Momentos passam e palavras não ditas nunca foram tão altas, tão claras. "Connor", ela sussurra.

"Eu sei", eu respondo. E eu *não* sei. Sei que os erros que cometemos estão no passado e nosso amor é maior que isso. Mas nosso amor não é maior que a *vida.* E aquela vida... Essa vida é *muito difícil* para ela agora, e eu tenho que entender isso. Aceitar isso. Eu quebro nosso olhar e tomo outro gole de chocolate quente.

"Ei", diz ela. "Você não queria me dizer uma coisa?"

Certo.

Eu queria dizer a ela que ela era o meu jogo final. Que tudo o que eu tinha feito para me trazer aqui era por ela. Ela e a mãe dela. Mas olho para ela agora e vejo a clareza em seus olhos. Vejo como ela me ama sem estar *apaixonada* por mim, e mesmo que faça meu coração doer de maneiras que nunca imaginei possíveis, não quero perdê-lo. Ou arruiná-lo. Eu não quero deixá-la ir. “Foi exatamente sobre esse projeto multimídia. Suponho que vamos com algum assassinato mórbido?

"Existe algo mais fascinante?" Ela murmura, colocando a cabeça no meu braço novamente.

A porta da frente se abre e Ava *rosna.* "E agora?"



Eu rio.

Trevor coloca a cabeça para fora. "Duas palavras. *Texas. Churrasco.* "

"Se perca", ela ri.

Trevor fecha a porta.

"O churrasco do Texas *é* muito legal", murmuro.

"Eu sei certo? É o primeiro ponto da minha lista de prós e contras."

"Você tem uma lista?"

"Sim."

"O que mais está na lista?"

"Peter Parker estará lá pelos próximos quatro anos, ganhando seu mestrado."

Meu estômago revirou. "Isso é um pró ou um contra?"

Um suspiro pesado. "Eu não decidi." Então ela se senta e estreita o olhar na caneca que estou segurando. "Você com certeza está demorando um pouco com isso."

Eu faço uma careta. "Eu tenho uma confissão."

"O que é isso?"

"Eu odeio chocolate."



Capítulo 13

Ava

Connor: *Obrigado. Acho que senti mais a falta dos seus balões.*

Ava: *Lol. Trevor acabou de ver a mensagem e ele pensou que você estava falando sobre os meus seios. Ele quer te matar agora.*

Connor: *Ah, sim! Mal posso esperar para vê-lo novamente.*

Ava: *De nada sobre o balão. Tenha um bom jogo. :)*

Connor: *Eu vou.*

Ava: *Eu quero dizer VAIAS! VOCÊ É UM MERDA!*

Connor: *Lol*

"Ei, Trevor?" Eu chamo, colocando minha mãe no sofá com um cobertor e uma revista inútil.

Ele sai do quarto com o telefone no ouvido.

"Essa é a Amy?", Pergunto.

Ele concorda.

"Diga a ela que eu disse oi."



"E eu", mamãe diz a ele.

Ele diz ao telefone: "Mama Jo e Ava dizem oi." Ele fica em silêncio por um momento. "Ela diz oi de volta." Então para mim: "O que há?"

Aponto para a nova TV que Trevor nos comprou com o bônus de Natal que ganhou com seu trabalho com os Prestons. "Isso tem aquela coisa do [11]AirPlay?"

"Acho que sim, por quê?"

"Porque eles estão transmitindo o jogo de Connor hoje à noite e eu queria ver se poderia assistir em uma tela maior que o meu laptop".

Trevor pensa um momento. "Quando o jogo começa?"

Eu verifico a hora. "Tipo, cinco minutos?"

Ele diz a Amy: "Deixe-me ligar de volta."

Ele leva três minutos para configurar a TV para que ela seja transmitida pelo meu laptop, e eu me sinto confortável no sofá ao lado de mamãe. “Apenas me diga se você precisar de alguma coisa, ok, mamãe? Eu posso parar de assistir sempre. Não é grande coisa.”

Com um aceno de cabeça, ela diz: “Ok, Ava. Eu pro... pro...” O rosto dela se contrai de frustração.

"Está bem; Não tenha pressa” eu encorajo.



[11] AirPlay é um conjunto / pilha de protocolos proprietário desenvolvido pela Apple Inc. que permite a transmissão sem fio entre dispositivos de áudio, vídeo, telas de dispositivos e fotos, juntamente com os metadados relacionados.

"Prometo."

"Bom trabalho!" Eu digo minha mão levantada para mais cinco. Ela está segurando uma caneca de chá na mão e, portanto, oferece-me uma revirada de olhos junto com o toco. Eu dou mais cinco de qualquer maneira.

Eu assisto ao jogo na beira do meu assento, meus olhos grudados na tela. Pelo que eu reuni, o time que eles jogam é o terceiro sólido na tabela de classificação ou na escada ou como quer que seja chamado. A St. Luke's e a Philips Academy disputam continuamente o primeiro lugar. Os resultados estão próximos, mas o St. Luke's está sempre alguns pontos à frente. Ainda assim, é um jogo decente. Verifico mamãe em todos os poucos minutos, mas ela parece feliz por estar lendo sua revista. Trevor está sentado no outro sofá, seus polegares batendo continuamente em seu telefone. Faltam cinco minutos para a campainha final, St. Luke's marca doze pontos em dois minutos e avança ainda mais. Connor marca dez desses pontos e depois, com três minutos restantes, algo nele muda. Ele parece se esforçar mais, mais rápido, e ele faz um show, animando a multidão com ele. Afirmo um sorriso quando vejo o gorila bater no peito depois de um enterro insano, seu "whooo" ouvido por entre os aplausos. Ele é sensacional como o inferno e caramba, eu amo vê-lo.

"Jesus, Ava", diz Trevor através de uma risada. "Limpe a baba do seu queixo."



"Cale-se."

Quando o jogo termina, penso duas vezes em enviar uma mensagem para ele. A última vez... Bem, não foi tão bem. Claro, são circunstâncias

diferentes, mas as lembranças e o medo ainda estão lá. Decido deixar para hoje à noite e, espero, posso encontrá-lo amanhã.

Com o laptop na mesa de café, sento no chão em frente a ele e mudo do fluxo para o meu dever de matemática. Só estou me metendo quando mamãe diz atrás de mim: "Connor, 1,98m, mas está esperando por um surto de crescimento".

Sobrancelhas desenhadas, eu viro para ela. Então olho pela janela fechada, pensando que talvez ela quisesse dizer que Connor está aqui. Mas ele não pode estar. Ele ainda estaria no vestiário. "E ele?" Eu pergunto, mas ela voltou a ler sua revista.

Meia hora se passa e ela diz novamente: "Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento".

Mais uma vez, viro para ela, confusa. "Você... você o viu na TV?"

Mamãe assente abaixa a revista e se levanta. "Diga a ele para vir aqui."

"O quê?" Eu pergunto olhos arregalados. Certamente, ela não disse o que eu acho que ela disse.

"Diga a ele para vir aqui."

"Quando?"

"Agora."



Eu olho para Trevor. Ele simplesmente encolhe os ombros. Muita ajuda ele é.

"Por que você quer vê-lo?" Eu pergunto confusa.

Mamãe suspira. “Ava. Connor, 1,98m, aqui. Agora."

Eu estou de pé, minha boca aberta. Eu tento formar uma frase, mas nada vem.

Mamãe se muda para a cozinha. "Agora, Ava."

Seguindo-a, eu digo: “Mamãe, você sabe que Connor e eu não estamos... não estamos... ele não esperava vir aqui. Ele provavelmente está comemorando com o time.”

Mamãe termina de encher a garrafa de água da torneira e se vira para mim. "Pergunte a ele."

Pergunte a ele... como se fosse simples assim.

Ele *é* tão simples.

"Ok", eu digo a ela. "Eu vou perguntar."

Pego meu telefone da mesa de café e vou para o meu quarto. Não sei por que estou tão nervosa. Não é como se ele não a conhecesse antes... Mas as coisas mudaram e *ugh.*



Eu ligo para o número dele, trago o telefone ao meu ouvido. Toca e toca e toca, e justamente quando eu estou prestes a desligar, ele responde sua voz distante. “Cale a boca, é Ava! Olá?"

"Ei."

"E ai, como vai?"

Ao fundo, ouço alguns outros garotos conversando, mas ele não parece estar no vestiário. Parece que ele está em seu caminhão. "Você está ocupado?"

"Ava!" Reconheço a voz como a de Mitch, e sou instantaneamente repulsa. "Se esta é uma chamada inicial, apenas diga."

"Cale a boca!" Connor se encaixa. Para mim, ele diz: “Estou apenas levando alguns dos caras para o restaurante. Estamos pegando algo para comer. Posso te ligar depois?”

"Hum." *Depois de* algumas horas, a mamãe estará cansada demais. "Não, está tudo bem. Falo com você amanhã.”

“Não, eu só estou estacionando agora. Vou expulsar os caras e ligar de volta. Um minuto, ok?”

“Está tudo bem, Connor. Faça a sua coisa.”

"Eu vou chamá-la de volta."

Ele desliga e eu caio na beira da cama, os nervos voando pelas minhas veias. Menos de um minuto depois, meu telefone toca.



"Ei", eu respondo. "Desculpe, eu não quis..."

“Ava, está tudo bem. O que está acontecendo?"

"Nada. É estúpido... vou apenas dizer a ela que você está ocupado."

"Dizer a quem?"

Eu engulo ansiosa.

"Sua mãe?" Ele pergunta.

"Sim..."

"Ela... ela está bem?"

"Sim, ela está bem. É só que..." pego o cordão no meu short de dormir. "Ela quer que você venha."

Silêncio.

Seguido por mais silêncio.

Finalmente, ele pergunta: "Sério?"

"Sim", eu digo através de um suspiro. "Eu não sei por que, e mamãe não me conta. Ela apenas dizia para você vir. E, olhe, você está ocupado, e eu direi a ela."

Sua respiração pesada causa estática nos alto-falantes. "Eu meio que disse aos caras que eu..."



"Eu sei", interrompi. "E não quero que você mude seus planos. Está tudo *bem*, Connor. Honestamente."

"Mas eu *quero*", diz ele. "Merda. Eu disse a Oscar que lhe daria uma carona para casa."

"Connor", eu rio. “Está *tudo bem*. Você não pode largar sua vida porque minha mãe quer vê-lo aleatoriamente.”

“Deixe-me comer e pedirei a um dos outros caras que leve o Oscar para casa. Eu posso estar lá em meia hora.”

"Não é..."

"Ava!" Ele quase grita. “Não estou fazendo nada que não *queira*. Eu *quero* ver a sua mãe, e você, também, suponho, dependendo do que você está vestindo.”

"Você é um idiota."

"Eu sei. Vejo você em breve, está bem?”

"OK. E Connor?”

"Sim?"

"Obrigado."

Vinte e seis minutos depois, o texto de Connor aparece dizendo que ele está subindo a garagem. Abro a porta, ansiosa e apreensiva, e por isso escondo esses sentimentos cheirando-o quando ele entra. “Mmm. Atleta pós-banho.”

Ele abre o zíper do casaco e entrega para mim, sorrindo. "Adicione à sua coleção, esquisita."



Felizmente tiro-o das mãos dele e o jogo no meu quarto quando passamos. Ele pousa na minha cama e eu mantenho meu sorriso enquanto nos leva à sala de estar. Mamãe está sentada no sofá, e Connor cai ao lado dela, o braço dele descansando atrás

dela. "Ouvi dizer que você queria me ver, senhorita Diaz?" Ele diz calmamente.

Trevor observa da porta entre a sala e a cozinha, e eu sento no outro sofá, meu coração disparado. *As pessoas temem o que não sabem,* e eu não tenho ideia do que está prestes a acontecer. Connor, porém - ele parece calmo. Quase calmo demais. Talvez seja a adrenalina pós-vitória ou o fato de ela ter perguntado por ele. Quem diabos sabe?

"Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento", mamãe murmura, erguendo o olhar para ele.

Os dentes perfeitos de Connor aparecem quando ele sorri para ela.

Eu digo: “É assim que ela se lembra das coisas. Como, palavras de lembrança...”

Connor assente. "Eu sei." Seus olhos suavizam. “Eu entendi Ava. Relaxe."

Mamãe se levanta, começa a andar, e Connor mantém os olhos nela. "Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento", ela repete.

"Você tinha algo que queria dizer a Connor, mamãe Jo?" Trevor encoraja.



Mamãe assente bate na têmpora. "Aqui", diz ela, e ela não para de andar de um lado para o outro. "Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento."

O olhar de Connor passa para mim e eu murmuro: "Desculpe."

Ele balança a cabeça, boca para trás, "Cale a boca".

Eu o encaro, mas ele está muito ocupado assistindo minha mãe. "Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento", diz ela novamente. De repente, ela para, seus olhos arregalados. Seu olhar se volta para Connor. "Arremesso fraco."

Trevor solta uma gargalhada, e eu suspiro, "Mamãe!"

Os olhos de Connor estão arregalados, mas sua boca é mais larga. E então ele sorri o maior sorriso que eu já vi nele. Balançando a cabeça, os ombros saltando, ele pergunta a ela: "Você acha que eu tenho um arremesso fraco?"

Mamãe assente. "*Fraco.*"

"Mamãe", eu admoesto.

"Não, Ava, está tudo bem", garante Connor. “Como está fraco?” Ele pergunta, com aquele sorriso ainda no lugar.

Trevor, ele está perdido. Suas mãos estão sobre o estômago, os olhos lacrimejando de tanto rir.

Mamãe diz a ele: "Postura".



Connor se levanta, *todos os 1,98m, mas está esperando por um surto* de *crescimento* dele. "Postura?"

"Sim, postura."

"Postura?" Connor repete.

Mamãe balança a cabeça e olha para ele. "Você é surdo? Eu disse duas vezes."

Connor solta uma risada, depois olha para mim. "Droga, agora eu sei de onde *você* tira isso."

"Arremesso fraco", diz mamãe. "Postura errada."

Connor revira os ombros, a coluna endireitando-se. "Tudo bem, Srta. D. Mostre-me o que estou fazendo de errado."

Mamãe assente. "OK."

Connor fica no meio da minha sala de estar, ajustando seus membros para imitar o que eu assumo é o arremesso. Pernas afastadas, bunda aberta, braços erguidos. "O que há de errado nisso?" Ele pergunta.

Ela anda ao redor dele, seu dedo indicador batendo no queixo enquanto o avalia.

"Isso é ouro", diz Trevor, telefone levantado na frente dele enquanto tira uma foto. E depois mais cinco.

Eu ficaria envergonhada... Se não fosse tão agradável. Quero dizer, o garoto dos meus sonhos, um All-American que acabou de entrar no que poderia ser a melhor faculdade de basquete do país está em pé na minha sala de estar, permitindo que minha mãe lhe desse dicas sobre o arremesso. *Suspiro*. É meio adorável.



Mamãe usa o pé para afastar o espaço entre os pés de Connor. "Melhor", diz ela e começa a andar em círculos ao redor dele

novamente. Ela para no braço direito dele - o braço que dispara - e ajusta o cotovelo, depois levanta o membro amputado. "Ugh", ela bufa. "Às vezes eu esqueço que se foi."

Connor sorri para ela.

"Ava!", Ela grita.

Eu levanto. "Sim mamãe?"

"Segure o braço dele." Ela bate no bíceps dele. "Bem aqui."

Eu estou na frente dele, agarro seu braço onde mamãe disse e reviro meus olhos quando ele flexiona seus músculos. Ele sorri para mim e, caramba, eu não posso ajudar a reação do meu corpo a ele - por estar tão perto. Lembro-me da maneira como ele se sentiu quando todo o seu corpo estava cobrindo o meu, pele com pele. A maneira como todos os músculos se moviam quando ele se movia para baixo, para baixo, para baixo, até que seus ombros descansassem sob as minhas coxas, o modo como seu pescoço "Ava", sussurra Connor. "Você está corando."

Engasgo com o ar e volto à realidade. "Cale-se."

Mamãe inclina o antebraço de Connor mais perto de sua cabeça. "Curtiu isso."



"Assim?" Connor pergunta, então imita sua chance. "Huh." Ele se levanta a toda a altura novamente, deixando cair os braços para os lados. "Eu vou ter que tentar."

"Sim." Mamãe assente. "Experimente e, quando funcionar, me de o crédito."

Connor ri. "Absolutamente, senhorita D."

Mamãe dá um tapinha no braço dele. “Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento. Eu vou dormir. Boa noite."

"Boa noite, senhorita Diaz."

Eu pergunto a ela: "Você precisa que eu..."

"Não", mamãe interrompe. "Você fica. Ajude-o com seu arremesso fraco.” Ela entra no quarto e fecha a porta atrás de si.

Trevor diz: “É o mais divertido que eu já estive em anos.” Então, seguindo a liderança de mamãe, ele vai para o quarto e fecha a porta, deixando apenas eu e Connor e, aparentemente, seu fraco arremesso.

"Sinto muito", eu digo minha voz baixa. "Eu não tinha ideia de que era por isso que ela queria ver você."

Ele encolhe os ombros. “Eu não me importo. Honestamente, foi divertido. Ela parece que está se saindo muito melhor.”

"Ela esta. Só nos preocupamos com quanto tempo vai durar, sabia?”



Assentindo, ele olha ao redor da sala. "Bem, eu estou aqui agora..."

"Você está." Eu tento esconder meus nervos. "Você quer..."

"Sim", ele interrompe.

Eu ri. "Você nem sabe o que eu ia dizer."

"Seja o que for, *sim*."

Ligo a TV e vou para o sofá. "Você quer uma bebida?"

Ele se senta, seus olhos nos meus. "Certo."

"Água?"

"Obrigado."

Vou para a cozinha e quando olho de volta para ele, ele não tirou os olhos de mim. Volto com a água dele. "Eu voltarei", digo a ele, indo para o meu quarto para vestir um moletom. Percebo o casaco dele na minha cama, e imagino *foda-se*. Eu coloco. Cheirar. *Delicia.* Quando eu entro na sala, ele tem o copo nos lábios, todo o corpo congelado, exceto pelos olhos. Seus olhos me seguem todo o caminho até eu estar sentada ao lado dele, minhas pernas dobradas debaixo de mim. Ele inclina o copo e bebe tudo em dois goles. Então ele se recosta e joga o braço atrás de mim no sofá. "Você sabe que a jaqueta tem meu nome nas costas."

"Sim?"

Ele concorda. "Meio que faz você ser minha agora."



Capítulo 14

Ava

Acordei hoje de manhã na cama, cobertas até o queixo, com a jaqueta de Connor ainda vestida. O que não seria tão ruim se não fosse o fato de que a última coisa que me lembro era de estar sentada no sofá com os braços de Connor ao meu redor, minha cabeça em seu peito, enquanto sua mão consistentemente encontrava uma nova mecha de cabelo para girar entre os dedos. Lembro-me de olhar para ele para vê-lo já me olhando, e, exatamente no momento silencioso que compartilhamos na minha varanda, um milhão de palavras não ditas pairou entre nós, e o único pensamento que mais se destacou foi: *Estou com problemas. Problema profundo, que destrói a alma.*

Não me lembro de adormecer, e com certeza não me lembro de acordar para ir para o meu quarto. Quando meu alarme disparou, corri para a sala, pensando que ele poderia estar lá, mas ele não estava. A TV estava desligada, o cobertor foi dobrado no sofá e seu copo vazio de água foi lavado e guardado... e eu não tenho notícias dele desde então.



A única coisa que eu tenho certeza é, seguindo o que aconteceu na noite passada, parece que os médicos finalmente encontraram o equilíbrio certo de medicamentos para minha mãe que a ajuda a passar a noite, mantendo a funcionalidade humana

decente durante o dia. Sou muito grata por isso, porque significa que recebo um pouco da minha mãe de volta.

"Estou indo embora", digo a ela, beijando-a na bochecha.

Ela olha para as palavras cruzadas personalizadas em que está trabalhando. "Tenha um bom dia, querida."

"Mal posso esperar para você obter sua licença", diz Trevor, calçando os sapatos na porta da frente.

"Eu mal posso esperar para você começar a me ensinar", eu respondo.

"Isso é um passe difícil." Ele pega suas chaves. "Eu não tenho paciência para sua bunda teimosa."

Mamãe ri.

"Mamãe!" Eu lamento. "Não fique do lado dele."

"Ele tem razão, no entanto", mamãe diz através de uma risadinha. "E seu irmão é o homem mais paciente que eu conheço."

"Obrigado, mamãe Jo", diz Trevor, ficando mais alto. "Vejo você hoje à noite." Ele fecha a porta atrás de nós e depois fica na varanda, seu olhar distante. "Eu não acho que sua mãe já me chamou de irmão antes", ele murmura.



"Claro, ela tem."

Ele balança a cabeça. "Não na minha frente."

Paro no final da escada da varanda e olho para ele. "Isso é ruim?"

"Não", diz ele, seus olhos encontrando os meus. “É legal, eu acho. Faz com que eu sinta que sou parte da família.”

"Claro que você é."

Ele encolhe os ombros. "Não, sempre senti como você e ela, e eu estava... eu não sei."

Eu dou de ombros. "*Eu* digo às pessoas que você é meu irmão."

"Sim, mas isso é diferente", diz ele, descendo para mim.

"Quão?"

"Porque é assim que sempre foi." Seu olhar passa por mim. "Ei, é Connor." Ele assobia curto e afiado. "Você pode dar uma carona para minha irmã?"

"Não!" Eu sussurro, socando seu ombro.

Ele finge machucar. "O que?"

Eu mantenho minha voz baixa. "Eu não estou..."

"Você não é o que?"



"Não..." *Pronto para lidar com minhas emoções ainda.*

"Você vem?" Connor grita.

"Sim!" Trevor responde por mim, depois corre para sua caminhonete e bate a porta, trancando-se por dentro.

Eu gemo internamente, ando pela minha garagem e encontro Connor na calçada. "Desculpe. Acho que a bunda preguiçosa dele não queria sair do caminho."

Connor abre minha porta para mim. "Eu não me importo."

"Você tem certeza?", Pergunto, e porque sou uma pirralha, acrescento: "A última vez que pedi uma carona, não terminou bem."

Ele solta um suspiro. "Deus, você é um espertinha."

Depois de me ajudar a entrar no caminhão, digo a ele: "Você foi meio que malvado comigo naquele dia."

Ele fecha a porta e caminha para o outro lado. Então ele alcança o banco de trás, revela uma lata de desodorante e me borrifa com ela. "Deixe isso para trás."

"Connor!" Eu abro a janela.

Ele me borrifa novamente.

"Pare!" Eu rio.

"Você terminou de mau humor?"



"Não fiquei de mau humor. Você fez! Triste. Não posso ser sua amiga por que..."

"Porque estar perto de você me deixou louco da melhor maneira possível, e isso ainda acontece, mas a diferença entre

você e eu? Eu parei de ficar de mau humor por causa disso. Você *terminou*?”

Eu rosno para ele.

Ele revira os olhos, pulveriza-me mais uma vez e depois joga o desodorante em algum lugar atrás dele. Ele me oferece seu mindinho. "Trégua?"

Eu ligo meu dedo com o dele. "Trégua."

Quando chegamos à escola, caminhamos juntos para o escritório da senhorita Turner antes que ele vá praticar. "Vejo você em multimídia?", Ele pergunta.

Sorrindo, aceno antes de entrar em seu escritório. "Ava", a Srta. Turner cumprimenta, sorrindo como o gato de Cheshire. “Estou ansiosa por esta reunião. Eu tenho algumas notícias..."



Connor

A aula de multimídia nos faz trabalhar em grupos diferentes, e por isso não falo com Ava tanto quanto quero. Ou *preciso,* realmente.

Eu sou um caso perdido.

Sério.

E eu nem estou bravo com isso.

Assim que a campainha de fim de período soa, corro para o lado dela e espero até sairmos da sala para perguntar: "Você quer almoçar juntos hoje?"

Ela se encosta-se à parede do lado de fora da porta, seus olhos levantando para os meus. "Eu não posso." Eu tento esconder minha decepção, mas ela vê mesmo assim. A mão dela vai para o meu peito e depois cai rapidamente... Como se o hábito colocasse ali e a dúvida aumentasse. Ela acrescenta, olhando para o chão: “Eu tenho um teste de maquiagem que preciso fazer e não sei quanto tempo vai demorar. Não quero que você esteja esperando por mim.”

Eu dou de ombros. "Eu esperaria."



"Ei, Connor", diz uma garota passando.

"O que há?" Eu respondo sem tirar os olhos de Ava.

Os lábios de Ava marcam nos cantos. "Sua Fã?"

Balanço a cabeça, ofereço outro encolher de ombros. "Eu não tenho ideia de quem era."

"Certo." Ela puxa minha manga. "Se você estiver livre depois da escola, eu poderia ir para casa."

”Não posso. Eu tenho treinos consecutivos.”

"É uma merda."

"Mas depois disso, eu posso ir à sua casa, se você quiser."

"Veremos."

Minhas sobrancelhas se uniram. "O que isso significa?"

É a vez dela de dar de ombros. Chutando a parede, ela se move uma polegada mais perto. "O que aconteceu ontem à noite?"

Mordo um sorriso. "O que você quer dizer?"

"Eu não sei... em um minuto eu estava sentada no sofá com você, e no próximo eu estava escondida na cama toda aconchegante e quente."

"E?"

"Você me levou para a minha cama?"

Eu concordo.

"Isso é um pouco embaraçoso."



"Nah", eu garanto. “Você era meio adorável. Embora você tenha babado por todo o meu pescoço novamente.”

Um suspiro soa da porta aberta da sala de aula e a Srta. Salas está lá, com os olhos arregalados. "Eu assistiria o que você fala na escola, jovem!"

A risada de Ava morre na garganta.

"Eu acho que você pode ter me ouvido mal, senhorita Salas", eu digo.

A testa da professora cai em fúria. "Vocês dois não deveriam estar na aula?"

"Oh merda", Ava ri, olhando ao nosso redor.

Eu faço o mesmo.

Os corredores estão vazios.

Ava bate no meu ombro. "Até mais, *garanhão*."

Observo Ava se afastar por mais tempo do que deveria, então olho para a Srta. Salas ainda em pé na porta, com os braços cruzados. Eu dou a ela aquele sorriso de derreter a calcinha que Ava costumava falar. "Alguma chance de conseguir um passe atrasado?"



***

Eu pego a comida na minha bandeja de almoço, imaginando como seria uma

pessoa de merda se eu me oferecesse *pagar* Ava para começar a trazer meus almoços para a escola. Parece um plano infalível, mas não funcionaria por dois motivos. Um: eu quase a obrigaria a falar comigo, e dois: não tenho dinheiro.

“Existem quase 4 bilhões de mulheres no mundo, e vamos supor que 3 bilhões delas tenham mais de dezoito anos”, diz Mitch, e eu não sei onde ele está indo com isso, mas eu já quero sair da conversa. "É assim, 6 bilhões de peitos *legais*."

"Jesus", murmuro, largando meu garfo e empurrando minha bandeja.

Ao meu lado, Karen murmura mais para si mesma do que qualquer outra pessoa: "Por que me sento aqui?"

"Porque você não pode resistir a mim", diz Mitch, mandando um beijo para ela.

Karen revira os olhos ao mesmo tempo em que o telefone vibra na mesa. "Graças a Deus", ela sussurra, atendendo a chamada. "Ei, Ava."

"O que? É Ava? ” Era eu, *não* sendo sutil. Eu tento ouvir a ligação, mas Karen empurra meu rosto para longe e segura o telefone no outro ouvido. "Sim claro."



Minhas sobrancelhas levantam.

"Eu estarei lá em breve."

Ela fica de pé, a cadeira raspando atrás dela. "Mais tarde, filhos da puta."

"Espere!" Eu também estou de pé. "Ava está bem?"

“Emergência de garotas. Não é da sua conta!"



Ava

"Ei, garota!" Karen grita, subindo os degraus da arquibancada, como Connor costumava fazer. Sento-me mais alto quando a ouço e guardo meu telefone, ignorando a mensagem de Connor perguntando se estou bem.

Eu não estou bem.

E ele não pode ser a pessoa para me ajudar com isso.

Eu digo: “Desculpe ligar para você. Espero que você não esteja ocupada.”

Revirando os olhos, ela se senta ao meu lado. “Eu estava prestes a dar um soco no rosto de Mitch pela terceira vez hoje, então não, não estou ocupada e nunca estou ocupada demais para você. O que está acontecendo?"

"É estúpido", eu admito, me arrependo de me encher. Tive um momento de pânico e pensei que seria uma boa ideia entrar em contato com alguém que possa realmente me ajudar. Mas agora que ela está aqui, não consigo formar as palavras.

"Ava", ela fala. "Derrame."



"É uma coisa de... garoto", digo a ela porque, aparentemente, tenho doze anos.

Karen sorri e percebo o quanto sinto falta desses momentos com ela. "Uma coisa de *Connor?*"

Eu concordo.

"Então? Conte-me."

"Eu... estou com medo."

Ela se senta ao meu lado, as pernas chutadas, os braços estendidos atrás dela. "Do que exatamente?"

"Da história se repetindo, eu acho."

"Bem, eu realmente não sei o que aconteceu com vocês da última vez, então..."

"As coisas ficaram muito difíceis", eu admito. “Com minha mãe e seu basquete, parecia demorar todo o nosso tempo, e quando estávamos juntos, era... eu não sei. Mau? Não é ruim, pois não queríamos estar lá, mas estávamos com tanto estresse e...” Eu respiro fundo. "Estou falando em círculos, e isso não faz sentido." Fico de pé, incapaz de me sentar mais.

“Não é inútil. Mas apenas... atire A. Seja o que for que esteja pensando, diga.”

Eu olho para ela, para a preocupação genuína em seus olhos, e faço o que ela diz e apenas... *deixo ir*. “A primeira vez que nos apaixonamos, foi... *mágica,* sabia? Como se fôssemos duas pessoas que estavam no lugar certo na hora certa, e havia essa atração inegável...” Começo a andar, meu coração batendo forte no peito. "E nós parecíamos tão conectados de tantas maneiras, e então a vida... A vida aconteceu, e isso nos separou, e tudo bem." Eu aceno para mim mesma, minha garganta doendo quando eu engasgo. "Cheguei a



um acordo com o fato de que isso tinha que acontecer, mas agora..."

"E agora?", Ela pergunta, com a voz baixa enquanto me observa.

"Agora, é diferente."

"Quão?"

Caio de volta ao lado dela. “Agora, é como se esses sentimentos tivessem amplificado. Estamos tão perto de voltar lá, mas eu tenho medo por que... porque as coisas estão muito *mais* agora. Eles *significam* muito mais. Quero dizer, toda vez que ele olha para mim, sinto isso” trago minha mão para o meu coração “Essa dor aqui, como... como se algo estivesse faltando e Connor estivesse, e ontem à noite...”

"O que aconteceu ontem à noite?" Ela encoraja.

"Ontem à noite, ele veio e ele e minha mãe - eles tiveram esse momento juntos que me matou da melhor maneira possível."

"Então, qual é o problema?" Ela ri.

"Eu..." Eu respiro calmamente, abaixo a cabeça nas mãos. "Eu quero tanto isso", eu digo, tentando reunir minhas emoções. “Mas eu quero isso para sempre. E não acho que isso seja possível. Não nas minhas circunstâncias. Nem mesmo sob o dele.”



Karen assente como se estivesse absorvendo tudo. Ela olha para o campo por segundos que parecem horas. Então ela

pisca, lentamente, seu olhar se movendo para o meu. "Você quer saber o que eu acho?"

"Por favor", eu expiro.

"Acho que talvez da primeira vez você se apaixonou pela *ideia* dele, sabia?"

Eu concordo.

"E agora... agora você está apaixonada por *ele."*

Minha respiração prende enquanto eu deixo suas palavras afundarem. "Sim", eu sussurro. "Você está certa. Eu sou. Estou *tão* apaixonada por ele, Karen."

Ela sorri, mas é quase triste. "Eu amo o fato de você estar apaixonada, Ava. Você merece." Ela liga o braço ao meu, me cutucando gentilmente. "E até onde você tem esse medo da eternidade? Para sempre nunca é garantido. Você sabe disso mais do que ninguém. Então, eu acho que você deve se perguntar se chegar o fim amanhã, você prefere sair se arrependendo ou segurando Connor."

"Connor", eu sussurro, encarando-a. "Obrigado."

"De nada." Ela beija minha bochecha, depois ri. "Eu acho que provavelmente deveria parar de bater nele agora."

"Quero dizer, sim", eu rio. "Eu apreciaria."



Capítulo 15

Connor

"Se você planeja se profissionalizar, precisa se acostumar com essa merda", diz Rhys depois de me ouvir reclamar da prática aberta que estamos prestes a ter. Não é que eu me importe em fazer coisas assim, e eu sei o quanto é importante... Espírito escolar e tudo isso, mas eu preferiria usar meu tempo de prática fazendo coisas que melhoram minha habilidade, especialmente desde os playoffs começaram esta semana. Parece apenas uma perda de tempo. Eu também posso ir para casa e sentar na minha varanda pela pequena chance de ver Ava. Faz dias desde que eu tive algum tempo real com ela, e está ficando sob minha pele. Enviamos mensagens de vez em quando, mas não é a mesma coisa.

"Vamos senhores", grita o treinador.

Saímos do vestiário e entramos na quadra, um por um, cercados pelo alto apoio de nossos colegas. "Apenas faça", Rhys diz, batendo na parte de trás da minha cabeça. Começamos como sempre fazemos, com aquecimentos, e é só quando estou no meio deles que a vejo. Sentada ao lado de Karen na primeira fila, Ava está sorrindo de volta enquanto ela me observa. Há um balão na mão, laranja brilhante, e ela levanta a mão em uma onda. Vou até ela, ignorando todo o resto. Agachando-me ao nível dela, eu



digo, porque é a única coisa que meu cérebro pode pensar: "Oi".

"Oi", ela responde com uma risada ofegante.

"O que você está fazendo aqui?"

"Assando". *Idiota esperto.*

"Quero dizer, como você conseguiu..."

“Ledger!” O treinador chama.

"Um segundo!" Eu grito de volta.

O treinador grita: "Agora, garoto!"

Ava ri, com a cabeça baixa. "Ooh, você está com problemas." Então ela empurra meus ombros com força suficiente para que eu tenha que me segurar em um braço estendido. "Vai! Faça o que tem que fazer número três!”

Eu flexiono, admito. Mas há algo na presença de Ava que me faz querer me esforçar mais do que normalmente. Além disso, muitas vezes ela não me vê em ação na vida real e, é claro, eu lhe mostro um show.

Eu tenho que.



Assim que o treino termina, eu corro até Ava, certificando-me de pegá-la antes que ela vá embora.

"Oi", eu digo novamente.

Balançando a cabeça, ela sorri para mim. “Observá-lo na quadra é como ver tinta secar. Eu nunca estive tão entediada na minha vida.”

"Desculpe", eu rio. "Vou me esforçar mais na próxima vez."

Ela treme a língua. “Eu não acho que haverá uma próxima vez, número três. Você era *tão* ruim.”

Karen fica ao nosso lado, observando-nos de um lado para o outro com um mergulho na testa. "Então, é assim que é estar apanhada?"

"Karen!" Ava sussurra seus olhos arregalados e focados em sua velha melhor amiga.

Apanhada.

"O quê?" Karen encolhe os ombros. "Como se vocês dois não soubessem."

Ava respira os olhos em mim novamente. “Karen está me dando uma carona para casa. É tão rápido como se eu fosse pegar o ônibus.”

"Ou eu!" Eu saio alto demais, entusiasmado demais e aponto um polegar para mim mesmo. "Eu poderia te dar uma carona para casa."



"Eu sei", diz ela. "É só que, quando você toma banho e..."

"Não tomo banho", interrompi. "Deixe-me pegar minhas coisas."

"Você tem certeza?"

Karen fala. "Ele tem certeza, Ava." Então, para mim: "Nos encontraremos lá fora."

Concordo com a cabeça ao mesmo tempo em que Ava ordena: "Me dê sua camisa".

Eu levanto minhas sobrancelhas para ela.

Ela encolhe os ombros. "Para minha coleção."

Sem pensar, chego atrás de mim, tiro minha camisa das costas e entrego a ela.

Karen solta um assobio baixo enquanto Ava olha para o meu peito nu. Então ela leva a camisa ao nariz e respira profundamente. “Mmm. O atleta antes do banho pode ser o meu favorito.”

"Você é tão estranha", Karen ri, jogando o braço em volta do pescoço de Ava. "Vá pegar sua merda, Ledger", diz ela, girando Ava ao redor. Elas chegam à saída antes que eu perceba que estou olhando para Ava... E Ava - ela está olhando para trás, o pescoço esticado para olhar para mim, o lábio inferior preso entre os dentes.

Corro para pegar minhas coisas e vestir um moletom. Então eu vou para o estacionamento, onde Ava e Karen estão de pé em meu caminhão. Ava está vestindo minha camisa, saia da escola e até a altura dos joelhos, e eu acho que nunca fui tão duro assim. Ela está segurando os pompons de Karen no peito e, quando me vê, sorri com força total. "Pronto? Ok!” Ela grita, a ligação padrão de líder de torcida. Ela move os pompons, seus braços e pernas chutando, e eu imagino todos os caras no



estacionamento olhando para ela e deixo meu rosnado morrer na minha garganta. Eu fecho, vendo o sorriso dela desaparecer quanto mais chego. Sua cabeça se inclina para trás para olhar para mim quando eu paro na frente dela. Pego os pompons dela e os entrego de volta a Karen. "Você não precisa disso."

Ava ri. "Você não gosta de líderes de torcida?"

Balançando a cabeça, eu a conduzo com uma mão no quadril para o lado do passageiro da minha caminhonete e abro a porta. "Eu gosto de você como minha própria líder pessoal, com certeza", murmuro, ajudando-a a subir e se acomodar em seu assento.

Ela me olha por um momento. "Isso é um pouco possessivo, não?"

Eu dou de ombros. "Diga de novo sem usar meu nome nas suas costas."

"É apenas uma camisa", ela sussurra seu olhar preso nos meus lábios.

"Se essa é a história que você está contando."

Estamos na metade do caminho para casa quando um de nós diz alguma coisa, a tensão na cabine nos mantém quietos. Eu digo: “Como foi o seu dia?”, ao mesmo tempo em que Ava diz: “Eu sei que não é apenas uma camisa.” Aperto meus lábios, esperando que ela continue, e ela continua. “Eu sei que significa muito mais do que isso, e eu *gosto* disso. O problema é que tenho algumas coisas que preciso resolver no momento, apenas alguns



obstáculos pessoais... e sei que não é justo pedir que você espere por mim, mas estava pensando se talvez quando eu tiver tudo funcionado. Se você quiser tentar de novo... comigo?

Olho para ela, meu sorriso desenfreado. "Sim."

"Sim?"

"Uma foda enorme, sim, Ava, sim", eu rio, incapaz de esconder minha emoção. Isso é tudo que eu queria. Tudo que eu precisava. “E eu não me importo quanto tempo você leva para estar pronta. Estou *tão* aqui para isso.”

Ela remove o cinto de segurança, apenas o tempo suficiente para deslizar ao meu lado no banco. Ela beija minha mandíbula. "Obrigada", diz ela, como se eu estivesse saindo do meu caminho para um dia estar com ela. A garota é ilusória e eu meio que amo o que ela é.

Paro do lado de fora de nossas casas e desligo o motor, mas não me mexo para sair. Em vez disso, encosto-me à porta do carro e a encaro. Ela já está me observando, um toque de sorriso tocando em seus lábios. "Então", diz ela.

"Então?"

"Obrigado pela carona."



"A qualquer momento."

"E pela camisa", diz ela, puxando o tecido.

"Certo."

"Tudo bem", diz ela rindo, deslizando através e abrindo a porta.

"Ei", saio correndo e paro porque realmente não tinha nada a dizer. Só não estou pronto para me separar ainda. "Você acha que talvez possamos trabalhar nessa tarefa multimídia?"

"Esta noite?"

"Ou agora...?"

Ela olha para sua casa e depois para mim. "Eu realmente não sei em que estado minha mãe estará."

"Claro, sim", eu respondo, assentindo enquanto a olho, tentando esconder minha decepção.

"Se você me der alguns minutos, eu posso descobrir e ver..."

"Sim?"

"Uh huh." Ela não consegue parar de sorrir, e eu também não. E nenhum de nós pode tirar os olhos um do outro.

Se o mundo terminasse e eu morresse agora, eu ficaria muito feliz. Eu seria um virgem de dezoito anos, com certeza, mas ainda assim... Eu seria *feliz.*



Eu espero na minha caminhonete enquanto Ava entra em sua casa. Ela abre a porta alguns minutos depois e me acena. Alegria batendo na minha carne por dentro, pego minha bolsa do carro e entro. “Você deve ser Connor, 1,98m, arremesso fraco.” Uma mulher suponho que seja Krystal, diz em cumprimento.

"Porra, o que há com as mulheres nesta casa?" Eu respondo.

Krystal ri, aperta o antebraço de Ava quando ela passa. "Tenha uma boa noite, querida."

Depois que Krystal se foi, Ava se vira para mim. "Mamãe está tendo um dia zero, então..."

Ava havia me explicado o sistema de classificação do temperamento e das emoções de sua mãe antes. Um dia zero *não* significa *nada.* Da maneira que Ava explicou, é como se sua mãe fosse uma concha e, por dentro, ela estivesse vazia. O que é péssimo, mas é muito melhor do que um dia negativo.

“Ela está na cozinha trabalhando em suas palavras, então está tudo bem se nos sentamos com ela lá? Só para que eu possa...”

"Claro", eu interrompo. Eu sigo Ava até a cozinha dela, onde sua mãe se senta à mesa com um monte de cartões de memória na frente dela. Ela pega uma. "Gato", diz ela, olhando a foto.

Ava me oferece um sorriso triste. "Você quer uma bebida?"



"Claro, obrigada." Largo minha bolsa no chão e me sento em frente à mãe dela. "Ei, senhorita D", eu digo baixinho.

A senhorita Diaz olha para cima, depois volta para baixo e pega outro cartão. "Cachorro". Ela o move para o topo de uma pilha à sua direita, ao mesmo

tempo em que Ava coloca um copo plástico de água na minha frente.

"Obrigado", eu digo.

A senhorita Diaz pega outro cartão e percebo agora que são todas fotos de animais. "Tartauga", diz ela.

Ava senta ao meu lado. "Tartaruga", ela corrige.

"Tartaruga", afirma Miss Diaz. Este cartão vai para uma pilha à esquerda, mais grossa do que à direita.

“Você tem alguma ideia de qual assassinato específico você quer focar?” Ava me pergunta.

"Na verdade não", eu respondo.

E Miss Diaz diz: "Assassinato".

Ava sorri para ela. “Isso não está nos seus cartões, mamãe. Se Connor e eu somos uma distração, posso pedir que ele vá.”

Miss Diaz balança a cabeça. "Connor, 1,98m, mas está esperando por um surto de crescimento." Ela olha para mim. "Oi, Connor."

"Oi, senhorita D."



“Jo. Você me chame de Jo.”

"Ok, Jo."

Fixada em seus cartões novamente, ela pega uma foto de uma

abelha. "Abelha." Ela coloca o cartão em uma pilha à direita.

"Connor?" Ava diz, puxando meu olhar para longe de sua mãe. "Devemos começar a restringir nossos assassinatos favoritos?"

"É tão estranho quando você diz assim."

"Assassinato", diz Jo.

Ava suspira, e sua mãe volta para os cartões.

Ava e eu passamos as próximas duas horas trabalhando em nosso projeto, decidindo que a publicidade atual em torno da súbita prisão do [12]Assassino do Estado Dourado nos anos 70 e 80 nos dará recursos suficientes para criar um podcast ou vídeo decente. Reunimos o máximo de informações possível enquanto Jo continua com seus cartões de memória. Ela passou de animais para objetos inanimados. Bola, anel, morcego, tudo isso vai para a pilha à sua direita. Torradeira, televisão, computador todos vão para a esquerda.

"Ei, Jo", eu digo curioso. "O que você disse que eu precisava trabalhar?"

Ela olha para mim. "Connor, 1,98m, *arremesso fraco*."

"Meu arremesso, hein?"

Ela assente.



[12] Assassino do Estado Dourado, também conhecido por O Original Perseguidor Nocturno ou ainda Violador da Área Leste, é o nome dado a um assassino em série que matou pelo menos 10 pessoas no Sul da Califórnia de 1979 a 1986.

Os olhos de Ava se estreitam quando ela gentilmente cutuca minha perna debaixo da mesa. "O que você está fazendo?", Ela sussurra.

Eu a ignoro e pergunto à mãe: "Você sabe qual esporte eu pratico?"

Jo zomba. "Basquetebol."

Encontro uma foto da bola de basquete da pilha e empurro-a em sua direção com o dedo indicador. "O que é isso?"

Ava me chuta. *Difícil.* Eu o ignoro novamente.

"Bola", diz a mãe.

"Que tipo de bola?"

Jo suspira. "*Bola* ".

"Eu sei que é uma bola", eu digo, e agora Ava está moendo o pé em cima do meu. "Mas que *tipo* de bola?"

Jo olha para mim, uma expressão vazia estragando suas feições.

Eu me inclino para frente. "Você praticou algum esporte na faculdade?", Pergunto a ela.



Ela assente. "Basquetebol."

"Um segundo, mamãe", Ava diz entre dentes. Ela se levanta e puxa minha orelha, usando esse aperto até que eu esteja de pé e ela está arrastando minha bunda para

a sala de estar. "O que diabos você está fazendo?", Ela sussurra, finalmente me liberando.

Esfrego a orelha, aliviando a dor. “Sua mãe não é surda, Ava. Ela pode ouvi-lo muito bem.”

Os braços dela se cruzam. "Você está fazendo ela se sentir estúpida!"

"Não, eu não estou", eu digo, combinando sua posição. Estou conversando com ela. Você não viu o que aconteceu?

"Tudo o que vi foi você ser um idiota, e se você quiser continuar, pode sair."

"Ava." Eu agarro seus ombros, levo-a para a cozinha, onde sua mãe ainda está indo com aqueles cartões inúteis. "Ela tem duas pilhas", eu começo.

"Eu sei disso", Ava encaixa.

Eu negligencio sua atitude e continuo minhas mãos ainda em seus ombros. “Os da direita são os que ela corrige. São palavras de sílaba única. Tudo o resto está à esquerda e são mais de uma sílaba. Mas ela pode *dizer* essas palavras, Ava. Ela simplesmente não pode conectá-los à imagem. Como quando ela estava olhando para a bola de basquete, ela não disse que era uma bola de basquete. Ela disse que era uma bola e ficou frustrada com isso. Mas quando eu *falo* com ela, quando ela está conversando, ela diz a palavra, e diz com facilidade e clareza.”



Os ombros de Ava caem quando ela respira fundo.

“Esses cartões de memória”, digo, “São inúteis. Você só precisa *falar* com ela.”

Após um longo momento de silêncio, Ava grita: “Ei, mamãe? Você se lembra do animal de estimação de Trevor que ele mantinha em seu quarto? O nome dele era Fetch.”

Jo assente.

"Você se lembra de que animal era?"

"Tartaruga", Jo responde, sem pular uma batida.

"Oh, meu Deus, Connor!" Ava se vira para mim, seus braços passando ao redor do meu pescoço. "Como eu não vi isso antes?"

Não tenho resposta, então não respondo. Em vez disso, eu a seguro para mim, sua bochecha no meu peito.

A porta da frente se abre e Trevor entra. Sem olhar para cima, ele tira os sapatos e exige: “Me ame! Alimente-me! Honre-me!” Ele se vira e vê Ava e eu, nossos braços abraçados. "Oh, então estamos fazendo isso de novo", ele murmura.

Ava ri, me liberando. "Connor está aqui apenas para fazer alguma lição de casa."



"Oh sim", ele responde, passando por nós e entrando na cozinha. “Eu lembro quando chamei de 'dever de casa' também.” Ele coloca a mão no ombro da mãe de Ava e a beija diretamente em suas cicatrizes. "O que há mamãe Jo?"

A senhorita Diaz bate na mão dele com carinho. "Connor, 1,98m está aqui."

"Eu vejo-o. Você está dando a ele mais dicas sobre o arremesso?”

Jo clica em sua língua. "Fraco."

Não posso deixar de rir.

Trevor vai até a geladeira e pega uma cerveja, depois olha para a lição de casa que espalhamos sobre a mesa. "No que vocês estão trabalhando agora?"

"Assassino em série", Ava responde.

Trevor balança a cabeça. "Eu juro por Deus, um dia o FBI vai bater à nossa porta, desconfiado do seu histórico de pesquisa, Ava."

Ava encolhe os ombros, pegando minha mão e me levando de volta para a mesa.

Trevor diz: "Então, eu suponho que não estou sendo alimentado hoje à noite?"

Ava faz uma careta. "Desculpe, perdi a noção do tempo."

"Pizza?" Trevor pergunta a ela.



Ava responde: "Claro".

Ele aponta para mim. "Pizza?"

"Estou dentro."

Então ele aponta para a senhorita Diaz. "Pizza?"

Ela assente, seu braço subindo em comemoração. “Pizza de calabresa!”

Bato na perna de Ava embaixo da mesa. “Viu isso? *Seis sílabas*.”

***

Sentamos à mesa da cozinha, comendo fatias após fatias, enquanto Trevor e Ava brincam de um lado para o outro e eu faço o meu melhor para acompanhar. Jo ouve a conversa deles, sorrindo ocasionalmente. Larguei minha pizza e disse a ela: "Então, Jo, eu estive olhando para a minha própria fita de jogo e você sabe o que eu percebi?"

"Arremesso fraco?"

"Sim", eu minto.

"Por causa da sua postura, certo?"

"Eu acho. Mas eu realmente não posso dizer e sua sala de estar - não é exatamente o mesmo que estar na frente da cesta, sabia?”



Ela assente. "Sim."

"Então, eu estava pensando, talvez pudéssemos ir a um ginásio, e você poderia me ajudar?"

Ava e Trevor estão subitamente em silêncio, e Jo - ela está olhando para mim como se eu tivesse acabado de engravidar Ava.

"Connor", Ava sussurra. Não sei por que ela fica sussurrando quando a mãe está *ali*. “Você sabe que minha mãe não sai de casa. Por que você está perguntando a ela?”

Eu empurro meu prato para frente e coloco meus braços na mesa, inclinando-me para que fiquemos apenas Jo e eu. "É porque você não gosta de pessoas olhando para você quando sai?"

"Connor chega", Ava mói.

"Sim", sussurra Jo.

Eu respiro fundo, minha mente dispara quando pergunto: "E se formos à noite quando ninguém puder vê-la?"

Jo pisca e balança a cabeça várias vezes, e ela não para.

"Connor, você deveria ir", Ava diz, levantando-se.

Eu a ignoro e pergunto a Jo: "E se eu prometer a você que não haverá mais ninguém lá?"

Ava cospe: "Eu quero dizer isso, vá embora!"



"Apenas o deixe falar, Ava", diz Trevor.

Acrescento: "E se formos você e eu, Ava e Trevor?"

Jo segura seu braço amputado, abraçando-se. "Não, não, não, não, não."

Ava me puxa fisicamente da minha cadeira. Então, com as mãos nas minhas costas, ela me empurra para fora da cozinha, atravessa a sala de estar e sai pela porta da frente, fechando-a depois de nós. "O que diabos há de errado com você!"

Eu a encaro, meu coração batendo forte. "E com você? Você sussurra merda na frente dela como se ela não pudesse ouvir. Ela não é uma criança, e você tem que parar de cuidar dela."

"Quem diabos você pensa que é?", Ela grita.

"Ela é marinha, Ava. Ela é mais forte do que você pensa!"

Suas narinas se abrem. "Como você ousa!"

"Como ouso o quê? *Tentar*?"

"Como você ousa entrar em nossas vidas e pensar que vai fazer a diferença! Estou lidando com essa merda há *três anos*, Connor!" Ela respira fundo, sua raiva esquentando as bochechas, queimando líquido atrás dos olhos. "Lembra de tudo que eu disse no carro? Eu retiro!"

Meu coração cai. "Não, você não faz."

"Sim, eu faço!", Ela grita. "Deus, exatamente quando eu pensei que as coisas eram boas demais para ser verdade, você..." A porta da frente se abre, interrompendo-a. Ela se encolhe, os braços passando a cintura.



Trevor coloca a cabeça para fora e diz: "Ela quer falar com você."

"Eu estarei lá em um segundo", Ava sussurra sua respiração e uma tentativa de recuperar a compostura.

"Você não", diz Trevor, olhando para mim. "*Você*".

Eu engulo nervoso, e espero que Ava se afaste para que eu possa passar por ela. Jo não se levantou da cadeira, mas seu olhar se levanta e trava em mim quando entro na cozinha com Ava apenas meio passo atrás de mim.

"Prom-Prom-" Ela pisca com força. Uma vez. Duas vezes. "Promete apenas você, eu, Ava e Trevor?"

Eu cruzo meu coração com o dedo. "Eu juro para você, Jo. Eu nunca faria nada para deixá-la desconfortável."

Fica em silêncio por um longo momento, Ava, Trevor e eu esperando para ver o que ela diz ou faz a seguir. Eu posso ouvir Ava respirando pesadamente perto de mim, então corro o risco e agarro sua mão na minha, alívio lavando através de mim quando ela me deixa.

Jo se levanta. "OK."

"Ok?" Ava praticamente grita.

Jo assente. "Ok, Connor, 1,98m, arremesso fraco. Amanhã."

"Amanhã", eu concordo.



Seu olhar muda para Ava. "Não grite com Connor, bebê. Ele é um bom garoto." Ela para na minha frente e dá um tapinha na minha bochecha. "Bonito também."

Ava solta uma única risada incrédula. "Ok, mamãe."

"Eu estou indo para a cama", diz Jo, beijando sua filha na bochecha.

Assim que ela está em seu quarto, eu me viro para Ava. "Sinto muito", eu digo rápido. “Eu não deveria ter emboscado todos vocês assim, acabou saindo, e eu não conseguia parar, mas eu deveria ter perguntado a você primeiro. E você está certa. Não posso simplesmente aparecer e esperar fazer a diferença. Foi estúpido pensar que eu poderia.”

“Bem, tecnicamente...” Trevor diz “Você meio que tem. Quero dizer, mamãe Jo até *pensar* em sair de casa é um grande negócio.”

"Trevor está certo", Ava diz calmamente, fazendo beicinho para mim com aqueles lábios que estou morrendo de vontade de beijar. “Me desculpe, eu gritei com você. Estou tão investida e levo tudo para o lado pessoal.”

"Eu sei e entendi."

Ela suspira. “Mamãe está certa; você é um bom rapaz."

Eu sorrio de orelha a orelha. “E bonito também. Não esqueça essa parte.”



Capítulo 16

Ava

"Ava pare!" Connor diz, me agarrando pelos meus ombros para me impedir de andar de um lado para o outro. Estamos na arquibancada durante o almoço, e minha ansiedade por esta noite me deixa tensa. "Você precisa confiar em mim, ok?" Ele está tentando conter um sorriso, e isso me faz querer dar um soco na cara dele.

Ou beija-lo.

Eu não posso decidir porra.

Inspiro profundamente e prendo um momento antes de soltá-lo lentamente. Olhando para ele, eu ordeno: "Diga-me o plano".

Ele geme seu corpo inteiro esvaziando. “Esperamos até escurecer. Vou mandar uma mensagem quando estiver a alguns minutos de distância. Você abre a porta. Nós partimos em uma missão secreta para colocar sua mãe na minha caminhonete, que tem o tom mais escuro da lei, a propósito, e então... Nós vamos... ”



"Ir para *onde,* Connor?"

Ele encolhe os ombros, todo indiferente, e isso me inclina a dar um soco no rosto dele. "Quero que seja uma surpresa."

"Para quem? Eu ou minha mãe?”

"Vocês duas", diz ele, mas sai uma pergunta.

Eu me afasto dele e começo a andar de novo.

Connor ri. "Relaxe, você pode?"

Eu me viro para ele, levanto meu queixo. "Três anos, lembra?" Eu digo, apontando para mim. "Eu tenho três anos de razões para *não* relaxar, e você..."

"Ok", ele interrompe, aproximando-se de mim. "Entendi. Eu sinto muito."

"Parece que você não está levando isso tão a sério quanto deveria."

Suspirando, ele abaixa a cabeça e aperta a ponta do nariz. Então ele se senta, pegando minha mão e me forçando a fazer o mesmo. Com a coxa contra a minha, ele diz, olhando para as mãos. “Pensei em tudo possível, ok? E se a qualquer momento ela mudar de idéia, nós não iremos. É simples assim. Mas preciso que você tenha um pouco de fé em mim. Pode parecer que não é tão importante para mim quanto para você, mas... *sua mãe* é importante para mim, e não porque ela é sua mãe, mas porque... ela...” ele interrompe outra respiração pesada deixando-o. “Eu não sei, Ava. Sua mãe - ela me faz querer ser uma pessoa melhor, e não há muitas pessoas neste mundo que possam fazer isso. E eu odeio a maneira como o mundo a tratou. Eu faço.” Ele esfrega a parte de trás do pescoço, mostrando sua frustração. “O problema é que não posso controlar o mundo, mas posso *me* controlar. E se eu puder fazer



uma coisinha para mostrar a ela, e a *você* até, que nem todo mundo é igual, então eu vou...” Ele me encara, suas sobrancelhas afundadas. "Através do *amor e do basquete*."

***

Connor: *Já está escuro o suficiente?*

Ava: *Sim, acho que sim.*

Connor: *Massa. Eu estarei lá em cinco.*

Ava: *Ok. Ei, qual é o traje para hoje à noite?*

Connor: *Traje?*

Ava: *Como, o que devemos vestir?*

Connor: *Apenas verifique se sua mãe está quente e usando tênis. Quanto a você, eu voto nua, mas isso seria estranho na frente de sua família, então…*

Ava: *Entendi. E só para você, eu vou ficar nua sob minhas roupas...*

Connor: *Isso é... Caramba. Dê-me dez agora. Eu preciso bater uma antes de irmos.*



Ava: *Connor!*

Connor: *Diga de novo, mas lamente desta vez.*

Ava: *E nós terminamos aqui.*

"Connor estará aqui em cinco minutos", digo a mamãe quando olho para o meu telefone.

"Tudo bem", ela responde, sua voz quase um sussurro. Eu sei que ela está assustada; Eu posso ver nos olhos dela. Mas ela *quer* fazer isso, sair da zona de conforto e admiro muito isso. Mas ainda assim, isso não tira meus próprios medos *por* ela.

Explico: "Connor disse que, se você mudar de ideia a qualquer momento podemos voltar para casa".

"Nah," Trevor interrompe, entrando na sala com os tênis da mamãe. Ele teve que limpá-los porque faz anos desde que ela os usa. “Você entendeu isso. Certo, mamãe Jo?”

Mamãe levanta o punho, mas não há inflexão em seu tom quando diz: "Eu entendi."

Quando cheguei em casa hoje, Krystal mencionou que mamãe havia mencionado isso algumas vezes, mas tinha sido outro dia zero para ela, por isso era difícil distinguir como ela realmente se sentia sobre isso.

Trevor me entrega os tênis, e eu os deslizo nos pés de mamãe, depois os amarro. "Isso parece bom?"

"Sim."



Trevor retorna com uma enorme jaqueta fofa para ela vestir. De pé, fecho-o até o queixo e coloco o capuz sobre a cabeça. "Você parece um marshmallow gigante", digo a

ela, e ela sorri - o primeiro sorriso que recebi dela hoje.

"Connor, 1,98m, bom menino", mamãe diz, mantendo esse sorriso no lugar.

"Ele se importa muito com você, você sabe?" Meu coração incha quando me lembro como ele falou dela hoje. "Ele diz que você o faz querer ser uma pessoa melhor."

Mamãe se levanta, assentindo. "Eu não quero des-des-" Ela pisca com força, o punho na têmpora. Eu espero, sabendo que as palavras estão chegando. "*Desaponta*-lo."

"Você nunca poderia", digo a ela sinceramente, de pé com ela no momento em que os faróis brilham pela janela da sala, alertando-nos que Connor está aqui. Ele e Trevor haviam pré-planejado que ele estacionasse na garagem, para que mamãe tenha menos chances de ser *vista.* É tão comovente quanto necessário. "Você está pronta para ir, mamãe?"

Mamãe respira fundo e solta o ar lentamente. "Pronta."

Connor está esperando na varanda quando eu abro a porta, seu sorriso pateta o suficiente para derrubar alguém. "Ei, Srta. D. Estou pronta para ser ensinado."

Mamãe pousa a mão na dobra do braço dele, e ele a leva até o caminhão, a cabeça baixa, coberta pelo capô o tempo todo. E ela permanece assim os quinze minutos completos que Connor leva para chegar ao parque esportivo. Ele para do lado de fora dos portões trancados, e Trevor se vira para ele. "Como você idiota não sabia que este lugar seria fechado?"



Connor vira a viseira e pega as chaves que caem. "Como você idiota não achou que eu teria uma chave?" Ele se vira para mamãe e eu sentadas no banco de trás. “Eu prometi a você que ninguém estaria por perto. Eu o fiz bem?” Ele ainda está com aquele sorriso brega, como se estivesse tão orgulhoso de si mesmo, e deveria estar.

Mamãe diz com um sorriso: "Você fez bem, Connor."

Depois de abrir o portão e fechá-lo atrás de nós, Connor dirige direto para as quadras de basquete, seus faróis iluminando luz suficiente para ver metade da quadra. Ajudo minha mãe a sair do caminhão, enquanto Connor pega algumas bolas da cama. Então ele volta, me entregando um cobertor, garrafa térmica e um saco de papel. "O que é isso?", Pergunto.

Seu sorriso se amplia. "Chocolate quente e marshmallows."

"Espero que você tenha trazido um pouco para mim", interrompe Trevor.

"Não", diz Connor, caminhando em direção à linha de lance livre.

"Por que não?"

"Porque eu não estou tentando marcar pontos com sua bunda burra."

Mamãe ri, seguindo Connor.

"Tudo bem, senhorita D..."

"Jo".



“Jo. Postura, certo?” Ele dá um tiro e afunda. "Melhor?"

Mamãe o manda dar alguns passos para a direita. "Novamente."

Connor atira. E Erra. "Maldição".

"Você pratica demais no mesmo local", diz a mãe.

Connor se move para outro local a alguns passos de distância, tenta e erra novamente. E não sei se ele está fazendo isso apenas para fazê-la se sentir bem, mas mamãe está levando isso muito a sério. "Seus pés estão errados."

Connor assente como se estivesse ouvindo atentamente. "Mostre-me."

Mamãe chuta seus pés com os dela.

Connor balança a cabeça. "Não. *Mostre-* me” ele repete, segurando a bola entre eles.

Mamãe levanta os dois braços. "Um braço, *idiota*."

Connor ri. "Você só precisa de um braço para atirar, certo?"

Mamãe suspira. "Não sou eu quem tem um arremesso fraco", ela retruca.



Trevor ri, pulando no capô da caminhonete de Connor e me ajudando a subir. Sentamos na beira, observando-os.

Connor contempla as palavras de mamãe por um momento antes de dizer: “Eu farei um acordo com você. Jogamos

[13]H.O.R.S.E., e o perdedor tem que preparar o jantar para a outra pessoa. Combinado?"

"Isso não é justo!" Eu grito.

"Você quer jogar também?" Connor grita de volta.

Balanço a cabeça, aperto os lábios.

Mamãe diz a ele: "Você tem toda uma vantagem de membro."

Connor revira os olhos, depois solta à bola para que ele possa puxar o braço direito pela manga da camiseta. “Só para ficarmos claros. Você não está perdendo um membro *inteiro*. Apenas metade disso. Então, tecnicamente, sou o único em desvantagem agora. Você vai jogar ou o quê?”

"Oh droga," Trevor sussurra ao meu lado.

"Connor!" Eu suspiro.

Seus olhos encontram os meus.



[13] O jogo HORSE (pronunciado "cavalo") é jogado por dois ou mais jogadores.

A ordem dos turnos é estabelecida antes do início do jogo. O jogador cujo turno é o primeiro recebe controle, o que significa que eles devem tentar fazer uma cesta de uma maneira específica de sua escolha, explicando aos outros jogadores de antemão quais são os requisitos do arremesso. Se esse jogador for bem sucedido, todo jogador subsequente deve tentar a mesma jogada de acordo com seus requisitos. Se um jogador não conseguir duplicar o tiro, ele adquirirá uma letra, começando com H e movendo-se para a direita pela palavra "horse". Depois que todos os jogadores fizeram uma tentativa, o controle passa para o próximo jogador e o jogo continua dessa maneira. Se um jogador que tem controle errar o arremesso, não há penalidade na letra e o controle passa para o próximo jogador. Sempre que qualquer jogador tiver todas as letras, ele será eliminado do jogo.

E então mamãe - mamãe *ri*. Essa risada despreocupada que faz meu coração disparar. "Você é bom com palavras, senhor", ela diz a Connor. "Mas, garoto, você não tem nada de errado comigo." Ela pega a bola de Connor e dá dois passos em direção à cesta. A bola bate no encosto e vai direto para dentro.

A boca de Connor é tão larga que ele poderia encaixar seu ego gigante lá. "Droga."

"*Droga* ", mamãe zomba. "Você esquece, eu tenho usado minha mão esquerda há anos."

"Huh", diz Connor.

"Agora vá pegar a bola, garoto."

Connor recua. "O que? De repente você perdeu as pernas também? *Você* pega a bola."

Ao meu lado, Trevor está *morrendo* de tanto rir.

Mamãe vai atrás da bola e grita por cima do ombro: "H.O.R.S.E. é para maricas. Mano a mano. Primeiro a fazer vinte ganha, Sr. *Duke*.

Connor fica mais alto. "Eu não vou ser fácil com você, porque você é *velha*."



Mamãe joga a bola para ele, depois se aproxima de nós, abrindo o zíper da jaqueta. "Eu não espero que você faça!" Eu a ajudo a tirar o casaco, olhando Connor por cima do ombro.

Ele pisca.

Dou-lhe o dedo... Mas estou sorrindo - o sorriso mais engraçado da história dos sorrisos.

Mamãe se volta para Connor. "Eu gosto do meu bife meio passado." Connor balança a bola para ela. Ela devolve, mas Connor tenta pegá-la com a mão presa em seu moletom. "Não é tão fácil agora, é?" Mamãe ri.

Trevor e eu assistimos ao que só pode ser conhecido como o jogo individual mais fraco do mundo. Eles mal conseguem manter a bola em jogo, e eu sei que Connor não chegará nem perto de todo o seu potencial, e mamãe também saberia disso, mas ela não o chama. Além disso, é difícil para ela conseguir algumas palavras entre todas as idas e vindas e *risadas*. Tanta risada.

“Eu não sei o que Ava vê em você. Você é uma porcaria com as mãos.”

Connor solta uma risada. "Você está realmente indo para a jugular agora, hein?" Ele dribla passando por ela, passando a bola entre as pernas dela antes de fazer um [14]lay-up e afundá-la. "Se meus cálculos estiverem corretos, são 20-12." Ele segura a bola na cintura. "E eu tenho certeza que estou chutando sua bunda, senhorita D."

Mamãe coloca a mão no quadril. "Você está certo. Acho que vamos ter que vir mais aqui e praticar.”

O rosto de Connor se ilumina. "Sim?"



[14] Uma Lay-up no basquete é uma tentativa de arremesso de dois pontos, saltando de baixo, colocando a bola perto da cesta e usando uma mão para rebatê-la da tabela e entrar na cesta.

Mamãe assente. "Você acha que poderia girar a bola no meu dedo com uma mão?"

Connor encolhe os ombros, se aproximando dela, e murmura: "Com nossos poderes combinados..."

Mamãe levanta o dedo indicador e Connor coloca a bola ali, tenta girá-la. Vai voando para o lado, e mamãe começa a rir. "Isso foi muito difícil!"

Connor está correndo atrás da bola, seus ombros saltando com sua própria risada. "É mais difícil do que parece!"

"Troque!" Mamãe ordena quando Connor está de volta na frente dela.

Eles trocam tarefas, e mamãe faz exatamente a mesma coisa que Connor fez. Agora os dois perderam seus dedos passando com a alegria líquida em seus olhos. E eu - estou fazendo o mesmo. Porque nunca na minha vida jamais pensei em ouvir a felicidade de mamãe dessa forma ou vê-la tão livre e tão alegremente otimista.

"Eu preciso me sentar", diz ela através de uma gargalhada. "Eu não estou acostumada ao *ar fresco*!"

Connor sorri quando ele se senta ao lado dela, depois se deita quando ela o faz. Eles olham para o céu noturno, as estrelas brilhando contra a escuridão. A cabeça da mãe balança para o lado, de frente para ele. “Obrigado, Connor, 1,98m, arremesso fraco. Não percebi o quanto precisava disso.”



"De nada, Srta. D", ele responde, passando a mão pela manga e pegando a dela em suas mãos. "Tem sido uma honra."

Eu tento fungar outro ataque de lágrimas, mas não posso. E Trevor - ele deve ouvir, ou sentir de alguma forma, porque ele joga o braço em volta do meu pescoço, me puxando para ele. Ele beija minha têmpora e enxuga as próprias lágrimas na frente da jaqueta. Então ele limpa a garganta, a voz baixa e significa apenas para mim: "Quando o mundo está mais escuro..."

Eu suspiro. "... é quando a *mágica* aparece."



Capítulo 17

Ava

Connor: *Ei, sua mãe está acordada?*

Ava: *Vamos ignorar minhas saudações a partir de agora? Eu me sinto usada.*

Connor: *Bom dia, futura namorada.*

Ava: *Bom dia. :)*

Connor: *Sua mãe está acordada?*

Ava: *Sim, por quê?*

Connor: *Eu tenho que praticar cedo, mas tenho cinco minutos. Posso passar por ai?*

Olho para cima do meu telefone e vejo mamãe na pia da cozinha, olhando para o quintal. Ela não mencionou a noite passada, e eu tenho sido muito cautelosa para falar disso.

Ava: *Encontre-me na varanda.*



"Estou apenas encontrando Connor lá fora. Volto em alguns minutos. Ok mamãe?"

Mamãe não responde, e Trevor e eu compartilhamos um olhar conhecedor. Nós dois estamos acostumados com a perda de memória de

curto prazo dela, mas Connor... Ele não teve que lidar com isso ainda, e eu estou preocupada com como ele reagirá.

Connor já está de pé na minha varanda quando abro a porta, então saio para me juntar a ele, fechando a porta atrás de mim.

"Oi, futura namorada", ele cumprimenta, dando um beijo de nariz frio na minha bochecha. "Como está minha segunda dama favorita hoje?" Ele é tão feliz, esperançoso e *vivo,* e eu não quero quebrá-lo.

Depois de um suspiro, eu me aproximo dele e aplico minhas mãos em seu estômago quando olho para cima e para seus olhos. "Mamãe não está tendo um bom dia, e eu não sei se ela está exausta da noite passada ou se..." *Se isso é apenas uma repetição dos muitos dias anteriores.*

O sorriso de Connor vacila, apenas por um segundo antes de levantar o queixo. "Ela ficará feliz em me ver."

Não *posso.*

Eu não tenho como destruir sua esperança, então abro a porta e me afasto para deixá-lo entrar. Mamãe não se moveu de sua posição e Connor fica quieto quando ele se aproxima dela. "Bom dia, senhorita D."



Mamãe gira para encará-lo, seus olhos vazios de qualquer emoção, e não há inflexão em seu tom quando ela murmura: "Olá". É isso. É tudo o que ela lhe dá antes de voltar a olhar para fora.

Inclinando-me contra a porta da cozinha, deixei minha cabeça descansar

na moldura, as mãos atrás das costas enquanto observava a expressão de Connor cair completamente. O suspiro alto de Trevor enche o silêncio. Ele se levanta da mesa da cozinha e passa por Connor, batendo levemente em seu ombro. No ouvido de Connor, Trevor sussurra: "Não deixe isso te derrubar, ok?"

A garganta de Connor balança com o engasgar, mas ele não responde em palavras. Ombros esvaziados, ele olha para mim, e eu posso ver o momento exato em que a esperança se afoga em seu peito, e a vivacidade em seus olhos cintila e cintila até escurecer completamente.

"Sinto muito", eu falo meus olhos brilhando ao vê-lo.

Ele oferece um sorriso - o sorriso mais triste e comovente - e se move em minha direção, seu peito subindo com a inspiração pesada. Lábios quentes, ele coloca um beijo suave na minha testa e aperta minha mão. "Vejo você na escola?"

Eu abaixo minha cabeça em seu peito, minha mão em seu coração, ecos de magia batendo nos meus dedos. "Por favor, não fique triste", eu sussurro, piscando de volta o calor atrás dos meus olhos.

Ele ri uma vez, curto e afiado. "Eu estou bem", ele garante, se afastando. Um momento depois, ele está do lado de fora, levando sua dor com ele.



Eu rolo minha cabeça para o lado, olho para minha mãe novamente. Ela está olhando para a pia. "Está vazia", ela sussurra.

"Eu já lavei a louça."

Ela balança a cabeça devagar. "Não os pratos, Ava."

"Então o que?"

Suspirando, ela se vira seus olhos encontrando os meus. "Eu."

***

Connor é uma imagem de desesperança quando entro na aula multimídia do primeiro período. Cabeça baixa, antebraços na mesa, ele está ignorando o falatório acontecendo ao seu redor sobre o jogo de hoje à noite. "Ei", eu digo, largando minha bolsa ao lado de sua bola e sentando-me ao lado dele.

Ele olha para cima, um sorriso. "Ei."

"Como foi a prática?"

Suas bochechas incham com a força de sua expiração. "Quase me matou", diz ele através de uma risada. "Vou me sentir derrotado e machucado depois do jogo."

"É por isso que você parece tão..." Eu paro, não querendo provocá-lo.

Assentindo, ele responde: “Sim. Só estou estressado com esta noite.”



"Qualquer coisa que eu possa fazer?"

Uma risada baixa se forma no peito e morre na garganta. Inclinando-se, ele sussurra: “Há *muito que* você pode fazer para aliviar meu estresse, Ava, mas não

é muito *amigável.”* Ele descansa a mão na minha coxa, subindo mais alto na minha saia.

E, só para mexer com ele, sussurro de volta: "Como te dar um trabalho de mão debaixo da mesa?"

A mão dele para, os ombros tensos. Quando ele recua, seus olhos estão nos meus, estreitados. "Você venceu", ele suspira os lábios curvados nos cantos. "Honestamente, é um pouco disso e um pouco do que aconteceu com sua mãe."

Eu faço beicinho. "Eu imaginei."

"Eu vou superar isso; é apenas..."

"Difícil?" Eu termino por ele.

Seus lábios finos até uma linha, seus olhos lançados para baixo. “Eu acho que eu realmente esperava que isso fizesse diferença, sabia? E eu pensei... é estúpido... ”

"Não é."

E é tudo o que podemos entrar antes que a Srta. Salas entre na sala e inicie uma conversa de uma hora sobre os efeitos das mídias sociais em nossa geração.

Connor não tira a mão da minha perna o tempo todo.



***

"Então, como está o plano?", Pergunta a Srta. Turner, mordendo o sanduíche.

Estou sempre dizendo a ela que odeio ir para o almoço, mas tenho a sensação de que ela prefere minha companhia a todos os outros nesta escola. “Está meio parado no momento. Ainda estou tentando processar tudo, para ser sincera.”

“Bem, não resta muito tempo, então é melhor você começar a fazer o sonho funcionar. Você já contou a alguém?”

Balanço a cabeça. "Não. Não quero até que tudo esteja no lugar.”

“Estou orgulhosa de você, Ava. Você percorreu um longo caminho desde a garota que costumava vir aqui lutando contra o mundo ao seu redor.”

"Oh, eu ainda estou lutando", afirmo. "Mas agora, eu me recuso a desistir."

Ela sorri uma pitada de orgulho. "E como estão as coisas com Connor?"

Eu franzir a testa. "Eu acho que o quebrei..."

Com dez minutos para o intervalo do almoço, saio do escritório da senhorita Turner, meu coração batendo forte no peito. Se já houve um tempo para encontrar a coragem de fazer o que preciso fazer a seguir, é agora. Porque, como a Srta. Turner disse, se eu realmente quero o que meu coração deseja, preciso lutar por isso.



Eu limpo minhas mãos suadas na minha saia, andando pelo espaço do lado de fora das portas da cafeteria. Meus olhos se fecham enquanto a energia ansiosa vibra através do meu corpo. "Apenas faça isso, Ava", eu sussurro, depois reviro os olhos. Eu falo um grande jogo para alguém assustado de merda entrar em uma sala de merda.

Sem outro pensamento, entro pelas portas de correr de vidro, minha cabeça erguida. Não olho ao meu redor nem paro quando o volume cai. Em vez disso, vou até Connor, percebendo os olhos de Rhys se arregalarem e fazer um movimento para mim. Connor vira a cabeça e depois se levanta lentamente. "Sente-se!" Eu ordeno. Ele sai mais difícil do que o pretendido, mas é tarde demais para recuperá-lo.

Seus olhos amolecem o canto dos lábios levantando em um sorriso.

Meus tímpanos pulsam enquanto espero até que seu traseiro esteja de volta em sua cadeira, e então me sento em seu colo, meu braço em volta de seu pescoço. Eu posso sentir o sorriso dele no meu ombro enquanto sua mão vai para a minha cintura. Atrás de mim, Karen ri. “Droga, garota. Que maneira de reivindicar sua propriedade.” Mas não é disso que se trata, e espero que Connor saiba disso. Estou aqui por que... Porque é hora de parar de se esconder. E porque eu *quero* estar.



Sua mão sobe pelas minhas costas, até minha nuca, e ele me segura lá, seu nariz subindo pelo meu pescoço, os lábios parando logo abaixo da minha orelha. Sua expiração aquece meu corpo inteiro, e eu tremo quando ele me beija lá. "Olá", diz ele, com

a voz rouca. E essa palavra única e estúpida envia um rubor direto para minhas bochechas.

Eu mergulho minha cabeça até minha boca encontrar a dele e o beijo rapidamente. "Olá", eu volto, então mordo meu lábio inferior para parar meu sorriso.

Seus olhos são brilhantes, um completo contraste com esta manhã, e esta... *esta* é a razão pela qual eu estou aqui. Porque eu quero fazer o que puder para tirar sua mágoa, assim como ele fez por mim tantas vezes antes.

Puxo a bandeja para mais perto de mim e levanto uma maçã. "Você vai comer isso?"

Ele balança a cabeça, seu sorriso desenfreado. "Pegue. Tudo isso. O que você quiser. Sempre que você quiser."



Capítulo 18

Ava

"Você se importa se assistirmos o jogo de Connor?" Pergunto a mamãe enquanto ela se acomoda no sofá com um cobertor e seu tablet. Ela começou a ler por prazer agora, o que é um *grande* passo, mas me pergunto como é possível que ela se lembre do que lê, mas não se lembre do momento de mudança de vida que aconteceu ontem.

“Sim, Ava. Você não precisa pedir minha permissão para assistir seu namorado” ela murmura, revirando os olhos.

"Ele não é meu..."

"Pare com isso", Trevor interrompe, configurando a TV para mim.

"Parar o que?" Eu bufei.

"Mentindo para si mesma."

Ele tem razão.



O fluxo começa no momento em que a equipe caminha para a quadra, e Connor - ele sai segurando o balão - ainda inflado - que eu havia deixado na varanda mais cedo. Ele o aperta até que ele esvazia e depois enfia o

resto na calça. Eu solto uma risada ao mesmo tempo em que Trevor diz: "Seu garoto é estranho."

"Você é!"

"Você com certeza se sente apaixonada por um garoto que *não é* seu namorado."

Sento no chão entre o sofá e a mesa de café e assisto ao jogo. Até Trevor parece interessado. Talvez porque seja o primeiro jogo dos playoffs e se eles vencerem este e o próximo, eles vão para as regionais. Falta apenas o intervalo, mas o St. Luke's é um time muito mais forte, e o placar prova isso. Se Connor não estivesse jogando, eu ficaria entediada.

Quando a segunda metade começa, mamãe pousa o tablet e dá um tapinha no sofá ao lado dela. Levanto-me e sento debaixo do cobertor. Connor marca os próximos cinco pontos, e mamãe se move ao meu lado, sentando-se para frente, com os olhos colados na tela. Ela assiste o jogo. Eu a observo. Porque há algo em seu olhar, na maneira como seus olhos se arregalam um pouco toda vez que Connor aparece. "Você gosta de assistir Connor jogar, mamãe?"

"Mmm-hmm."

Trevor pergunta: "Você acha que o arremesso dele melhorou?"



"Eu não sei", mamãe murmura. "Mas eu sinto... *alguma coisa*." Ela bate no peito. "*Aqui dentro*."

Minha coluna se endireita, a esperança enche meu coração. "Você faz?"

"Como um..." Seu lábio inferior treme. "Tipo, *felicidade*." Ela se vira para mim. "Mas... mas eu não sei *por que*."

Trevor e eu olhamos um para o outro rapidamente. Eu pergunto a ela o mais gentilmente possível: "Você não se lembra?"

Os lábios dela abaixam. "Não, Ava", diz ela, balançando a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas. "Eu não me lembro." O primeiro soluço chega um segundo depois, e eu a abraço, sinto seu ombro estremecer na minha bochecha.

Eu acaricio seus cabelos, do jeito que ela costumava fazer por mim. "Está tudo bem, mamãe."

"Não é!" Ela se afasta o olhar alternando entre Trevor e eu. "Do que mais eu não lembro?"

"Mama Jo", Trevor tenta acalmar, movendo-se para agachar na frente dela. Com as mãos nos joelhos dela, ele acrescenta: “Tudo bem. Desde que você se lembre de quem você é e quem nós somos nada mais é importante.”

Mamãe balança a cabeça, o calcanhar da palma da mão contra a têmpora. Estendo a mão e tento fazê-la parar. "Aniversários e feriados e..." Ela se concentra em Trevor. "Por que você não está no Texas?"

A inspiração aguda de Trevor fica presa em sua garganta, e ele me procura por respostas.

"Você está aqui para mim?", Ela pergunta.

Os olhos de Trevor se fecham.

"Você está!" Ela exige.



"Eu não..." Trevor respira seu olhar em mim, implorando.

A estática enche minha mente. Mamãe nunca foi assim antes, nunca a ponto de não entender o que está acontecendo ao seu redor. "Trevor trabalha aqui agora", digo a ela, uma meia-verdade.

Ela olha em volta da casa como se fosse a primeira vez que a via. "Onde está William?" Faz um *longo* tempo desde que ela lembrou do pai de Trevor, e a última vez... Foi o início de muitos dias negativos para contar.

Na TV, Connor marca novamente. O nariz da mamãe torce. "Connor", ela sussurra e bate em seu coração novamente. "Felicidade." Então seu rosto cai, e o novo ataque de gritos começa. Ela balança em seu lugar, de um lado para o outro, de um lado para o outro, seu punho se movendo da têmpora para o coração, de novo e de novo. “Não me lembro. Não me lembro. Não me lembro...”

***

Ava: *Ei. Não pude assistir ao jogo inteiro. Eu sinto muito. Parecia que vocês estavam indo para um*[15] *W, no entanto.*

Connor: *Sim, foi uma caminhada. Você está bem?*



[15] W: Winning streak termo em inglês que quer dizer uma série de vitórias seguidas obtidas por um time.

Ava: *Ligue-me quando terminar de comemorar?*

Connor: *Não há celebrações para mim esta noite. Eu preciso descansar. Prestes a entrar em um banho de gelo. Junte-se a mim?*

Ava: *Eu desejo.*

Ava: *Eu sinto sua falta, Connor.*

Connor: *Eu ligo para você assim que eu sair.*

Fiel à sua palavra, Connor liga meia hora depois, e posso dizer que ele literalmente acabou de sair do banho porque me coloca no viva-voz enquanto se move pelo quarto, abrindo e fechando gavetas para se vestir. "Eu também sinto sua falta!", Ele grita assim que eu respondo e antes que eu possa dizer uma palavra. "Você disse isso antes, e eu não disse de volta, e não queria que você pensasse que eu estava. Que não senti sua falta, porque eu sinto. Apenas me dê um segundo."

Eu espero, telefone no meu ouvido, meus lábios enrolados nos cantos, e deve ser impossível me sentir do jeito que eu sinto só de ouvir sua voz ou saber que ele está perto. Especialmente depois da noite que tive. Uma batida passa antes do telefone estalar, e eu sei que ele me tirou do alto-falante para me dar toda a atenção. "Você está aí?", Ele pergunta.



"Sim."

"Noite difícil?"

Com um suspiro pesado, eu digo a ele: "Eu não quero falar sobre

isso. Prefiro falar sobre você e o jogo. Você vai falar sobre isso?”

"Hum... não há muito a dizer, mas..." Ele faz uma pausa. “Ava, eu sei que algo está acontecendo. O que aconteceu?"

Meus cílios afundam, meus olhos focam no cheque que eu tirei da minha gaveta.

Eu posso cuidar de você, Ava.

Eu estou correndo contra o tempo. E *opções*. "Você pode vir aqui?"

"Janela ou porta?"

"Janela."

Levanto as persianas, depois a janela e espero por ele, meu coração de alguma forma acelerando e se acalmando ao mesmo tempo em que ele aparece. Ele está de chinelo, camiseta regata e shorts de basquete. "Você não está com frio?"

Ele chega à janela, os dentes cerrados. “Eu realmente não pensei quando saí; Eu só queria ver você."

Recuando, eu o ajudo a entrar o mais silenciosamente possível, depois fecho a janela atrás dele. "Você quer o seu capuz de volta?" Eu pergunto, ainda de costas para ele.



Quando me viro, ele está na minha cama, levantando as cobertas até o queixo. "Eu estou bem."

"Por todos os meios, fique à vontade."

Ele sorri. "Eu pretendo, mas primeiro..." Ele estende a mão, agarra minha mão e me puxa para ele enquanto ele abre espaço para mim. Eu deito na cama com ele, ignorando o gelo de sua carne quando ele joga o braço em volta de mim. "O que aconteceu hoje à noite?"

"Ela está tendo dificuldade em lembrar as coisas", murmuro, traçando as linhas na palma da mão com a ponta do meu dedo. "E não apenas ontem à noite, mas... ela não entendeu por que Trevor estava aqui, e continuou perguntando por William." Eu olho para ele, para o cenho que tudo consome arruinando seu lindo rosto. “Não sei o que o desencadeou, mas da última vez foi tão ruim... as coisas caíram muito rápido. Eu pisquei, e ela estava...”

“Eu fiz isso? Levando-a para sair ontem à noite?”

"Não, Connor", sou rápida em dizer. "Isso só... essa é a *vida* dela."

"Mas eu fiz isso pior?" Ele murmura, removendo a mão do meu aperto. As palmas das mãos pressionam as têmporas, circulando. Sua cabeça se inclina, seus olhos vão para o teto em busca de respostas. Seu gemido de frustração ecoa na sala, no meu coração.



Pego a mão dele de novo, uno meus dedos aos dele e vou beijar as costas, parando quando vejo o marcador preto lá. Meus olhos se estreitam quando leio as palavras: *Srta. D.*

"O que é isso?" Eu pergunto, e ele olha para baixo, traça sua caligrafia.

Depois de um suspiro pesado, ele diz: "Toda vez que eu tentava, eu via o nome dela, e isso me lembrava..."

"Sobre o que?"

Ele lambe os lábios, focado na nossa conexão. “Isso me lembrou dela... e você. Apenas me ajudou a continuar, eu acho.”

Meu coração aperta com as palavras dele, e levanto meu olhar para ele. "Por que você é tão perfeito, Connor?"

"Eu não sou, Ava", ele responde, balançando a cabeça. "Se eu fosse não estaríamos aqui."

"Na minha cama juntos?" Eu tento brincar.

Mas ele não acha engraçado. "Você já pensou sobre o que aconteceu conosco?"

"Claro", eu sussurro.

Mas não acho que tenha sido realmente uma pergunta, porque ele diz: “Porque eu faço. Eu penso nisso o tempo todo. Todas as maneiras que eu estraguei tudo.”

"Não foi só você"

“*Foi*, Ava.” Ele limpa a garganta. “Eu era impaciente e egoísta, e acho que não percebi o quão... *as* coisas eram *ruins* para você. E naquela noite em que sua mãe me pediu para vir, eu senti como... Deus, isso vai parecer tão ruim...”



"Não, me diga", eu encorajo.

Ele respira fundo, seu peito subindo. “Eu senti como se eu fosse te receber de volta, seria através dela, sabia? Mas agora eu não sei; Eu estou *investido.* E agora parece muito maior do que apenas você e eu.” Ele engole audivelmente. “E penso em todas as coisas que fiz das quais me arrependo e o quanto isso te machucou, e agora é duplo. Porque eu não quero machucar nenhuma de vocês e sinto que vou machucar. Vou decepcionar vocês duas...”

"Connor, não", eu sussurro, piscando de volta o calor picando meus olhos.

“Mas estou fazendo de novo - sendo egoísta - porque sei que você precisa de tempo e quero dar isso a você. Eu faço.” Seu peito diminui e flui a cada respiração. “Mas é como... você invadiu todas as partes de mim e eu não consigo tirar você da minha cabeça. Toda vez que estamos separados, há uma dor no meu peito. É como se eu não pudesse respirar, a menos que esteja com você.”

"É como um ruído branco", murmuro, virando-me para que eu possa enxugar minhas lágrimas sem que ele veja.

"O quê?" Ele gentilmente agarra minha mandíbula, forçando-me a encará-lo. "Como é o ruído branco?" Ele pergunta seus olhos voando entre os meus.

Dou de ombros, medo preenchendo as profundezas das minhas palavras. “Quando você não está por perto. É como um ruído branco dentro de mim, como se tudo fosse um caos e nada fizesse sentido, e então eu ouço sua voz, ou vejo você e é como se... como se tudo se tornasse claro e... ” Eu não termino meu pensamento antes de sua boca cobrir a minha, o calor de sua respiração cobrindo cada



centímetro de mim. Seus lábios se abrem, nossas línguas colidem. Um gemido me escapa quando seus dedos se enrolam nos meus cabelos. Todo movimento, todo toque se aquece. Eu luto para respirar, meu corpo inteiro em chamas. Eu me afasto, respiro fundo, mas ele não para. Não pode. Ele se move para o meu pescoço, beijando lá, quando suas mãos caem na minha cintura. Capto sua boca novamente, precisando de mais dele. Línguas deslizando uma contra a outra, ele nos muda até que eu esteja de costas, e ele está debruçado sobre mim, seus beijos dominando, me reivindicando a cada segundo que passa. Eu levanto meus dedos passando pelos cabelos dele enquanto sua boca se move para baixo, para baixo, para baixo do meu pescoço até a clavícula. Sua mão se espalha pelo meu estômago, a umidade de sua língua deixando um rastro na ascensão dos meus seios. Então ele muda a mão, se movendo mais alto, levando minha blusa com ela. Meus dedos ficam tensos em seus cabelos quando sua boca encontra um mamilo e depois o outro. Eu fecho meus olhos com força, tento fazer o mesmo com minhas coxas para aliviar a dor que cresce lá, mas seu aperto na minha perna me impede. A palma de sua mão cobre o meu sexo, e eu solto seu cabelo, agarro o travesseiro debaixo de mim, meus quadris subindo. "Está tudo bem?" Ele pergunta sua voz rouca, cheia de luxúria, me deixando selvagem.

"Por favor", eu sussurro, abrindo minhas pernas para ele.



Seus olhos levantam, travam nos meus, enquanto sua mão desliza por baixo dos meus shorts e roupas íntimas, seus dedos rapidamente encontram a evidência do meu desejo. Um único dedo desliza dentro de mim sem esforço, e minha cabeça rola

para trás quando ele começa a bombear lentamente, com a boca aberta no meu estômago tenso. Encontro seus cabelos novamente, puxando com uma mão, a outra estendendo a mão para segurar meu peito. Com os olhos fechados, posso sentir cada movimento, cada toque, cada vibração quando ele geme contra a minha carne. E então começa, meu corpo inteiro fica tenso, meu núcleo pulsando. "Oh, Deus, Connor", eu sussurro, meus quadris se movendo, encontrando-o impulso por impulso. "Eu vou gozar."

"Não."

Meus olhos se abrem quando ele se afasta completamente. "Não?" Eu quase choro.

Ele está entre as minhas pernas agora, dedos enrolados no topo da minha bermuda. Ele os arrasta lentamente, levando minha calcinha com eles. Ele os joga atrás dele. "Tire sua blusa", ele ordena. Começo a tirar minha blusa, observando-o chegar atrás dele para descartar a sua.

Seu peito nu e quente bate contra o meu quando sua boca faz o mesmo, e eu estou perdida. Estou tão perdida em todas as coisas, Connor. Gentilmente, ele empurra até que eu esteja de costas novamente, sua boca deixando um rastro aquecido enquanto ele lentamente desce meu corpo. O suor reveste minha carne, meu pulso acelerado batendo violentamente em meus tímpanos e por todo o meu corpo. Mordo meu lábio, engulo meu gemido quando sinto sua boca no meu centro, sua língua deslizando entre minhas dobras. "Oh, merda." E então ele adiciona os dedos, e não demora muito para eu subir novamente, cada vez mais alto, cada expiração cheia de felicidade. Eu agarro seu cabelo



novamente, o seguro lá, meus quadris tremendo, minhas respirações combinando com cada pulsação, cada batida de liberação cheia de êxtase. Minhas costas arqueiam para fora da cama, e então meu corpo inteiro segue enquanto ele chupa, devorando meu prazer líquido.

Meu corpo entra em erupção.

Logo antes do mundo ficar branco.

Connor beija o interior das minhas coxas, por sua vez, depois lentamente sobe sua boca encontrando meu pescoço. "Deus, eu queria fazer isso por..." Ele não tem chance de terminar antes que eu esteja empurrando seu peito, rolando-o de costas e montando seus quadris, sua dureza pressionando contra meu núcleo nu. Eu beijo meu caminho pelo torso dele, minha língua provocando o local logo acima do short dele, enquanto minha mão desliza ao longo de seu eixo.

"Ava", ele sussurra, e eu olho para ele. No rubor queimando suas bochechas. "Você não precisa fazer isso apenas..."

Abaixo o short e acaricio-o, pele contra pele, sentindo suas coxas tensas contra minha palma achatada.

"Porra, querida."

Eu lambo todo o seu comprimento.

"Ava", ele geme, puxando meu cabelo, forçando minha cabeça para trás para olhar para ele. "Venha aqui."



Com minha mão ainda acariciando, subo seu corpo novamente até que minha boca esteja a um centímetro da dele. Ele cobre esse espaço, seus lábios suavemente separando os meus. Eu sinto meu prazer em sua língua, e isso só me excita mais. Ele se afasta antes que eu esteja pronta, sua mão na minha nuca, olhos procurando os meus. "Eu amo você, Ava", ele respira. "Eu te amo mais agora do que nunca."

"Eu também", eu sussurro através do nó repentino na minha garganta. "Deus, Connor, eu te amo muito." Eu o beijo novamente, e novamente, ele quebra o beijo.

“Eu *quero* você, Ava. *Todos* vocês.”

"Você tem certeza?"

Ele revira os olhos. "Essa é a coisa mais idiota que você já disse."

Dou uma risadinha, meus lábios encontrando seu pescoço. "Eu tenho preservativos na minha mesa de cabeceira."

"Obrigada, porra", ele sai correndo, estendendo a mão para abrir a gaveta. Ele encontra a caixa fechada e a abre em segundos. Então ele tira as instruções, desdobra-as cuidadosamente.



Eu rio em seu peito.

"Você está tirando sarro de mim?"

Eu pressiono meus lábios com força. "Não."

"Isso é muito importante, mocinha", ele zomba em um tom autoritário. "Deixe-me me concentrar."

Enquanto seus olhos disparam de um lado para o outro, lendo as instruções, sento-me e tiro seu short completamente, depois sento de novo, deixo minha umidade deslizar por ele, para frente e para trás, para frente e para trás. Ele morde o lábio enquanto olha para mim, sem fôlego. "Você é tão ruim", ele murmura, colocando as instruções em seu peito. Ele pega um preservativo, rasga-o e depois o compara com o diagrama da figura.

Ele começa a colocá-lo e eu termino para ele. "Bom?" Eu pergunto.

Ele assente, suas mãos indo para a minha cintura. “Tudo bem, eu esperei dezoito anos por isso. É melhor que seja bom”, brinca.

Levanto-me de joelhos, coloco-o em posição, depois me abaixo lentamente, tentando o meu melhor para esconder o ligeiro desconforto do tamanho dele. Pode não ser a minha primeira vez, mas definitivamente não é algo com o qual meu corpo se sinta confortável. Ele solta um suspiro que estava segurando, seu aperto firme nas minhas coxas agora, implorando para eu ficar parada. "Você está bem?", Pergunto. Talvez eu tenha feito errado.



Seu nariz está torcido, o lábio inferior preso entre os dentes. "Uh huh." Mas todo o seu rosto está vermelho e sua respiração é curta, aguda.

"Estou machucando você?"

"Não", ele apressa, então lentamente remove as mãos das minhas coxas, sua respiração cambaleando.

Eu ri de como ele está tentando mantê-lo unido.

"Não faça isso", diz ele.

"Fazer o que?"

"Rir. Você está apertando ao meu redor."

"Ok, eu vou parar."

"Bom." Sua garganta balança com o engolir. Então ele solta um suspiro pesado, suas mãos encontrando meus seios. Ele aperta uma vez. "Então, isso é sexo, hein? Não vejo qual é o problema", ele brinca.

"Não", eu digo, levantando-me lentamente e, em seguida, levando-o inteiramente novamente.

"Oh, foda-se", ele grunhe, empurrando debaixo de mim.

"*Isso é* sexo."

Ele cobre os olhos com o antebraço. "Jesus, Ava, eu não vou durar muito."

"Está tudo bem", eu garanto. "Você vai durar mais na próxima vez."



Ele remove o braço, a sobrancelha arqueada. "Você vai me deixar fazer isso de novo?"

"Uh huh", eu digo, levantando e depois pressionando sobre ele. "E de

novo e de novo e de novo", eu gemo, repetindo o movimento com cada afirmação.

Doze segundos depois, estou rolando para o meu lado.

Eu sei o tempo porque, aparentemente, ele contou isso na cabeça. Ele sai da cama para limpar e depois rasteja de volta, com os braços em volta de mim. "Bem, pelo menos eu sei que posso vencer o meu tempo de ejaculação na próxima rodada."

Eu rio em seu peito.

"Estou pronto quando você estiver."

Eu recuo. "Não, você não é."

Ele faz um gesto para o espaço entre nós, e eu abaixo minha mão sinto-o duro ao meu alcance. Um sorriso idiota cruza meus lábios, e eu o alcanço, pego outra camisinha. Desta vez, ele se senta entre as minhas pernas, seu olhar intenso e o meu. Então ele se abaixa, seu pau na minha entrada. Com os lábios pressionados no local logo abaixo da minha orelha, ele sussurra: “Você é minha primeira em *tudo* agora. Meu primeiro e *para sempre*.” E então ele desliza para dentro de mim, e eu mordo de volta um gemido, meus olhos se fechando quando sinto sua mão fechar a minha acima da minha cabeça, me segurando lá. Ele se move, me penetrando. Não apenas fisicamente. Mas em todo lugar. Em todos os sentidos. Encontro o ponto acima do coração dele, sinto a mágica pulsando entre nós, sacudindo minha fundação... escurecendo meu mundo inteiro. "Eu te amo muito, Connor."



Capítulo 19

Connor

Não acordo mais como virgem. Sim, esse é o meu primeiro pensamento. Meu segundo pensamento é porque estou acordando. "Fique", Ava sussurra, plantando um beijo suave nos meus lábios. Eu luto para forçar meus olhos a abrirem, mas estou feliz por fazê-lo porque Ava está quase um centímetro na minha frente, seus dedos acariciando meu cabelo. Seus lábios se curvam nos cantos quando ela pergunta: "Que horas você precisa para ir à escola?"

"Eu não sei", murmuro, puxando-a para mais perto de mim. Mmm. Ava quente e nua é a melhor. "Eu tenho um alarme definido."

“Ok, volte a dormir. Saia quando estiver pronto. Eu vou fazer o seu café da manhã.”

Não posso deixar de sorrir. "Sim?"

Ela assente.

Aninhando seu pescoço, murmuro: "Eu certamente poderia me acostumar com isso."

Com uma risadinha, ela se afasta de mim, desembaraçando-se dos meus membros. "Eu tenho que ir."



Meus olhos se fecham novamente, e na próxima vez que acordo é porque as cobertas estão sendo arrancadas de mim completamente. Trevor grita: “Ava! Há um Connor nu na sua cama!”

"Foda-se!" Eu suspiro, pegando o que posso do cobertor e cubro meu lixo.

"Cale-se! Deixe-o em paz!” Ava chama de volta. Um momento depois, ela está na porta.

"Bom dia, sol", Trevor canta, levantando as cortinas. Eu me encolho contra a luz do sol filtrando pela janela. "Precisamos conversar", acrescenta, sentando-se na cadeira da mesa de Ava.

Ava suspira enquanto entra no quarto, pegando meus shorts descartados do final da cama e entregando-os para mim. Ainda estou meio adormecido, e por isso me atrapalho em colocar meu short sem me revelar inteiramente ao irmão da minha namorada. Ava senta ao meu lado. "O quê?" Ela rosna para Trevor.

Trevor olha entre nós, depois coloca seu olhar em mim, seus olhos brincalhões. “Bem, bem, senhor Duke. O que temos aqui?"

Ele quer jogar, e eu estou aqui para isso. Eu não pulo uma batida. "Sua irmã levou minha inocência."



"Jesus, Connor!" Ava ri.

Acrescento incapaz de esconder meu sorriso: "Foi muito *legal*... a coisa toda sobre *sexo*..."

"Pare com isso!" Ava ri.

Eu continuo enquanto Trevor balança a cabeça, tenta conter sua risada. "Entre você e eu, Trevor, tenho certeza de que dei a ela os melhores doze segundos de sua vida."

Depois de me vestir, encontro todos na cozinha. Trevor está comendo bacon e ovos, enquanto Ava fica em cima do fogão e Jo limpa a bancada. "Bom dia, senhorita D", saúdo hesitante enquanto estou ao lado dela.

Ela assente. "Bom dia, Connor, 1,98m, mas está esperando um surto de crescimento." Um segundo depois, ela acrescenta: "Arremesso fraco."

O fato de ela se lembrar de mim acalma a dor que tive no meu peito durante a maior parte de ontem. Eu me inclino contra o balcão, de frente para ela. “Eu sei que esse arremesso fraco me deixou todo All-American *e* uma volta completa para Duke. Além disso... recebi o impulso de crescimento que esperava. Estou oficialmente com 2,01m agora, então você terá que se lembrar disso quando me receber em seguida.”

Seu olhar passa para o meu. "Connor, 2,01m." Ela encolhe os ombros. "Arremesso fraco."



Trevor ri baixinho.

"Coma" ordena Ava, largando um prato de comida na mesa. Sento-me em frente à Trevor e cavo.

“Como você cortou a torrada em pequenos triângulos?” Ele pergunta a Ava.

Ela revira os olhos. "Você quer um pouco de pimenta com suas torradas, sua putinha?"

"Ava", Jo adverte. "Seja legal com seu irmão."

Trevor mostra a língua para a irmã.

Então Jo murmura: "Vinte a doze, vinte a doze, vinte e doze".

Todos paramos o que estamos fazendo e olhamos para ela.

"Vinte para doze, vinte e doze, vinte e doze."

"Você está dizendo a hora?" Ava pergunta. "Porque são apenas 06h40min."

Jo balança a cabeça quando ela se vira para nós, seus dedos batendo na têmpora. "Vinte para doze, vinte e doze, vinte e doze."

"Não seria a hora", murmura Trevor. "Ela usaria tempo militar."

"Aqui", diz Jo, frustrada, enquanto seus dedos se movem da cabeça para o coração. "Vinte para doze, vinte e doze, vinte e doze."

Trevor acrescenta: "Veja, ela estaria dizendo 11h40min se fosse à hora".



"Mamãe?" Ava pergunta, caminhando em sua direção. "O que é vinte para doze?"

"Aqui!" Jo quase grita mão no peito.

"No seu coração?" Pergunta Ava. "Seu batimento cardíaco?" Seus olhos estreitam. "O que...?"

Jo grita. "A *felicidade*!"

A cabeça de Ava se move de um lado para o outro, lentamente, lentamente. "A *felicidade* é às 11h40min?"

O nariz de Jo brilha com a expiração, um gemido frustrado se formando em sua garganta.

"Espere!" Eu levanto rapidamente, minha mente acelerada. "Ela está falando sobre o placar!"

Ava respira fundo. "Qual Placar?"

Não consigo parar de sorrir quando me aproximo de Jo. “A pontuação, certo? Do nosso mano a mano na outra noite?

"Não", Trevor sussurra. "Não pode ser."

"Sim!" Jo assente, seu sorriso enorme. "A pontuação!" Seus braços sobem vitoriosos. "Eu lembro!"



"Você lembra!" Ava grita, rindo.

"Puta merda", diz Trevor através de uma risada. Ele também se levanta, erguendo Jo no ar e girando-a.

Quando ela se põe de pé, ela ri: “Vinte para doze!” Com a mão no peito, ela acrescenta, olhando diretamente para mim: “A Felicidade. Aqui. Meu coração."

"Seu coração?" Eu pergunto através do nó na minha garganta, depois me inclino para trás, meus olhos para o céu enquanto respiro calmamente. "Merda, Srta. D. Você quase partiu *meu coração* quando não se lembrava."

Jo ri. "Vinte para as doze."

"Isso mesmo." Concordo.

Ela sorri largamente. "Eu venci."

"Você não fez", eu rio. "Você me deve o jantar!"

Jo ri. "Não me lembro dessa parte."

“Ah, então você tem perda *seletiva de* memória. Eu vejo como é."

Atrás de mim, Ava envolve os braços em volta da minha cintura. Eu puxo sua mão até que ela esteja do meu lado.

Jo sorri para nós, depois olha para mim. "Ela disse que você *não* é o namorado dela."

"Ela disse isso, hein?"



Os ombros de Jo saltam com sua risadinha. "Sim."

Eu levanto meu queixo, olho para ela. "Então, o que você vai me alimentar hoje à noite?"

"Merda de cachorro do vizinho."

Ava ri no meu peito.

Eu digo: “Mmm-hmm. Meu favorito!"

“E os tacos?” Ela pergunta.

"Sim!"

Todo telefone da casa toca com um alerta. O meu ainda está no quarto de Ava, então espero Ava e Trevor lerem o que estiver em suas telas.

"Seus sortudos," Trevor murmura.

"A escola está cancelada hoje", Ava diz me mostrando seu telefone.

Eu li a mensagem: *Devido a circunstâncias imprevistas, não haverá aulas na Academia St. Luke hoje, fevereiro...* Outra mensagem é recebida, esta de Rhys, e sem pensar, eu a abro. É uma foto de um imenso pau de borracha de um metro e meio preso nas principais e únicas portas da escola. Dou uma risada e mostro a Ava. Ela faz o mesmo e mostra Trevor.

"O que é tão engraçado?" Jo pergunta, tentando olhar para o telefone.



Trevor devolve para Ava sem mostrar a ela.

"Alguém acabou de fazer uma brincadeira estúpida na escola", Ava diz à mãe.

"Mostre-me."

"Não, mamãe, é inapropriado."

"Mostre-me!"

Eu digo: “Mostre a ela. É engraçado."

Ava suspira, mostra à mãe a foto. Os olhos de Jo se arregalam.

Ava olha para Trevor. "Bem, acho que podemos ligar para Krystal e dizer a ela para não vir."

"Nah", diz Trevor, "A agência precisa de aviso prévio de 24 horas, ou ainda nos cobrará."

"Vá!" Jo pede.

Ava recua diante de sua resposta. "Ir aonde?"

"Qualquer lugar. Vocês dois” Jo diz, apontando entre Ava e eu. "Você vai. Sejam crianças. Divirtam-se."

"Você tem certeza, mamãe?" Ava pergunta, mas eu já posso ouvir a emoção em sua voz. Um dia inteiro para passarmos juntos, sem restrições. Só tivemos essa oportunidade outra vez e foi o melhor dia de nossas vidas.

"Tenho certeza", diz Jo, sua voz suavizando. "Você precisa disso. Você merece isso."



"Obrigado, Srta. D." Eu levanto minha mão para ela bater, esperando que ela devolva.

Em vez disso, ela agarra minha mão, coloca-a diretamente em suas cicatrizes e olha para mim. "Você sabe por que eu gosto de você, Connor?"

Eu sorrio de orelha a orelha. "Porque eu sou bonito?"

"Porque você me trata como se eu fosse humana." O sorriso dela ilumina seu rosto. "Agora me prometa que você vai", diz ela, soltando minha mão para tocar em seu peito novamente. "Vá e encontre a felicidade em seus corações, como eu fiz."

"Eu prometo", digo a ela através da dor repentina na minha garganta.

Trevor se levanta para colocar a louça na pia e dá um tapinha no meu ombro quando ele sai da cozinha, "Droga, Connor, você é como um mágico."

Ava suspira, olha para mim, seus lábios abertos, olhos arregalados. “Meu *mágico.”*



Capítulo 20

Ava

Na gaveta da minha mesa vive um cheque.

Um cheque de seis dígitos.

Assinado por Peter Parker.

A soma é suficiente para colocar minha mãe em um centro de tratamento em tempo integral.

Em minha mente,

Eu me pergunto como seria não ter que se preocupar tanto quanto nós.

No meu coração,

Eu tento imaginar como seria *abandona*-la assim.

A verificação é feita para mim.

Eu posso cuidar de você, Ava,

Peter disse.

Mas é o nosso pequeno segredo.

Em minha mente,



Eu me pergunto por que ele não ofereceu a Trevor.

Mas no meu coração,

Eu já sei.

Na gaveta da minha mesa, vive uma foto.

Eu e minha mãe cercadas por vaga-lumes.

Quando o mundo está mais escuro,

é quando a mágica aparece,

Minha mãe diz.

Então, na minha mente,

Eu questiono se o cheque é uma forma de mágica.

Mas no meu coração,

Eu acredito que a **esperança cria o *mágico.***



Capítulo 21

Connor

Assim que Krystal chega à casa de Ava, vamos até a minha e vamos direto para a cama. Eu ligo para papai, confirmando que ele recebeu a mensagem da escola e digo que Ava está aqui, e provavelmente vamos ficar no meu quarto para que ele não tenha nenhuma surpresa indesejada quando voltar para casa. Assim que minha cabeça bate no travesseiro, eu estou lutando para ficar acordado, e com certeza, há outras coisas que eu preferia estar fazendo com a minha namorada na *minha cama,* mas eu estou porra cansado. Embora o jogo da noite passada tenha sido um W fácil, eu ainda fui duro. Eu costumava aparecer para chamar a atenção das faculdades; agora faço isso para olheiros da NBA. Ava deve sentir tudo isso porque ela beija a ponta do meu nariz, passa a mão pelo meu cabelo. "Tire uma soneca, querido."

Com pálpebras pesadas, eu a beijo rapidamente. "O que você vai fazer?"

"Você tem fones de ouvido?"



"Na minha mesa."

Ela sai da cama e volta com eles e o telefone. "Vou ouvir um podcast ou algo assim."

"Tem certeza?"

"Sim."

Dois minutos depois, com os fones de ouvido, ela está dormindo profundamente, roncando levemente. Sorrio enquanto a observo, absorvo tudo que amo e sinto falta dela. Seus lábios se curvam como se soubesse que estou assistindo, mas ela não reage com palavras. Ela simplesmente se aproxima, até que não haja nada entre nós.

Sem espaço.

Sem passado.

Sem arrependimentos.

Acordo com o telefone tocando em algum lugar do outro lado do meu quarto. No começo, eu ignoro, porque a única pessoa com quem me preocupo em responder está nos meus braços. Mas então ele toca de novo e de novo, e Ava está dando um tapa na minha bochecha, murmurando no travesseiro, "Diga para calar a boca."

"Cale a boca", murmuro.

Ele para de tocar e Ava sorri. "Ei, funcionou." Mas então o telefone dela toca e, é claro, ela se senta imediatamente e começa a procurá-lo, mesmo que esteja vibrando *na mão*.

Com uma risada, retiro-a de suas mãos. O rosto presunçoso de Rhys ocupa a tela inteira e eu respondo: "O quê?"



"Eu tentei te ligar."

Eu rolo de costas, meu antebraço cobrindo meus olhos. "Esquisito."

"Quem é?" Ava pergunta.

"Rhys", eu respondo, observando-a se mover para montar meus quadris. Ela abre um sorriso, logo antes de abaixar o peito no meu, sua boca indo para o meu pescoço, me beijando lá. "Isso é importante?" Eu digo ao telefone. "Porque estou um pouco preocupado agora."

Ava ri enquanto o silêncio preenche a linha telefônica.

"Legal" murmuro depois de esperar um pouco. Então eu desligo minhas mãos instantaneamente agarrando a bunda de Ava.

Ela começa a beijar meu peito nu, chegando ao meu estômago antes de olhar para cima e pergunta: "Você tem preservativo aqui?"

Merda. "Eu não sei."

"Bem..." Ela começa a me tirar, mas eu a seguro lá.

Para mexer com a cabeça, eu digo: “Espere. Meu pai deveria estar em casa. Vou perguntar a ele."

"O que? Não!"

"Por que não?"



"Eu não quero que ele saiba o que estamos fazendo aqui!"

"Como se ele já não soubesse, e mesmo que soubesse, ele preferiria saber que estamos a salvo." Limpo a garganta, grito: "Pai!"

Ela cobre minha boca, os olhos arregalados, depois rola para o lado quando papai bate na porta. "Connor?" Ele pergunta. "Você precisa de mim?"

'Eu te odeio", ela murmura.

Eu rio baixinho. "Sim, eu estava apenas vendo se você estava em casa."

"Oh, tudo bem."

O telefone de Ava toca novamente, ainda Rhys, e desta vez Ava atende, coloca no viva-voz. "Ei, Rhys."

"O Ledger está com você, certo?"

"Sim."

“Festa na piscina na minha casa. Apresse-se.”

"Tudo bem", Ava ri. "Vou conversar com meu *namorado* e ver se ele quer ir."

“Ele não tem escolha, A. Ele deu bolo na festa da noite passada e precisa aparecer. Ele é o *capitão.*"

"Co-capitão", interrompi. "E parece que você está fazendo o suficiente por nós dois nessa frente."

"Ava", Rhys fala sério.

"Sim?"

Seu tom fica sério. "Diga ao seu namorado que ele precisa pelo menos fazer uma aparição... *para o time.*"



Levantando as sobrancelhas, Ava me dá aquele olhar que diz, *ele está certo, Connor* sem dizer uma palavra, e então digo a Rhys: "Eu estarei lá em breve... *mais ou menos.”*

Rhys desliga sem outra palavra, e eu me viro para o meu lado e pergunto: "Como diabos ele está dando uma festa na piscina quando está frio?"

"Você não viu a piscina coberta dele?"

"Existe uma piscina coberta?"

"Sim. Na asa oeste.”

“Eles têm *asas?”*

Ela me ignora e acrescenta: “Mas é mais uma praia do que uma piscina. Há areia e ondas, e de alguma forma parece verão, como o sol sai mesmo quando está trinta graus fora.”

Eu ignoro a pergunta incômoda de *como* ela sabe disso e pergunto: “Você sente falta? A casa e dinheiro?”

O olhar dela cai, os olhos se movendo para o espaço entre nós. “A casa, sim, mas principalmente por causa das memórias que ela traz. O dinheiro apenas porque tornaria nossas vidas muito mais fáceis. ”



"De quem era a casa, afinal?" Eu pergunto, me aproximando e colocando minha mão em seu quadril. "Era do pai de Trevor ou da sua mãe?"

“Era dos meus avós. Eles deixaram para mamãe quando morreram. É

dinheiro antigo, tipo, tataravós. É uma merda que eu não seja capaz de passar isso para os nossos filhos quando nós... quero dizer, o *meu... eu*" Ela para por aí, rosa corando as bochechas.

Afasto as fantasias de uma eternidade com ela, mesmo que tenha pensado nisso mais vezes do que gostaria de admitir.

"Mamãe me disse que seus pais estavam chateados quando ela decidiu se juntar aos fuzileiros navais. Veio do nada. Ela foi para St. Luke's também."

"Oh sim?"

Ava assente. "Ela foi à primeira aluna a ser suspensa por não usar roupas adequadas, mas não era como se a saia fosse muito curta ou algo assim. Foi porque ela usava botas e calças de combate." Suas palavras vacilam no final, uma risadinha fraca tomando seu lugar.

"Isso soa como sua mãe", penso, e pergunto: "Você sabe quem é seu pai?"

"Não", ela responde, balançando a cabeça. Ela vira de costas, olhando para o teto, sua mão cobrindo a minha na barriga. "Mamãe disse que ele era um cara com quem ela namorou por um tempo, mas ele não ficou tempo suficiente para ela dizer que estava grávida."



"Você sempre quis procurá-lo? E se ele pudesse ajudá-la financeiramente?"

"Pensei nisso por *um* segundo. Mas seria quase impossível. Ela nunca me disse o nome dele ou na minha certidão

de nascimento, e não quero perguntar a ela agora. Não quero que ela saiba como estamos desesperados, sabe?”

Inclino-me no cotovelo e olho para ela. "É tão ruim assim?"

"Estamos bem agora, mas sim..." O canto de seus lábios afunda. "Nós estaremos no vermelho muito em breve."

"Então, o que você vai fazer então?", Pergunto.

Ava encolhe os ombros, seu peito subindo com sua inspiração pesada. Seus olhos se voltam para os meus rapidamente antes de se afastar. "Só espero que tudo se encaixe."

O telefone dela toca com uma mensagem de texto e ela revira os olhos enquanto lê.

Rhys: *Vou mandar Mitch pegar suas bundas se você não chegar aqui logo.*

Ava suspira. "Você quer ir?"

"Você?"

“Eu acho que sim. Isto devia ser divertido."

"Então, ficar na cama e bater no meu tempo de ejaculação."



Rindo, ela sai da cama, me arrastando com ela. "Teremos mais tempo para isso mais tarde."

"Ava." Eu estou na frente dela, pego as duas mãos na minha. "Isso é importante, e preciso que você me escute."

"OK."

"Porque eu não quero decepcioná-la."

"Connor." Ela faz beicinho para mim. "O que há de errado?"

Balanço a cabeça, respiro fundo. "Não sei se consigo vencer um minuto, quarenta e oito."

***

Ava está de biquíni que mostra *tudo*. Bem, não tudo, mas perto o suficiente, e eu não sei como me sentir sobre isso. Felizmente, ainda não saímos, então não há olhares indiscretos.

"É muito revelador?"

Sim. Eu aperto meus lábios, balanço minha cabeça. "Não."



"É que eu não comprei nenhum novo desde tudo com mamãe, então tudo isso é como quando eu tinha catorze anos."

Bem, isso explica tudo. "Quero dizer, é um pouco... apertado."

De pé na frente de um espelho de corpo inteiro, tento desviar os olhos da bunda dela enquanto ela olha por cima do ombro para mim. "Pequeno demais para se desgastar?"

Não seja idiota, Connor. Não seja idiota. "Está tudo bem." *Não está.*

"Connor, seja honesto e pare de olhar para minha bunda!"

Eu levanto meu olhar. "Eu não posso evitar." Estendo a mão, pego dois punhados e faço beicinho quando ela dá um tapa na minha mão.

"Bem? É pequeno demais?"

"Honestamente?"

Ela assente.

"Não é que seja muito pequeno. Só que talvez você tenha se *exercitado* um pouco desde então, e eu não sei, Ava", eu resmungo, "Eu já estou ficando nervoso pensando em todos os caras vendo você nisso, e eu não quero esfaquear meus colegas de equipe porque eu quero chegar ao estadual."

"E o tempo de prisão seria péssimo..."

"Sim, acho que também."



"Eu simplesmente não vou à piscina."

"Mas isso é *divertido*. Você disse que queria se divertir." Eu gemo. "Não me escute. Você não deveria me deixar dizer o que você pode ou não usar de qualquer

maneira. Mas apenas... mantenha-me longe de facas."

Ela ri.

"E talvez canetas também; qualquer coisa que eu possa usar para esfaquear alguém."

"Tudo bem", ela murmura, abrindo à cômoda. Ela puxa um par de shorts jeans, e eu agarro o colchão quando ela se inclina na minha frente para deslizá-los sobre as pernas.

Eu me ajusto no tempo antes que ela se vire para mim, e agora seus peitos estão lá, e eu me contorço, a protuberância nas minhas calças dolorosamente desconfortável. "Você tem certeza de que não podemos apenas..."

"Fazer sexo sem fim?", Diz ela, revirando os olhos.

"Eu não me importaria."

Outro revirar os olhos, e agora estou começando a me sentir inseguro. "Eu vou melhorar."

Ela abre outra gaveta. "Cale a boca, idiota."

"Mais uma vez, você tem a linguagem do amor mais estranha."



Ela pega uma camisa dos Wildcats, a *minha,* e a escolhe. "Pronto", diz ela, virando-se para mim. "Agora todo mundo saberá que eu sou sua. Como é isso para a linguagem do amor?"

Estendendo a mão, agarro sua mão e puxo até que ela esteja em pé entre as

minhas pernas. Cabeça inclinada para trás, os olhos nela, eu digo: "Diga-me."

Ela oferece um sorriso, tão genuíno e sincero. "Eu te amo, Connor Ledger." Então ela pega meu rosto em suas mãos, me beija, sua boca já aberta quando encontra a minha. Língua separando meus lábios, ela me mantém prisioneiro de seu desejo. Quando ela se afasta, acrescenta: “E você é incrível na cama. O melhor minuto e quarenta e oito segundos da minha vida.”

***

Ava me leva pela minha mão para a "asa oeste", mesmo que eu pudesse ter chegado lá pela música estridente e pelas crianças gritando. Ela não estava brincando quando disse que a piscina coberta era mais uma praia. Tire as óbvias paredes panorâmicas pintadas, e eu pensaria que estava em Myrtle Beach durante as férias de primavera.

Assim que Rhys faz minha presença conhecida, sou bombardeado pelos caras do time e por algumas garotas que já vi por aí. O aperto de Ava na minha mão enfraquece, e eu a seguro mais apertado, certificando-me de que ela não tenha chance de fugir. Para se *esconder*. Não demora muito para os caras perceberem que ela está aqui também, e eles a cumprimentam com o mesmo entusiasmo. E não sei se é honesto ou se eles estão fazendo isso por mim, porque sabem o quanto ela é importante, mas eu aprecio isso. Karen aparece em seguida, declara Ava como dela para o dia, e eu relutantemente solto meu aperto e deixo que elas saiam juntas. Mas eu a observo. De perto. Porque eu *não posso*. Adoro ver o sorriso genuíno em seu rosto quando ela se senta com um grupo



de garotas que suponho que já foram amigas dela. Adoro ver os olhos dela brilharem quando ela ri, a maneira como a cabeça se inclina para trás com a força e a maneira como as mãos se movem a sério quando é ela quem está falando. Eu amo o jeito que ela olha de vez em quando, seus olhos me procurando, e o jeito que seus lábios se curvam quando ela me vê.

Eu até amo o jeito que seus quadris balançam quando ela caminha em minha direção, ignorando o fato de eu estar com alguns de meus colegas de equipe. Ela joga os braços em volta do meu pescoço, arrasta meu rosto até o dela e me beija com tanta paixão e luxúria quanto ela faz a portas fechadas. Eu amo o jeito que ela olha para mim, seus cílios escuros abanando aqueles olhos cor de bordo e o jeito que ela sorri quando diz: "Eu encontrei".

"Encontrou o que?"

“A *felicidade*."



Capítulo 22

Ava

"Quão estúpidos podem ser dois idiotas?" Connor grita, apertando o volante com força ficando brancas enquanto nos leva para casa da escola.

Eu não respondo, porque não há nada que eu possa dizer para deixar tudo bem.

A equipe chegou às regionais.

O problema? Mitch e Rhys estão suspensos. Fora do jogo. E nenhuma quantia ou dinheiro de seus pais ou ofertas para construir um prédio totalmente novo nas dependências da escola é suficiente para fazer com que a diretoria da escola renuncie à sua decisão.

O *vibrador gigante* todo *colado à porta e lubrificado para tornar impossível remover a* coisa? Isso foi feito pelos dois idiotas aos quais Connor se refere. O que significa que Connor - ele terá que carregar toda a porra do time nas costas para ter uma *chance de* ganhar.



Isso tudo aconteceu apenas algumas horas atrás. E a final regional é *hoje à noite*. Dizer que ele está chateado seria o eufemismo do século. Seu telefone toca sem parar desde que saímos da escola, e ele ignora todas as ligações, além de seu treinador, que quer que Connor volte

para a escola imediatamente para que possam refazer sua lista inteira. Eu disse a ele que ele poderia ter ficado que ele não precisava me levar para casa, mas ele garantiu que precisava sair, para desabafar. E é isso que ele está fazendo... Enquanto dirige.

"Sobre uma brincadeira estúpida e inútil, Ava!"

"Eu sei Baby. Eu sinto muito."

Suas narinas se abrem, seu queixo se contrai. Estendo a mão, ansiosamente coloco a mão em sua perna. Seu olhar se abaixa ao toque e seu peito se agita. Sem aviso, ele joga no acostamento da estrada, cascalho girando sob as rodas. Meu cinto de segurança pega quando ele freia com força. Ele toma algumas respirações calmantes antes de se virar para mim. “Sinto muito, Ava. Estou atirando isso em você.”

"Está tudo bem", eu garanto. "Eu entendo." Na verdade, eu entendo. Isso é tão importante para ele. Depois disso, poderia ser as estaduais.

"Eu sei que você faz, mas ainda assim, eu..."

“Connor, eu entendi. O que posso fazer para ajudar?”

"Eu não sei", ele respira. "Além de socar aqueles dois em seus traseiros desequilibrados, não tenho nada."



"Eu poderia fazer isso", digo a ele. “Eu ficaria *feliz* em. Especialmente Mitch.”

Um toque de sorriso brilha em seus lábios, e ele se inclina para mim e dá um

beijo na minha têmpora. "Você vai assistir ao jogo, certo?"

"Claro. Não perderíamos isso por nada no mundo. Eu garanto que mamãe já está usando sua camisa."

O sorriso dele se amplia. Então ele enfia a mão na mochila, mexe até encontrar um marcador preto grosso. Ele me entrega e diz: "Me faz um favor?"

"Qualquer coisa."

"Você pode escrever a *senhorita D* na minha mão?"

Afasto um sorriso enquanto faço o que ele pede sua mão pousada na minha coxa nua.

"E *Ava* por baixo disso."

Meus olhos se arregalam quando olho para ele. "Você quer meu nome lá também?"

Ele assente uma vez, fazendo um gesto para eu fazer isso. "Você é minha razão, Ava. Vocês duas são."

***



"Lá está ele!" Mamãe grita, se levantando quando o fluxo do jogo começa, e Connor aparece na TV. "Aí está meu garoto!"

"Hum, tecnicamente, esse é *meu* garoto, mamãe."

“Ah, quieta. Não seja gananciosa agora!”

Minutos depois do jogo, podemos ver Connor lutando sem Rhys e Mitch na quadra. Ele é realmente o único no time que vale um centavo, e a Philips Academy, seus oponentes, mantém o que sempre fizeram quando se trata de Connor: eles fazem dupla equipe.

"Jesus Cristo!" Mamãe grita com a TV. "Dê ao menino espaço para respirar!"

"Droga", Trevor grunhe, inclinando-se para frente, os cotovelos nos joelhos. "Ele não pode escapar desses malditos!"

"Saia dele!" Mamãe grita.

Fico quieta, assistindo o garoto que amo jogar um jogo que ele ama, ou pelo menos tentando, mas ele é tão desanimado, tão desesperado. E eu posso ver isso na maneira como seus ombros caem, no sulco da testa e na tensão na mandíbula. Ele está frustrado, e as únicas pessoas que merecem essa frustração estão de terno aquecendo o banco.

Foda-se Rhys e Mitch.

Eles arruinaram isso para ele.



A campainha soa no final do primeiro trimestre e o placar é de 30 a 12, com a liderança da Philips, e embora a maior parte de nossa pontuação tenha sido feita por Connor, isso se deve apenas às constantes faltas contra ele.

A Philips quer sangue.

E Connor é o alvo deles.

"Deus, ele vai odiar isso", murmuro.

"Não brinca", responde Trevor.

O segundo quarto começa e seus oponentes mudaram, mas ainda há dois deles, e com as pernas novas, eles fecharam Connor completamente.

"Foda-se!" Mamãe grita. E sinto a frustração dela até o âmago. Dez minutos depois, o treinador Sykes *força* Connor a desistir. A câmera foca nele enquanto ele cai no banco, com uma toalha no rosto. Ele mantém lá enquanto seus ombros caem, seu peito arfando. Não consigo nem imaginar como ele deve estar esgotado. Que decepção. Seu espírito está esmagado, e eu posso vê-lo através da tela. Quando ele finalmente remove a toalha, seus olhos estão vermelhos, crus, como se ele já soubesse que acabou, não apenas para a equipe, mas também para ele. Uma carranca puxa meus lábios, meu peito doendo ao vê-lo.

“Onde o jogo está sendo jogado?” Mamãe pergunta do nada.

"Na Wyndham Tech."



"A que distância fica isso?"

"São cerca de quinze minutos daqui."

Mamãe se levanta rapidamente. “Bem, vá, Ava! Ele precisa de você.”

Minha respiração pega. Eu daria tudo para estar lá com ele. Para ele. Mas... “Como eu vou? Eu não dirijo. Trevor teria que me levar, e você não pode ficar sozinha.”

Mamãe levanta o queixo. "Então, todos nós vamos!"

"O quê?!" Trevor e eu gritamos ao mesmo tempo.

"Pegue sua merda", mamãe sai correndo. "Sapatos. Chaves. Casaco. Rápido! rápido! Nosso garoto precisa de nós!”

Não perguntamos se ela tem certeza de que quer ir, ser vista em público por *muitas* pessoas, porque é ela quem nos conduz pela porta em poucos minutos. "É melhor você dirigir rápido, garoto, ou eu juro..." Mamãe murmura, clicando no cinto de segurança assim que estamos no caminhão de Trevor.

Para minha surpresa, Trevor *pavimenta* todo o caminho até o complexo. Graças a um pequeno problema na compra de ingressos para entrar *no* jogo, estamos de pé na quadra (graças ao medo das pessoas da aparência de minha mãe quando ela as empurra para fora do caminho), assim como as equipes estão voltando do intervalo. No momento em que o vejo, meu coração começa a acelerar. Coloco minhas mãos em volta da minha boca, grito: "Vaia!" Mas a multidão é muito alta e ele está muito concentrado, então eu respiro fundo, preparo meus pulmões. “VAIA LEDGER! VAIAAA!”



"Por que você está zombando dele?" Trevor pergunta.

"Apenas confie em mim", digo a ele. "VAIA, LEDGER!"

Então mamãe se junta: “VAIA! VAIAAAA!”

E nunca amei meu irmão mais do que quando ele murmura: "Não acredito que estou prestes a fazer isso." Ele me pega sem esforço e eu agarro sua cabeça enquanto me levanta mais alto, me sentando no chão. os ombros dele. "VAIA, LEDGER!" Ele grita tão alto que a multidão ao nosso redor se acalma.

"VAIA!" Mamãe grita, e Oscar, companheiro de equipe de Connor, finalmente se vira para ver do que se trata toda a zombaria louca. Quando ele me encontra, um flash de sorriso curva seus lábios, e ele dá um golpe no braço de Connor, apontando a cabeça em minha direção. Connor olha para cima, para cima, para cima, seus olhos enormes quando ele nos vê. Eu o vejo boca, “um segundo” para o seu treinador, e então ele corre em nossa direção enquanto Trevor me coloca de pé novamente.

Connor está chocado, claramente, seus olhos mudando entre mamãe e eu repetidamente. Ele se instala em mim primeiro. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu precisei..."

É tudo o que posso sair antes de estar em seus braços, sua mão segurando a parte de trás da minha cabeça. Ele me segura em seu peito, onde a magia bate fortemente contra minha bochecha. “Deus, eu estou tão feliz que você está aqui, querida. Estou sendo *destruído* por aí.”



"Eu sei", murmuro, me afastando para olhá-lo, mas ele já está focado na minha mãe.

"Você saiu por mim?" Ele pergunta gentilmente.

"Claro, nós amamos você, Connor", ela responde, e meu coração se enche. "Mas não desista", ela ordena seu tom estrito. "Não se *atreva a* desistir!"

Connor ri uma vez. "Não, senhora." E então o treinador o chama de volta para se juntar ao resto de sua equipe.

"Eu te amo", digo a ele, beijando-o rapidamente. Coloco a camisa dele, a que combina com a minha e a da minha mãe. "Você conseguiu isso!"

Nós perdemos.

Nós mais do que perdemos.

Nós somos *aniquilados*.

Assim que a campainha final soa, Connor aperta a mão da equipe e depois...

Então ele cai sobre um joelho, o braço estendido o mantém na posição vertical enquanto todo o corpo treme de exaustão. Ele está limpo. Completamente drenado. Eu nunca o vi trabalhar tanto, empurrar com tanta força. Quando ele olha para cima, seus olhos cansados contemplam as celebrações de jogadores e fãs da Philips, sem dúvida desejando que ele fizesse parte disso. Ele queria *Estadual*. Ele me disse tantas vezes quanto *precisava do* Estadual. E agora se foi, completamente fora de seu alcance. "Deus, eu odeio isso por ele", murmuro.



Mamãe pega minha mão. “Ele é um garoto forte. Ele vai superar isso.”

"Ava!" Corey, o pai de Connor, chama, marchando pelas arquibancadas. Ele parece como me sinto.

Eu levanto a mão em uma onda, observando as arquibancadas claras atrás dele, e espero que ele pare na minha frente antes de dizer: "Ele deu tudo".

"E mais", Corey concorda. Ele aperta a mão de Trevor e se apresenta à minha mãe, mesmo que ele já a tenha conhecido - embora ela não se lembre das circunstâncias.

"Seu filho brigou", diz a mãe.

"Ele é um guerreiro."

Todos nos viramos para Connor, o único Wildcat que ainda resta na quadra. Ele está sentado na madeira agora, as pernas estendidas, os joelhos levantados, a cabeça entre os ombros. O treinador Sykes se aproxima dele, aperta o ombro uma vez e o que quer que ele diga faz Connor concordar.

O treinador o deixa lá, e Corey agarra meu cotovelo. "Venha comigo", ele me diz, e então eu o sigo para a quadra, hesitante enquanto estou na frente de Connor. Sem olhar para cima, ele levanta a mão e eu a pego na minha. Ele puxa, me puxando para o nível dele. De joelhos, deixei que ele me segurasse, ignorando o aperto de seu abraço ou a umidade que escorria pela minha camisa quando ele limpa os olhos no meu ombro. Todo o seu corpo treme, não por causa do choro, mas pela adrenalina que ainda o bombeia. Ele pressiona seus lábios na minha têmpora, suas respirações pesadas cobrindo minha bochecha.



“Sinto muito, querido. Eu sei o quanto isso significou para você.”

Ele engole em voz alta, antes de se afastar, seus olhos vermelhos quando eles travam nos meus. Ele assente, e eu sei que ele pode me ouvir, me entender, mas não é suficiente para aliviar sua dor. Ele está tão desanimado, tão decepcionado. Tão malditamente de coração partido.

Mamãe está ao lado dele, suas cicatrizes destacada pelas luzes da academia. "Levante-se, Connor!"

Meus olhos se voltam para ela. "Mamãe, agora não!"

"Ficar de pé. Acima!"

"Mamãe!"

"Está tudo bem", murmura Connor, liberando-me para ficar de pé. Em pé na frente dela, ele é apenas metade do homem que ela cresceu para amar. Ele parece ter encolhido no tempo que leva para perder um único jogo.

Ela ordena, como se ele fosse um dos soldados da unidade dela, “Droga, número três! Queixo para cima!”

Connor respira profundamente, depois levanta o queixo e olha para ela.

"Ombros para fora!"



Sua coluna se endireita, ombros para fora, como ela ordenou.

Mamãe respira fundo. “Agora você me escute, jovem! Você anda com a cabeça erguida! Você carregou esse time! Tudo

por sua conta. Não apenas esta noite, mas por toda a maldita temporada! Você não tem nada para se envergonhar. *Nada!* Você me ouve?"

Os cílios de Connor caem e ele é lento para abrir os olhos novamente. "Sim, senhora", ele murmura.

"Eu não posso te ouvir!"

O peito de Connor sobe quando ele fica mais alto novamente. Ele limpa a garganta antes de responder, sua voz mais forte: "Sim, senhora!"

Mamãe oferece um sorriso para ele. “Bom garoto. Agora me dê um abraço.”

Com um sorriso torto, ele diz a ela: "Estou todo suado".

Revirando os olhos, ela responde: “Eu tive meu braço estourado no Afeganistão, Connor. Eu posso lidar com um pouco de suor.”

Connor ri agora, abraçando-a. "Apenas metade do seu braço, senhorita D. Pare de tentar ordenha-lo." Mamãe ri também, e ela o aperta com mais força. Depois de soltá-la, ele se vira para mim. "Eu deveria entrar nos chuveiros."

"Ok", eu digo, assentindo. “Você me liga quando chega em casa, ok? Mas não se apresse. Tenho certeza que você quer se soltar um pouco.”



"Onde você está indo?" Mamãe me pergunta.

"Casa."

"Não, você não está. Você defende seu homem."

"Mas, mamãe..."

Ela levanta a mão, me parando. "Eu irei para casa. Vou tomar minhas pílulas felizes e com sono e vou direto para a cama." Ela olha para Trevor. "Certo Trevor?"

Trevor assente, olhando para mim. "Eu entendi Ava. Você deveria ficar com Connor."

Eu olho para Connor. "Você quer que eu?"

Ele treme a língua. "Segunda coisa mais idiota que você já disse."

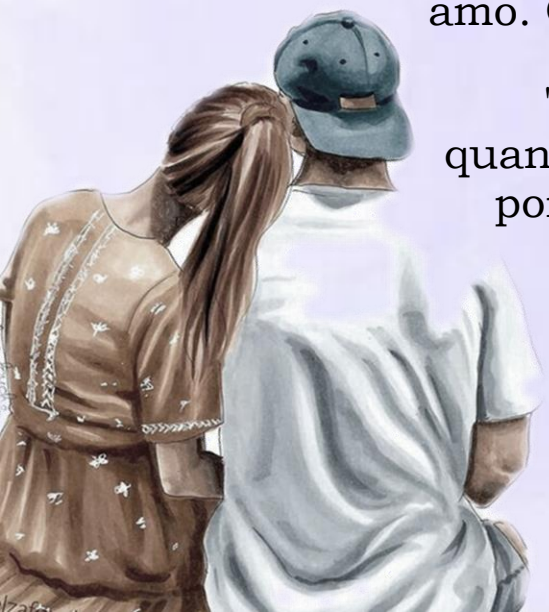
"Vejo você em casa", diz o pai de Connor, estendendo a mão para apertar. Connor dá um tapa e o abraça como ele fez com minha mãe. Os dedos de Corey se enrolam na parte de trás da camisa de Connor. "Estou orgulhoso de você, filho."

"Obrigado, pai."

Eu passo a mão pelo braço dele. "Vou esperar você no estacionamento."

"Ok." Então ele olha para os membros de nossas famílias, antes de se mudar, me beijando rapidamente. "Te amo. Obrigado por ter vindo."

"Agradeça à minha mãe", eu digo, assim quando o principal oponente de Connor passa por nós.



Ele olha para o meu peito. “Droga, puta. Você quer largar o que já foi e ficar com um vencedor, eu estou bem aqui.”

Cinco vozes de uma só vez:

"Ei, agora", diz Corey, o mais humilde de todos.

Eu digo: "Prefiro comer merda e morrer!" Ao mesmo tempo Trevor adverte: "Diga essa merda sobre minha irmã novamente e veja o que acontece", e Connor que resmunga: "Cuidado com a porra da sua boca."

Mas mamãe - ela pega as grandes armas: "Coma um saco de paus, seu idiota brocha!"

***

Todos saímos para o estacionamento, nos despedindo primeiro de Corey e depois do caminhão de Trevor. Eu garanto que Trevor sabe exatamente o que a mamãe toma em que ordem e a que horas, e ele me garante que ele é tratado e me lembra que eu estou apenas a um telefonema se ele precisar de mim, o que mamãe promete que não vai. E enquanto uma parte de mim tem medo de não estar por perto se algo acontecer, uma parte mais significativa de mim sabe que preciso ficar. Que eu preciso estar aqui por Connor.



Eu os assisto sair, até o ponto em que as luzes traseiras desaparecem à distância. Quando me sinto segura o

suficiente para me mover, começo a me dirigir à saída dos vestiários, onde os fãs da Philips ainda estão em alta e os pais e amigos de nossa equipe estão por perto, esperando para mostrar seu apoio. Rhys e Mitch estão de pé ao lado do carro de Rhys, e eu quase vou até eles - para poder socá-los em seus testículos desequilibrados.

Eu não.

Mas eu realmente quero.

Eu fico nas sombras, não querendo ser vista até Connor sair.

"Hey", diz uma mulher, parando ao meu lado.

Eu me viro para ela, sorrio sem jeito. "Oi?"

“Você é amiga de Connor Ledger, certo?” Ela é de meia-idade, cabelos loiros, olhos escondidos atrás de um par de óculos de sol que cobrem metade do rosto - o que não faz sentido, considerando que o único sol por aqui se pôs horas atrás.

Minha cabeça se inclina para o lado quando respondo: “Sim, eu sou namorada dele. Posso ajudar?"

Ela abre um sorriso, mas é fraco. "Ele jogou muito bem esta noite."



Assentindo, pergunto: "Você é uma repórter ou... uma olheira, talvez?" A esperança constrói uma casa em meu coração. “NBA? Isso seria *insano*. Com certeza o animaria.”

"Não, me desculpe", diz ela através de uma risada rouca. "Eu sou apenas uma fã."

"Certo." Desvio o olhar, foco a saída e acrescento: "Ele tem muitos desses".

"Sim, eu tenho certeza que ele faz." Sua voz se torna mais alta, mais clara, como se dissesse *te ouvi* , quando ela acrescenta: "Vocês estão namorando há muito tempo?"

"Mais ou menos. Ligado e desligado desde o início do ano letivo..." Viro para ela novamente, minha testa franzida. "Sinto muito, qual era o seu nome?"

"Oh, não é importante", ela sai correndo, dando um único passo para trás. "Mas, um... você pode dar isso a ele?" Ela puxa uma pequena caixa branca da bolsa. "É apenas um presentinho."

Eu aceito a oferta dela, ainda sem saber qual é o ângulo dela. "De uma *fã?*" Eu pergunto, porque se essa é a calcinha usada dela ou algo assim... *nojento.* Suponho que devo me acostumar com isso, especialmente porque é assim que o futuro dele será.

A mulher assente, diz: "Sim. Uma *fã.* Foi bom conhecê-la....?"

"Ava".



"Ava". Ela sorri genuína. "Esse é um nome bonito."

Capítulo 23

Connor

Ava e eu fazemos um desvio para pegar comida antes de irmos para a casa de Rhys, então quando chegamos lá, já está lotado. Ela agarra meu braço no segundo em que entramos, e ela não o solta enquanto atravessamos a multidão para encontrar o resto do time na casa da piscina de Rhys. Um dos destaques da nossa temporada está sendo exibido na tela enorme, e eu não sei de quem foi a ideia, mas eles são estúpidos. A última coisa que quero é ser lembrado do que não está mais ao meu alcance. "Ei, superstar!" Karen cumprimenta, abraçando Ava primeiro e depois eu. Ava ainda não solta sua mão na minha.

"Eu realmente não estou me sentindo uma estrela no momento", murmuro.

Os olhos de Karen se estreitam, mudando para Ava antes de se fixar em mim. "Ei, quem sou eu?" Ela abaixa a voz para imitar a minha. “Dramático, fui treinado em equipe pelos melhores jogadores da região e não consegui carregar todo o time nas minhas costas, por conta própria, porque duas coisas idiotas decidiram que seria engraçado enfiar um pau de um pé em uma porta."



Ava solta uma risadinha, acariciando meu braço com conforto.

Eu me viro para ela.

"Ela tem razão", Ava diz, dando de ombros.

“Além disso”, Karen acrescenta, “Foda-se esses caras, Connor. Duke não se importa com...”

"Shh!" Eu cortei.

"O quê?" Karen me olha de lado. "Ninguém sabe que você entrou na Duke?"

Balanço a cabeça. "Como diabos você sabe?"

Seu olhar vai para Ava por meio segundo, mas eu pego. Eu encaro minha namorada. Ela encolhe os ombros novamente. "Desculpe. Eu estava animada. E o que isso importa agora? Sua temporada acabou então... ”

"Eu acho", murmuro.

"Ei, pessoal!" Ava grita, liberando meu braço finalmente. Todos os olhos se movem para ela enquanto ela levanta as mãos, sinais de paz no ar e grita: “Meu namorado entrou em Duke, *filhos da puta!”*

A sala explode em um rugido ensurdecedor, e então sou abordado por muitos caras ao mesmo tempo. Minhas costas caem no chão, e tento escapar debaixo da pilha de garotos adolescentes. Ava está acima de nós, com os braços cruzados. "Tão quente."



Eu empurro o máximo de membros que posso ver até que esteja claro o suficiente para eu rastejar por baixo deles. Rhys me oferece sua mão, seu sorriso de orelha a orelha. Eu pego, fico de pé. “Parabéns, cara. Você merece isso!"

Ele é o mais genuíno possível, e eu afasto a animosidade que senti por ele, porque não há mais nada que eu possa fazer. Está feito. E Ava está certa. Eu entrei na porra da *Duke.* "Obrigado, cara."

"Vamos beber com isso em vez da perda, sim?"

Balanço a cabeça. "Estou dirigindo."

Ele olha para Ava. "Droga, você precisa obter sua maldita licença, A."

"Estou trabalhando nisso", ela ri, colocando-se ao meu lado novamente.

Meia hora depois, não mudou muita coisa, mas posso dizer que há algo com Ava. Ela senta no meu colo enquanto assistimos a filmagem. Ou ela assiste, e eu a observo. Não é como a última vez que ela esteve aqui, quando ela realmente parecia feliz por estar. Ela não saiu do meu lado e não se envolve em nenhuma conversa. Inclino-me para frente, pressiono minha boca na parte em que seu pescoço encontra seu ombro, fazendo-a se contorcer. Ela se vira para mim, oferece um sorriso fraco.

"O que há de errado?", Pergunto.

"Nada", ela tenta convencer. "Por quê? Você não está se divertindo?"



Honestamente? Não. Prefiro estar em algum lugar com ela, sozinha, mas sei que preciso estar aqui para a equipe. Para meus amigos. Mesmo se a temporada acabar. "Estou bem. Mas você parece... eu não sei... você não...?"

Ela lambe os lábios, os olhos nos meus. Então ela suspira. “Só estou preocupada, é tudo. Trevor não está acostumado a ficar sozinho com minha mãe, e eu sei que é estúpido, considerando que eles sugeriram isso, e eu quero estar aqui por você, Connor. Eu faço. É só que... não consigo parar de me preocupar.”

"Então vamos para casa."

"Não", ela é rápida em responder. “Como eu disse, quero estar aqui com você. Eu só queria estar em dois lugares ao mesmo tempo.”

"Por que você não liga para ele?" Eu sugiro. "Para checar."

"Porque eu não quero que ele sinta que não confio nele."

"Ava." Eu bato na perna dela, fazendo sinal para ela se levantar. "Ele estaria esperando que você ligasse."

Ela se levanta. "Você pensa?"

"Eu sei." Eu também levanto e pego a mão dela. "Vamos sair na frente e ligar para que você possa parar de se preocupar."

As notícias sobre Duke devem ter se espalhado como fogo, porque parecia que eu era interrompido todos os poucos segundos por tapinhas nas costas e parabéns enquanto tentava chegar à porta da frente. Leva uma boa meia hora para Ava e eu chegarmos ao quintal da frente, pela entrada de carros compridos e para a calçada, onde finalmente está quieto o suficiente para ouvir nossos próprios pensamentos.



Ava tira o telefone do bolso de trás e disca o número de Trevor. Quando ela me percebe inclinando-se para ouvir a ligação, ela coloca no viva-voz e o coloca entre nós.

Trevor responde com um "O que está acontecendo?"

"Nada", diz Ava. "Eu estava apenas verificando."

"Eu sabia que você faria", diz Trevor através de uma risada. "Está tudo bem. Sua mãe está fora como uma luz. Eu a verifiquei algumas vezes e agora vou para a cama."

"Ok, ela tomou seus remédios?"

"Sim."

Aperto a mão dela. "E não há vidro..."

"Não."

"E ela..."

"Ava!" Trevor interrompe. "Tudo está bem. Confie em mim, está bem?"

Os ombros de Ava caem. "Sim, eu sei... eu estava apenas..."

"Preocupada", ele termina por ela. "Mas não fique. Estamos todos bem." Ele faz uma pausa. "Ei, por que você não fica essa noite com Connor?"



Ela olha para mim, os olhos arregalados e questionadores.

Concordo, talvez com um pouco de entusiasmo.

"Se está tudo bem com você?" Ela diz ao telefone.

"Sim", Trevor responde. "Está bem. Vou me levantar e fazer o café da manhã para que você possa dormir."

"Você está falando sério agora?" Ava murmura, quase chorando.

"Sim, e eu estarei aqui até Krystal entrar."

"Trevor..."

"Ei, eu até ligo para a escola e digo que você está doente."

Ava olha para mim, sua boca aberta. Ela pergunta a Trevor: "O que você fez com meu irmão?"

Ele ri. "Ei, Ava. Preciso que você me prometa algo, ok?"

"Sim?"

"Tenha uma boa noite e pare de se estressar!"

Ava ri uma vez. "Eu vou."

"Bom, eu vou te ver quando chegar em casa do trabalho amanhã." Ele desliga sem outra palavra, e os olhos de Ava são enormes quando ela olha para mim. "O que acabou de acontecer?"

"Eu não sei, mas não questione."

"Então, temos a noite toda."



"E todo o amanhã..."

"O que você quer fazer?"

"As possibilidades são infinitas."

Ela olha de volta para a casa. "Você quer beber sua perda até não poder sentir seu rosto?"

Eu rio. "Mais ou menos, sim."



Ava

De volta à casa da piscina, sentamos com as pessoas com quem Connor passou mais tempo desde que ele chegou aqui. As únicas garotas aqui são eu e Karen, e é meio que perfeito.

Estou zumbido.

Connor está bêbado. E Connor bêbado é cem vezes mais pateta que Connor sóbrio.

Mitch faz uma rachadura sobre a mãe de Karen, e Karen ameaça esfaqueá-lo no pau com um dardo que ela está segurando por algum motivo desconhecido. Connor tira o braço de mim para pescar seu telefone, suas pálpebras pesadas, polegares lentos para se mover enquanto ele percorre seus contatos tentando encontrar um número. Ele chega a Cérebro de merda Mitch e disca. Eu rio, vendo Mitch tirar o telefone do bolso e segurá-lo no ouvido, os olhos estreitados em Connor sentado no chão à sua frente. "O quê?" Mitch responde.

Connor murmura suas palavras. "E aí cara. Eu tenho uma pergunta."

"OK?"

"O que tem um pau pequeno e trava?"

"O que?"

"Um morcego."



"E...?"

Todo mundo assiste a conversa, suas cabeças se movendo de um lado para o outro.

Connor diz: "O que tem um pau grande e desliga?"

"O quê?" Mitch responde.

Connor desliga, e a sala se enche com o tipo de risada que vem com idiotas bêbados e piadas estúpidas. "Confirme ou negue, Ava?" Oscar pergunta.

"Quero dizer, eu não tenho muitas fontes, mas eu diria que é bem grande."

"Queime!" Mitch grita, olhando para Rhys.

E estou muito atrasada para perceber o que acabei de dizer. "Não, não é isso que eu..."

Connor cobre minha boca com a palma da mão. "Isso é *absolutamente o* que ela quis dizer."

Rhys olha para Connor. Um segundo. Dois. Então ele solta uma risada. "Graças a Deus você finalmente está transando. Todos nós começamos a chamá-la de Maria pelas costas."



"Maria?" Connor pergunta confuso enquanto se vira para mim em busca de respostas.

"Virgem Maria."

"Ohhh." Ele assente, lentamente, as pálpebras pesadas.

"Como foi sua primeira vez?" Oscar pergunta a ele, e eu não sei como chegamos a essa conversa. É disso que os caras falam?

Connor diz: “Nos primeiros seis segundos, eu estava meio nervoso. Mas os últimos seis... isso foi *recompensa,* porra!

Uso o bíceps dele para bloquear minha gargalhada, mas sou a única que tenta mantê-la unida. Todo mundo perdeu. "Eu preciso de outra bebida", anuncio.

Connor se levanta. "Entendi."

Eu fico de pé. "Eu vou com você."

No canto da sala, um carrinho de bar é instalado com a bebida que você desejar. Connor pega uma garrafa de tequila e alguns pacotes de sal, além de algumas fatias de limão. Ele se vira para mim, seu lábio inferior preso entre os dentes. Então ele dá um passo à frente, com a boca na minha orelha. "O sal machucaria sua boce..."

"Connor!"

Ele me ignora se aproxima mais uma vez até que sua frente está pressionada contra a minha. “Porque eu poderia lamber isso a noite toda.” Ele coloca todas as coisas de volta no carrinho e se encosta na parede, puxando minha blusa até que eu fique de pé entre as pernas dele. Abaixando a cabeça, ele beija meu pescoço, seus lábios abertos, a língua deixando um rastro de umidade no meu queixo até que sua boca encontra a minha. Sua mão desliza pelas minhas costas, descansando na minha bunda. Ele aperta uma



vez. Difícil. E eu puxo contra seu toque, me afastando. Sobrancelhas levantadas, ele me olha, provocando, provocando. "Você é muito útil quando bebe", digo com uma risadinha.

“Eu não posso evitar. Você é gostosa.” Ele me beija novamente, sua língua macia quando a usa para separar meus lábios. Inclino minha cabeça, me perco no momento com ele. Minutos passam, e eu posso sentir o calor começar a queimar dentro de mim, sentir sua dureza pressionando contra o meu estômago. Ele se afasta antes que eu esteja pronta, seus olhos nos meus. "Você acha que estaria interessada em mim se ainda morasse em uma casa como esta?"

"E *essa é* a coisa mais idiota que *você* já disse."

"É mesmo?"

“Minha mãe estava no exército, Connor. Não vale nada, obviamente. Caso contrário, não estaríamos na situação em que estamos. A casa foi a única coisa que seus pais a deixaram e eu não fui criada como” eu circulo um dedo no ar. “*isso*”.

Ele abaixa a cabeça novamente e acho que ele vai me beijar. Em vez disso, ele diz: "Uma vez jantei aqui, e eles tinham dois garfos de tamanhos diferentes".

Eu rio baixinho.

“E facas. E colheres também. E tenho certeza que comi um pombo.”



Minha cabeça se inclina para trás com a força da minha gargalhada. "Você provavelmente fez."

Seus olhos me absorvem. "Eu amo ver você rir."

Meu coração dispara. "Eu amo *você*."

Ele sorri de pé a toda a altura novamente. "Você tinha uma casa na piscina?"

"Sim eu fiz."

"Você tinha uma sala de jogos?"

"Uh huh."

"Você tinha *asas*?"

Eu rio. "Nenhuma das casas do outro lado da estrada é tão extravagante quanto essa, mas tínhamos o lago."

“O *lago?* "

Eu concordo.

“Tem um *lago,* porra*?*"

Não posso deixar de rir da resposta dele. "Sim."

"Jesus. Na Flórida, tivemos pântanos.”

"Com jacarés?", Pergunto.

"Eu nunca vi um."

"Você teve verões sem fim."

"E atos mortais da natureza."



"Você sente falta da Flórida?", Pergunto a ele.

Ele balança a cabeça, inflexível. "Eu tenho tudo o que preciso aqui." Ele pega minha mão, beija a parte interna do meu pulso. "Você sente falta do lago?"

"Sim", eu admito. "Tínhamos um pequeno pátio que ficava sobre a água, e sempre que mamãe estava em casa, nos sentávamos lá, observando os vaga-lumes e conversando a noite toda sobre tudo e qualquer coisa." Um nó se forma na minha garganta. "Sinto falta daquele pátio e sinto falta dessa versão dela."

"Ela ainda está lá", ele garante, batendo em seu coração. "Aqui."

Eu limpo minhas lágrimas repentinas na camisa dele, me perguntando como é que ele pode me fazer sentir tanto em tão pouco tempo.

"Vamos", diz ele, me arrastando em direção à porta.

"Onde estamos indo?"

"Para o seu pátio."

"Connor!" Eu afundo meus calcanhares no chão, parando-o. Quando ele se vira para mim, digo a ele: "Você não pode simplesmente entrar na propriedade de alguém e sentar no quintal".



"Besteira", Connor zomba. "Me veja."

Minutos depois, estamos de pé na varanda da minha casa velha. Connor

olha para mim com um sorriso bobo no rosto, antes de levantar o punho e bater duas vezes.

Eu agarro seu braço. “Isso é estúpido. Vamos embora.” Começo a afastá-lo assim que a porta da frente se abre.

Um homem de meia idade levanta a cabeça. Sobrancelha grisalha, ele pergunta: "Posso ajudá-lo?"

"Olá, senhor", diz Connor, apertando minha mão para não correr. "Meu nome é Connor Ledger, e esta é...”

"Quem é?" Uma mulher diz de algum lugar lá dentro. O homem abre mais a porta e, suponho, a esposa aparece ao lado dele. Ela olha primeiro para Connor, depois para mim, com os olhos arregalados quando me vê. "Ava?" Ela pergunta.

Não tenho ideia de quem ela é ou como me conhece. Ainda assim, eu me vejo concordando. "Sim, senhora."

Ela coloca a mão no peito do marido, afastando-o do caminho. “Sinto muito, provavelmente pareço louca agora, mas reconheço você de quando entrei na casa com o corretor de imóveis. Você estava aqui com seu... irmão?”

Eu concordo.



Ela acrescenta: "Sim, você estava arrumando todas as suas coisas".

Memórias inundam minha mente, momentos sombrios daquele tempo na minha vida em que nada fazia sentido, e

tudo parecia desmoronar ao meu redor. "Eu não lembro de você", murmuro, inconscientemente dando um passo em direção a Connor. Eu uso o braço dele para me proteger, porque se ela me conhece, provavelmente ela sabe tudo sobre mim.

"Você quer entrar?"

"Não", eu corro, puxando o braço de Connor. Meu pescoço se ergue quando olho para ele, o calor queimando atrás dos meus olhos e nariz. "Podemos ir?"

"Sinto muito", diz a mulher. "Eu não quis te causar nenhuma..." *Dor? Desconforto? Mágoa?* Ela podia usar qualquer uma dessas palavras, e todas elas estavam corretas porque, de pé aqui, em frente a uma porta que eu costumava chamar de minha, uma entrada para um lugar que eu costumava chamar de lar, onde a música era alta e o riso, mais alto. Até... Até todo o sangue escorrer em minhas mãos...

"Eu quero ir", repito, dando um passo para trás, tentando convencer Connor a fazer o mesmo.

Com o olhar cheio de pena, ele sai correndo: “Mas o pátio, o lago e as lembranças, Ava. As boas lembra?”

Lágrimas caem bem nos meus olhos novamente. "Eu não ligo", eu minto. Eu *quero* me lembrar do bem. Só não sei se posso.



"Você quer ir para o pátio?" A mulher pergunta, assentindo. "Você pode fazer isso." Ela faz um gesto para o lado da casa. "Venha pelo quintal, se você não quiser entrar."

Connor mantém os olhos nos meus, sobrancelhas levantadas em questão. "Não pode doer", ele empurra, e ele parece tão esperançoso e ansioso.

"OK."

"Sim?"

Eu concordo.

"Dê-me cinco minutos", diz a mulher. "Encontre-me no portão lateral."

Connor mantém os braços em volta de mim enquanto esperamos, sem palavras ditas entre nós. Eu não sei como seguimos dele afogando suas perdas, para comemorar Duke, para isso. Agora. E sei que devo agradecer, mas a verdade é que estou com medo.

"Nós iremos, você verá e saberá imediatamente se você quer sair ou ficar, e eu farei o que você quiser", diz ele como se estivesse lendo minha mente. "Sem pressão."

O portão lateral se abre e a mulher sorri. Eu realmente deveria pegar o nome dela, mas acho que não poderia falar através do nó na minha garganta. "Por favor", diz ela, acenando para nós, "Leve o seu tempo."

"Obrigado, senhora", diz Connor, todas as dicas de álcool em seu tom se foram. Eu o conduzo além da casa principal, da piscina e da casa da piscina, e além da estufa até onde o quintal se abre. O lago é mais bonito do que eu me lembro, e eu fico parada, meus olhos se fechando enquanto inspiro uma respiração, aproveitando as memórias



desse perfume sozinha. Quando abro os olhos novamente, Connor está me observando, um toque de sorriso tocando em seus lábios. "Você esta bem?"

"Sim." Concordo com a cabeça lentamente e depois olho em volta para o pátio. As cadeiras são diferentes das que tínhamos, mas há duas ali, uma pequena mesa entre elas. Luzes de fadas penduram dos pilares ao redor do pátio, iluminando o pequeno espaço. Nós fazemos o nosso caminho, percebendo o jarro de chá gelado e as fatias de torta dispostas em dois pequenos pratos. Connor ri. “Vocês fazem coisas tão diferentes deste lado da cidade.” Ele se senta em uma das espreguiçadeiras e puxa minha mão até que eu estou sentada no colo dele, a mão na minha barriga. "É bom aqui fora", ele murmura, com o queixo no meu ombro. "Conte-me uma lembrança."

Eu meio que me viro para ele. "O que você quer dizer?"

“Diga-me algo sobre sua mãe *antes*. Sobre o que você falou *aqui*, neste exato local?"

Eu tento voltar para um tempo diferente, uma vida diferente. Limpando a garganta, ajusto seu colo até ficar de lado para poder olhá-lo quando falo. Meu braço em volta do pescoço, digo: "Quando ela estava em casa antes de sua última missão, sentamos aqui e conversamos sobre Karen sendo louca por meninos".



Connor assente, seu sorriso se arregalando quando seus olhos se concentram nos meus lábios, na maneira como eles aparecem na lembrança. É tão puro - do jeito que ele olha para mim - como se ele estivesse feliz só porque eu estou. "O que ela tinha a dizer sobre isso?"

"Ela disse que éramos jovens demais para amar", digo a ele. “E ela disse que o único medo que já teve é que ela não estará por perto para me ver crescer, para me apaixonar pela primeira vez.” Engasgo com a memória e a lembrança do que ela disse a seguir. Porque eu sinto isso no meu coração. Eu sinto isso no Connor. Com os olhos nos dele, não escondo minhas lágrimas quando digo: “Ela disse que sua esperança para mim era encontrar um garoto que me segurasse através da minha dor e me levantasse através dos meus triunfos. Quem amaria incondicionalmente. E ela esperava que eu entendesse o que isso significava - *amor* - em todos os sentidos da palavra. Mas eu não sabia Connor...”

"Sabia o quê?" Ele pergunta seus polegares passando nas minhas bochechas.

“Eu não sabia que seria assim. Como se eu não tivesse escolha.”

"*Apaixonada*?"

“Acho que não podemos escolher a direção em que nosso coração bate. Porque eu não *queria* me apaixonar por você. Eu não quero cair no amor *em tudo*. Mas então você veio e... e eu lhe disse desde o início que estava me apaixonando por você, mas menti. Eu já estava lá. E agora não consigo imaginar como seria minha vida sem você. Não consigo pensar, respirar, mover-me ou viver um segundo sem que você se infiltre em minha mente, e sei que isso está errado, essa... *obsessão* que tenho com você... mas aí está.” Engulo o resultado das minhas confissões, continuo meus olhos nos dele. "E aqui *estamos nós*."



Capítulo 24

Connor

Ficamos no lago por horas, enquanto Ava me conta apenas às boas lembranças que ela tem da mãe, e eu escuto atentamente, prestando atenção em todas as palavras, todas as sílabas que caem de seus lábios. Eu a vejo sorrir. Eu assisto as lágrimas caírem. Eu a ouço rir e eu a ouço chorar. E eu me perco em todos os diferentes lados da Ava; peculiar e confiante, vulnerável e triste, e me apaixono profundamente por todas as diferentes versões dela.

Nós pegamos um táxi para casa, nós dois sabendo o que está por vir, pelo menos por hoje à noite, e nenhum de nós pode manter nossas mãos e bocas afastadas um do outro.

Quando chegamos lá, eu ando na minha garagem com ela nas costas enquanto ela ri no meu pescoço. Eu digo: "Meu pai está trabalhando hoje à noite, então..."

Ela pula quando chegamos à porta. "Então... podemos *conversar em* voz alta."

"Sim." Meu sorriso é estúpido. "As conversas são *legais*."



Nós vamos direto para o meu quarto, e eu fecho e tranco a porta atrás de mim. Ava diz: "Pensei que você tivesse dito que seu pai estava trabalhando?"

Eu dou de ombros. "Hábito."

Ava senta na beira da minha cama, começa a tirar a jaqueta e um frasco de vidro de uísque cai no chão. "Eu tinha esquecido disso."

"Você roubou isso de Rhys?"

Ela encolhe os ombros. "Eu comprei para Trevor." Ela olha para mim. "Mas poderíamos usá-lo, considerando que tecnicamente não preciso chegar em casa até amanhã à tarde".

"Eu vou pegar os copos."

Quando eu volto, com dois copos de uísque na mão, Ava tira a maior parte de suas roupas. Com apenas uma blusa, sutiã e calcinha, ela segura o lábio do frasco nos lábios, bebendo delicadamente.

"Você não podia nem esperar por mim?"

Outro encolher de ombros e ela me oferece o frasco. Deixo os copos na minha mesa e sento ao lado dela. Depois de um gole, eu o devolvo. A cabeça dela se inclina para trás, os músculos da garganta se contraem quando ela engole. Eu não posso evitar; Pressiono minha boca aberta lá, amando a maneira como as costas dela se arqueiam para me dar melhor acesso. Ela geme as mãos indo para o meu cabelo enquanto eu deslizo a minha para o mamilo dela, segurando seu peito coberto de sutiã. "Connor?" Ela respira.



Subo seu pescoço até minha boca encontrar a dela e a beijo, minha língua

vagando preguiçosamente porque, ao contrário de todas as outras vezes, temos *horas* para explorar, para provocar.

"Connor", ela repete, empurrando meus ombros.

Eu levanto minhas sobrancelhas em questão.

"Eu tenho uma pergunta", diz ela, e aceno com a cabeça, ajustando a protuberância nas minhas calças. "Por que você ainda está com tantas roupas?"

Eu rio baixinho e me sento contra a parede. Eu tomo um gole de uísque. “Eu só estou tentando levar o meu tempo. Aproveitar este momento com você.”

Ela exala pelo nariz e depois se move para me montar. De mãos dadas na minha nuca, ela diz: "Sinto muito pelo seu Estadual".

Eu dou de ombros. "Está feito. Mas, ei, isso significa que tenho um pouco mais de tempo em minhas mãos. Pelo menos com jogos. Eu ainda quero ter um bom tempo de treinamento, se estiver tudo bem.”

"Você não precisa da minha permissão", ela ri.

Eu empurro a parede, beijo o topo do seu peito. "Eu só quero te fazer feliz, Ava."



Ela se afasta pega meu rosto em suas mãos. "Você faz."

"Sim?"

Ela revira os olhos. "Quero dizer, você me faria mais feliz se você tirasse sua camisa." Então eu chego atrás de mim e

tiro minha camisa. Ela passa as mãos nos meus ombros, no meu peito. "Muito melhor."

"Agora você."

Ela tira a blusa e depois o sutiã e senta na minha frente em toda a sua bela glória. Abaixo a cabeça, agito seu mamilo com minha língua, amando o jeito que sua respiração cambaleia quando a deixa. Eu continuo nisso, movendo-me de um para o outro, repetidamente, minhas mãos enroladas em torno de sua cintura enquanto ela mói em mim. Ela se sente tão pequena sob o meu toque, tão perfeita. Eu corro as costas dos meus dedos pela barriga dela até encontrar a parte superior da calcinha, mas ela me para, seus dedos entrelaçando os meus. Eu olho para ela, sobrancelhas levantadas. "Não?"

"Ainda não."

Eu exagerei um beicinho. "Quando?"

Ela começa a deslizar para fora de mim, e eu choro internamente, mas então ela começa a desfazer minhas calças, me liberando completamente. Sua mão enrola em torno do meu pau, acariciando, e eu inclino minha cabeça para trás, meus olhos fechados. Eu sinto sua respiração aquecida primeiro, depois a umidade de sua língua e tudo o mais é um borrão quando ela começa a me trabalhar em sua boca. Abro meus olhos, um gemido escapando quando a vejo me observando, seus lábios afinados ao meu redor. Nós nunca fizemos isso antes, tão aberto, com as luzes acesas. Sempre esteve escuro, tudo debaixo das cobertas, e eu já estou tão perto, e digo isso a ela. Mas ela não vai parar. Eu ajusto o cabelo dela para o lado para que eu possa assistir



tudo, meus quadris subindo, coxas tensas, e prestes a "Foda-se, pare." Eu puxo seu cabelo, forço-a para longe.

"Não, eu queria..."

Eu praticamente a jogo de lado, tentando acalmar o inferno. Ela está de quatro quando estica o pescoço para olhar para mim. "Connor!"

Fico atrás dela, deslizo sua calcinha pelas pernas e gemo com a vista na minha frente. E então eu vou para o paraíso, lambo cada centímetro dela até que ela geme - meu nome misturado com o de Deus - de novo e de novo, e eu viro de costas, trago-a de volta para mim. Ela mói contra a minha boca, suas coxas apertando os lados da minha cabeça, enquanto seus dedos puxam meus cabelos. Ela é barulhenta. Mais alto do que ela já esteve, e isso me excita mais. Ela *grita* quando chega seu prazer cobrindo minha língua. Meu queixo. Ela só leva um segundo para se recuperar, descendo pelo meu corpo até meu pau estar na sua entrada. Pego um preservativo da minha mesa de cabeceira e entrego a ela, sentando quando ela rola sobre mim. Eu a beijo. Difícil. E ela devolve com a mesma luxúria, mesma paixão. Deslizo para ela sem esforço, nossos gemidos de êxtase enchendo a sala. O suor reveste nossa pele quando encontramos um ritmo, as costas arqueadas, o braço estendido, a mão na minha coxa. Eu chego atrás de mim, minha mão pressionada no colchão, me dando alavancagem suficiente para encontrar seu impulso por impulso. Encontro seu clitóris com meu polegar acaricio-a uma vez, testando. Ela perde, implora por mais, e eu faço isso repetidamente até que ela perde o ritmo e cai para a frente. Seus dentes apertaram meu ombro, sua libertação vindo na

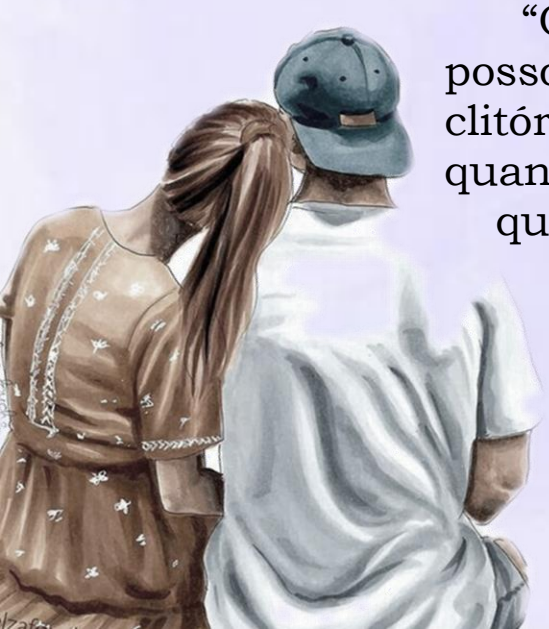


forma de gemidos que vibram contra a minha carne. Porra, Connor. Em que diabos se meteu...

Eu não a deixo terminar antes de tirá-la de cima de mim. Peito no colchão, bunda no ar, e posso dizer que ela está exausta, e eu deveria estar, mas... Os hormônios da adolescência são uma droga e tanto. Eu fico atrás dela e puxo seus quadris até que ela esteja exatamente onde eu preciso dela. Minha mão desliza pela espinha dela, até o ombro dela, e eu a seguro lá. "Está tudo bem?" Eu pergunto, porque nunca estivemos nessa posição antes e quero ter certeza.

"Sim", ela respira. Eu me afasto e a entro lentamente, observando cada centímetro meu preenchendo-a, então me inclino, meu peito nas costas dela. Eu a beijo entre as omoplatas quando começo a me mover novamente, lentamente, mas ela se inclina sobre os braços estendidos, o pescoço esticado para olhar para mim. "Deus, você se sente tão bem dentro de mim", ela sussurra, e eu tento adiar. Ela segura o topo da minha cabeceira com uma mão, a outra indo entre as pernas, sentindo onde nos conectamos. "Oh, merda", ela geme, "Isso é tão fodidamente quente."

Olho para baixo, a imagem na minha frente me deixando louco, fazendo meu pau pulsar. "Você deveria vê-lo do meu ângulo."



“Oh, Deus, eu vou gozar, Connor. Eu não posso...” Eu chego ao redor, encontro seu clitóris novamente. Meu queixo fica tenso quando ela aperta em volta de mim. “Porra, querido. *Foda-me*.” Eu a seguro, minha mão em seu quadril, para que eu possa transar

com ela com mais força, mais rápido, como ela está implorando para que eu faça.

É o sexo mais sujo e bruto que já tivemos, mas também é o mais significativo. Porque abandonamos o passado e abandonamos a nós mesmos. Encontramos conforto um no outro, ao pedir o que queremos. Nós tomamos nosso tempo para explorar os corpos um do outro, para reivindicá-los.

A sala está constantemente cheia dos sons de nossos corpos suados batendo juntos, dos gemidos de prazer, dos gritos e grunhidos de nossos lançamentos. De novo e de novo. De novo e de novo. Nós não paramos. Não podemos. Mas fazemos pausas de vez em quando, e conversamos, bebemos um pouco mais, rimos, tomamos banho juntos e depois voltamos à exploração, à provocação e à degustação até que finalmente, *finalmente*, terminamos. Gasto. Nós caímos nos braços um do outro, a exaustão tomando conta de nós. “Um dia”, eu respiro meu peito subindo e descendo, “Quando estiver na NBA, vamos viver em uma casa tão grande que podemos fazer coisas assim o tempo todo, e podemos estar tão barulhentos e sua mãe não vai nos ouvir.”

A cabeça de Ava aparece do meu peito. "Por que minha mãe estaria lá?"

"Porque ela vai morar conosco." Meus olhos se estreitam. "Duh."



"Ela vai?"

Eu concordo. "Quem cuidará dos cavalos?"

"Que cavalos?", Ela pergunta.

Eu sacudo sua testa. "Os cavalos de terapia dela, estúpida."

Ela sorri largamente. "Você vai comprar cavalos de terapia para minha mãe?"

Eu reviro meus olhos. "Obviamente."

Ela balança a cabeça, rindo baixinho. "Por que você diz tudo isso como se fosse algo sobre o qual falamos tantas vezes antes?"

"Oh sim. Na verdade, eu nunca te contei." Eu ajusto minha cabeça no travesseiro. "Eu apenas *pensei sobre* isso."

Uma carranca puxa seus lábios. "Você realmente pensa sobre essas coisas?"

Meus olhos se fecham, durma rapidamente para me consumir. "Ava, meu futuro com você é *tudo que* eu penso."



Capítulo 25

Connor

Eu acordo com o telefone tocando e meus olhos parecem que estão queimando quando eu os abro. Cada um dos membros de Ava está de alguma forma em volta de mim, e levo um momento para me desembaraçar dela para procurar meu telefone. Encontro no bolso do meu jeans descartado e me encolho quando vejo o nome do meu pai na tela. "Olá pai."

"Ei. Você ainda está dormindo?"

"Sim, Ava ficou ontem à noite e uh..." Eu tento engolir, mas minha garganta está muito seca. "Ei, há alguma chance de você ligar para a escola..." Eu paro.

Ele silencia uma batida antes de responder: "Sim, eu posso fazer isso."

"Você é o melhor pai que já tive", murmuro.

Papai ri. "Grande noite?"



"Mais ou menos."

"Não bebeu e dirigiu eu suponho?"

"Não. Meu carro ainda está na casa de Rhys e não vou mentir; nós tivemos um pouco aqui também. Eu sinto muito."

"Está bem. Prefiro que você seja honesto, mas lembre-se, você ainda é menor, Connor."

"Eu sei."

"Ava também está tirando o dia de folga?"

"Sim."

"Então, eu vou ver vocês dois quando eu chegar em casa?"

Ao meu lado, Ava se mexe.

"Mmm-hmm" murmuro.

"Devo levar para casa um café da manhã da lanchonete?"

"*Literalmente,* o melhor pai do mundo inteiro e nem estou brincando dessa vez."

"Eu tenho que usar o banheiro", Ava murmura, subindo e me cercando para sair da cama.

"Precisamos ligar para Ross também." *Meu agente*. Ele ficará *emocionado* ao saber o quão ruim minhas estatísticas foram ontem à noite.

"Certo."



Ava pula sua pilha de roupas e abre minhas gavetas, encontrando um par de cuecas boxer e uma camisa velha. Ela os joga.

"Tudo certo. Bem, eu vou deixar você ir." Papai diz enquanto Ava vasculha sua

bolsa. Ela pega o telefone e uma caixa branca lisa. Ela joga a caixa no meu colo antes de sair da sala.

"Não se esqueça de ligar para a escola", eu lembro o pai.

“Eu não vou. Vejo você em breve.”

"Tchau." Desligo e abro a tampa da caixa.

Meu coração para.

Minha respiração para.

Dois carros de brinquedo.

Um vermelho. Um azul.

Relâmpago McQueen e Sally.

Minhas mãos tremem quando eu as viro, uma parte de mim já sabe o que há: as iniciais CL gravaram no metal, para que todos na creche soubessem que eram minhas.

A bile sobe à minha garganta, e eu me inclino para frente, chego à lata de lixo bem a tempo. Ava corre para o quarto, caindo de joelhos, com a mão nas minhas costas. "Porra, quanto nós bebemos?"

Outra luta, e não é assim que eu quero que ela me veja. Ou me cheire. Eu limpo minha boca ao longo do meu antebraço, meus olhos nos dela. "Onde você conseguiu isso?" Eu respiro meu coração disparado, pânico correndo pelo meu corpo.



"Do que você está falando?"

"Os carros!"

"Que carros?"

"A caixa, Ava!" Eu grito. "De onde você tirou essa caixa?!"

"Uma senhora me deu." Seus olhos se arregalam. "Por que você está gritando comigo?"

Eu respiro calmamente porque ela não sabe. E eu não quero que ela faça. "Que senhora?"

"Eu não sei. Ela estava lá depois do jogo, quando eu estava esperando no estacionamento por você.” Seu peito se eleva com sua inspiração aguda. "Por quê? O que..."

"Desculpe", eu cortei, piscando com força. Aperto a ponta do meu nariz para aliviar as batidas na minha cabeça. "Eu estava apenas confuso, e esta ressaca..." Minhas palavras são apressadas, assim como meu pulso, mas eu não quero que ela veja. Para começar a fazer perguntas. Porque ela vai. E eu não terei as respostas. "Sinto muito", repito e sento-me nos calcanhares. Eu tinha esquecido que estava nua. Eu olho para ela; olhos preocupados olham para trás. "Esta acontecendo muita coisa ao mesmo tempo", eu minto, tentando sair da minha cabeça. Eu *odeio* mentir para ela, mas não posso... Não posso lidar. "Com papai no telefone e minha cabeça martelando e você..." eu tento sorrir. "Você está tão fodidamente fofa quanto agora."



Um toque de sorriso. *Boa*. Está funcionando.

"Eu deveria limpar isso", eu digo, levantando a lata de lixo. "E escovar meus malditos dentes." Coloquei uma cueca boxer antes de sair, levando a lata de lixo comigo. Então eu vou ao banheiro, espirro água no meu rosto e exorto o meu corpo a desacelerar. Tudo está acontecendo rápido demais, sangue bombeando, pulso acelerado, cabeça girando - tudo é rápido demais, demais. Eu seguro a borda da pia, olho para mim mesma no espelho.

Isso não pode estar acontecendo.

Agora não.

Nunca.

Ava.

Eu só preciso voltar para Ava, e tudo ficará bem. Tudo ficará normal novamente.

Limpo a lata de lixo, escovo os dentes e volto para o meu quarto. Ava está na minha cama agora, deitada de lado, as cobertas empurradas para baixo de um lado, como se ela estivesse esperando por mim. Ela sorri. "Bom dia, namorado." E ela é *tudo.* Ela é tudo que eu preciso. Tudo que eu quero. Ela é suficiente para me acalmar, para encher meu coração de paz. Pego os carros, os jogo no lixo e volto para a cama com ela, esquecendo todo o resto. Ela levanta a cabeça, permitindo que meu braço encontre sua casa ao seu redor. "O que você quer fazer hoje?", Ela pergunta.



"Qualquer coisa que você quiser."

Orelha no meu peito, ela se instala lá, seu dedo batendo na mesma velocidade

que o pulso que está ouvindo. Ela sussurra, olhando para mim: "Eu quero me perder em sua magia."



Capítulo 26

Ava

Sou rápida em pegar meu telefone e desligar o alarme, não querendo acordar Connor dormindo ao meu lado. Já se passaram algumas semanas desde que a equipe perdeu o regional e passamos quase todas as noites juntos. Mamãe e Trevor parecem não se importar. De fato, na primeira noite em que ele *não* ficou mamãe estava perguntando por ele na manhã seguinte, preocupada que algo tivesse acontecido entre nós.

Connor geme quando eu começo a sair da cama, sua mão encontrando meu braço. "Eu levantarei", ele murmura.

"Não, você não vai. Volta a dormir."

"Não, eu vou ajudar com o café da manhã." Um segundo depois, ele está roncando.

Ele odeia que eu o deixe dormir, mas ele precisa do resto. Ele ainda está treinando o mais rápido possível, tentando aproveitar ao máximo o que os treinadores têm a oferecer antes de ele ir para Duke no outono. Meu peito dói com o pensamento dele saindo, de não ser capaz de ter esses momentos com ele todos os dias. Mas meu orgulho nele rapidamente mata esses pensamentos. Eu o beijo uma vez antes de sair da sala e ir para a cozinha. Mamãe já está de pé, sentada à mesa com o tablet. "Você está



bem, mamãe?" Eu pergunto, beijando as cicatrizes que a *tornaram* a mulher que ela é hoje. Eu costumava pensar que eles a tornaram uma estranha, mas os remédios que ela toma ultimamente me deram de volta à *verdadeira,* e eu não poderia estar mais feliz por causa disso.

"Estou bem, querida, só queria voltar ao meu livro."

"Que bom, hein?"

Ela assente. "A leitura me ajudou muito, na verdade."

"Mesmo?"

"Acho que me permite sentir como se estivesse *vivendo*, sabia?"

Eu ligo o fogão e coloco a panela no fogo antes de me virar para ela. "O que você quer dizer?"

"Estava começando a chegar a mim - estar em casa o dia todo - isso me permite ver e sentir as coisas sem nunca sair."

"Você quer sair?" Eu pergunto. "Porque você pode todos nós podemos, como fizemos com Connor e... você foi ao jogo dele, e isso não foi tão ruim."

Ela encolhe os ombros. “Talvez um dia eu me sinta mais confortável. Esta cidade não é muito amigável.”

"Sim", suspiro, minha mente perdida com os pensamentos do nosso futuro. Eu só preciso de tempo, digo a mim mesma. Em breve, sairemos daqui para sempre.



"Ei", ela sussurra, olhando em direção ao meu quarto. "Connor está aqui?"

"Sim, ele está dormindo."

"Eu tenho uma surpresa para ele."

Eu sorrio. "Qual é a sua surpresa?"

Ela se levanta e tira a gravata do roupão, revelando o que está vestindo por baixo. Não posso deixar de rir. "Ele vai adorar."

Algumas horas depois, a porta do meu quarto se abre e Connor aparece, esfregando os olhos. Ele entra na cozinha, parando quando vê a mãe em pé na pia, de costas para ele. Olhos arregalados, seu sorriso instantâneo enche meu coração de alegria. Eu digo, rindo: "Veja o que mamãe mandou Trevor pedir para ela."

Vestindo uma camisa americana do ensino médio com o nome e o número de Connor nas costas, mamãe se vira seu sorriso correspondendo ao dele.

"Ei, parece bom para você!" Connor exclama de repente acordado e cheio de vida. Ele se move para ela, a beija nas cicatrizes, como faz na maioria das manhãs. “Onde você conseguiu isso? *Ainda* não tenho uma.”



Mamãe ri. "Eu tenho o meu jeito", diz ela, dando um tapinha em sua bochecha. "Quando você voa para fora?"

"Pouco antes do meio dia", ele responde.

"Seu pai está indo com você?"

"Nah, ele não podia tirar uma folga do trabalho."

"Sério?" Eu pergunto, interrompendo a conversa deles, minha preocupação evidente. "Você vai ficar bem?" Eu tento fazer a pergunta o mais vagamente possível, porque eu sei sobre o medo dele de aeroportos, mas mamãe não, e eu não sei se ele quer que ela saiba.

Connor pisca para mim, seu sorriso ainda lá. “Sim, eu estou bem, querida. Eu sou um garoto grande agora.”

Trevor entra na cozinha e cai em sua cadeira, resmungando: "Mamãe Jo, você nunca usou minha camiseta."

Mamãe revira os olhos. "Isso porque o futebol é para bichanos."

Connor solta uma risada, e eu dou uma risadinha, apertando o ombro de Trevor enquanto ele diz: "Eu sinto que fui substituído pelo garoto de ouro".

"Nunca", mamãe diz a ele, rindo enquanto caminha em direção à porta.

Connor espera que ela esteja longe o suficiente antes de arreganhar os dentes, sorrindo para o meu irmão. "Ela me ama mais."



Trevor balança a cabeça. "Saia da minha casa, seu filho da puta parecendo Shawn Mendes", ele grunhe, mas ele está brincando... Eu *acho*.

"O cabelo de Shawn é mais escuro", eu digo, embora eu saiba de onde Trevor está vindo.

“Quem é Shawn Mendes?” Connor pergunta.

"*Quem é Shawn Mendes*," Trevor imita baixinho.

"Rapazes. É o suficiente” eu aviso, levantando a espátula na minha mão. "Agora vocês dois se dão bem, ou eu acabarei com vocês dois dentro de uma polegada de suas vidas."

Trevor estremece. "Você é assustadora", diz ele, ao mesmo tempo em que Connor tira a espátula de mim, me dá um tapa na bunda.

Eu exagero um gemido quando mordo meu lábio, olho para ele.

Connor ri.

Trevor murmura: "Eu *não* quero saber o que se passa atrás de portas fechadas com vocês dois."

Ignorando-o, pergunto a Connor: "Você tem certeza que pode me dar uma carona para a escola?"

"Sim." Ele assume o cozimento do café da manhã dele e de Trevor para mim. "Eu não quero perder nenhum momento do tempo com você."



Trevor engasga.

Connor acrescenta: “Terei muito tempo. O suficiente para eu voltar para casa e fazer as malas.”

"Você ainda não fez as malas?"

Trevor fala: "Ele é um cara, não precisamos de muito."

"É verdade", concorda Connor, servindo a comida de Trevor e servindo a ele. Ele bagunça o pouco de cabelo na cabeça de Trevor. "Eu vou usar sua camisa para você, Trevor."

"Cala a boca", Trevor ri.

Connor pega seu próprio prato e senta-se em frente ao meu irmão. "Você sente falta? De vestir uma camisa?"

"Às vezes", Trevor responde, dando de ombros, "Mas nunca foi meu objetivo final como é com você, então não é determinante para a vida, sabia?"

"Qual *foi o* seu objetivo final... ou é...?"

Eu finjo estar lavando a louça, mas estou ouvindo cada palavra que eles estão dizendo.

Trevor responde: "Eu sempre quis ser um caçador de talentos."

"Oh sim? Você seria bom nisso."

"Você pensa?"



"Sim, ou um agente."

"O que faz você pensar que eu seria bom em alguma dessas coisas?"

"Porque você se *importa*. Meu agente só se importa com os números

finais. Estatísticas, dinheiro. Você se importaria com a pessoa que está representando e garantiria que eles obtivessem o melhor resultado."

"Talvez", responde Trevor, e eu posso ouvir a contemplação em seu tom.

"Você teria que voltar para a escola para isso?"

"Eu acho que sim. Mas..." Mas esta é a minha vida agora, ele não diz.

A conversa termina ali, e logo estamos todos saindo para o dia, dizendo adeus a Krystal e mamãe na porta.

"O que você está fazendo?" Connor pergunta, olhando para mim no caminho para a escola.

Viro uma página da minha tarefa em inglês e respondo: "Eu só queria dar uma olhada rápida neste artigo. Hoje é dia de vencimento e só terminei esta manhã."

"*Quando* esta manhã?"

"Enquanto você Dormia. Apenas me dê dois minutos."

Ele fica quieto até eu terminar de ler e enfiá-lo de volta na minha bolsa. "Posso te perguntar uma coisa?"

"Certo."

"Quando - como - por que -"

"Escolha um advérbio, qualquer advérbio!" Eu canto.



Ele ri. “Eu simplesmente não entendo *quando* você tem tempo para estudar tão duro quanto você faz, e *como* conseguiu ingressar cedo em todas essas incríveis faculdades, e *por que* você fez isso em primeiro lugar, se inicialmente não pretendia continuar.”

Eu deixei suas palavras afundarem. “Isso não é muito compreensivo.”

"Eu sei; Há muita coisa que não entendo sobre você.” Ele sorri para mim.

"Como o quê?"

"Tipo, por que você está comigo, por exemplo."

"Sua auto depreciação é fofa às vezes."

"Tudo bem", ele ri. "Então eu não entendo como você sempre consegue desviar todas as perguntas que eu jogo do seu jeito."

Eu suspiro. "Eu estudo à noite, quando mamãe vai para a cama..."

"Mas eu estou lá agora e não vejo você..."

"Eu faço isso quando você estiver dormindo."

"O que? Como eu não sei disso?”

"Porque você dorme como os mortos."

"Justo. Então, próxima pergunta, como?”

"Aceitações antecipadas?"



Ele concorda.

“Eu tive um ensaio matador. Tenha pena de mim, sou filha de uma veterana de guerra ferida... ”

"Ahh."

"Além disso, minhas notas são boas, não ótimas, mas boas o suficiente."

Ele assente novamente. "Então, finalmente... *por quê*?"

Eu respiro fundo, solto lentamente. “Porque sempre foi importante para Trevor. Há certas coisas que ele não quer que eu perca, e a educação é uma delas. Uma grande parte do dinheiro que recebemos da venda da casa foi para isso, então não quero que seja desperdiçada e... mais do que tudo, não quero decepcioná-lo. Ele sacrificou tanto, o mínimo que eu podia fazer era dar isso a ele.”

Connor assente novamente enquanto morde o canto do lábio, e eu o conheço bem o suficiente para perceber que isso significa que ele está pensando, contemplando.

"O que você tem em mente, número três?"

Ele respira fundo. "Quais são seus planos para o próximo ano ou o ano seguinte?"



Essa é a pergunta de um milhão de dólares bem ali, e eu realmente deveria ter visto isso chegando. "Não tenho certeza. Na verdade, vou me encontrar com a senhorita Turner sobre tudo isso hoje. Espero que ela possa me guiar.”

"Não é para isso que serve o orientador?"

“Sim, mas a senhorita Turner investiu em mim. Eu sou o seu pequeno projeto de estimação. Além disso, eu gosto dela. Ela é uma boa pessoa.”

"Ela é?"

"Sim. Você sabe que ela cresceu por aqui? Ela foi para West High. Tenho certeza de que ela ama seu trabalho, mas ela odeia St. Luke. Você sabe que ela está pedindo financiamento há três anos e eles continuam a trancando-a?”

"Isso é péssimo."

“É como se ninguém levasse a saúde mental a sério por aqui, principalmente naquela escola. Nós somos o futuro, e ninguém dá a mínima para como nos sentimos. É como, seu cérebro é um órgão, certo? Deve ser tratado da mesma maneira como se você tivesse dor nos rins ou algo assim. Você iria vê-lo, e todos ao seu redor lhe diriam para ir ver um médico. Mas quando há uma dor no seu cérebro, esses filhos da puta...”

“Você está pregando para o coral, Ava. Entendi."

"Desculpe", murmuro. "É uma merda para ela que ninguém a leve a sério." Olho através do para-brisa quando ele começa a desacelerar, seu olhar focado na luz verde.

“Por que você está desacelerando? É verde."



"Vá vermelho, vá vermelho, vá vermelho", ele sussurra, depois sorri quando a luz fica âmbar, rolando o carro para uma parada completa.

"Você poderia ter feito isso facilmente."

"Eu sei, mas eu não queria." Ele me encara, um sorriso puxando seus lábios logo antes de se inclinar, sua boca pressionando a minha, me beijando lentamente, abertamente, perfeitamente. Quando ele se afasta, ele diz: “Oi, lembra-se de mim? Sou seu namorado e vou embora hoje por quatro dias inteiros. Não voltarei até segunda à noite.”

"Sinto muito." Eu seguro o braço dele no meu peito enquanto ele decola novamente. "Eu sei." Acredite, eu *sei.* É tudo que eu conseguia pensar na noite passada enquanto ele dormia ao meu lado. Isso e todas as piores coisas possíveis que podem acontecer enquanto ele estiver fora. Mas não preciso que ele saiba essas coisas. Quero que ele aproveite ao máximo. "São apenas quatro dias", eu digo, esperando que ele não ouça o esforço forçado na minha risada. "Tenho certeza que você vai sobreviver." *Mas* vou *lutar sem você,* não digo.

"Acho que devemos nos acostumar com isso, hein?"

Concordo com a cabeça, mesmo com a perspectiva de ficar longe dele por quem sabe quanto tempo me mata por dentro.



"Bem. Duke está a pouco mais de duas horas, então se você ficar aqui, espero poder voltar sempre que puder. Você terá que manter sua cama quente para

mim. Tenho certeza de que papai está planejando voltar para a Flórida."

"Ele é?"

Connor assente, mas não diz muito mais. Quando chegamos à escola, ele encontra uma vaga no estacionamento e sai para abrir a porta para mim. A coisa toda de cavalheirismo não é algo que eu sempre pensei que queria - tenho braços e pernas e posso fazer tudo sozinha - mas eu meio que amo que ele faça isso por mim. Assim que saio de seu caminhão, ele é bombardeado por pessoas que lhe desejam sorte no fim de semana. Eu posso dizer que isso o deixa desconfortável, mas ele sorri com todo gesto gentil, e quando começa a morrer, ele me alcança, ambas as mãos se unindo às minhas. "Sentirei tanto a sua falta", diz ele, assim que a campainha de aviso toca. Ele amaldiçoa baixinho, e eu o beijo rapidamente.

"Eu tenho que ir", eu corro. Outro beijo curto. "Vejo você na segunda-feira." Então, dou de ombros e começo a subir as escadas, a dor no meu peito causando o calor atrás dos meus olhos. *São apenas quatro dias*, continuo me dizendo. *Eu posso fazer isso.* A cada passo, cada centímetro me afasto mais dele, mais fortes minhas emoções se tornam. Lágrimas surgem nos meus olhos, e não posso combatê-las. E eu não quero. *Merda* . Eu me viro rapidamente, agradecida por ele ainda estar me observando. E então eu corro de volta para ele, mais rápido do que nunca. Não queria que ele me visse assim, mas não posso deixá-lo ir sem me despedir direito. Ele empurra sua caminhonete quando eu chego perto o suficiente, com os braços abertos, e eu praticamente pulo em seu abraço, meus



braços em volta do pescoço dele, enquanto ele a envolve na minha cintura. Pés no chão, minhas pernas o circundam. "Eu não quero que você vá", murmuro em seu pescoço. É estúpido e mesquinho, e eu sou *a pior namorada de todos os tempos* .

"Droga, Ava, não mexa com minhas emoções assim!"

Eu recuo, ainda segurando-o. "Eu não queria que você soubesse o quanto sentirei sua falta", murmuro incapaz de controlar meu beicinho.

Ele me coloca de pé novamente, mas me mantém perto. “Eu também vou sentir sua falta. Como louco. Mas ligaremos e enviaremos mensagens todos os dias.”

Eu concordo. "São *quatro* dias inteiros."

"Parece uma eternidade."

"Eu sei."

"Não vá conseguir outros namorados enquanto eu estiver fora."

Eu zombo, coloco minha orelha no peito dele para que eu possa ouvir a mágica que vive apenas para mim. "Você não é o único que precisa se preocupar", eu digo em torno do nó na minha garganta. “Haverá tantas fanáticas por lá. Não vá conhecer outras garotas.” Era para ser uma piada sem sentido, mas não consigo esconder a preocupação legítima que vem construindo dentro de mim.



Ele afasta o cabelo do meu rosto, segurando-o ao lado da minha cabeça

para que ele possa me olhar diretamente nos olhos. "Ava, *vamos lá.*"

"Eu sei", suspiro. "Mas você estará lá fora fazendo coisas para *você*, e eu sou a garota da cidade pequena que você deixou para trás... é uma história tão antiga quanto o tempo."

"Pare", ele ordena.

Eu dou de ombros. "Estou um pouco insegura, ok?"

Ele solta um suspiro e depois me beija uma vez. "O que posso fazer para que você se sinta melhor sobre isso?"

Estendendo a mão, corro um dedo ao longo de sua testa. "Tatue meu nome aqui."

Ele ri. "Apenas AVA?"

Assentindo, eu digo: “E Diaz. Só para ficar claro. Talvez Ava ED Diaz.

"São muitas letras, querida."

"Bem, sorte que você tem uma cabeça gigante."

Sua cabeça joga para trás com sua risada, e eu sorrio, recuo um pouco para dar a ele espaço para respirar.



"Eu sou estúpida", eu admito. “Vá e divirta-se. Tenha um bom tempo. Esqueça-me."

"Tudo certo. Não vou te esquecer, mas *vou* tentar me divertir sem você.”

"Boa."

"Você vai se atrasar para a multimídia, e a Srta. Salas tem sido uma cadela furiosa ultimamente."

"Eu sei." Eu o beijo novamente, e desta vez, deixo minha língua falar.

Quando nos separamos, ele pergunta: "Ei, quando eu voltar, você fará essa coisa com a língua no meu..."

Rindo, começo a me afastar dele pela segunda vez e gritar, para que todos ao nosso redor possam ouvir: “Sim, Connor! Eu prometo! Quando você voltar, eu vou depilar seus mamilos novamente! Seu traseiro também!”



Capítulo 27

Ava

Minha casa parece o dia 4 de julho do dia seguinte, com serpentinas vermelhas, brancas e azuis e balões espalhados pela sala de estar. Foi ideia da mamãe e eu fui a favor. Trevor segura um balão marrom solitário e o levanta no ar. "Gig 'em, Aggies!" Ele ainda acha que nunca nos importamos com seus jogos, mas era difícil mostrar o quanto estávamos orgulhosos dele quando ele estava no Texas.

Sentamos em torno da TV com pipoca e bebidas. Mamãe usa sua camisa All-American, e eu uso uma das camisetas Wildcats de Connor. A cada minuto mais perto do tempo do jogo, minha emoção parece dobrar. É sua primeira transmissão nacional, e estou muito emocionada por ele.

Eu tiro uma foto da sala e da mãe e as mando para Connor com a legenda:

Estamos um pouco animados. Você pode dizer?

E então um de Trevor franzindo a testa com o balão e escrevo:



Ele não conta.

Espero até alguns minutos antes do jogo enviar:

Eu sei que você não verá isso até depois do jogo, mas eu só quero que você saiba o quanto estou orgulhosa de você, de tudo que você realizou e de tudo que é. Não importa o que aconteça hoje, ou amanhã, ou daqui a um ano, você sempre será meu número um número 3. Eu te amo mais do que a mágica dentro de você.

"Lá está ele", mamãe diz, batendo na minha perna um pouco animadamente.

Trevor aumenta o volume quando a equipe do Leste entra na quadra. Eles entram em fila para o hino nacional e a câmera passa por cada jogador. Minha respiração para quando Connor aparece na tela e depois desaparece completamente quando percebo a enorme escrita preta em seus braços. "Ele fez tatuagens durante a noite?" Trevor murmura.

"Volte", eu exijo.

"É uma transmissão ao vivo, idiota."

Eu resmungo, querendo saber o que diabos está em seus braços. Felizmente, apenas alguns minutos depois, enquanto mostravam os aquecimentos, os locutores parecem tão intrigados quanto eu. "O que há nos braços de Ledger?", Um deles pergunta.



"Quem sabe? Crianças com tatuagens na manga são *uma coisa* hoje em dia", retruca o outro.

"Podemos dar um zoom nos braços dele?" Diz o primeiro, e o cinegrafista deve ouvir porque ele se concentra em um dos

braços de Connor enquanto ele dispara da linha de três pontos.

"Isso é..." Está claro que o primeiro locutor está tentando lê-lo, mas eu já sei o que diz e meu coração despenca com o peso do amor de Connor.

"Ava ED Diaz", eu sussurro, meu sorriso desenfreado. "Oh meu Deus..."

"Parece ser o nome de uma garota", o locutor ri. "Que garota de sorte!"

"O que há no outro braço?"

A câmera focaliza o outro braço, e meu sorriso é tão pateticamente estúpido que não consigo deixar de chorar. "*Primeira e para sempre."*

"Case com ele, Ava", mamãe ordena.

Eu planejo...

Eu mantenho esse pensamento para mim mesmo.



Connor

Ava: *Ah, você! Eu nem sei o que dizer Connor. Você me surpreende todo maldito dia. Não acredito que você fez isso!*

Ava: *Porra, #3. Maneira de aparecer!*

Ava: *Puta merda! Essa tabela está chorando por sua mãe. Eu posso ouvir daqui!!!*

Ava: *Cara, você precisa dar um tempo ao seu oponente.*

Ava: *Como diabos você ficou tão baixo quando é o melhor jogador do mundo!*

Ava: *É melhor o seu agente estar assistindo isso. Fazendo chamadas. Ofertas de trabalho!*

Ava: *Meu garoto!!!*

Ava: *Foda-se. Eu acho que perdi minha voz.*

Ava: *OMG!!!*

Ava: *CONNOR LEDGER, TODOS!! [16]MV filho da puta P.*

Ava: *MVP! MVP! MVP!*



Ava: *Ok, eu terminei!*

Ava: *MVP! MVP! MVP! MVP!*

---

[16] Em jogos, sobretudo nos Estados Unidos, Jogador Mais Valioso (do original Most Valuable Player), também conhecido pela sigla JMV (do inglês MVP) , é um prêmio geralmente conferido ao jogador ou jogadores de melhor desempenho numa competição.

Ava: *Ok, agora estou realmente acabada.*

Ava: *Você vai ser tão sortudo quando voltar. Eu farei aquela coisa com a minha língua que você gosta. Por um mês. Toda noite. Várias vezes.*

Ava: *MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MV! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MV P! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP! MVP!*

Ava: *Demais? Que pena!*

Ava: *Eu te amo. Saudades. Ligue-me quando terminar de ser um MVP do caralho! MVP!*

Minhas bochechas doem com a força do meu sorriso enquanto leio os textos de Ava.

Connor: *Acabei de sair do banho. Prestes a cumprimentar alguns olheiros da NBA. Deseje-me sorte.*

Ava: *Como se você precisasse.*

Connor: *Lol. Eu te ligo quando terminar?*

Ava: *Não se apresse MVP.*

Connor: *Você vai deixar isso chegar à minha cabeça.*

Ava: *Oh, eu vou chegar à sua cabeça. Tudo sobre isso. Babar por todo esse peso, baby!*



Connor: *Você é louca e eu amo você.*

Ava: *Eu te amo mais.*

Connor: *Eu tenho que ir. Envie nudes.*

As poucas horas após o jogo são um borrão de apertos de mão e coleta de cartões de visita. Agentes, batedores e até alguns profissionais aparecem para nos encontrar. Eu tinha planejado aparecer e fazer um nome para mim hoje. Eu senti que tinha algo a provar, e então saí e fiz. Nunca em meus sonhos eu achei que conseguiria MVP. Não com o calibre de talento que saiu para jogar. É insano.

Eu conto a mesma história para todos os repórteres na conferência de imprensa depois, minha adrenalina pós-jogo o suficiente para afastar meus nervos. Quando tudo termina e eu estou caminhando em direção ao ônibus para nos levar de volta ao hotel, a primeira coisa que faço é ir para o meu telefone, ler os textos de Ava novamente, lembrando minha razão, meu jogo final. Meu sorriso se amplia quando vejo algumas mensagens novas dela.

Ava: *Estou tatuando seu nome na minha bunda.*

Ava: *Eu sou oficialmente a groupie de Connor Ledger. Sou uma em um milhão, com certeza, mas sou A em um milhão, e também sei onde apunhalar alguém por uma morte instantânea e morte silenciosa... Apenas no caso de qualquer outra garota chegar muito perto.*

Ava: *Merda. Apague isso. OMG. Eu estava brincando, FBI! Haha * olhos esquisitos **



Ava: *Connor Ledger: Academia St. Luke, MVP norte-americano, Aluno Duke, aguarda ponto de partida para [insira o maldito time da NBA que você quer, porque você conseguiu isso, bebê!].*

"Connor?"

Eu olho para cima, meu sorriso caindo instantaneamente. Meu coração para e todos os músculos do meu corpo se solidificam.

"Ledger, você vem?", Um dos meus colegas de equipe chama de dentro das portas do ônibus.

"Eu vou... eu vou conversar com vocês mais tarde."

"Você tem certeza?" Ele pergunta, e eu aceno.

Espero as portas do ônibus fechar antes de respirar e olhar para a mulher na minha frente. A raiva explode, mas desaparece com a mesma rapidez. "O que... o que você quer?"

Seu olhar cai, assim como seus ombros. "Você me reconhece?" O cabelo dela está mais claro do que eu me lembro. Os olhos dela também. E ela está envelhecida. Seriamente. Mas ela ainda é a mulher de quem são meus pesadelos.

Eu limpo a bola de nervos subindo na minha garganta e murmuro a verdade que tenho mantido por *quinze* anos. "É um pouco difícil esquecer a pessoa que tentou te matar."

Ela assente, e parece que a atmosfera está se aproximando de nós. "Eu não tinha certeza se você se lembraria de mim", diz ela, logo acima de um sussurro.



Tantas vezes, eu pensei sobre esse momento, bem aqui, e tudo o que eu diria a ela se tivesse a chance. Afasto minha

mágoa e digo a ela: "Eu provavelmente me lembraria mais de você se você se voltasse considerando a última vez que te vi, você estava se afastando de mim."

"Você é louco?"

"Eu não deveria estar?" Eu tento respirar calmamente, mas isso não parece ajudar. "O que você quer?"

"Olha", diz ela, olhando para todas as pessoas que ainda estão à nossa volta. "Esta não é a hora ou o local... mas você pode me encontrar em algum lugar?"

"Não." Eu não quero estar aqui. Não com ela. Não *sozinho*. Eu aperto meu telefone com mais força. Por mais patético que seja eu quero meu pai.

"*Por favor*."

Eu rio uma vez, olho por cima do ombro dela e espero que ela não consiga ver a dor nos meus olhos. “É engraçado... eu chorei a mesma palavra repetidamente naquele carro... quando senti que estava sufocando. Eu disse, *por favor, mamãe*, e você não se importou, então...”

"Eu sei." Ela limpa os cantos dos olhos, e meu olhar se move para lá, vê a dor que ela está carregando. "Precisamos conversar sobre muitas coisas".



"*Você* precisa falar", eu corto, tentando ser forte, desafiador. "Eu não tenho nada para dizer para você."

Eu começo a me afastar, mas ela me para, com a mão no meu cotovelo. Eu vacilo. Viro para ela.

"Você não me deve nada", diz ela.

"Eu sei disso."

"Connor", ela suspira, olhando ao nosso redor. "Você não sabe o quanto estou arriscando estar aqui."

Dou um passo à frente, me elevo sobre ela e deixo que a raiva inicial me consuma. "Eu deveria tê-la presa."

"Eu sei", ela sussurra, e eu posso dizer que ela está à beira de soluçar. E eu sei que não deveria me sentir assim quando ouço o soluço grito escapar dela. Eu sei que deveria ir embora, assim como ela fez. Mas...

Mas eu *não posso*.

"Aqui", diz ela, dando um passo para trás. Ela mantém o olhar abaixado, guardado quando me entrega uma nota dobrada. "Aqui está meu número. Estarei neste endereço às 7:30 da noite. Apareça ou não, mas confie em mim, Connor. É melhor viver a vida inteira com a verdade do que viver com arrependimento."



Ava

Eu não recebo notícias de Connor pelo resto da tarde e a maior parte da noite, e por isso presumo que ele esteja ocupado. Claro, que ele seria. Eu coloco minha mãe no sofá depois de ouvi-la falar sem parar sobre o jogo de Connor, sobre ele recebendo MVP, e sorrio quando ela diz: "Você tem muita sorte de ter um ao outro."

Eu limpo a casa um pouco, mas mantenho as serpentinas e balões para quando Connor voltar. Então vou para o meu quarto, pego a grande caixa de papelão que mantenho debaixo da cama e bato na porta de Trevor. Ele não responde, e quando eu abro, ele não está lá. Ele não está na cozinha ou no banheiro, então eu dou uma olhada na varanda. Ele está sentado no banco, com o telefone no ouvido. Quando ele me vê, ele diz ao telefone: "Eu ligo de volta." Quando ele desliga, ele se concentra em mim. "E aí?"

Sento-me ao lado dele, verifico se o monitor está ligado para que eu possa ouvir se mamãe precisa de mim. "Aquela era Amy?"

"Sim."

Ele aponta para a caixa. "O que você tem aí?"



Eu me viro para ele, meu sorriso suave. "Eu sei que você está apenas brincando com toda essa coisa de ciúmes de Connor..."

Os olhos dele se estreitam.

"Pelo menos, eu *acho que* você está."

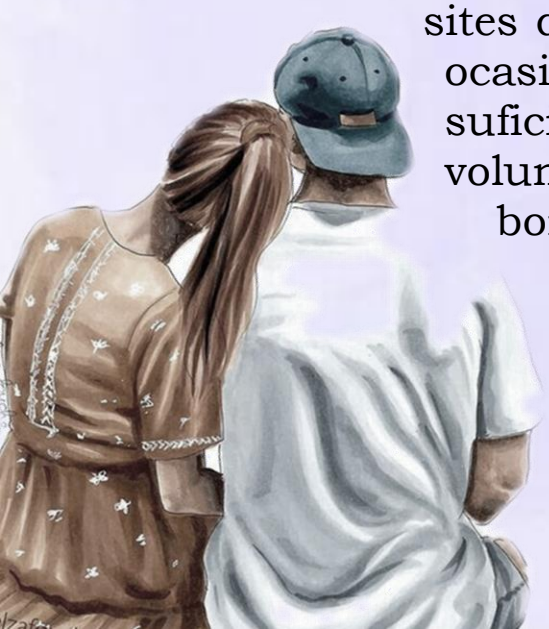
"Eu estou", ele garante, e eu solto um suspiro de alívio.

Entrego a caixa para ele. "Mas eu queria que você soubesse que tenho tanto orgulho de você quanto dele."

Ele pega a caixa de mim, seus olhos se arregalam em confusão quando ele abre a tampa. Ele pega o primeiro álbum e vira a página. Há uma foto dele e eu no seu primeiro jogo na faculdade - quando implorei a mamãe e William que me deixassem ir com eles. Ele está com todo o seu equipamento de futebol e estou usando uma camiseta da Aggie com o número dele na minha bochecha. Eu pareço tão jovem. Nós dois fazemos. Ele vira a página; vê o artigo que recortei do boletim informativo do Texas A&M Today sobre ele e de onde ele veio. "Você fez isso?" Ele sussurra, e eu posso ouvir a emoção em sua voz que ele está tentando esconder.

"Esse é apenas o seu primeiro ano da faculdade", eu digo, assentindo. Eu alcanço a caixa, puxo os outros cinco álbuns de recortes, descartando as fotografias e artigos adicionais que eu não tinha espaço, mas queria guardar. "Estes são todos os anos, desde o primeiro ano do ensino médio." Então aponto para um álbum de fotos. "E isso é só você e eu crescendo."

Ele fica em silêncio enquanto percorre todas as fotografias, todos os artigos, todas as impressões de todos os sites que já mencionaram seu nome. Ele fareja ocasionalmente, e eu conheço meu irmão o suficiente para saber que ele é grande e volumoso por fora, mas por dentro... Ele é um boneco gigante, e sua exalada cambaleante me lembra de por que eu o amo tanto, por que eu o admiro. Do jeito que eu



faço. "Jesus, Ava", ele murmura, as palmas das mãos indo para os olhos. "Eu não tinha ideia de que você fez isso."

"Eu sei", digo a ele, mudando quando ele coloca o braço em volta dos meus ombros. “E isso pode parecer extravagante e super errado, mas... você foi o primeiro garoto que eu amei Trevor, e isso nunca vai mudar. Você sempre será meu irmão mais velho, e eu sempre serei um pé no saco.”

Ele ri uma vez, me liberando. Então ele abaixa a cabeça entre os ombros, seu suspiro pesado esvazia seu peito. “Ava, preciso lhe contar uma coisa, mas *não* quero. Especialmente agora."

Eu agarro seu ombro, forço-o a se sentar para que eu possa olhar para ele. "O que há de errado?"

Ele se vira para mim, com os olhos vermelhos, as narinas queimando com a expiração. "Jesus, eu não sei como dizer isso."

Eu digo através da dor no meu peito, “Apenas diga Trevor. Você está me assustando."

“Estamos sem dinheiro, Ava. E eu não sei como consertar isso.” Ele olha para frente, seu olhar distante, enquanto eu tento acalmar meu coração acelerado. “Tentei conseguir um empréstimo ontem e eles negaram. Eu já peguei emprestado do Sr. Preston, mas não posso perguntar novamente, e menti para você antes... Eu não estava ao telefone com Amy. Eu estava no telefone com Peter...”



"Não!" Eu saio correndo. "Não peça dinheiro a ele."

"Eu *preciso*."

"Não." Eu levanto. Ritmo. "Eu vou conseguir um emprego."

"Não será suficiente."

“Eu vou sair da escola. Estamos tão perto. Ainda posso me formar.” *Provavelmente.* “E eu poderei ajudar."

"O dinheiro que você poderia ganhar poderia pagar por Krystal, mas você também pode ficar em casa e, mesmo assim, estamos tão longe no vermelho..."

Eu limpo as lágrimas muito rápido para aparecer.

"Sinto muito, Ava", ele engasga. "Eu pensei que seria suficiente, mas..."

"Pare com isso!" Eu ordeno de pé na frente dele. "Você fez mais do que..." Meu estômago revirou, e eu não consigo respirar.

Ele olha para cima, cansado, olhos preocupados nos meus. "As mudanças no seguro dela significavam que tínhamos que pagar mais pelos remédios e agora que eles finalmente encontraram o certo"



“Vou ligar para os médicos para sair na segunda-feira. Vamos ver o que eles dizem.”

Trevor assente. "Mas ainda precisamos de ajuda, e Peter"

"Não!"

"Por que não?"

"Porque!" Porque com Peter, a dívida se torna mais do que apenas financeira. Eu me acalmo. “Porque nós podemos fazer isso sozinhos. Apenas deixe-me ligar para os médicos e o seguro e apenas... apenas me dê alguns dias antes de falar com ele, ok? Promete-me."

"Tudo certo."

"E nunca mais faça isso de novo."

"Fazer o que?"

“Carregue esse peso por conta própria. Não guarde segredos de mim.”

Ele concorda. "Me desculpe, eu não poderia fazer o suficiente."

Sento-me ao lado dele novamente, envolvo meus braços em torno da sólida parede de dependência que eu tenho como certa. “Não se desculpe, Trevor. Nunca."

Eu só preciso de tempo, digo a mim mesma novamente, *e tudo se encaixará.*



Connor

O mundo é laranja brilhante quando o sol começa a se pôr, e isso me lembra dos balões na minha varanda, de Ava. Eu gostaria de estar lá em vez de ficar na calçada, encostado a um poste enquanto olho para a rua e para as grandes janelas do restaurante da cadeia às 20:00.

Ela ainda está lá, minha mãe, esperando por mim. Ocasionalmente, ela verifica a hora e olha para as portas, esperando que eu apareça.

Não sei por que estou aqui. *Curiosidade.* Tento me convencer. *Curiosidade mórbida.* Aperto a ponta do nariz, tento liberar as batidas na minha cabeça.

Empurrando o poste, dou um passo à frente e depois outro, até atravessar a rua e abrir a porta. Minha mãe senta mais alto quando me vê um toque de sorriso puxando seus lábios. Uma parte de mim odeia ter lhe dado tanta alegria. Mas outra parte de mim pisca para todos os momentos de alegria que me lembro de ter, e acho que odeio mais isso.

"Hey" murmuro no segundo em que minha bunda bate no assento. Em uma cabine, no canto da sala, de repente me sinto preso. A ansiedade em enxame através do meu corpo, fechando minhas vias aéreas. Eu não deveria ter vindo aqui, mas agora é tarde demais. E sei que, se não o fizesse, me arrependeria para sempre.



“Você quer beber? Café? Chocolate quente”

"Eu odeio chocolate."

"Sério?" Sua sobrancelha se levanta. "Você adorava."

Eu mantenho meus olhos nos dela quando digo: "Eu costumava amar muitas coisas".

Minha doadora balança a cabeça, seus olhos se movendo para o texto escrito em meus braços. Ela lê antes que eu possa esconder o que está lá. “Ava. Ela é sua namorada, certo?”

“Você já sabe quem ela é. Você a conheceu. E eu apreciaria se você mantivesse o nome dela fora da sua boca.” *Eu não quero que você a manche como você me manchou,* eu não digo.

Os olhos dela levantam, suavizam. "Eu voltei, sabia?"

Eu me inclino para frente. "O que?"

“Voltei para você. Depois que percebi o que tinha feito, voltei...” Lágrimas se formam em seus olhos, e ela rapidamente as limpa. "Mas você já tinha sido... *encontrado*... e havia tantas pessoas ao seu redor e eu não pude..."

"Você não podia lidar", termino por ela. "Assim como você não poderia lidar com ser mãe, certo?" Engulo o nó na garganta. “Eu era tão ruim assim como uma criança?” Era para sair duro, mas minhas emoções verdadeiras voam com minhas palavras, levando minhas inseguranças com elas.



"Connor, não", ela sussurra através de uma expiração vacilante. "Nunca foi sobre *você*." Ela estende a mão sobre a mesa, sua mão cobrindo a minha, e eu deixo. Eu a *deixei*. “Quando todo mundo se foi... eu vi seus carros de brinquedo sentados lá. Lembra daqueles, querido? Você os amava tanto que não podia ir a lugar nenhum sem eles.

Reclamo minha mão, descanso-a no meu colo e mantenho os olhos baixos. "Eu lembro."

"Você assistia esses filmes por horas, e as trilhas sonoras estavam sempre no meu carro..."

Não tenho nada a dizer, então fico quieto.

"Você ainda gosta de carros?"

"Na verdade não."

Ela suspira. "É tudo sobre basquete agora, certo?"

Eu concordo.

“Ou já faz um tempo. Acho que a primeira vez que vi seu nome aparecer, você tinha cerca de doze anos.”

Eu olho para ela agora, meus olhos arregalados de surpresa.



"Eu tenho seguido você por anos, vendo você crescer de longe." Há uma melancolia em suas palavras, e meu coração dói de maneira que nunca pensei que fosse possível. Ela se importa comigo... Mas nunca o suficiente para me reivindicar de volta.

"Onde você esteve? E o que você quer de mim agora?" Faço uma pausa, minha voz calma quando acrescento: "Não temos dinheiro - papai e eu - e se você acha que pode de alguma forma, conseguir, porque estou indo para a liga, então... eu nem sei o que dizer para você."

"Eu não quero o seu dinheiro", ela responde rapidamente. "E seu pai, merda, Connor, ninguém pode saber que estou aqui. Se alguém descobrir que eu existo, eu poderia..."

"Eu sei o que poderia acontecer com você." E *eu* seguro todas as cartas.

"Estou falando sério, Connor. Nem seu pai, nem sua namorada. Ninguém."

"Por que eu deveria te dar graça? Você esqueceu-se de alguma forma o que você fez comigo?"

"Não!" Ela quase grita. "Eu me escondi em uma cabana na floresta, nunca saindo de casa, vivendo todos os dias com a dor de saber o que eu fiz com você!" Ela termina em um soluço, tão forte e tão alto que tem a cabeça das pessoas. Girando. Ela se encolhe, pega um guardanapo do dispensador para enxugar as lágrimas. Quase um sussurro, ela acrescenta: "Eu estou protegendo você e todos que você ama quando digo que eles *não podem* saber. Eu ainda sou uma... uma *fugitiva*." Ela diz a palavra como se fosse ácido em sua língua. "E tê-los sabendo significa que eles podem ter muitos problemas se..." ela interrompe, e eu sei para onde ela está indo, o que ela quer dizer. Já assisti os documentários de crimes verdadeiros o suficiente para entender as



consequências, mas ainda não responde à minha pergunta sobre o que ela *quer*.

A confusão preenche todos os nervos do meu ser, e odeio não poder controlar minhas emoções. Eu odeio que vê-la chateada faz meu coração doer, mas vê-la sorrir me deixa com raiva. "Então, por que arriscar tudo agora?"

Ela leva um momento, tentando diminuir a respiração. "Minha mãe está doente."

"OK...?"

"Você lembra-se dela?"

Balanço a cabeça. "Nem um pouco."

Ela assente lentamente. “Ela é a única pessoa com quem tenho contato e está sempre perguntando sobre você. Ela sabe o que eu fiz... e ela faz saber todos os dias como se sente sobre isso. Mas...” Uma carranca puxa seus lábios. “Ela está morrendo, Connor. Câncer. E ela não tem muito tempo. Ela queria que eu te contatasse, e eu *precisava*. Para ela. E talvez até um pouco para mim.”

Solto um suspiro, estagnado, enquanto deixo suas palavras cavarem profundamente dentro de mim.

“Ela não fez nada de errado nisso, então se você quiser me punir, eu entendo. Mas não faça isso com ela, Connor. Ela é sua avó e te ama muito.”



"Então, o que você quer de mim?"

"Ela só quer vê-lo novamente, antes... antes de morrer."

Esfrego a parte de trás do meu pescoço, minha mente fervilhando. "Preciso pensar sobre isso."

"Eu sei. E você tem meu número. Só... seja sensível ao tempo, certo?”

"Entendi."

Ela sorri.

Começo a sair da cabine. "Eu aviso você?"

"Tudo bem." Ela também se levanta. "Presumo que um abraço está fora de questão?"

Eu ainda, perplexo, e me pego levantando meus braços, deixando-a diminuir a distância. Seus braços envolvem meu torso...

...enquanto os meus caem para os meus lados.

Eu digo a ela, com o coração pesado: "Eu já tenho uma figura materna em minha vida".

Ela se afasta seus olhos confusos quando encontram os meus.

Acrescento, deixando de lado todos os pensamentos que tive desde o momento em que vi os carros que ela dera a Ava: “A mãe da minha namorada - ela é veterana de guerra e tem ferimentos que causaram danos cerebrais - e até *ela* pode encontre uma maneira de me amar incondicionalmente. E meu pai... ele fez um trabalho tão incrível de ser meus pais por tanto tempo que, depois de um tempo, eu parei de sentir sua



falta. Parei de pensar em você completamente. E me desculpe" digo, meu queixo para cima, ombros para trás, como Srta. D ordenou no dia em que perdi os regionais," não posso fingir que está tudo bem entre nós, porque não está." Viro a porta. Deixei-a lá.

Dou dois passos antes que ela chame meu nome e paro. Meus olhos se fechando quando ela diz: "Converse com seu pai sobre o que aconteceu naquela época, Connor. Ele não é tão inocente em tudo isso."

***

Espero até voltar ao meu quarto de hotel antes de verificar meu telefone. Nem papai nem Ava ligaram, mas há uma mensagem do papai pedindo que eu ligue para ele quando eu puder. A confusão embaralha minha mente quando eu clico no botão, a pergunta na minha mente, na ponta da minha língua. *O que ele sabe que eu não?*

"Connor!" Papai grita. "Eu não queria ligar para o caso de arruinar o seu crédito na rua", ele ri. "Mas droga, garoto! Você me fez um pai orgulhoso hoje! Estou me chutando por não estar lá. Eu deveria ter deixado o meu maldito emprego e acabado de sair. Danem-se pessoas morrendo, certo?"



Há uma dor ofuscante no meu peito, na minha cabeça, todo o meu corpo. Eu me jogo na cama, meus olhos no teto.

"Você está aí, filho?"

"Sim, desculpe-me..."

Sua voz está cheia de emoção quando ele diz: "Eu ouvi a porta ao lado enlouquecendo toda vez que você apareceu." Ele solta um suspiro, estática enchendo meus ouvidos. "Jesus, Connor, mesmo que nada disso estivesse acontecendo, quem você é, o homem que você se tornou... Honestamente, estou muito orgulhoso de mim mesmo por ter criado você." Ele não pode parar de rir e eu o imagino sentado no sofá com suas roupas de dormir, um sorriso gigante no rosto, orgulho iluminando seus olhos, assim como ele fez quando entrei para Duke. Mas agora percebo que é exatamente da mesma maneira que ele me olhou a vida inteira.

Foda-se o que minha mãe tinha a dizer. Ela não sabe o que somos - papai e eu - porque ela escolheu não estar lá. E como ela ousa tentar tirar isso. "Papai?"

"Sim, filho?"

"Eu aprecio muito você." Eu pisco de volta as lágrimas. “Se eu nunca te disse isso ou fiz você sentir isso antes... apenas saiba que sim. Que eu estou aqui por sua causa. E eu amo-te."

Espero até minha mente ficar estável o suficiente e, finalmente, faço a ligação que queria o dia todo. Ava responde com tanta emoção quanto meu pai. “MVP! MVP! MVP! ” Ela grita, e eu não posso deixar de rir.



"Oh, cara, sinto falta da sua voz."

"Eu sinto *sua* falta!"

"Como tem sido o teu dia?"

"Oh, você sabe, apenas assistindo meu namorado realizar seus sonhos, com a mesma idade", diz ela, terminando em uma risada. "Sinto muito por todas as mensagens."

“Não sinta. Elas... elas eram perfeitas.”

"O que você tem feito desde o jogo?"

"Apenas encontrando e cumprimentando, fazendo um nome para mim", eu minto. "Sair com os caras, sabia?"

“Isso é bom, querido! Fico feliz que você esteja aproveitando ao máximo. Vocês vão sair hoje à noite para comemorar?”

“Eles podem estar. Eu sou bem batido, no entanto. Só estou esperando você enviar aqueles nudes.”

Ela ri.

"E você? O que você tem feito? Como está sua mãe?”

"Ela é boa. Foram bons. Tudo ótimo."

"Ei, Ava?"

"Sim?"

"Você pode apenas falar comigo?"

"Sobre o que, querido?"

"Qualquer coisa. Eu só quero ouvir sua voz.”



Eu praticamente posso ouvi-la sorrir através do telefone. "Eu te contei o que aconteceu ontem em multimídia?"

"Não."

"Bem, Roy fez uma parceria com aquela garota Myra na classe..." Ela começa a me contar a história, e eu ouço suas palavras, e eu tento muito sentir o conforto em sua voz, mas pela primeira vez, Não consigo sentir, ouvir... Não consigo encontrá-lo... Porque estou perdido.

Estou tão perdido.



Capítulo 28

Ava

"Desculpe, eu só preciso aceitar isso", digo a todos enquanto vejo o nome de Connor piscando no meu telefone. Eu saio da cozinha e me afasto o suficiente para que Connor não possa ouvir a conversa que Trevor, mamãe e Krystal estão tendo com os médicos.

"Ei, MVP!" Saúdo, esperando que ele não possa ouvir meu sorriso forçado através do telefone.

"Rhys disse que você não está na escola hoje..."

"Uau, você está me investigando desde a Geórgia?"

"Não, Ava", diz ele, seu tom sério. “Ele ligou para outra coisa e acabou de mencionar. O que está acontecendo?"

"Nada, querido. Os médicos da mamãe estão aqui...”

"Por quê?"

“É apenas uma verificação geral; acontece...” Eu continuo mentindo porque não quero que ele se preocupe. “Eu não te contei? Está agendado há meses.”



Ele solta um suspiro. "Não, você não fez", ele responde sua voz suavizando. "Então, nada está errado?"

"Está tudo bem", eu asseguro, e acrescento: "Desculpe incomodá-lo."

Ele suspira. "É tudo bem."

"O que você está fazendo, afinal?"

"Estou esperando no aeroporto."

"A que horas você pousa?"

"Cinco. Provavelmente chegarei em casa por volta das oito. Papai quer jantar e depois..."

"Você vem?" Eu pergunto meu sorriso genuíno desta vez. "Por favor?"

Ele ri uma vez. "Sim claro."

"Passar a noite?"

"Eu estava planejando isso."

Eu suspiro, deixando sua voz preencher o vazio no meu coração. "Deus, eu sinto sua falta", digo a ele, ao mesmo tempo em que ele diz: "Deus, Ava, você não tem ideia do quanto eu senti sua falta."

Nós dois rimos ao telefone, um único segundo de clareza em uma existência nublada.



"Eu tenho que ir", digo a ele. "Mas eu mal posso esperar para vê-lo."

"Ei, Ava?"

"Sim?"

Ele está em silêncio uma batida. “Acho que não percebi o quanto te amava e o quanto precisava de você até este fim de semana. Você significa tudo para mim. E eu só quero que você saiba disso.” Ele desliga antes que eu possa dizer outra palavra e eu olho para o meu telefone, encaro-o, imaginando o que diabos aconteceu. Eu seguro uma mão no meu estômago, tento acalmar as borboletas lá.

"Ava?" Trevor chama, me trazendo de volta à realidade - uma realidade cheia de medo e incerteza.

Connor

Papai está tão orgulhoso de mim pessoalmente quanto no telefone e, depois de tudo o que aconteceu com minha mãe, isso só cria um peso maior no meu peito. Eu gostaria de estar tão feliz em vê-lo quanto ele em me ver, mas há perguntas, muitas delas, e eu não sei por onde começar. Mais ainda, não sei se quero.

Nada de bom poderia advir da abertura das feridas do nosso passado.

Nada.

Sento-me à mesa da cozinha, vendo-o me observar, com um sorriso no rosto, os olhos brilhando de orgulho. “Você era perfeito, Connor. A cada segundo você estava lá fora. Nem um único erro.”



Eu cavo minha refeição, sem me preocupar em responder, e olho para o relógio.

"Porra, eu não lhe dei dinheiro suficiente para comer enquanto você estava fora?"

Eu quase engasgo com o bife e tusso, bato com o punho contra o peito para limpá-lo. Então eu limpo minha boca com um guardanapo e engulo meu copo inteiro de água. "Desculpe", eu digo a ele. "Eu disse a Ava que viria depois do jantar." E por mais que eu aprecie meu pai, ele não mata minha dor do jeito que ela faz. Mas... “Estou sendo rude. Você passou por todo esse problema e... eu estou sendo um merda. Desculpe."

Ele ri baixinho, balançando a cabeça e puxa o prato para longe de mim. "Vai."

"Não, pai", eu saio correndo, trazendo o prato de volta. "Ela pode esperar."

“Mas *você* não pode. Você pode Connor?”

Dou de ombros, meu coração se enchendo de esperança com o pensamento de vê-la novamente.

Papai se levanta, leva meu prato com ele. "Vá, Connor!" Ele ri.

"Você tem certeza?"

"Sim!"



Eu não pergunto de novo. Em vez disso, pego meu telefone, já mandando uma mensagem quando fecho a porta da frente.

Connor: *Estou indo agora.*

Ava abre a porta no segundo em que pisei na varanda dela, e ela é muito mais do que eu me lembro. *Quatro dias*. Faz apenas quatro dias, mas parecia uma vida inteira, e pelo jeito que suas bochechas se erguem com a força do seu sorriso, o jeito que ela me empurra um passo para trás para que ela possa fechar a porta atrás dela e o jeito que ela pula em meus braços, sua boca indo na minha, ela sentiu tudo o que eu senti. Eu aperto minhas coxas enquanto suas pernas andam em volta de mim, suas mãos no lado do meu rosto enquanto ela inclina a cabeça, sua língua encontra a minha, e *isso*. Era exatamente isso que eu precisava para esquecer todo o resto.

Eu só precisava dela.

Ela quebra nosso beijo, seus olhos segurando mais emoção do que suas palavras. “Eu odiava cada segundo que você se foi, você se arrasta. Não faça isso de novo.”

"Eu também."

"Nunca mais."

Suspiro. Encosto-me ao corrimão da varanda e a coloco de volta. "Como vamos fazer isso?"

Ela dá um tapa no meu peito. “Eu não sei, Connor! Encolha-me e me coloque no seu bolso. Duh!”



Mordo um sorriso. "E a sua mãe?"

"Encolha ela também."

Antes que eu possa responder, a porta da frente se abre, apenas um pouco, e a Srta. D sussurra: “MVP! MVP! MVP!”

Ava ri. "Ela está esperando por você."

Segurando a mão de Ava, eu a conduzo para sua própria casa e fico na frente da senhorita D, meu sorriso correspondendo ao dela. Eu não tinha percebido que também sentia falta dela, enquanto estava fora, mas aqui estou... Feliz por estar de volta na presença de duas das meninas mais importantes da minha vida. "Você está cansado das pessoas dizerem o quanto elas têm orgulho de você?", Ela pergunta.

Eu dou de ombros. "Eu sempre poderia fazer com mais um."

"Oh, Connor, 2,01m, estou tão orgulhosa de você!" Ela dá um passo à frente, me abraçando, e meus braços a envolvem. Um segundo. Dois. E eu não a solto quando ela começa a se afastar. Penso no abraço que minha própria mãe me deu. Como era fisicamente doloroso pensar em abraçá-la assim. Como eu não conseguia nem levantar os braços quando foi oferecido...

Olho por cima da cabeça da senhorita D e vejo Trevor nos observando, uma carranca puxando seus lábios. Quando ele me nota assistindo, ele fica mais alto, emplastrando um sorriso falso. "Você fez bem, cara."

Finalmente libero a senhorita D, mas falo com ele: "Obrigado". Se ele é genuinamente salgado sobre o carinho da senhorita D por mim, então terei que conversar com ele sobre isso. Eu me viro para Ava; ela está olhando para a mãe da mesma forma que Trevor.



"Eu vou para a cama agora", anuncia Miss D.

"Vou preparar todas as suas coisas", Ava diz sua voz quase um sussurro. Ela dá um tapinha no meu braço enquanto passa. "Encontro você no meu quarto?"

Olho para Trevor, mas ele está olhando para seus pés. Eu digo: "Sim, claro."

Algo está diferente, *errado;* Eu posso sentir isso nos meus ossos, ou talvez esteja tudo na minha cabeça, porque nada ficou claro por dias agora.

Entro no quarto de Ava, deixo a porta entreaberta e sento na beira da cama, meu telefone fazendo um buraco no meu bolso. Eu tiro, coloco na mesa de cabeceira dela. Eu enviei uma mensagem para minha mãe. Apenas um. Dizendo a ela que eu precisava de tempo. Eu não tenho notícias dela desde então.

Do outro lado da porta, eu posso ouvir Ava e Trevor sussurrando alto, uma troca acalorada, e meus olhos se estreitam quando tento ouvir com mais atenção. "Você não está ligando para ele!" Ava sussurra.

"Precisamos fazer algo se quisermos"

"Falaremos sobre isso amanhã", Ava interrompe. "Apenas me deixe pensar hoje à noite, ok?"

"Bem."



Quando Ava entra no quarto dela, ela está sorrindo, mas não é o sorriso que ela me cumprimentou. Não é real. Não é Ava. "Você está pronto para pegar seus nudes agora?" Ela pergunta, sentando ao meu lado.

“Eu ouvi você e Trevor discutindo agora. O que está acontecendo?"

"Nós não estávamos discutindo", ela murmura, vendo suas pernas chutarem para frente e para trás.

"Parecia uma discussão."

Ela olha para mim agora. "Sim?"

Eu lambo meus lábios, tento encontrar uma resposta, mas estou cansado, e a última coisa que quero é lutar com ela nisso. Ela muda o cabelo para o lado, revelando o pescoço, e eu sei o que ela quer. Eu pressiono meus lábios lá, gemendo quando a mão dela encontra meu cabelo. Sua cabeça se move para que nossas bocas se encontrem, e ela empurra meu ombro, me abaixando nas costas, e tudo mais desaparece quando eu me perco em seu toque, em seu gosto, na maneira como ela se sente nua, seu corpo deslizando contra o meu. O mundo está silencioso, assim como os pensamentos furiosos que estavam atormentando minha mente. Somos apenas ela e eu, e ela sussurrou: “Eu te amo muito, Connor. Para sempre."

Quando acaba, ela está nos meus braços, com a cabeça no meu peito. "Então é isso que as pessoas querem dizer quando dizem fazer amor", ela medita um único dedo percorrendo o comprimento do meu tronco.



"Eu acho que sim", eu concordo, mantendo minha voz baixa, para não acordarmos o resto da casa.

Ela se apoia no cotovelo e olha para mim. "Connor?"

"Sim?" Eu respondo, afastando os cabelos do rosto para que eu possa vê-la claramente.

“Você acha que vamos conseguir? Quero dizer, quando você for para Duke, e eu... faço o que quer... Você acha que podemos fazer isso? Superar tudo isso?”

"Eu espero que sim, Ava."

"Bom", ela respira. "Porque eu realmente não quero viver o resto da minha vida com ninguém além de você."

"Eu também."

Ela sorri. "Bem, você meio que *tem* que morar com você."

"Você sabe o que eu quero dizer, espertinha." Eu a rolo de cima de mim. "Eu tenho que ir para casa."

Ela se senta, segura os cobertores no peito. Com os olhos arregalados, ela sussurra: "O quê?!"

Eu rio uma vez. "Acalme-se", digo a ela, vestindo minha calça de moletom, sem boxer. “Eu só tenho que pegar minha escova de dente e outras coisas. Ainda está tudo na minha bolsa.” Eu beijo sua testa. "Eu voltarei. Não se preocupe."

Ela deita-se, sentando-se de lado e deixa espaço para quando eu voltar.



Corro para minha casa, pego papai pouco antes de ele sair para o trabalho. "Eu vou ficar na casa de Ava hoje à noite", digo a ele, descompactando minha bagagem para

pegar minha bolsa de produtos de higiene pessoal.

"Eu deveria estar conversando com a mãe dela sobre você ficar lá tantas vezes quanto?" Papai pergunta parado na porta do meu quarto. “Não é um problema, certo? Você não está se escondendo?”

"Não", eu rio. “Senhorita D se preocupa quando *não* estou na parte da manhã.”

"E o irmão dela, Trevor, ele está bem com isso?"

"Sim, pai." Acho o que preciso e pego uma muda de roupa para a escola amanhã. "Tudo ótimo."

"Ok." Ele assente. "E você e Ava, você está sendo cuidadoso quando se trata de *intimidade?*"

Eu rio, virando-me para ele. "Estamos usando proteção, sim."

“Apenas uma proteção? Porque nenhuma contracepção é cem por cento, e eu sei que você a ama, e você faria qualquer coisa por ela - você provou isso - mas ter um bebê em seu futuro imediato... ”

Eu respiro fundo, deixo suas palavras repetirem em minha mente. "Vou falar com ela sobre tomar a pílula ou algo assim."



"Ok, bom", diz o pai. "Isso foi muito mais fácil do que eu havia me preparado."

“Papai, Ava e eu não somos crianças adolescentes normais. Tenho certeza que um bebê é à última coisa que ela

quer. Ela já está cuidando da mãe; adicionar isso ao prato dela agora seria apenas..."

"Claro, sim..."

"Mas não se preocupe." Eu dou um tapinha no ombro dele quando passo por ele. "Você será avô em breve."

"Jesus me ajude", ele murmura.

Eu rio baixinho enquanto fecho a porta da frente atrás de mim. A ideia de uma eternidade com ela causa um salto estúpido em meus passos enquanto eu caminho de volta. Entro na casa dela, deixando-a destrancada, e vou direto para o quarto dela. Ela está sentada na beira da cama, a cabeça abaixada, o telefone na mão. Ela olha para cima quando eu entro, e meu coração dói quando vejo as lágrimas em seus olhos. "O que aconteceu?"

Ela me entrega seu telefone e meu coração cai. Não é o telefone dela. É meu. "Quem é Wendy?" Ela sussurra.

Meu estômago revirou e minha respiração parou. Olho para o meu telefone, para a mensagem lá.

Wendy: *Obrigado por me encontrar na outra noite. Eu realmente precisava te ver.*

"Connor?" Ava chora.



Eu olho para ela, meus olhos se fechando, então eu não tenho que ver a dor em sua expressão. "Ela é... *ninguém*."

"Connor!" Ela sussurra.

Meus olhos se abrem e me arrependo no momento em que a vejo de pé, a mão no coração. Ela solta um soluço e depois outro. "Quem é ela?"

A raiva brilha através de mim, não dela. Mas para minha mãe. Que ela pode estragar tudo que é importante para mim enquanto *mal* existe. Só que ela não está aqui. Ava é. E então eu pego essa raiva e aponto para a única pessoa na minha frente. "Por que você está passando pelo meu telefone?"

"Saia!" Seus punhos atingiram meu peito. "Sai fora daqui!"

Meu coração *queima*, arrependo-me rapidamente de me consumir. "Sinto muito, Ava." Eu agarro seus cotovelos. "*Por favor*, me desculpe."

"Quem é ela?!", ela chora.

"Eu não posso te dizer", eu corro. *Ela não pode saber*, e *eu não estou pronto*. “Mas, por favor, não é o que parece; Eu juro para você. Em tudo o que somos e tudo o que temos, eu *prometo a* você.” Minha voz falha. Eu não ligo para isso. Eu imploro minhas mãos mergulhadas na minha frente. “Você *precisa* acreditar em mim, Ava. Por favor."

Suas narinas se abrem, suas lágrimas fluem rápidas e livres. “E *você* precisa pensar no que está pedindo de mim. Porque você tem uma história bastante esboçada de mentir para mim, principalmente quando se trata de garotas! Agora saia daqui, Connor!”



Capítulo 29

Connor

Eu não durmo

Não posso.

Tudo dentro de mim está quebrado.

Lamento minha reação inicial a Ava lendo o texto, mas não me arrependo de nada depois. As possíveis consequências legais de ela saber a verdade superam em muito o segredo. E por mais que eu queira que ela faça parte do que estou passando, ela não pode ser. Ela não pode saber.

Pego meu telefone quando o alarme dispara e rezo para que eu tenha perdido uma mensagem dela. Mas não tem nada. O último texto é da minha mãe, e tudo o que faz é quebrar os pedaços já quebrados de mim. Digito uma resposta:

Te odeio.

Eu o apago imediatamente.



Então eu tento ligar para Ava; não há resposta. E assim eu me visto para a escola e espero no meu caminhão. Se eu conseguir alguns minutos com ela só para explicar sem revelar muito, talvez seja o suficiente. Empurro minha caminhonete

quando a porta da frente se abre, mas ela não está lá. Apenas Trevor. Ele olha para mim, seus olhos estreitados, e a última coisa que eu preciso é de uma palestra dele. "Você está esperando Ava?" Ele chama.

"Sim."

“Ela já foi embora, mano. Ela disse que você praticava cedo e estava pegando o ônibus.”

Ela mentiu. *Para mim*. "Nós devemos ter nossos fios cruzados."

Ele abre a porta do caminhão. "Você tentou ligar para ela?"

"Eu vou fazer isso agora."

Entro na minha caminhonete e ligo para o número dela novamente, e novamente não há resposta. Chego à escola pouco antes do primeiro sinal. Hoje não temos aulas juntos e não a vejo durante o almoço ou a qualquer momento. Eu a procuro, porém, meus olhos sempre vagando. Quando a campainha de fim de almoço toca, eu não vou para a aula. Em vez disso, vou ao escritório da senhorita Turner, bato.

"Entre", ela chama.



Eu enfio minha cabeça, meu olhar em todos os lugares ao mesmo tempo.

"Senhor. Ledger, como posso ajudá-lo?”

"Você viu Ava hoje?"

Ela balança a cabeça. "Não. Eu deveria?”

Fecho a porta sem resposta e vou para o estacionamento dos estudantes, meu pulso acelerado, o estômago revirando. Tudo fica borrado quando entro na minha caminhonete, procurando por ela em todos os lugares em que consigo pensar. Parece que não consigo manter um único pensamento alinhado, e quando meu telefone me alerta para uma mensagem, eu me atrapalho, quase saindo da estrada.

Wendy: *Ela está disposta a viajar. Quando você pode fugir?*

Eu ignoro a mensagem, minha mão formando um punho antes de fazer contato com o volante. "Foda-se!" Dirijo de volta para casa e sei que devo esperar, mas não posso. Assim como eu sei que não devo bater, mas eu faço. Krystal abre a porta apenas o suficiente para espiar pela abertura. Quando ela me vê, ela abre mais. "Ei, Connor."

“Ava está aqui?”

"Não." Sua testa mergulha em preocupação. "Ela deveria estar na escola."

Eu suspiro. “Devemos ter desencontrado um do outro. Desculpe te incomodar."



Srta. D aparece ao lado de Krystal. "Você tentou ligar para ela?"

Não quero preocupá-los, então digo: "Não, meu telefone está morto, então... vejo você mais tarde?"

Srta. D assente. "Por que *você* não *está* na escola?"

"Eu tinha uma coisa de basquete." As mentiras fluem, sem esforço, e eu odeio o que elas fazem.

Ela pergunta: "Você quer esperar por ela aqui?"

“Eu não posso. Tenho algumas tarefas que preciso terminar.”

"Um menino tão bom", Srta. D diz a Krystal.

Ela também está mentindo.

Ela simplesmente não sabe disso.

Sento-me na varanda, verificando constantemente as horas. Ava tem que estar em casa em breve para deixar Krystal passar o dia. Ela não vai simplesmente desaparecer. Pelo menos, espero que não. Eu planejo o que direi a ela. Vou me desculpar. Novamente. E vou implorar para que ela confie em mim, que isso não é como antes e que eu só preciso de tempo. Eu implorarei para que ela se lembre de tudo o que temos e compartilhamos, e olhe profundamente dentro de si mesma e questione se ela realmente acredita que eu sou capaz de fazer qualquer coisa, *qualquer coisa* para machucá-la. E oro a um Deus que não acredito que meu amor por ela seja suficiente.



Justo quando a espero, ela aparece, andando pela calçada. Ela tem que passar na minha casa para chegar à dela, e então corro pela garagem. "Ava!"

Ela pula quando me ouve, mas não olha para cima. Eu paro na frente dela,

bloqueando seu caminho. "Ava, por favor." Pego a mão dela, mas ela se afasta. E então ela olha para cima, com os olhos inchados, vermelhos, completamente expostos à dor no coração que ela carrega. Só a visão me fez dar um passo atrás.

Eu causei isso.

Eu *fiz* isso.

Todo pensamento, todo pulso, toda respiração fluindo através de mim diminui.

Para.

Morre.

Com as pálpebras pesadas, ela deixa cair uma lágrima daqueles olhos cor de bordo, os mesmos que antes tinham tanta força e coragem e lutam para mantê-los limpos. Para mantê-los secos. Uma vez eu disse a ela que ela nunca teria que esconder essas lágrimas de mim. Mas agora eu queria que ela tivesse. Porque não posso suportar a dor dela quando fui quem a criou.

"Eu não posso agora, Connor", diz ela, e eu me vejo concordando porque também não posso. "Eu só preciso de tempo."



Eu também, quero dizer a ela. Em vez disso, dou um passo para o lado e dou a ela o que ela quer, o que ela diz que *precisa*, na esperança de que em breve ela me dê o mesmo em troca.

Capítulo 30

Ava

Não a bom dia da minha mãe no dia depois que eu saí da escola. Nenhum beijo na bochecha. Não há o que é para o café da manhã? Não. A primeira coisa que ela diz é: "Connor está aqui?"

"Agora não", digo a ela, reunindo um sorriso. "Mas ele pode vir hoje à noite." Eu não quero quebrar o coração dela e dizer a ela que talvez - talvez ela não o veja. Pra sempre.

Eu *tentei*.

Passei por todos os cenários possíveis em minha cabeça sobre quem seria Wendy e voltei à reação dele quando o confrontei sobre isso. Primeiro foi à raiva quando ele percebeu que eu tinha visto a mensagem, depois vieram às desculpas. E foi o suficiente para me convencer do que era dolorosamente verdadeiro, não importa o quanto doesse.

Eu tinha toda a intenção de ir para a escola ontem, mas a ideia de vê-lo fez meu estômago revirar. E assim eu vaguei sem rumo até a hora de ir para casa, me escondendo em lugares que ninguém me encontraria, chorando nos momentos em que a esperança parecia um sonho.



Quando Trevor acorda, ele pergunta a mesma coisa. Eu digo a eles ambos, “Ele está muito ocupado com basquete no

momento, tentando obter tanta prática antes da escola acabar... e ele precisa descansar, e minha cama é pequena demais para ele obter uma noite de sono decente." *Não.* Isso deve cobrir tudo.

"Deveríamos comprar uma cama nova para você", mamãe diz, olhando para Trevor. "Nós podemos pagar isso, certo?"

"Claro", Trevor mente. Depois, para mim: "Não se preocupe em fazer o café da manhã para mim; Eu vou trabalhar cedo."

Minha sobrancelha se levantou, pergunto: "Você está?"

Ele assente, seus olhos nos meus, uma mensagem silenciosa. *Ele assumiu um trabalho extra... Por dinheiro extra... E não para me comprar uma cama nova.*

Eu me apronto para a escola, pensando em realmente frequentar, porque não posso me esconder para sempre. Quando Krystal chega, eu saio e vou para o ponto de ônibus, rezando para que Connor não me pare. No meio do caminho, o céu fica cinza e o céu se abre. Trovões aplausos, seguidos de chuva tão espessa que mal consigo ver um pé na minha frente. "Foda-se a minha vida", eu moo, removendo minha bolsa e segurando-a acima da minha cabeça como se isso de alguma forma fosse me proteger. Felizmente, não espero muito que o ônibus chegue e, quando chego à parada na esquina da escola, desço e corro para a escola para me esconder. Mas os portões estão fechados, trancados com cadeado. Agarro os portões de ferro com as duas mãos e aperto, amaldiçoando o céu. "Que porra é essa?!"



Pego o telefone e ligo para o número de Rhys.

"Ava?"

"Por que a escola está fechada?"

“Dia sem estudantes. Por quê?"

"Droga!" Eu grito, e ele ri. “Você pode me dar uma carona para casa? Está saindo e eu peguei o ônibus.”

"Um... eu estou um pouco... ocupado agora."

Pelo telefone, ouço uma garota rir, e digo: "Mais forte Rhys!"

"Nojento!" Desligo, tomo um segundo para sentir pena de mim mesma e depois ando no ritmo de um caracol de volta ao ponto de ônibus. Não faz sentido correr; Eu já estou encharcada, e não há abrigo neste ponto de ônibus porque crianças ricas não pegam ônibus. Eles têm cartões de crédito para motoristas ou de seus pais no Uber em qualquer lugar.

Largo minha bolsa no chão e deito no banco, deixando as gotas de chuva cair diretamente no meu rosto, misturando-me com as lágrimas que parecem não conseguir parar. Os carros passam, jogando água suja na estrada, e eu nem ligo o suficiente para me mover.



Então um carro se aproxima, o motor estremece à medida que diminui a velocidade e depois para ao meu lado. Eu mantenho meus olhos fechados, mesmo quando ouço a janela se fechar. Estou prestes a dizer a eles para se foderem, mas então ouço Connor dizer: "Entre!"

Sento-me, pego minha bolsa e me levanto. "Foda-se!"

"Ava!"

Eu vou embora, minha bolsa apertada firmemente no meu peito. Ele vai embora. Obrigado, porra. Mas então ouço seus pneus girando quando ele se vira, gritando comigo do outro lado da estrada. "Entre na porra do carro, Ava!"

Eu quase ri do absurdo, mas estou com muita raiva, muito cansada, e por isso apresso meus passos. Não sei para onde diabos estou indo; Eu só preciso ir *embora* . Sua caminhonete vira para o estacionamento de um restaurante a alguns metros à minha frente e, por isso, dou meia-volta e começo a andar de onde vim. Ele pode dirigir o quanto quiser, mas ele não está me colocando lá. Braços me alcançam, arrancando minha mochila de mim e eu grito: "Socorro!"

"Cale a boca!", Ele grita de volta.

Eu me viro para vê-lo correndo para o carro com minha mochila. Ele abre a porta do passageiro e a joga lá, depois a fecha. Ele fica de pé, a chuva caindo ao seu redor. Ele está de short de basquete e uma blusa solta, e tudo isso se apega à sua carne, expondo os músculos que eu amo passando minhas mãos. *Adorei* passar minhas mãos. Mas Wendy também. *Provavelmente*.



Foda-se ele. Ele pode pegar minha bolsa. Começo a correr, e não demora muito para ouvir seus passos atrás de mim. Seus braços circundam minha cintura, levantando-me dos meus pés. Eu chuto minhas pernas, grito: "Socorro!" Novamente. Ele cobre minha boca com a palma da mão

enquanto me gira, caminhando de volta para o caminhão. Os carros passam e ninguém parece se importar com o fato de haver um sequestro *real* acontecendo bem na frente deles. Chegamos à caminhonete e, sem pausa, Connor abre a porta lateral do passageiro e me joga para dentro. Viro de costas e chuto seu peito. Ele agarra meus tornozelos, me empurrando mais para o outro lado do banco. "Pare com isso, sua pirralha!" Ele bate na porta, me impedindo de abri-la, e a fecha com força. Então corre para o lado do motorista bem a tempo de me impedir de escapar por lá. Ele senta-se atrás do volante, com o maxilar batendo e liga o carro. Tento abrir a porta, mas nada acontece, e então me sento, meus dentes cerrados, braços cruzados. O restaurante está fechado, então não há carros no estacionamento, e a chuva é forte demais para que alguém me ouça gritar. Connor parece puxar uma respiração, ou dez, tentando se acalmar, e eu não sei por que ele está chateado quando eu sou a única contra minha vontade. Ele pisa no pedal, os pneus giram antes de nos movermos. Ele dirige sua raiva controlando a nossa velocidade enquanto percorre a parte de trás do restaurante. "Connor", eu grito, agarrando seu braço quando a cerca do elo da corrente aparece. Ele para um pé na frente dele, quase imperceptível através das folhas de água que caem ao nosso redor.

"Foda-se!", Ele cospe, apertando o volante.

Ótimo. *Hulk Connor.* Eu só vi esse lado dele uma vez antes, e foi quando ele concluiu que Peter havia me machucado. Ele estava errado então. Ele está errado agora. Tento procurar uma fuga, vejo o botão da janela e pressiono-a. A janela abaixa e a esperança enche meu corpo. Começo a sair quando Connor amaldiçoa novamente, seu aperto em



meus quadris cavando minha carne quando ele me puxa para trás.

"Que porra há de errado com você!", Ele grita.

Ele me segura enquanto ele fecha a janela novamente dos controles em sua porta. Então ele os trava também.

Eu chuto o painel dele.

Porque *foda-se ele.*

"Acalme-se, Ava!"

Ele me solta, sua mão instantaneamente indo para o rosto, esfregando os olhos. “Por que você está fazendo isso tão fodidamente impossível!?” ele grita. Seu peito sobe e desce a cada respiração, enquanto um trovão racha acima de nós.

Olho em volta, mas mal consigo ver um pé na minha frente, mal consigo ouvir meus próprios pensamentos. Mas ouço suas respirações, cada uma dura, até que lentamente, lentamente, eles começam a se acalmar. De costas para a porta, observo sua garganta balançar com a andorinha, vejo seus olhos se moverem do colo para as minhas pernas, depois para mim. Pingos de chuva caem de seus cabelos, caem em cascata pelas maçãs do rosto altas e passam pela mandíbula. "Ava", ele diz calmamente. "Eu preciso que você me escute." Ele exala. "Você pode fazer isso? Por favor?"



Concordo meus dedos traidores ansiosos para tocá-lo.

"Eu não quero fazer isso com você", ele murmura.

"Bom", eu digo, levantando meu queixo. "Nem eu, então me deixe ir, e não temos..."

Seu suspiro pesado me interrompe. "Não foi isso que eu quis dizer." Outra respiração. “O que eu quero dizer é que não quero andar em círculos com você. Eu não quero brigar e voltar a ficar juntos e depois lutar e fazer tudo de novo. Eu não quero brigar com você. Ava...” Ele balança a cabeça, seu olhar distante. “Você é *tudo* para mim. Se não há você, então não há mais nada. Ninguém mais.” Ele ri uma vez, amargo, e fixa os olhos nos meus novamente. "Eu quase me matei por *você*."

"Que diabos você está falando?"

Ele engole seus olhos mostrando sua exaustão, tanto mental quanto fisicamente. “Eu tinha um plano na vida, Ava. Foram quatro anos na faculdade e depois na NBA. E então eu conheci você, conheci sua mãe e tudo isso mudou. Eu me esforcei tanto e rapidamente para que eu pudesse entrar em uma faculdade decente e, esperançosamente, chamar a atenção de que precisava para fazer meu um ano, ser recrutado e ter um contrato decente o suficiente para cuidar de vocês duas - você e sua mãe. Eu coloco minha mente e corpo em tanta coisa; você não tem ideia. Eu nunca te mostrei o quão ruim foi, mas quase te perdi uma vez por causa disso.” Ele faz uma pausa, suas palavras cheias de clareza. “Tudo o que fiz desde o primeiro dia em que te conheci foi para *você*. Todo sacrifício que fiz toda decisão...” Ele coloca a mão no coração. “Cada batida do meu coração foi *para você*. E eu *tentei* tanto estar lá



para você através de *tudo.* Não importa o que estava acontecendo na minha vida, eu deixei tudo de lado para que eu pudesse ser sua força...” Lágrimas brotam nos meus olhos enquanto ouço as verdades que caem de seus lábios. "E não estou dizendo isso porque quero sua pena", acrescenta, piscando para afastar a dor do coração enquanto abaixa o olhar. “Estou dizendo isso porque preciso que você *veja* isso, *entenda* isso. Porque agora, preciso que *confie em* mim. Eu preciso que você tenha fé em mim. Em *nós.*” Uma única lágrima cai de seus cílios, e ele segura o polegar ali, bloqueando-o.

Eu me aproximo dele, sua magia chamando por mim, e pego sua mão na minha.

Ele olha para cima, seu soluço retido me arruinando completamente. “Estou sofrendo, Ava, e *preciso de* você. Preciso que você esteja lá para mim, mesmo que... mesmo que eu não possa lhe dizer o *por que.*”

Eu seguro seu rosto em minhas mãos, beijo a respiração desconcertada que ele solta. "OK."

Seus braços me envolvem enquanto eu o seguro, sua boca encontra meu pescoço, me beijando lá. "Diga que me ama."

Eu capto seus lábios novamente. "Eu te amo."



Ele respira fundo enquanto se afasta. “Não me abandone, Ava. Você também não.”

Meus olhos mudam entre os dele, se afogando na vulnerabilidade que estou testemunhando. "Eu juro Connor."

Sua boca reclama a minha, sua urgência me forçando nas minhas costas enquanto sua mão desliza pela minha coxa. Eu separo minhas pernas, dando a ele o que ele quer.

Do que ele *precisa.*

Mesmo que isso me custe meu orgulho.



Capítulo 31

Ava

“Existe algo que eu possa fazer por ela?” Connor pergunta seu olhar mudando para mamãe, sentada no sofá da sala, de volta para mim.

Termino de lavar a última louça e entrego a ele para secar. "Na verdade não, é apenas parte de quem ela é." É uma mentira, e ele parece perceber que, pelo caminho, está me encarando.

Já se passaram algumas semanas desde que Connor e eu brigamos e pelo mesmo tempo desde que os médicos estavam aqui. Eles não conseguiram encontrar uma solução para os nossos problemas financeiros que não significasse cortar alguns remédios da mamãe e dar-lhe alternativas. Eles esperavam que a mudança nela não fosse drástica, mas agora é o terceiro dia zero, e as coisas estão parecendo sombrias, na melhor das hipóteses. Mas pelo menos ela não atingiu os números negativos.

Ainda.



“Talvez eu deva levá-la de volta ao parque esportivo. Isso pode ajudar certo?”

Seco minhas mãos em um pano de prato e olho para ele. “Eu não sei, Connor. Você pode perguntar, mas não agora.”

Ele assente, olhando pela janela. “Os vaga-lumes sairão em breve. Isso também pode ajudar.” Aquece meu coração que ele é tão atencioso, especialmente quando se trata dela. Eu só queria que fosse o suficiente para tirar a dor constante no meu peito. As coisas conosco não são as mesmas desde Wendy. Ainda não sei quem ela é, e não vou perguntar. Mas está lá, irritante, sempre na vanguarda da minha mente, e talvez seja por isso que estou lutando com meus sentimentos em relação a ele. Ou talvez eu esteja colocando toda a culpa por nossa desconexão nisso e não em *tudo o* mais que parece estar acontecendo ao nosso redor.

Faróis brilham pela janela da sala, e olho para a hora. É perto das 20 horas e Trevor está chegando em casa. Ele entra um momento depois, seus olhos instantaneamente encontrando mamãe no sofá. Ele a cumprimenta com um beijo na bochecha antes de ir para a cozinha. "Ei, cara", diz ele a Connor. Então para mim: "Por favor, diga-me que temos comida."

"Sim. Guardei um prato para você na geladeira.”

"Você está terminando o trabalho agora?" Connor pergunta a ele.

Trevor assente, com a cabeça na geladeira, procurando o prato que sem dúvida está bem na frente dele. "Sim. De alguma forma, tenho que me livrar dessa dívida.” Ele olha para Connor. “Você conhece alguém que precisa de algum trabalho? Estamos meio que desesperados, certo...”



Eu limpo minha garganta, impedindo-o de revelar demais. Não quero que Connor saiba se preocupe.

O foco de Trevor passa entre Connor e eu, mas Connor é o primeiro a falar. "Quão ruim é isso?"

"Não é ruim", eu minto.

Trevor balança a cabeça para mim. “Ava, Connor conhece pessoas por aqui. Mais do que você faz. Ele provavelmente poderia usar alguns contatos da equipe para nos ajudar. Contatos com dinheiro.”

"Trevor pare", suspiro. "Não é problema dele."

Connor empurra o balcão. “Espere, é *muito* ruim?”

"Não." Outra mentira minha.

"Sim", diz Trevor, estreitando os olhos para mim. "Você prefere que Connor distribua alguns dos meus cartões de visita ou eu ligo para Peter, porque..."

"Espere", Connor interrompe.

Eu cerro os dentes, meus cílios abaixando.

"O que Peter tem a ver com..."

"Nada", eu interrompo. “Ele *não* tem *nada* a ver com isso. E você também não.” Eu olho para Trevor. “Este é o *meu* problema. De mais ninguém."



"E o meu", diz Trevor. "*Principalmente* meu."

"Eu só preciso de tempo", eu sussurro, olhando para mamãe. Ela não se mudou de seu lugar. Na verdade, ela não se mexeu. Ela adormeceu sentada.

"Você continua dizendo isso, mas eu não..."

"Eu não estou fazendo isso agora", eu estalo, enchendo um copo com água. Estendo a mão, viro a trava combinada para o armário superior, onde guardamos todos os remédios, óculos e qualquer coisa afiada de mamãe que possa prejudicá-la. Pego todas as pílulas que ela precisa à noite e viro para Connor. "Encontro você no meu quarto. Você pode configurar tudo?"

Ele assente, mas não se mexe.

Eu vou até mamãe, acordo-a suavemente e ajudo-a a seu quarto, onde ela toma várias pílulas e adormece sem problemas. Quando chego ao meu quarto, Connor está sentado na minha cadeira, um tripé montado na frente dele. Ele tem o telefone conectado, a câmera apontada para a minha cama. Estamos trabalhando no projeto multimídia que recebemos no início do semestre. Nos últimos dias, estávamos fazendo a pesquisa e trabalhando no roteiro, e hoje à noite deveríamos estar filmando. "Devo me trocar?" Eu pergunto, olhando para a minha camiseta folgada e calça de moletom.

"Eu acho que você parece perfeita", diz Connor, um sorriso triste e torto tocando em seus lábios.

Abro minhas gavetas, uma por uma, sem realmente olhar para nada lá dentro. Eu ouço a cadeira rolando pelo tapete antes de sentir o toque de Connor na minha cintura. Eu me viro para ele, vejo a angústia cobrindo sua expressão. "Por que você está tentando esconder isso de mim?"



"Eu já disse, não é problema seu." Além disso, quem é ele para me questionar quando se trata de segredos?

“Você *é* o meu problema.” Ele me puxa para baixo até que eu estou sentada de lado em sua perna, meus pés entre as suas. "Você sabe o quanto eu me importo com você, certo?" Fico quieta porque não sei como responder. Ele beija minha têmpora, mantém os lábios lá. “O que está acontecendo conosco, Ava? Eu sinto que estamos caindo aos pedaços.”

Porque nós estamos.

“Eu não sei, Connor. Há tanta coisa acontecendo agora... ”

"Por que você não pode me deixar fazer parte disso?"

"Você tem suas próprias coisas." Coisas de *Wendy*. “Devemos apenas fazer essa tarefa e encerrar a noite.” Levanto-me, sento-me na beira da cama em frente à câmera e começo a examinar minhas anotações. Connor fica onde está com a cabeça baixa. "Ou podemos fazer isso amanhã, se você quiser."

"Não." Ele balança a cabeça, depois olha para mim. "Vamos fazer isso agora."



Ele fica atrás do telefone e pressiona Gravar. Eu li o roteiro, fazendo o meu melhor para me apresentar para a câmera, mas toda vez que olho para cima, vejo o rosto de Connor. Veja como ele me olha através da tela do telefone. Algo está faltando. O brilho em seus olhos diminuiu, e ele não me olha do jeito que costumava, do jeito que eu amo.

Cinza.

Tudo está cinza, e não há cor ao meu redor, não há vida.

Faço uma pausa no meu discurso e limpo a garganta, tento piscar minhas emoções. "Talvez agora não seja um bom momento para isso."

Ele suspira seu olhar levantando uma polegada para olhar para o verdadeiro eu. Suas mãos vão para os cabelos, puxando. Então ele se levanta para sentar ao meu lado. "Eu não posso consertar isso se não souber o que está quebrado, Ava."

Eu.

Estou quebrada.

Toda vez que olho para minha mãe, isso me quebra.

Toda vez que Trevor entra pela porta, isso me destrói.

E toda vez que estou com Connor, isso me arruína.

"Eu estou bem", eu minto. Novamente. "Eu só quero que você seja o mesmo."

Ele assente, aceitando a imprecisão da minha resposta e respira fundo. "Você quer que eu fique com você hoje à noite?"



Sou rápida em sacudir a cabeça, ignorando a decepção que enche seus olhos. "Eu estou bem cansada", digo a ele. "Eu provavelmente só vou dormir agora." Ele sabe que é uma desculpa, assim como todas as noites desde que

dormimos juntos em sua caminhonete. Ele não ficou, e não fomos íntimos. Além disso, é difícil dar essa parte de si a alguém quando você está constantemente questionando se ele deu essa parte à outra pessoa.



Capítulo 32

Connor

Na manhã seguinte, Ava está esperando no meu caminhão de pijama, nem mesmo perto de estar pronta para a escola. "Você deixou seu telefone no tripé", diz ela, entregando-o para mim.

"Sim, eu imaginei", eu digo, tocando na tela. As pilhas estão gastas; não é surpreendente.

"Não se preocupe; Eu não olhei por ele."

Meus olhos se voltam para os dela. "Eu não estava preocupado." Isso nem me ocorreu.

Com um aceno, ela desvia o olhar.

Eu suspiro. "Presumo que você não vai à escola?"

Ainda se recusando a olhar para mim, ela diz: "Eu tenho algumas coisas para cuidar hoje".

"Certo..."



Seu olhar passa para o meu. Um único segundo. "Vejo você mais tarde?"

"Certo."

Ela começa a se afastar, mas eu agarro sua mão, puxo-a para perto de

mim. Eu mergulho minha cabeça, minha boca apontada para a dela, mas ela se vira e se afasta. “Ainda não escovei os dentes. Eu sou nojenta.”

"Eu não ligo."

"Eu faço." Ela me encolhe completamente. "Vejo você."

E então ela se foi.

Eu não sou ingênuo ou estúpido o suficiente para não perceber o que está acontecendo ou como ela está se sentindo. Não fazemos sexo há semanas, e qualquer outra forma de intimidade parece uma bênção. É um obstáculo, digo a mim mesmo. Um pequeno. Logo terminará, e podemos voltar ao modo como as coisas eram. Ela está me dando tempo, e eu estou dando a ela espaço...

Porque é assim que os relacionamentos funcionam...

...Certo?

***

Chego cedo à escola, certificando-me de pegar Rhys antes do primeiro período. "Ei, posso falar com você?"

"E aí?"



***

Connor: *Quando você está chegando em casa do trabalho?*

Trevor: *Partindo agora. Eu deveria estar lá em cerca de vinte. Tudo ok?*

Connor: *Sim. Tudo está legal. Eu vou esperar por você na frente. Eu preciso falar com você.*

Trevor aparece meia hora depois e estaciona a caminhonete na garagem. Eu ando rapidamente, querendo pegá-lo antes que ele entre. Agarrando o envelope do meu bolso de trás, espero até ele sair do caminhão antes de entregá-lo a ele. Seus olhos se estreitam para mim, depois para o envelope. Ele abre a aba e olha para dentro. "São muitas centenas, Connor." Ele olha ao nosso redor. "O que é isso?"

Eu dou de ombros. "Eu vendi algumas coisas."

Ele balança a cabeça, bate o envelope no meu peito. "Eu não estou pegando seu dinheiro."

Levanto as mãos e dou um passo para trás, forçando-o a segurar o dinheiro. "Vai ajudar certo?"



"Connor..."

Eu cruzo meus braços. “Um dia, você e Ava vão perceber que não são apenas vocês três. Eu também faço parte disso. Senhorita D - ela é como uma mãe

para mim, se vocês veem isso ou não. Estou apenas fazendo minha parte."

Trevor assente lentamente como se estivesse contemplando. "É um empréstimo."

"É o que você quer dizer a si mesmo."

Ele suspira. "Obrigado."

"Seja bem-vindo."

***

Acordo na manhã seguinte com uma batida na porta. Não. Para alguém *batendo na* porta. "Connor, eu sei que você está aí! Deixar-me entrar!"

"Merda", eu sussurro, empurrando as cobertas de mim. Abro a porta e não tenho chance de dizer nada antes que Ava passe por mim e vá para o meu quarto. Ela está se mexendo, olhando através de minhas gavetas, meu armário. Ela vasculha minha mochila, pega o laptop e o coloca na cama. Então ela procura o meu telefone. Também está lá. Realização atinge, e eu sei por que ela está aqui. Eu me inclino contra o batente da porta enquanto a vejo parada no meio do meu quarto, já vestida para a escola. Suas mãos estão nos quadris quando ela olha em volta, primeiro no chão, depois nas paredes, e ela não encontra o que está procurando, pelo menos não aqui. Como se estivesse lendo minha



mente, ela passa por mim e faz a mesma coisa na sala, virando as almofadas no sofá, verificando a TV e depois o aparelho de som. Ela olha para o chão e depois para as paredes... Eu gemo no momento em que percebo seus ombros tensos.

Ela passa por mim novamente, indo para a porta. "Você precisa de uma carona para a escola?" Eu chamo porque ainda estou meio dormindo e é a única coisa que consigo pensar em dizer.

"Eu estou bem!" Ela grita, descendo os degraus.

Hoje vai ser *arrumado*.

Não vejo Ava novamente até o final do almoço, quando ela entra pela porta em uma missão do próprio Satanás. "Jesus Cristo, Connor, o que há com sua garota?" Mitch ri.

Amaldiçoo baixinho e me levanto, mas ela passa por mim, cachos pulando ao redor e vai direto para Rhys. "Devolva!"

Rhys a olha cautelosamente antes de se mudar para mim, mas suas palavras são para ela. "Devolver o que?"

"A camisa!"

"Qual camisa?"

“A camisa autografada do Larry Bird, seu merda do cérebro. Devolva para ele!”



Rhys ri, mas eu não, porque não sinto falta da fúria nos olhos de Ava como ele. "Foi um comércio justo."

A mandíbula de Ava aperta e ela estende a mão, puxa os cabelos de Rhys até que a cabeça dele jogue para trás. A mesa inteira assobia, um único som de simpatia pelo nosso irmão caído. "Devolva!" Ava grita, mas ela termina em um soluço, e ela o perdeu. *Completamente.* Envolvo meus braços em volta de sua cintura e a levanto. "Deixe para lá, Ava."

"Não!"

Eu tento afastá-la, mas ela ainda está segurando o cabelo de Rhys, e ele se move conosco. "Controle sua porra de mulher, Ledger!"

Ava solta seu cabelo apenas para que ela possa chutá-lo. "Devolva para ele!"

"Não aqui!" Eu moo, fazendo sinal para Rhys nos seguir para fora. Eu carrego Ava na mesma posição enquanto ela se contorce no meu abraço, tentando atacar Rhys como se a culpa fosse dele. Não é. Além disso, eu gosto de Rhys. Eu realmente não sinto vontade de perdê-lo pelos chutes ninjas de Ava.

Uma vez fora da lanchonete e longe dos telefones celulares de todos, eu a coloquei de pé. Ela cobra em Rhys, e ele se afasta bem a tempo.



"Ava!" Eu grito. "Acalme-se!"

Ela me ignora, fica na frente de Rhys. "Devolva para ele agora!"

"Ele vendeu para mim!"

"Então, venda de volta!"

Rhys balança a cabeça, cruza os braços. "Não!"

"Não é grande coisa", eu pressiono. "É apenas uma porra de camisa."

Ela gira para mim, com lágrimas nos olhos quando diz: "Não é apenas uma camisa, Connor!" Seu peito se eleva com a necessidade de ar. “Você tinha doze anos e você e seu pai dirigiram dez horas pela pequena chance de encontrá-lo! Você ficou do lado de fora daquela loja por cinco horas antes de chegar à frente da fila! E você me disse como era estar em frente ao seu herói e como estava nervoso quando seu pai tirou uma foto de vocês dois! E o sorriso no rosto do seu pai quando aquele cara apertou sua mão e lhe disse para seguir seus sonhos! Você me contou tudo isso quando eu estava deitada em seus braços uma noite, e você disse que foi um dos melhores dias da sua vida porque você conheceu seu herói, *com* seu herói: seu pai! Então, *não,* Connor!” ela soluça através de seus gritos. “Não é apenas uma porra de camisa. É uma memória incrível que você tem que compartilhar com seu pai. E você não pode tirar proveito disso porque... porque você não os recupera! Você não recebe reparos!”

Meu coração afunda e percebo que não se trata da camisa ou do dinheiro... Nem se trata de *mim.*



“Você não consegue fazer tudo de novo, Connor, você apenas...” Ela para lá, seus soluços fortes demais, ela não pode fazer mais nada.

"Venha aqui", eu digo, puxando-a para mim. Desta vez, ela me deixa. Ela

chora no meu peito, suas lágrimas encharcando minha camisa. Eu acaricio seus cabelos, cada parte de mim lamentando a perda de seus próprios momentos com sua mãe. "Sinto muito", eu sussurro, beijando o topo de sua cabeça. Ela olha para cima, com as bochechas molhadas. Seu soluço forte causa um suspiro, e depois outro, e eu franzo a testa para ela, coloco minha boca na dela, inalando seus suspiros em mim. “Sinto muito, Ava. Não tive a intenção de te machucar.”

"Eu vou devolver", diz Rhys, esfregando as costas. Ele me oferece um sorriso triste e depois nos deixa em paz.

"Não é apenas uma camisa", Ava murmura.

Eu procuro em seu rosto uma aparência de paz. "Eu sei."

Outro soluço a escapa, e ela coloca a orelha no meu peito. "Os vaga-lumes podem voltar, mas não trarão a mágica com eles."



Capítulo 33

Connor

Ava senta ao meu lado em multimídia, a cabeça na mesa, os braços a protegendo. A Srta. Salas nota e eu cutuco a perna dela com a minha debaixo da mesa. Ava olha para cima, limpa a baba do canto da boca.

Ela me disse que não está dormindo bem, e não por causa de nada que sua mãe esteja fazendo. Ela só está estressada com a incerteza de seu futuro, e eu tento entender. Eu me ofereci para ficar com ela, mas ela se recusa, e continuo dando espaço a ela enquanto ela continua me dando tempo.

A porta se abre inesperadamente e Trevor aparece. A sala ofega e a Srta. Salas grita: “Jovem! O que você pensa que está fazendo?"

"Um minuto", Trevor murmura, procurando no quarto por Ava.

Quando ele a vê, ela se senta mais alto. "O que há de errado?"



Trevor esvazia o conteúdo de um saco de papel que ele trouxe com ele por toda a mesa. Ele pega uma coroa de plástico e a coloca na cabeça de Ava. Então ele rasga um pacote de confetes, pequenos pedaços de papel voando pelo ar, deixando uma

bagunça ao nosso redor. Ele pega um punhado e joga na Ava. Em seguida, vem um daqueles apito de festa. Ele coloca o final na boca e sopra. "Feliz Aniversário!"

Eu rio.

Mais confete.

Ele diz a ela: "Desculpe por termos esquecido esta manhã".

"Está tudo bem", Ava murmura um toque de sorriso puxando seus lábios.

Ele abre um sorriso na frente do rosto dela. "Feliz décimo oitavo." Então ele ajusta a coroa dela. “Vejo você em casa. Eu tenho que ir!” Ele aperta as bochechas dela com uma mão, estufando os lábios. "Eu te amo, sua pirralha."

"Eu também te amo."

"Saia da minha sala de aula!" Miss Salas grita.

"Eu vou", Trevor canta. "Jesus, você não mudou nada."

A sala começa a rir, e eu me viro para Ava. "Coroa combina com você."

Ela sorri. "Você pensa?"



"Você poderia usar um saco de batatas e ainda assim ser bonita."

Ela se aproxima, descansa a cabeça coberta de coroa no meu bíceps e abraça meu braço nela. "Ei", ela sussurra. "Que horas você sai?"

Meu estômago vira. "Eu vou para o aeroporto logo depois da escola."

Ela faz beicinho.

"Sinto muito, eu sei que estou perdendo seu aniversário, mas faz parte do cronograma..."

"Eu sei", ela interrompe. "Tudo faz parte de ser um MVP americano, certo?"

É incrivelmente doloroso forçar um sorriso, especialmente depois de todas as mentiras que tive para contar. "É apenas uma noite na Geórgia."

Ela assente. “Talvez amanhã possamos fazer algo juntos. Só você e eu?”

Meu sorriso se amplia genuíno desta vez. "Eu *adoraria* isso, Ava."

Ela exala com uma risada tão pura e tão ela, e ela se inclina, pressiona seus lábios nos meus. "Eu te amo."

"Eu também te amo." Eu balanço minha cabeça em descrença. Eu queria esse momento com ela por tanto tempo, e finalmente o tenho. "Eu tenho o seu presente no meu armário."

"Você não precisava me conseguir nada."

"Você tem que prometer não usá-lo até que esteja escuro ok?"

Ela aperta meu braço. "Eu prometo."



“Vocês dois pombinhos terminaram?” a Srta. Salas chama. "Porque eu tenho uma aula para ensinar e não se trata de gravidez não planejada na adolescência."

"Desculpe", eu digo, e Ava sussurra "Cadela".



Ava

Eu seguro o presente de Connor na minha mão e olho pela janela da sala, vendo o dia virar anoitecer. "Quando você vai abrir?" Trevor pergunta.

"Connor disse para esperar até escurecer."

"Se você for para o seu quarto e fechar as cortinas, pode estar escuro o suficiente."

"Não será o mesmo", murmuro.

Trevor resmunga. “Está *me* dando maldita ansiedade; Eu quero saber o que é.”

"Connor 2,01m, vinte x doze", mamãe murmura. Seus movimentos são lentos quando ela me encara. "Feliz aniversário, Ava."

"Obrigada mãe."

Ela disse parabéns várias vezes desde que cheguei em casa, e acho que é principalmente porque ainda estou usando a coroa que Trevor me pegou. Eu não tirei. O de Connor é o único presente de verdade que recebi e, por mais bobo que seja, estou animada para abri-lo.



Quando saí de casa hoje de manhã, Connor estava me esperando com um ramo de flores. Foi só então que Trevor lembrou que era meu aniversário. Ele tem estado sob muita pressão ultimamente, então eu não estava brava com isso. "Espere." Sento-me mais

alto. “Connor disse para não *usá*-lo até que esteja escuro; ele não disse para não abrir.”

As sobrancelhas de Trevor se levantam e ele se move para frente. "Abra!"

"Sim, Ava", diz a mãe. "Abra!"

Eu arranco o papel de embrulho e depois rasgo na caixa. É uma jarra de plástico, como as frutas processadas. É pintada de preto e há um pequeno interruptor no topo. Há fita enrolada na tampa, indicando que não deve ser aberta.

"Que diabos?" Eu sussurro.

Trevor ri. "Isso foi tão anticlimático."

"Droga", mamãe sussurra. "Nenhum anel de noivado."

"Ei agora", diz Trevor. "Ela *acabou de* completar dezoito anos... preciso de um tempo antes de imaginar você andando pelo corredor."

“Você *vai me levar* abaixo do corredor, você quer dizer.”

Os dentes de Trevor aparecem quando ele sorri. "Realmente?"

Jogo o papel de embrulho na cabeça dele. "Claro estúpido."



Connor

Espero no corredor do hotel, tendo acabado de conhecer minha avó. Ou a reencontrei, realmente.

Pensei que, uma vez que a tivesse visto, uma memória voltaria à tona e eu reconheceria pelo menos partes dela. Eu não fiz. E mesmo que minha mãe me avisasse que ela estava doente, que ela não tinha muito tempo, eu não tinha me preparado para o que estava na minha frente.

Minha mãe ficou sentada na sala enquanto minha avó engasgava com perguntas que eu não conseguia entender. O zelador da minha avó estava com ela, e ela foi capaz de traduzi-los para mim. Respondi a eles com a verdade ou com tanta verdade quanto me sentia à vontade em dar. Mas quando ela perguntou sobre o meu pai, eu recusei. Assim como Ava, eu não queria que ele tivesse nada a ver com o que estava acontecendo. Isso era sobre mim, e era *para* mim. Para alguma forma de fechamento, eu acho.

A porta se abre e minha mãe aparece, enxugando lágrimas dos olhos. “Obrigado, Connor. Você não tem ideia do quanto isso significava para ela.”

Eu aceno, mesmo que eu realmente não *entendo*. Ficar sentado em uma sala comigo por vinte minutos enquanto conto sobre a vida que eu vivi não parece realmente compensar os quinze anos que minha avó perdeu. Além disso, ela poderia ter contatado meu pai... se isso fosse uma opção. Eu realmente não sei.



Mamãe esfrega a mão no rosto e solta um soluço. "Sinto muito", ela chora. "É tão difícil vê-la assim."

Não consigo imaginar como seria ver seus pais morrerem diante de seus olhos e do jeito que ela é agora - isso me lembra de Ava, do que tudo o que ela passou. Eu me pego esticando a mão apoiada no ombro dela. "Sinto muito que você tenha que passar por isso."

Ela balança a cabeça, os olhos abatidos.

Acrescento: “E sinto muito por ter feito vocês voarem para mim.” *Você meio que me deu medo de aeroportos*, não acrescento. Eles pousaram enquanto eu estava na escola e reservaram dois quartos em um hotel perto do aeroporto. Eu pensei que um era para eles, e um era para mim. Acontece que minha mãe esperava que eu ficasse com ela. Essa era uma linha dura que eu não pretendia desfocar, então pedi a ela que me pegasse.

Ela diz, enxugando os olhos: “Tudo bem. Você fez tudo o que pode.”

Eu *tenho*.

E é tudo o que estou disposto a fazer, decidi. Porque isso causou muitos problemas e sobrecarregou muito a pessoa que mais importa: *Ava.*



"Onde é o seu quarto?", Pergunto.

"Do outro lado do hotel."

"Eu vou acompanhá-la."

Ela sorri, mas é triste. "Isso é muito cavalheiresco da sua parte."

Eu dou de ombros. "Acho que papai me criou..." Eu paro. *Ele me criou certo, mesmo sem você.* Desvio o olhar quando percebo a hostilidade em seus olhos.

"Connor, você falou com seu pai sobre..."

“Não”, interrompi. “Se ele quisesse me contar o que aconteceu naquela época, ele já teria. E se você acha que é algo que eu deveria saber, *é* preciso dizer.”

Ela exala as bochechas inchando com a força. "Você é muito maduro para a sua idade."

"Eu acho que isso vem com a experiência de quase morte." Lamento no momento em que as palavras saem, mas eu permaneço alto, sou desafiador. Porque mesmo sabendo que o que estou dizendo a está machucando, ela precisa ver o efeito que *suas* escolhas fizeram na *minha* vida. As horas de terapia, a ansiedade, o medo constante de ser deixado sozinho. Durante anos, eu chorei, segurando a perna do papai todas as manhãs que ele me deixava na creche ou na escola, e mesmo agora... Há momentos em que ele não está em casa quando eu acho que deveria estar, e ligo apenas para garantir que ele vá voltar. Quinze anos dessa merda, e eu...



Não sei por que estou aqui.

Eu deveria ir para casa.

Para o meu pai.

Para Ava.

"Você sabe o que" eu digo. "Acho que vou para o meu quarto. Tem sido um longo dia."

"Tudo bem, filho."

"Não me chame assim." O agravamento forma um nó no meu estômago. "Eu não sou..." Eu balanço minha cabeça. "Tchau."

Olhos vidrados, ela olha através de mim, assentindo. "Adeus, Connor."



Ava

Depois do que parece uma eternidade, finalmente me sinto confortável o suficiente para "usar" o presente. Eu vou para o meu quarto e o uso em particular, para o caso de ser inapropriado, porque quem diabos conhece Connor.

Sento no meio da minha cama com a jarra no meu colo enquanto a escuridão me rodeia. Pateticamente vertiginoso, não posso deixar de rir quando aperto o interruptor. Um zumbido soa dentro da jarra e leva um momento para que algo aconteça, mas quando isso acontece, meu queixo cai e meu coração dispara. Pequenas especificações de luz brilham no pote, atingindo as paredes da sala, circulando ao meu redor. "Vaga-lumes", eu sussurro, observando-os flutuar pela sala. E então a música começa "Fireflies", de Owl City. Eu contei a ele sobre aquela viagem de acampamento com minha mãe, mas foi há tanto tempo atrás e como... Como ele se lembrava? Como ele fez isso? Lágrimas enchem meus olhos enquanto a alegria enche meu coração. "Mamãe!" Deixo o pote na minha cama e corro para a sala de estar. "Mamãe, olhe!" Eu agarro sua mão, forço-a a se levantar.

Trevor também está de pé. "O que é isso?"



"Olha!" Eu praticamente arrasto minha mãe para o meu quarto e espero que Trevor entre antes de fechar a porta. "Veja! E ouça."

Demora um segundo antes de mamãe suspirar: "Ava, é a nossa música."

"É a nossa música!" Eu rio.

"E vaga-lumes."

“Tantos deles! Sempre que queremos, mamãe! Connor...” Paro um grito, o peso do presente dele me acertando no peito. "Ele nos deu o acampamento".

"Ele nos deu o acampamento", mamãe repete, encontrando minha mão na escuridão. “Ah, Ava. É lindo."

"Eu sei."

Ela aperta minha mão. "Vamos!"

"O que? Onde?"

"Vamos!"

Trevor abre a porta para nós dois, e eu rapidamente ligo o interruptor no pote, não querendo gastar sua bateria. Agora, mamãe *me* arrasta pelo meu braço... Pela casa e pela porta da frente. Ela não hesita, nem por um segundo, enquanto chama por cima do ombro para Trevor: "Abra a garagem."

Trevor concorda, e ela começa a vasculhar todas as coisas que queríamos manter, mas que não tinham utilidade real. "O que você está procurando?", Pergunto.

"A tenda!"



"A *tenda*?" Eu repito.

Ela sorri para mim. "Ava, se vamos fazer um acampamento, vamos fazer o que é certo!"

Trevor ri. "Eu acho que está aqui." Ele muda algumas caixas e descobre nosso velho equipamento de camping.

"Sim!" Mamãe grita braços erguidos em vitória.

Eu rio, meu coração doendo da melhor maneira possível. “Onde vamos acampar mamãe? Isso é loucura."

“Não importa onde, Ava! Enquanto estivermos juntos!” Ela olha para Trevor. “Nós três. Eu e meus filhos!” Não sinto falta do arregalado dos olhos de Trevor ou da maneira como suas palavras o fazem ficar mais alto. Ela sempre se referiu a ele como meu irmão, mas nunca como *seu* filho.

"Pegue os sacos de dormir", ela me ordena, e é claro, eu faço o que ela diz, rindo quando a vejo jogar a barraca na grama desarrumada do jardim da frente.

Ela tenta abrir o zíper da sacola da tenda, mas está lutando com apenas uma mão e começa a rir - do tipo histérico que me faz fazer o mesmo. São necessárias três pessoas durante meia hora para montar uma barraca com pelo menos trinta anos de idade. Não ajuda que só tenhamos os postes para nos guiar. Nós três recuamos quando a coisa acabou e depois caímos na gargalhada ao vê-la. É óbvio que os roedores chegaram lá desde que a usamos pela última vez, porque existem buracos gigantes onde não deveriam estar. "É tão triste", eu digo através de uma risadinha.



"É perfeito", diz Trevor.

Mamãe cutuca meu lado. "Vá pegar seu presente."

Eu corro para dentro de casa e pego a jarra, depois corro de volta, segurando-a no meu coração. "Entendi!"

Mamãe e Trevor estão jogando os sacos de dormir na barraca, e eu não sei se ela planeja que todos nós dormimos lá à noite, mas acho que não é possível. Ainda assim, eu me arrasto com eles e coloco o pote no meio, depois ligo novamente. Quando a música começa, mamãe começa a cantar, tão alta e tão livre, e eu me junto a ela. Estamos fora do tom e detestável alto, e olho para Trevor, que encolhe os ombros, grita: "Não sei as palavras!"

A barraca vibra, e acho que somos nós que a causamos, mas então algo molhado bate na minha testa. Olho pelo buraco gigante acima de mim. Outra gota. "Oh, meu Deus, está chovendo ..."

Mãe ri. "É realmente uma reedição!" Ela pega minha mão novamente. "Vamos."

Eu a sigo para fora da barraca, ignorando a chuva que agora *bate* em meus ombros. Ela começa a cantar novamente, mais alto do que antes, me puxando para ela enquanto ela me balança nos braços, dançando em um ritmo que só podemos ouvir. Trevor fica na tenda enquanto dançamos ao redor dele, nossas risadas enchendo meu coração de alegria. A chuva só fica mais pesada, até o chão abaixo de nós virar lama. Mamãe gargalha quando cai no chão. Deitada de costas, ela balança os braços e as pernas para frente e para trás. "O que diabos você está fazendo?" Eu rio.



"Fazendo anjos de barro!"

Eu passo em volta dela, espirrando lama por todo o lado, meus braços balançando loucamente enquanto eu continuo cantando.

Nós *precisávamos* disso.

Deus, nós precisamos disso?

Apenas uma noite. Um momento para esquecer todo o resto, e como todas as vezes antes, Connor é o único a nos dar... Mesmo de todo o caminho na Geórgia.

Os vizinhos acendem as luzes da varanda, abrindo as portas para ver o motivo de toda essa risada, canto e grito. Eu não me importo com o que eles veem, e mamãe - ela é tão felizmente inconsciente, e eu amo o que ela é. Faz oito malditos anos desde que eu a vi assim, e eu quero segurar o momento o máximo que puder. Mamãe começa a cantar de novo, gritando a letra quando ela se levanta lama endurecida por todo o cabelo, pelas roupas. Ela pula o quintal da frente, com os braços agitados. Nosso vizinho do lado oposto de Connor sai de sua casa, sua porta de tela batendo contra o tapume cansado. “Coloque seu traseiro bêbado de volta para dentro! Você está perturbando a paz!”

"Ela não está bêbada, seu pedaço de merda!" Eu grito de volta.



"Ignore-o, Ava", diz Trevor, saindo da tenda. Ele apalpa as costas de mamãe e segura a mão dela, e eles dançam juntos, uma tentativa patética de um tango que os dois uivam de tanto rir.

O vizinho de merda está no telefone agora, e mais pessoas saíram de suas

casas, assistindo nossa alegria do abrigo de suas varandas. Pego meu presente, não querendo que ele seja arruinado pela chuva, e o levo para a varanda. Quando volto, a rua é iluminada por luzes vermelhas e azuis. "Trevor, pare!" Eu grito, e ele está muito ocupado rindo para me ouvir.

Eu corro em direção a eles, olhando para o meu vizinho. "Os policiais estão aqui!"

A cabeça da mãe joga para trás com sua gargalhada. "O que eles vão fazer, Ava?", Ela grita sobre a chuva. "Algemar-me?"

Dois policiais uniformizados saem do carro, enquanto Trevor e eu ficamos lado a lado, ignorando mamãe enquanto ela continua cantando.

"Existe algum problema, oficiais?", Pergunto quando eles se aproximam.

Eles são dois homens. O mais novo dos dois é alto, uma parede sólida de músculos, e o outro é mais curto e redondo ao redor do intestino. O mais alto diz: "Tivemos uma queixa de ruído".

Balanço a cabeça. "Estávamos aqui fora..."

“Na chuva?” O curto interrompe.



Eu aceno, limpo a água dos meus olhos. "Isso é ilegal?"

"Não", diz o mais alto, e eu já posso dizer que ele é o melhor dos dois. Olho para o *distintivo* dele - *L. Preston* - e ele deve

conhecer meu irmão porque pergunta: "Trevor?"

"Ei, Leo."

"Vocês se conhecem?" Eu pergunto, olhando entre eles. Atrás de mim, mamãe ainda está cantando, ainda felizmente feliz.

"Ele é um dos meninos de Tom Preston."

"Oh." *Isso explica o nome.*

"Olha", diz Leo, "Temos que sair se houver uma reclamação, mas parece que vocês estão apenas tendo..."

"Eles estão perturbando a vizinhança!" Meu vizinho grita. Eu nunca falei com ele antes, e eu não entendo qual é o problema dele. "Olhe para todas as pessoas assistindo! Eles estão todos assustados. Quem sabe o que aquela cadela bêbada fará..."

"Não a chame assim!", Grito.

"Ava", Trevor suspira, balançando a cabeça. "Ele não vale a pena."

Nosso vizinho ri. "Sim, ouça isso..."

Não *ouço* a palavra, mas sei o que ele disse. É preconceito. Intolerante. A raiva enche meu corpo quando dou um passo à frente. "Seu pedaço racista de..."



Trevor me segura, cobre minha boca com a palma da mão. Mas não sou eu quem ele precisa se preocupar. Mamãe grita, passando por mim. Em milissegundos,

ela tem o cara pelo pescoço, o rosto a uma polegada do dela. "Como diabos você chamou minha filha?!"

"Você me ouviu, sua puta louca."

Parece tão lento - pelo menos na minha cabeça - a maneira como a cabeça dela se inclina para trás... Logo antes de ela bater na cara dele. Sangue escorre do nariz do cara, e mamãe não o libera. Ela faz isso de novo. E de novo. E eu posso ouvir os gritos das pessoas ao meu redor, ver aqueles pastoreando seus filhos de volta para suas casas. Trevor me libera, mas é tarde demais.

“Eu quero que ela seja presa!” O filho da puta ordena, e o policial gordo se move ao meu redor, seu aperto duro nos ombros da mãe. Ela se vira para ele. "Não se atreva a me tocar!" Ela balança a cabeça, e é o momento em que tudo acelera novamente. O bastão dele sai, golpeia a parte de trás da perna dela, e ela cai no chão com um gemido. Ela está gritando, palavras incoerentes, e meu coração vacila no meu peito. Ela está chutando, e está gritando, e *eu* sei que ela está implorando, mas ninguém mais o faria, porque ninguém mais a conhece como eu. Um lampejo de branco brilha perto de seu estômago - um taser - e eu chego a ele. Grite no topo dos meus pulmões. "Não a machuque!" Eu não consigo ver através das minhas lágrimas, não consigo ouvir através dos meus gritos quando ela é apanhada, arrastada para o carro. Leo Preston está ao meu lado agora, xingando baixinho. Corro para o carro, tentando arrancar as mãos do policial da minha mãe. "Deixe-a. Ela não fez nada!”



“Ela me atacou!” O filho da puta grita, segurando a mão no nariz.

"Foda-se!" Eu grito.

Trevor está atrás de mim, me puxando para longe, quando o policial coloca mamãe no carro e fecha a porta. Ela senta-se perfeitamente imóvel, o queixo no ar. Mas quando ela se vira para mim, meu sangue corre frio. Não há emoção em sua expressão. Não há vida em seus olhos. Outro conjunto de luzes aparece, este de uma ambulância. Eles param na frente do carro da polícia, no lado errado da estrada. O pai de Connor sai primeiro, seus olhos encontrando os meus. “Ava? O que aconteceu?"

Olho para minha mãe enquanto Trevor me libera lentamente. Mão levantada, seguro a palma da mão na janela, minha visão turva pelas lágrimas, e coaxo, sem fôlego: "Mamãe..."



Connor

Connor: *Hmm. Sinto que sua falta de contato significa que talvez você odeie o presente... Espero que você perceba que não é apenas um velho recipiente de maionese.*

Eu olho para o último texto entre Ava e eu. Eu o enviei mais de uma hora atrás, dando a ela pelo menos duas horas de escuridão para abrir a coisa. Ela ainda não respondeu e, por isso, envio outra.

Connor: *Você ligou? Porra espero que a bateria não tenha morrido. É novinho em folha...*

Depois de mais uma hora sólida de resposta, ligo para ela, mas ela passa para o correio de voz e, portanto, peço o serviço de quarto apenas para me distrair. Mas isso não parece ajudar. Energia ansiosa flui pelas minhas veias, batendo forte contra a minha carne. Meu cérebro começa a correr círculos, todos os cenários possíveis correndo pelos meus pensamentos. Sei que as coisas não têm sido as melhores ultimamente, mas ela parecia melhor hoje. Pelo menos... Eu pensei que sim.

É meia-noite quando tento ligar para ela novamente, mas não há resposta. Deito na cama com a TV ligada, sem prestar muita atenção. De alguma forma, devo adormecer, porque quando acordo em seguida, é quase três da manhã. Os únicos alertas no meu telefone são do meu pai. Tiro uma mensagem rápida, que ele saiba que estou bem e que bati cedo e depois ligo para Ava.



Vai direto para o correio de voz.

Desta vez, deixo uma mensagem, minha dúvida fazendo minha voz falhar: “Ei, querida. Eu não tenho certeza do que está acontecendo lá, mas eu tenho enviado mensagens e ligando e... e espero que esteja tudo bem. Lamento não ter podido estar lá no seu aniversário, e espero que não seja por isso que você está... ignorando-me, eu acho. Eu sei que as coisas estão um pouco... difíceis com a gente ultimamente. Muita coisa está acontecendo em nossas vidas agora, e talvez seja por isso que não estamos nos *conectando* tão bem quanto deveríamos estar... ” Engulo o nó na garganta. "E eu sei que pode ser difícil de acreditar agora, dado o que eu pedi a você, mas... eu só preciso que você saiba que eu te amo." Faço uma pausa. “Deus, eu te amo muito. Com tudo dentro de mim... para sempre.” Então solto um suspiro, contenho minhas emoções. "Ava, por favor, não desista de nós."



Capítulo 34

Connor

Minha mãe quer tomar café da manhã. Digo a ela que não posso que estou ocupado - é apenas meia mentira. A verdade é que não sinto mais nada a dizer a ela. E, honestamente, depois da noite que passei, acho que não aguentaria nada.

Não consegui voltar a dormir. Nem um pouco. Tentei ligar para Ava a noite toda, mas nada mudou. O telefone dela está desligado ou ela bloqueou meu número completamente... E eu não sei qual deles me assusta mais.

Sei que devo ir para casa, mas sair mais cedo causaria muitas perguntas. Eu criei uma teia de mentiras, e sou eu quem está preso. Eu fico no meu quarto de hotel até chegar a hora de avisar papai e Ava que aterrissei, e ligo para Ava primeiro - ainda nada - e depois para papai. “Você está a caminho?” É a primeira coisa que ele diz, sua voz rouca, fraca.

Meu medo é instantâneo. "Sim. O que está acontecendo?"



"Você não falou com Ava?"

Meu pulso dispara. “Não, eu não consigo falar com ela. Por quê? O que aconteceu?"

Ele suspira alto e alto. “Venha para casa, filho. Vou explicar tudo quando você chegar aqui.”

As estradas parecem continuar para sempre. Toda luz é vermelha. Todo carro na minha frente está indo dez milhas abaixo do limite. Uma vez eu disse a Ava que viajaria no tempo para alcançá-la, mas o tempo parece inexistente e, quanto mais eu chego, sinto que a distância entre nós só aumenta.

Eu estava a um telefonema de distância. Um texto. Eu me verifico lá, porque não é sobre mim, e o que quer que seja papai *sabe*. Ele está envolvido. E isso só pode significar uma coisa...

Finalmente chego em casa e minha caminhonete mal parou quando saio, hesitante sobre onde ir primeiro. Olhando em direção à Ava, noto o caminhão de Trevor na entrada da garagem, mas além disso, não há nada para indicar que algo está errado. Papai faz a minha escolha abrindo a porta da frente, a mão segurando a parte de trás do pescoço. "Deixe-me falar com você primeiro, Connor."

Sento-me no sofá, levanto-me, ando de um lado para o outro, e com cada palavra que sai dos lábios do meu pai, meu coração afunda mais no meu estômago, ancorado ali pelas dolorosas reviravoltas.



"Eu deveria estar lá", eu sussurro. *Eu poderia ter parado.* Mas eu não estava. Porque por uma noite, minhas necessidades egoístas superaram meu amor por ela. Era a porra do aniversário dela; deveria ter sido *mágico.*

Papai fica ao meu lado quando eu bato na porta de Ava. Trevor abre o

telefone preso ao ouvido. Olhos cansados, ele olha para mim, murmura: "Ela está no quarto dela."

Sem uma palavra, passo por ele e vou direto para ela. Paro quando a vejo, minha mão ainda na maçaneta da porta. Na cama, ela está sentada no canto, de costas para a parede, joelhos levantados. Ela olha para cima, com a boca aberta. Um nó se forma na minha garganta quando a vejo expressão... Como se em uma única noite, a esperança vivesse e morresse dentro dela. Um pequeno soluço força o movimento em seus ombros, e *eu me odeio.* Sou rápido em chegar até ela, envolvê-la em meus braços e protegê-la dos perigos do mundo ao seu redor. Eu quero protegê-la, amá-la. Ela rasteja no meu colo, sem palavras, e coloca a orelha no meu peito, ouvindo. E eu oro a Deus que ela encontre o que está procurando, o que precisa. Seu olhar se levanta, a cabeça inclinada, a testa franzida em confusão enquanto ela olha para mim, suas mãos agarrando minha jaqueta para removê-la. Com respirações instáveis, ela volta novamente, sua mão tremendo enquanto seu dedo bate, bate, bate. "Onde está?" Ela sussurra, e tudo dentro de mim para.

Ela remove minha blusa agora, outra camada para ajudá-la a se curar, mas quando sua bochecha pressiona meu peito novamente, ainda não é suficiente. Levantando minha camiseta até ficar pele sobre pele, eu assisto a ascensão e queda de seu peito, a maneira como seus dedos cravam na minha carne. O pânico se forma em suas palavras quando ela grita: "Onde está?"



A *mágica...* Está lá. Tem que ser. "Ava, está lá..."

"Não é!" Ela se afasta lágrimas brotando em seus olhos.

"Não", eu corro meu próprio alarme me fazendo agarrar sua cabeça, puxá-la para perto de mim novamente. "Eu juro para você; Está lá."

"Não está lá, Connor!" Ela grita. “Não está lá! Não está lá! Não está aí!”

Trago-a para mais perto novamente, seguro-a com mais força, meu coração desmorona na caixa torácica. Papai e Trevor estão na porta dela agora, assistindo, esperando. E reconheço o momento em que Ava se desfaz em meus braços, o momento em que a dor no coração se torna excessiva e os soluços se tornam tão fortes que nenhum som pode acompanhá-los. Eu a balanço gentilmente, com sussurros flutuando com cada uma das minhas respirações. Lágrimas embaçam minha visão, e olho para papai, com medo de encher minhas vias aéreas. "Eu não sei o que fazer."

Ele entra na sala e se agacha na minha frente, sua mão gentil nas costas de Ava. "Você dormiu Ava?"

Ela balança a cabeça, o rosto protegido na dobra do meu pescoço.

Papai olha para Trevor. “A mãe dela toma algum Xanax ou algo assim? Talvez ela devesse ter um pouco? Apenas uma pequena dose, para ajudar... ”

Trevor assente. "Eu vou pegar."



Com a ajuda dos sedativos, Ava adormece em meus braços em poucos minutos. Na sala, posso ouvir papai e Trevor conversando, e por isso me certifico de que suas respirações sejam tranquilas, seus traços calmos, antes de me desembaraçar de seu abraço

e me juntar a eles. Trevor olha para cima assim que eu abro a porta dela. Com as sobrancelhas erguidas, ele pergunta: "Como ela está?"

"Ela está fora."

Papai diz: “Ela precisa dormir... para sua própria saúde mental.” Então ele olha para Trevor. "E você também, Trevor."

"Eu sei", ele suspira, segurando o telefone como se fosse sua tábua de salvação. “Ainda não contei a Ava, mas eles mudaram a mãe da prisão e a admitiram em uma ala psiquiátrica. Ela continuou esmagando a cabeça na...” - ele interrompe.

"Jesus", murmuro, passando a mão pelo rosto enquanto desço no sofá ao lado de papai.

Trevor respira fundo, baixo e devagar. “Meu chefe - ele tem um amigo que é advogado, eu acho. Ele virá logo para passar por tudo. Espero que eles possam resolver algo fora do tribunal. Eu não quero Ava passando por nada disso. De novo não."

Eu aceno, embora eu realmente não entenda o que está acontecendo. "O que eu posso fazer?"

"Você está fazendo isso", ele garante. "Eu só preciso que você cuide de Ava para que eu possa cuidar de todo o resto."



"E quem cuida de você?", Pergunto.

Seus olhos se fecham. "Peter está em um voo para casa agora."

Capítulo 35

Connor

Nos próximos dois dias, Ava se recusa a sair da cama. Ela se recusa a comer. E ela se recusa a conversar. Até para mim. Mas isso não significa que eu saia do lado dela. Nem por um segundo estou mais do que alguns metros de distância. Quando ela dorme, eu também tento. Mas eu não posso. Eu me preocupo, e essa preocupação se transforma em pânico, se transforma em pavor. Porque e se...

E se eles não puderem fazer um acordo com a senhorita D?

O que acontece com ela?

O que acontece com a Ava?

Trevor e Peter estão dentro e fora de casa, dentro e fora do telefone, e eu me sinto inútil. Eu sinto que deveria estar fazendo mais do que ter conversas unidirecionais com uma garota que mal consegue me olhar. Uma garota que precisa de magia e não consegue encontrá-la na pessoa que prometeu a ela.



Ela me vê.

Eu sei que ela faz.

Mas ela vê *através de* mim.

E isso é quase pior do que ser ignorado.

Não vou à escola e ninguém pergunta por que. Eles já sabem. As pessoas passam principalmente pessoas que eu não conheço. Trevor fecha a porta do quarto de Ava sempre que eles estão aqui. Ele não quer que ela ouça o que eles têm a dizer, e ela não parece se importar com os segredos que estão guardando.

Rhys e Karen também aparecem, e olham para Ava, depois olham para mim, e a única coisa que podemos ver um no outro é desamparo.

No terceiro dia, Amy - a namorada de Trevor - chega. Ela parece ser a única pessoa que pode convencer Ava a comer - não muito, mas é suficiente para resolver a preocupação que eu carregava por dias.

Eu só queria que fosse eu levá-la a esse ponto.

Turner se aproxima e, pela primeira vez, Ava parece chegar.

"Hey, querida", diz a Srta. Turner, parada na porta do quarto dela. “Eu estava esperando sua ligação. Eu não tinha certeza se você gostaria de me ver.”

"Eu faço", Ava sussurra, balançando a cabeça enquanto seus olhos se enchem de lágrimas. É o máximo que ela deu a alguém, e tento afastar o ciúme, mas está lá... Borbulhando sob a superfície.



"Você quer conversar?", Pergunta a Srta. Turner.

Ava assente novamente, seus olhos se voltando para mim, antes de voltar para a senhorita Turner.

Turner se vira para mim, um sorriso lamentável enfeitando seus lábios. "Você pode nos dar um minuto, Connor?"

Eu largo meu olhar. "Certo."

Ela esfrega meu braço. “Não leve para o lado pessoal.” É a mesma coisa que Rhys me contou sobre Ava quando nos conhecemos. Não me ajudou então, e com certeza não me ajuda agora.

Eu olho para Ava. “Vou para casa pegar uma muda de roupa. Eu já volto ok?”

Ela abaixa o olhar.

E então pergunto algo que venho pensando há dias, mas tenho muito medo de perguntar, muito medo de sua resposta. "Você quer que eu volte Ava?"

"Claro que sim", responde Turner. Ela suspira e sussurra, suas palavras apenas para mim. “Isso não é sobre *você,* Connor. E você precisa aceitar isso.”



Ava

Na gaveta da minha escrivaninha vive um recibo.

Um recibo do serviço de quarto.

Assinado por um Connor Ledger.

A data do recibo é a mesma do meu aniversário.

Em minha mente,

Peço desculpas por que ele mentiu para mim sobre onde estava.

No meu coração,

Eu me culpo por não ser suficiente.

O recibo é de um hotel na Carolina do Norte.

É apenas uma noite na Geórgia,

Connor disse:

É uma imprensa para a equipe All-American.

Em minha mente,

Eu me pergunto como ele poderia mentir tão facilmente na minha cara.

Mas no meu coração,

Eu já sei.



Debaixo da minha cama mora um pote de plástico.

Um pote cheio de vaga-lumes falsos.

Quando o mundo está mais escuro,

É quando a mágica aparece,

Minha mãe diz.

Então, na minha mente,

Eu desejo que a mágica seja verdadeira, real.

Mas no meu coração,

Eu acredito que a mágica está morta...

Assim como o amor de Connor por mim.



Capítulo 36

Ava

Minha sala de estar é um turbilhão constante de pessoas, algumas que eu mal conheço. Se mamãe estivesse aqui, ela odiaria.

Eu odeio isso.

Connor está deitado na minha cama, me segurando para ele como se ele estivesse de alguma forma me confortando, me protegendo.

Eu também odeio isso.

"Ava?" Trevor diz, enfiando a cabeça na porta.

É preciso tudo em mim para abrir meus olhos.

“O advogado está aqui. Leo Preston também. Eles querem conversar com você sobre sua mãe.”

Eu coloco minha cabeça no travesseiro novamente, não querendo falar com ninguém.



Ao meu lado, Connor se senta e segura minha mão na dele. Ele olha para mim, as sobrancelhas levantadas. Um sorriso encorajador brilha em seus lábios. “Você deveria ir falar com eles, querida. Pode ser uma boa notícia.” Seus olhos mantêm a

mesma quantidade de adoração e compaixão quando ele me amava, e eu me pergunto quando foi precisamente que ele se tornou tão bom em fingir isso.

Levanto da cama, depois me junto ao meu irmão na sala de estar. Amy e Peter também estão aqui. Eles ficam na entrada da cozinha, afastados, mas ainda à vista.

Novamente, Connor senta ao meu lado, segurando minha mão.

"Oi, Ava", diz um homem de meia idade. Seus olhos são suaves, gentis, e eu apenas me lembro dele como o advogado Tom Preston nos enviou. Sou Nathan Andrews. Nós nos conhecemos antes, mas tenho certeza que você...

"Eu lembro", murmuro e olho para Leo Preston. Ele está sem o uniforme da polícia e parece muito mais jovem mais acessível. "Oi", eu digo a ele.

Leo sorri.

Connor aperta minha mão. "Então, você tem notícias sobre a senhorita D?" Ele pergunta, e eu posso ouvir a preocupação genuína em sua voz. Independentemente do que está acontecendo conosco ou do que não *somos* eu sei que ele se importa com minha mãe da maneira que apenas algumas pessoas fazem.



E isso *tem* que significar alguma coisa.

Eu seguro o braço dele no meu peito, permitindo-me este pequeno momento com ele.

"Consegui tirar o juiz do lado de fora do tribunal", Nathan nos diz. "Todas as

acusações foram retiradas e sua mãe pode voltar para casa hoje."

Minha respiração vacila. "Realmente?"

"Realmente."

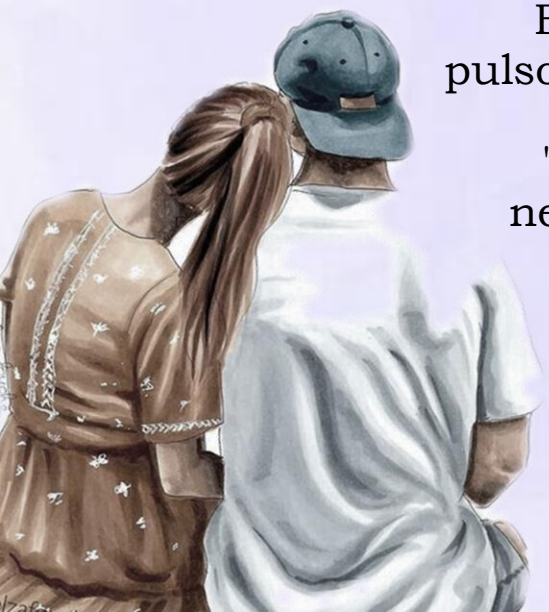
"Como você...?"

Nathan balança a cabeça, os olhos mudando. “Infelizmente, em uma cidade como esta, é sobre *quem* você conhece. E, felizmente para você, seu irmão fez alguns bons contatos nos últimos anos.”

Olho para meu irmão, mas ele está desviando o olhar, e então olho para Peter, o noto me observando, seus olhos presos no modo como estou segurando Connor. Não é difícil descobrir o que está acontecendo aqui, e eu quero ficar brava. Quero gritar com Trevor por trazer Peter para isso, mas não posso... Porque minha mãe está *voltando para casa.*

"Obrigado, Peter", eu engasgo, meu soluço retido tornando impossível respirar. Eu me concentro em Nathan e Leo novamente. "Todos vocês. Obrigado."

Nathan assente, um sorriso triste puxando seus lábios. "Mas, Ava, o juiz tem preocupações e, honestamente, depois de analisar a história de sua mãe, eu também."



Eu pergunto, com medo de acelerar meu pulso: "O que isso significa?"

"O estado do sistema de saúde mental nesta cidade"

"Eu sei", eu cortei, olhando para baixo.

"Você sabe o que? O que isso significa para...” Connor interrompe.

Isso significa que ela precisa de mais ajuda do que podemos oferecer...

"Ela sabe o que isso significa", diz Peter.

Eu posso cuidar de você, Ava.

"Eu não estava perguntando a você", Connor rebate.

Mas é o nosso pequeno segredo.

Trevor suspira. "Então, quando ela pode voltar para casa?"

"Estou prestes a começar o meu turno", diz Leo. "Eu vou buscá-la e trazê-la de volta."

No momento em que Leo foi buscar minha mãe, eu ignoro todos ao meu redor e começo a trabalhar. Imprimo novas fotos, tantas, e colo todas nas paredes dela. Eu limpo a sala de estar, a cozinha - certificando-me de guardar quaisquer copos ou objetos pontiagudos que foram deixados de lado descuidadamente. Verifico seus remédios e os preparo para ela. Pela primeira vez em dias, tomo banho. Eu arrumo meu quarto, lavo algumas roupas, incluindo a jaqueta que arranquei desesperadamente de Connor no segundo em que ele voltou da “Geórgia”. Eu precisava de mágica naquele momento. Não precisava do recibo que caía do bolso do paletó e de



todas as mentiras e inseguranças que o acompanhavam.

Connor me segue, suas palavras baixas quando ele tenta falar comigo. É difícil tê-lo aqui, mas dizer a ele para sair e dar-lhe as razões pelas quais eu *não o* quero aqui seria muito mais difícil. Além disso, não sei em que estado minha mãe estará quando chegar em casa e, por mais que eu odeie admitir, ele a ajuda de maneiras que apenas os dois entendem.

Quando termino, sento na sala e olho pela janela.

Esperando.

É como se eu tivesse quinze anos novamente, e meu mundo não passa de mágoa e esperança.

Parece que horas antes do carro estacionar na garagem. Connor está instantaneamente de pé, me levando com ele. Ele deve estar olhando pela janela também.

Esperando.

Ele abre a porta para mim, e eu solto sua mão, pego a de Trevor. Ficamos lado a lado na varanda, observando Leo abrir a porta dos fundos, seu toque suave enquanto ele ajuda minha mãe a sair do banco de trás. Eu pulo na ponta dos pés, nervos e antecipação fluindo em minhas veias. Não consigo segurar quando ela começa a se aproximar, com a cabeça baixa. Eu corro para ela, como todas as vezes que ela voltou da guerra. Eu chamo por ela, minhas lágrimas tornando impossível de ver. “Mamãe!” Ela se sente em casa, como se seu abraço fosse feito de mágica ... o tipo de magia que destrói todos os medos da infância e os



substitui por fé, segurança e *amor* . Choro em seu ombro, segurando-a com força, nunca querendo deixar ir.

Sinto a presença de Trevor antes de vê-lo. "Trevor", mamãe sussurra.

"Não se atreva a fazer isso de novo", diz ele, sua voz rouca.

Mamãe me libera sua mão indo para o lado dela enquanto ela olha para o meu irmão.

Trevor acrescenta: “Não vá lutar minhas batalhas por mim. Especialmente quando se trata da *minha* raça e da ignorância de outras pessoas.”

Mamãe levanta o queixo, com os olhos nos dele enquanto aperta os ombros. “Você é *meu* filho, Trevor. Eu começaria uma guerra de merda por você.”

Pela primeira vez, eu assisto meu irmão quebrar. Quebra. Testemunhar a força de minha mãe enquanto ela o segura através de seus soluços, através de sua destruição. E é só agora que percebo os efeitos reais das minhas escolhas. Eu pensei que precisava de tempo. Se eu pudesse esperar, tudo se encaixaria. Mas a cada segundo de espera, nossa dor no coração só aumenta, arruinando as pessoas que mais importam para mim.



Olho para Connor parado na varanda vejo seu peito subindo e descendo com cada uma das suas respirações.

E então olho para Peter parado ao lado dele.

Eu posso cuidar de você, Ava...

Meus olhos se fecham.

Vincit qui se Vincit: Ele conquista quem conquista a si mesmo.

Eu jogo o anel da mamãe no meu polegar.

Eu sou a conquistadora.

Eu sou.

Estou.



Capítulo 37

Ava

"Muitas pessoas", mamãe murmura.

"Eu sei mamãe", respondo, levando-a do quarto para a sala de estar. “Mas eles estão aqui por Trevor. Eles se preocupam com ele, e ele precisa do apoio.” Deus, ele precisa disso.

Quando ela chegou em casa hoje mais cedo, ela deixou de cumprimentar Connor, Peter e Amy e foi direto para o quarto. A única coisa que ela queria era dormir, embora eu não ache que ela realmente tenha dormido. Ela só queria ficar sozinha, e eu *sinto* isso.

Eu quero o mesmo.

Agora, o dia virou noite e todo mundo ainda está aqui, além de Leo e Tom Preston. Leo terminou seu turno e está aqui para checá-la. Tom está aqui para verificar Trevor. Eu nunca conheci essa quantidade de bondade de estranhos, e eu gostaria de poder retratar isso para mamãe de uma maneira que não a chateie.



"Ei, Srta. D", Connor cumprimenta, beijando as cicatrizes que estragam sua beleza. Ele oferece um sorriso gentil e caloroso, e eu gostaria que isso significasse algo para *mim,* mas não significa.

Todo mundo se junta a nós na sala enquanto mamãe ajusta o capuz do roupão para esconder o rosto. Mesmo perto de Peter e Amy, ela fica assim, mas perto de estranhos, eu temo a reação dela.

"Como você está se sentindo, senhora?" Leo pergunta a ela, parado em frente a nós.

Mamãe se senta no sofá entre Connor e eu. "Muito melhor", minha mãe responde seu tom suave. "Durma" Vidro quebra atrás de mim, e mamãe grita. Eu também. Outra rodada, e muitas outras. Tiro após tiro após o maldito tiro voam pela janela, cacos de vidro passando por mim e por mim, e então estou coberto de calor, jogado no chão. Mamãe não para de gritar, e ao meu redor é um caos. Pés pisam no tapete, portas se abrem e xingamentos voam pelo ar. As respirações aquecidas pousam no meu pescoço e, depois do que parece uma eternidade, o silêncio desce. A escuridão enche meu coração, minha mente, e meu coração está acelerado, afundando.

"Que diabos foi isso?" Amy grita, e eu finalmente abro meus olhos. Ela também está no chão, protegida pelo corpo inteiro de Trevor.

Ele diz, pegando algo do chão. "Grânulos de armas de ar comprimido."



Ao meu lado, mamãe senta-se com os joelhos levantados, os braços cobrindo a cabeça. Connor está atrás dela, de costas para a janela, protegendo-a. Confusa, olho para os braços que prendem os meus no meu peito. "Você está bem?" Peter pergunta sua boca na minha bochecha.

Eu assisto Leo voltar para casa, o telefone no ouvido.

"Ava, você está bem?" Peter repete, mudando até estar na minha frente, seus olhos preocupados se fixando nos meus.

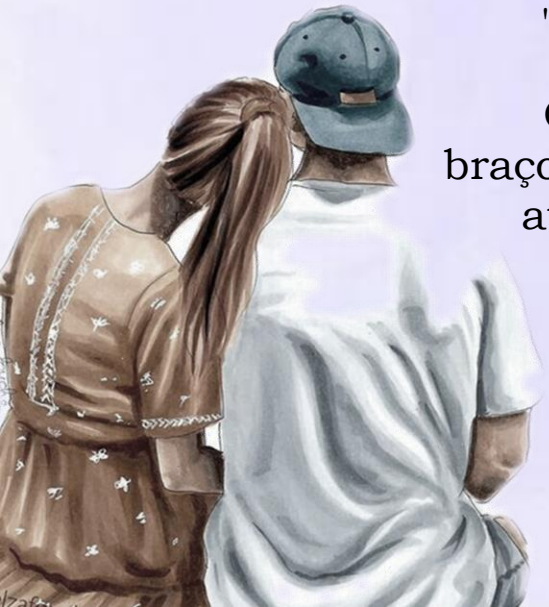
Olho de volta para mamãe, seus soluços silenciosos enquanto ela olha para Connor. "Saia!" O punho dela bate contra seu peito, uma e outra vez, e eu empurro Peter fora do caminho para chegar até ela. "Saia! Saia! Saia!" ela grita.

Connor agarra seus braços, mantendo-os firmes, e eu devo avisá-lo... Devo dizer a ele que é um gatilho. "Senhorita D. Sou eu." Ele rastreia os olhos dela com os dele. "Olhe para mim!"

Ela abaixa a cabeça, seus gritos assolando todo o corpo.

"É Connor. Lembra-se de mim?" Ele espreita para mim antes de se concentrar nela novamente. "Connor, 1,98m, mas está esperando..."

Mamãe grunhe, usando toda sua força para libertar seu braço bom. Em minha opinião, acontece em câmera lenta, na realidade... Não pode demorar mais do que um segundo. Ela pega um pedaço de vidro quebrado, formando poças de sangue em volta dos nós dos dedos quando o segura firmemente.



"Mamãe, não!"

Connor é rápido em ligar, e ele agarra seu braço novamente, sacudindo seu corpo inteiro até que ele praticamente a levanta do chão. "Os vaga-lumes", ele grita, seu desespero tornando suas palavras

fracas. "Os vaga-lumes estão de volta, senhorita D." Ele continua sacudindo o braço dela para tentar fazê-la liberar o copo e o sangue... Há muito sangue. “Eles estão de volta e estão do lado de fora da sua janela! Nós podemos ir lá agora! Podemos ir a qualquer lugar que você quiser!”

Os movimentos da mãe são lentos, como se as palavras dele chegassem até ela. Ela abaixa a mão, finalmente liberando o fragmento, e Connor a segura para ele, seus ombros saltando. "Eu não quero estar aqui", ela sussurra, agarrando sua camisa.

Também não quero estar aqui, não digo.

Connor beija o topo de sua cabeça como se ele tivesse feito comigo tantas vezes antes. "Mas eu preciso de você aqui, senhorita D." Ele respira fundo. "*Eu* preciso de você aqui."



Capítulo 38

Connor

As janelas da casa de Ava estão fechadas com tábuas agora. Não consigo ver a casa deles nem sou convidado a pisar nela.

Ava fica em casa.

Papai me obriga a ir à escola e agir como se nada tivesse acontecido.

De acordo com Ava, sua mãe não quer ficar com ninguém.

Nem mesmo Krystal.

Mas Amy está lá.

E Peter também.

Já faz alguns dias, e todos os dias que chego em casa da escola, há outra forma de vandalismo em sua casa.



O vizinho que causou toda essa merda se foi.

Desaparecido.

E ninguém sabe onde.

Deito na minha cama, meus olhos no teto, meu telefone descansando no meu peito. Todas as ligações para Ava que fiz foram sem resposta, e todas as respostas a um texto parecem que ela está me dando apenas o suficiente para ficar a distância.

Papai bate na minha porta, entra sem esperar por uma resposta. Ele olha para mim, com pena em seu olhar. "Como está se sentindo, filho?"

Eu dou de ombros. Eu nem sei como eu estou *suposto* sentir.

Ele senta na beira da minha cama, seu corpo meio virado para mim. "Você já ouviu falar dela?"

"Na verdade não. Enviei uma mensagem para ela mais cedo, mas ela não respondeu" eu minto. Porque ela respondeu; ela simplesmente não me deu o que eu precisava. "Sinto como se tivesse feito algo errado", admito.

"Não, Connor, você não pode pensar assim. Você não pode levar para o lado pessoal."

"Todo mundo fica dizendo isso." Suspiro. "Mas eu não sei como não. Percebo que ela está passando por muita coisa, mas tudo o que estou fazendo é tentar estar lá por ela, por *eles,* e ela continua me afastando."



"Sim", papai murmura, e eu posso ver sua mente trabalhando. "Ela está passando por muita coisa, Connor. E às vezes nossos problemas são maiores que a necessidade de expressá-los."

Eu o encaro bem nos olhos dele, e espero que ele possa de alguma forma ver que eu estou passando por algo também. Mas não tenho coragem de contar a ele. "Eu acho."

Papai se levanta para sair, e eu pego meu telefone, olhe a última mensagem que enviei a ela. Eu disse a ela que a amo. Ela escreveu de volta: *Ok.*

Papai para na porta, a mão na maçaneta quando ele se vira para mim. “Apenas dê a ela o tempo e o espaço que ela está pedindo. Quando estiver pronta, ela voltará para você.”

Se ela voltar mesmo.

***

Eu acordo com algo batendo alto na minha janela e saio da cama, sabendo que só há uma pessoa no mundo inteiro que estaria lá. Sob um céu estrelado, Ava fica com a cabeça baixa e os braços cruzados. Seu cabelo está solto, molhado, como se ela tivesse acabado de sair do chuveiro. Eu estava tão preocupado e fiquei tão preocupado com a *gente* que de alguma forma esqueci como ela é linda. Mas ela está aqui, agora, e ela é tudo que eu precisava tudo que eu desejava. Ela é tão perfeita.



Quando levanto a janela, ela olha para cima, aqueles olhos cor de bordo claros das lágrimas que os cobrem há dias. "Ei, desculpe, eu tentei bater na porta..."

“Desculpe, eu devo ter... não importa. Você quer entrar?”

"Você pode me encontrar na porta?"

Eu sorrio tonto. "Sim claro."

Eu já estou esperando com minha porta aberta quando ela chega pela frente. Abro mais a porta, esperando que ela entre, mas ela balança a cabeça, mantém distância. Meu sorriso cai. Meu coração também. Direito aos meus pés.

"Connor..." É apenas o meu nome. Duas sílabas. Mas eu já tinha ouvido nesse tom uma vez antes... Foi a última vez que ela desistiu de mim. Em *nós*.

"Eu não sei o que fiz", eu sussurro, mais para mim do que para ela.

Seus olhos encontram os meus, e aquelas lágrimas que ela carregava retornam. "Estou indo embora, Connor."

Meu estômago *cai*. "*O que*?"

Ela se vira para olhar para trás, e é só agora que vejo o carro de Peter parado no meio-fio, faróis acesos, com a Srta. D sentada no banco de trás. “Ava, o que diabos você está fazendo? Deixar-me é uma coisa, mas *deixar*...”



"Trevor tem que ficar para terminar alguns trabalhos", ela interrompe como se tivesse planejado toda essa conversa em sua cabeça, e eu nem fazia parte dela. "Temos que sair hoje à noite para conseguir a colocação de mamãe no centro de tratamento."

O medo solidifica todos os órgãos. Todo músculo. "Onde?"

"É no Texas." Ela pisca, deixando uma única lágrima escorrer por sua bochecha. "E Peter... Peter vai cuidar de mim."

"Ava, não", eu respiro, aproximando-me dela. Pego a mão dela ao mesmo tempo em que ela enfia a mão no bolso e puxa uma folha de papel dobrada. Ela me entrega sua cabeça inclinada.

Minhas narinas se abrem com minhas respirações pesadas enquanto eu assisto a cena. Peter tem a senhorita D, e em breve, ele terá Ava.

Ava diz: "Você disse que estava na Geórgia".

"O que?"

Ela faz um gesto para o papel, e eu o desdobro rapidamente. A bile sobe à minha garganta quando a realização chega. É o recibo do serviço de quarto. "Você disse que estava na Geórgia", ela repete.

"Isso não é o que parece", eu corro. "Eu posso explicar"

"Você não precisa", ela interrompe. “Isso não vai mudar nada. Eu ainda tenho que sair.”



"Mas..."

Um único soluço escapa e eu tento, de novo, de alguma maneira me aproximar. Mas quanto mais perto eu chego, mais ela se afasta, e eu sei... Eu

sei que ela está fora do meu alcance. Ela enxuga as lágrimas com as costas da mão, o queixo erguendo, os olhos nos meus: uma demonstração de força enquanto estou me afogando em fraqueza. "Lembra-se daquela vez no seu caminhão, quando você me disse que fez tudo por mim?"

Eu aceno, espere.

Ela engole. "Eu entrei na Duke, Connor."

Eu sussurro um "O quê?", Porque é a única coisa que se forma em minha mente.

“Há uma instalação de tratamento residencial por perto que tem um programa para pessoas em nossa situação, mas há uma lista de espera e eu estava fazendo todo o possível para levar minha mãe até lá. Turner também estava ajudando. Estávamos escrevendo, ligando e defendendo nosso caso, e eu... eu só precisava de tempo.” Mais lágrimas fluem, e desta vez, ela as liberta. “Eu ficava me dizendo que, se eu pudesse esperar tudo se encaixaria. Mas mal posso esperar Connor. Porque ela está piorando, e *eu também.* Estou desmoronando e não posso...” ela interrompe um soluço, as mãos cobrindo o rosto, e há uma dor intolerável no meu peito que não vai parar.

"Ava..." Eu expiro.



"Eu fiz tudo por você também, Connor." Ela cheira uma vez. "Eu deveria ter saído há muito tempo, mas eu apenas pensei... se eu pudesse passar por isso..." Ela respira profundamente, seus olhos voltados para os meus. “Mas talvez seja o melhor, sabe? Talvez seguir você até Duke não fosse o que você queria e...”

“Ava, *por favor*. Apenas me dê dois minutos para explicar tudo e...”

"Há um lugar no Texas que pode levá-la imediatamente", ela interrompe novamente. Ela já decidiu, e nada que eu diga ou faça pode consertar as coisas. "Vou morar com Peter até encontrar meu próprio lugar."

Meus olhos se fecham quando o mundo ao meu redor se fecha e os fragmentos e a felicidade de uma vida que uma vez imaginei começam a desmoronar ao meu redor.

“Eu não diria que estava saindo”, ela diz, “mas isso não seria justo para *nós*. E eu vim aqui para me despedir e agradecer por me amar, mesmo que...”

Peter buzina. "Ava, nós temos que ir!"

Ela olha para o carro e depois para mim. "Sinto muito por não ter sido suficiente, Connor."

Estou experimentando tudo de novo. Os momentos antes da minha primeira morte. Meu corpo começa a desligar.

Ceder.

Desistir.



Até me afogar em nada além de angústia e desespero.

Ela está no carro agora, abrindo a porta, mas é tarde demais. Ela fecha a porta para *nós* e bato minha palma contra a janela, de novo e de novo. “Por favor,

Ava! Não vá!” Eu chuto a porra do carro quando Peter acelera o motor. "*Por favor.*"

Eu vejo a boca dela se mover, a vejo dizer uma única palavra que coloca a adaga final no meu coração: “Vá.” Observo o carro decolar, segui-o durante a noite até as luzes desaparecerem, e então corro para minha casa. Meu coração dispara. Pego meu telefone e ligo para o número dela. Nem toca. A voz automatizada diz que a ligação não pode ser conectada.

"Dois malditos minutos!" Eu só preciso de dois minutos para explicar *tudo.* Minhas pernas me levam, como se por conta própria, pelo mesmo caminho que eu já havia tomado centenas de vezes antes. Eu bato minha palma na porta da frente. "Trevor!"

Ele abre a porta e eu estou pronto para lutar com ele. Implorar para ele ligar para ela. Mas as lágrimas em seus olhos mostram a mesma devastação que está fluindo através da minha linhagem. "Ela precisava fazer isso, Connor", diz ele, com a voz embargada. “Ela precisava fazer isso por *ela.* E se você a ama... você tem que deixá-la ir.”

Não haveria um final feliz para a nossa história, ela me disse uma vez. *Haveria um começo intenso, um meio instável e depois uma mágoa.*

Essa é a dor no coração.

Este é o fim.



Capítulo 39

Connor

Eu assisto o céu noturno do lado de fora da minha janela virar a madrugada, virar a dia. O sol nasce, assim como todos os dias. Mas hoje não é como todos os dias. Não existe calor, nem luz, *nada.* Nada além de um lembrete de cada novo dia que terei que viver sem a pessoa com quem planejei passar para sempre.

Papai chega em casa e eu não levanto da minha casa no chão do meu quarto. Eu me encosto na minha cama, olho para a parede oposta. Há um pedaço de tinta de uma cor mais clara do que o resto da sala, quando eu coloquei meu punho na primeira vez que ela me deixou. Perfurar a parede não tirou a dor então, e com certeza não o fará agora.

Papai bate, e eu não respondo, sabendo que ele vai abrir a porta de qualquer maneira. Eu ouço a maçaneta girar e a porta se abrir, e então o suspiro silencioso de papai. Ele saberá - sem que eu precise dizer uma palavra - que algo está errado... Algo mudou. “Connor, o que houve? Ava é a mãe dela?”



"Eles foram embora."

"Quem?"

“Ava e sua mãe, eles saíram da noite para o dia. Eles se foram, pai.”

"Connor", ele respira, sentando-se ao meu lado. "Puxa, filho, me desculpe."

Balanço a cabeça, olho para as mãos e farejo o calor que queima atrás dos meus olhos. E então deixei escapar as palavras que tenho mantido por anos: "O que há de errado comigo, pai?" Eu o encaro, meus olhos nublados. "Por que eles continuam me deixando?"

"Oh, Connor, não..." ele suspira seu braço passando ao meu redor, me puxando para ele. "Isso não é sobre você. A dor de Ava..."

"E quanto à mamãe?" Eu pergunto em volta do nó na minha garganta. "A dor de mamãe era tão ruim que ela não teve outra escolha? Porque estou tentando resolver tudo isso e tentando não levar para o lado pessoal, como todo mundo fica me dizendo para fazer, mas *como*? Como diabos eu não posso fazer isso?"

"O que está acontecendo com Ava não é o mesmo..."

"Você tem certeza?" Eu pergunto, acusando. "Porque mamãe disse para perguntar sobre o que aconteceu naquela época."

Seus olhos se arregalam em choque. "O que diabos você está falando..."



"Ela me encontrou", eu interrompo.

Raiva brilha em seus olhos, e ele me libera. Ele se levanta os punhos cerrados ao lado do corpo. Inclino minha cabeça, olho para ele enquanto ele anda pela sala. Três

passos em um sentido, três passos atrás. "Quão? Quando?!"

"Responda-me!" Eu grito anos de raiva e frustração retidas e perguntas não respondidas bombeando em minhas veias. Eu fico de pé. "O que você fez para fazê-la..."

"Nada!"

"Então por quê?" Eu grito incapaz de segurar mais. "Por que ela me odiava tanto que me queria morto?"

Papai me abraça de novo, como se eu tivesse três anos fazendo a mesma pergunta.

Eu o empurro para longe. “Seus abraços não vão consertar isso, pai. Eu não sou mais uma criança. Tenho dezoito anos e mereço a porra da verdade!”

Ele engole, e eu posso ver o medo em seus olhos.

"Conte-me!"

Papai balança a cabeça, com os olhos fechados.

“Pai, *por favor*. Eu preciso saber” eu imploro. "Eu preciso entender para que eu possa parar de sentir *isso*." Eu pressiono uma mão no meu peito. "Você sabe como é pensar que algo está quebrado dentro de você?"



Quando ele abre os olhos novamente, a dor líquida flui de suas profundezas. “Nunca foi sobre você, filho. Ela fez isso para *me* machucar.”

"Por quê?"

Ele agarra o cabelo, os olhos fixos no teto enquanto o peito se ergue. E cai. De novo e de novo. "Ela fez isso porque eu disse a ela que estava apaixonado por outra pessoa."

Meu estômago cai. "Você estava traindo ela?"

Seus olhos encontram os meus novamente, e ele assente uma vez. "Sim". Então ele parece liberar um fôlego que ele estava segurando há anos. "Com outro homem."

Tudo dentro de mim ainda.

Toda lembrança.

Todo momento.

Cada risada.

Todo choro.

Tudo.

Congela.

Eu recuo incapaz de olhar para ele.

"Connor, apenas ouça"

Balanço a cabeça, interrompendo-o e fecho os olhos nos dele. Ava uma vez me disse que tínhamos os mesmos olhos - meu pai e eu - e eu concordei, embora nunca tivesse prestado atenção antes. Eu apenas pensei que o conhecia bem o suficiente para vê-los claramente. Mas agora... Agora eu olho para ele e... "Quem diabos é você?" Pego minha bola, ignoro ele me chamando quando saio de casa e



vou para o meu caminhão. Ele fica na varanda, sabendo que não pode me parar, sabendo que não pode me *salvar.*

Não mais.

***

Leva mais de uma hora para eu encontrar o desvio para o estacionamento exato que estou procurando. Assim que saio do carro, ouço o fluxo da água e sigo o som até a clareira do lago. Não sei ao certo quando foi exatamente que decidi vir aqui, de todos os lugares. Ter este lugar trazendo nada além de memórias de Ava é provavelmente a última coisa que eu preciso, mas é a única coisa que eu quero.

Nós dois declaramos o dia que passamos aqui O Melhor Dia de Nossas Vidas, e talvez seja por isso que me chamou. Para me lembrar de que éramos uma vez, eu tinha tudo na ponta dos dedos. Sento-me na beira da água, minha mente girando com muitos pensamentos, muito rápido, e parece que não consigo me concentrar em um por tempo suficiente para controlar meu pulso.

Penso no meu pai, e depois em Ava, e em todos os momentos que levaram a agora, e ainda não consigo entender nada disso. E então eu lembro o quanto Ava havia mudado nas últimas duas semanas. Lembro-me de seu humor, a rapidez com que ela passou de zangada para feliz, para triste, para amar, para devastada, e eu gostaria de ter visto isso; que algo maior estava



acontecendo. Eu deveria ter percebido quando ela exigiu que Rhys devolvesse a camisa que eu vendi para ele. Ela estava tão brava e apaixonada por isso... Porque sabia o quanto isso significava *para mim.* Como essa memória com meu pai era uma que eu mantenho perto.

Eu a imagino sentada ao meu lado enquanto digo a ela tudo o que aconteceu. E se sente *muito* porra real quando eu imagino-a tomando meu braço e segurando-a enquanto ela olha para o lago, com os olhos vidrados, porque, estou muito foda tarde para perceber que minha dor era dela também. Eu deveria ter visto isso, e deveria ter contado a ela sobre minha mãe, mas, em vez disso, escolhi proteger uma mulher que me abandonou em vez da garota que eu amo. Meus olhos se fecham quando imagino Ava se virando para mim, sua respiração deixando-a lentamente. "Ele ainda é seu pai", ela me dizia. “Ele ainda é o mesmo homem que acreditou nos seus sonhos *mais do* que você, que fez tudo o que pôde para torná-los realidade. Ele ainda é aquele homem que te abraçava todas as manhãs enquanto você chorava porque tinha tanto medo que ele nunca mais voltasse. Mas ele sempre voltava para você, Connor. Sempre."

Eu limpo as lágrimas patéticas das minhas bochechas e respiro fundo. Segure. Então eu me levanto.

Porque ela está certa.

Ele sempre voltava.

E então eu tenho que também.



***

Papai olha quando abro a porta da frente, mas ele não está sozinho. Há um homem que eu nunca vi antes sentado ao lado dele. Suas mãos estão trancadas, dedos entrelaçados, e papai é rápido para separá-las, rápido para ficar de pé. “Oh, graças a Deus, Connor. Eu não tinha certeza se você voltaria.

Não consigo tirar os olhos do outro homem. Ele é mais corpulento que papai, com cabelos tão escuros que são quase pretos. Seus olhos são castanhos, mas claros, como os de Ava, e quando ele se levanta, ele para alguns centímetros antes do meu pai. Ele limpa a garganta, olhando entre papai e eu, de novo e de novo, e tudo o que posso fazer é ficar de pé, um pé na porta, um pé fora. Eu quero correr, mas as palavras imaginárias de Ava me forçam a ficar. "Eu deveria ir", diz ele, quebrando o silêncio.

Papai assente, e eu finalmente encontro minha voz. "Fique."

Os olhos do homem se arregalam e ele olha para papai. "Eu acho que talvez vocês devessem..."

Entro na casa, fechando a porta atrás de mim e depois me aproximo dele, minha mão estendida. "Eu sou Connor."

"Michael", o homem resmunga, pegando minha mão em um aperto firme. “E eu sei quem você é. Seu pai não fala sobre nada além de você.”



Eu aceno e não consigo parar o movimento enquanto espio meu pai. Ele está olhando para os pés, como se tivesse vergonha. "Papai?"

Ele olha para cima agora, culpa e remorso fazendo tremer os lábios.

"Isso não muda nada."

Ava imaginária estava certa. Ele ainda é o mesmo homem que sempre foi, e posso dizer pela maneira como seu abraço acalma a dor e remove todas as minhas inseguranças.

Michael fica. Ele se senta ao lado de papai enquanto papai e eu revelamos todos os nossos segredos. Quinze anos deles.

Eu conto a ele sobre mamãe. Cada detalhe. Dos carros que ela deu a Ava, no jogo All-American, e a última reunião que tivemos quando contei a ele e a Ava que estava na Geórgia. Digo a ele que, de certa forma, menti porque tinha vergonha da minha necessidade de conhecê-la, da minha necessidade de fechamento. Ele diz que entende. Que ele precisa, especialmente porque ele não pode julgar. Mas ele está chateado - não comigo, mas com ela - por ter passado pelas costas e usado o conflito para me atingir.

E então ele me fala sobre Michael.

Tudo isso.

Minha mãe e Michael costumavam trabalhar juntos, e ele e meu pai se conheceram em uma de suas funções de trabalho. Eles se conectaram instantaneamente e se tornaram amigos e, com o tempo, esses sentimentos cresceram, mudaram. Nenhum deles jamais teve um único pensamento - *dessa* maneira - sobre outro homem, então admitir que eram *gays* era incompreensível. Especialmente para si mesmos. Eles estavam simplesmente apaixonados por alguém que era do



mesmo sexo. Eles nunca eram físicos naquela época, mas papai admite que estava traindo emocionalmente minha mãe por meses antes de contar a ela. Ele diz que "falou com ela", porque é o termo mais simples, mas era muito mais complicado que isso.

Depois do que minha mãe fez comigo, ele cortou todos os laços com Michael. Ele não conseguia lidar com o lembrete e a culpa de suas ações, de seus *sentimentos*. E ele nunca poderia me contar - ou qualquer outra pessoa - sobre sua sexualidade por causa do medo que as ações de mamãe instilaram nele.

Por quinze anos eles não tiveram contato.

Nenhum.

Papai nunca viu mais ninguém durante esse período, nem Michael. Quinze anos, eles estavam sozinhos e solitários, e tudo por causa do que minha mãe fez para "machucá-lo".

Ela tentou me matar... Como *vingança*.

Bile fica na minha garganta o tempo todo que ele fala, não por causa de quem está aqui com ele ou porque ele é gay ou por qualquer coisa que ele fez, mas por causa *dela.* De quanta dor suas ações causaram. E ela nem estava por perto para testemunhar.



Covarde.

De acordo com Michael, ele finalmente encontrou forças para buscar e, com a ajuda das mídias sociais, ele me encontrou primeiro e depois o pai. Nesse

ponto, papai acrescenta que o “velho amigo” com quem ele se reconectou o ajudou a ter uma perspectiva quando se tratava do meu relacionamento com Ava - era Michael. Michael, que lembrou a ele que não podemos escolher por quem nos apaixonamos, e a única maneira de amar abertamente e amar livremente é ser apoiado por aqueles que nos amam em troca.

Quando eles perceberam que seus sentimentos um pelo outro não haviam mudado, Michael mudou-se da Flórida para a Carolina do Norte para ficar com papai.

Em segredo.

Novamente.

"Isso acaba agora", digo a ambos. "E, claro, vai demorar um pouco para me acostumar..."

"Nós entendemos", diz papai.

Eu concordo. "Eu só quero que você seja feliz."

"E você, Connor?"

"Eu vou chegar lá", eu digo confiante.

Mesmo que eu demore quinze anos, porra.



Capítulo 40

Connor

É incrivelmente difícil entender os dias pós Ava. Eu sei que acordo todos os dias e vou para a escola, e depois chego em casa, e isso é tudo que existe na minha vida. Papai vê minha luta, entende e me dá o tempo e o espaço que preciso para *lamentar*. Porque é exatamente isso que parece. Como *acordar duas vezes*.

Agora, eu me sento nos degraus da varanda, vendo Trevor carregar sua caminhonete, sua namorada, Amy, com ele. Parece que foi a muito tempo quando ele foi o único a me ver fazer o oposto. Esfrego as mãos no calção, abaixo a cabeça entre os ombros, porque só agora percebo que não perdi a garota que amo, ou a única mulher que já considerei próxima o suficiente para ser mãe, mas eu 'também estou perdendo um amigo' - o primeiro amigo que fiz quando cheguei aqui.

Sem outro pensamento, eu me levanto e caminho. O sorriso que carrego é falso, mas as palavras que digo não são: "É estranho se eu lhe disser que vou sentir falta de você seu idiota?"



Trevor ri uma vez, balançando a cabeça. Amy esfrega o braço dele, diz a ele que está entrando para se certificar de que tem tudo. Realmente, ela está nos dando um momento a sós, e eu aprecio isso. Trevor

a observa sair antes de se virar para mim. “Não é estranho. Você meio que foi um grampo na minha vida nos últimos meses. Sentado na minha cadeira, comendo meus biscoitos... ”

Desta vez, meu sorriso é genuíno. "Escute, eu sei que Ava bloqueou meu número ou o que quer, mas seria legal se...”

“Você conhece minha irmã, cara. Ela vai me fazer o mesmo.”

Eu concordo. É verdade. E eu odeio isso.

"Porém, não é nada contra você", assegura. “É mais fácil para ela dessa maneira. Ela não precisa de um lembrete de tudo o que amou e deixou para trás.”

"Sim, eu acho", murmuro. "Então, eu acho que isso é um adeus..."

Trevor olha de volta para sua casa e depois para mim. Ele se encosta-se à caminhonete, com as mãos nos bolsos. Ele respira fundo como se estivesse preparando seu discurso. "Eu disse a você, quando nos conhecemos, que achava que você tinha uma boa cabeça, e quanto mais eu te conhecia, mais eu acreditava que você estava destinado a grandes coisas." Ele esfrega a nuca. Seus olhos abatidos. "Olha, eu realmente não sei o que aconteceu entre você e Ava, mas eu sei que você é *bom* em você." Ele olha para mim e cutuca um dedo no meu peito, logo acima do meu coração. “Aqui estava *bom*. Vi como tratou minha irmã, como tratou mamãe Jo. Eu só... eu não quero que você deixe o que aconteceu aqui tirar isso. Continue



sendo *bom,* Connor. E aconteça o que acontecer, não perca de vista o seu jogo final, ok?”

Repito suas palavras, deixo que cada uma delas afunde em mim. "Sim", eu digo com um aceno de cabeça. "Eu não vou."

Ele empurra o caminhão e oferece a mão para apertar. Eu pego, então grunhe quando ele me abraça com um abraço tão forte que acho difícil respirar. "Não chegue perto de casa hoje à noite", ele sussurra sua boca bem no meu ouvido.

Afasto-me para poder olhar nos olhos dele - olhos cheios de clareza.

Não é uma ameaça ou mesmo uma sugestão...

É um *aviso.*

É logo depois da 1 da manhã quando ouço o primeiro *estalo*, como uma única faísca na fogueira. E então um *whoosh*. Segundos depois, sinto o cheiro. O queimado, a fumaça.

Jogo as cobertas de cima de mim e dou de ombros uma camiseta antes de sair para a calçada. Chego lá bem a tempo de assistir as cortinas se acenderem e depois incendiar. Encostado na minha caminhonete sinto o calor no meu rosto enquanto minha visão se enche de tons de âmbar e vermelho. Logo, os vizinhos saem de suas casas, juntando-se a mim na rua enquanto fofocas sussurradas dominam o choque do que está acontecendo.



À distância, as sirenes tocam.

E esta é a parte quando eu acordo pela segunda vez.

Para a realidade.

E essa realidade é a *minha vida*.

Dói mais agora do que nunca, porque acho que no fundo havia uma parte de mim que acreditava que ela voltaria. Ela mudaria de ideia, perceberia que partir era um erro e voltaria para mim. Mas agora... Agora ela não tem nada *para* voltar. E eu... Eu não era o suficiente para voltar.

"Jesus Cristo, Connor", diz o pai, correndo em minha direção, seu rosto passando de azul para vermelho, causado pelas luzes da ambulância. "Trevor está aí?"

"Não, ele já se foi."

Meus olhos estão colados à casa novamente, e eu absorvo o fogo em toda a sua glória, assisto como o telhado começa a desmoronar, e então me lembro ...

Lembro-me do que ela disse na noite em que nos sentamos na varanda e um carro passou e disparou no local com uma arma de paintball. Lembro-me dos gritos de Ava, os olhos cheios de lágrimas de Ava quando ela olhou para mim. E eu lembro o que ela disse...



"*Às vezes eu gostaria de poder incendiar toda essa porra de lugar e sair e nunca olhar para trás.*"

"Jesus", diz o pai, "isso é terrível para eles".

"Não", murmuro. "É meio bonito."



Capítulo 41

Connor

Por semanas, os remanescentes da casa de Ava são gravados enquanto o oficial de incêndio investiga a causa do incêndio. De acordo com papai, que compartilha uma estação com o corpo de bombeiros, eles estão inclinados a uma falha elétrica. Aparentemente, vários incêndios foram iniciados ao mesmo tempo em diferentes áreas da casa, e é assim que, mesmo que o corpo de bombeiros tenha chegado rápido, o fogo foi capaz de se espalhar rapidamente, não deixando grande parte da casa para trás.

Os sussurros e as fofocas desapareceram ao longo das semanas. Primeiro, a Srta. D voltou no meio da noite e jogou uma granada pela janela. Foi então que o ex-vizinho voltou e incendiou o local, assumindo que todos ainda moravam lá. E então aqueles sobre mim - o ex-namorado irritado que descobriu que Ava estava me traindo com Peter, e então Trevor, e então Peter *e* Trevor.

Esta cidade, cara... Não é de admirar que eles quisessem sair daqui.



***

“Tem certeza de que não quer vir conosco?” Pergunta papai, achatando um mapa sobre a mesa de café. Ele e Michael estão aqui planejando uma viagem de cross-country. Inicialmente, eles planejavam partir quando eu estivesse em Duke. Tentei convencê-los a sair o mais rápido possível, mas eles se preocuparam comigo - os dois - e então nos encontramos no meio. No dia seguinte à minha formatura, eles estão arrumando um RV e vendo o país até voltarem para a Flórida e começarem uma nova vida, onde planejam viver livre e abertamente no amor um do outro.

Então.

Eu quero ir com eles? *Inferno não*.

Eu os aprecio perguntando? Definitivamente.

"Eu acho que estou bem", digo a eles. "Vou ficar aqui até que o contrato termine jogar alguns furiosos, experimentar algumas drogas pesadas e ser preso."

Papai grunhe.

Michael ri. "Parece um plano decente para mim."

"Certo?" Eu gosto de Michael. Ele é um cara legal, e é bem claro que meu pai está *apaixonado*. E talvez seja porque eu nunca testemunhei papai em relacionamentos com ambos os sexos, mas não demorei muito para me sentir confortável em vê-los juntos. No entanto, eles mantêm todas as demonstrações de afeto físico em sigilo, o que provavelmente ajuda.



"Você está esperando alguém?" Papai pergunta quando os faróis brilham através da janela da sala.

Balanço a cabeça. "Não. Vocês?"

Ele balança a cabeça também.

Nós dois olhamos para Michael. "Ninguém me conhece aqui", ele murmura.

Uma porta de carro bate, e depois outra, e eu me levanto, espio pela janela. Rhys e Karen estão subindo meus degraus da varanda. Bem, Rhys está marchando, e Karen está correndo atrás dele. Abro a porta no momento em que Rhys levanta o punho para bater.

"Sinto muito!" Karen sai correndo. "Ele está bêbado e entrou em seu carro estúpido, e eu tive que segui-lo para garantir que ele chegasse aqui em segurança, mas ele está em guerra"

"Você ficou bêbado?" Papai interrompe.

Mas Rhys o ignora muito focado em mim. A raiva se forma em seu olhar quando ele aponta um dedo para o meu peito. "Seu filho da puta!"

"Whoa!" Michael se levanta. "O que está acontecendo?"

"Sinto muito", diz Karen novamente.

Mas Rhys está irritado demais, pronto demais para colocar tudo para fora. “Durante anos, eu fiquei ao lado dela. Eu estive lá por ela através de tudo. Sempre que ela precisava de alguma coisa, ela vinha até *mim*.”



"Isso é sobre Ava?" Eu pergunto confuso.

Karen respira fundo. "Claro que é sobre Ava!"

"E então você sai do nada", Rhys rosna, "E ela escolhe você! Estive à margem esperando que ela..."

Eu levanto uma mão entre nós, calando-o. "Quanto você bebeu?"

"Cale a boca, *Ledger*!" Ele ruge. "Você fica andando pela escola como se tivesse perdido alguém que amava há anos. Você não tem. *Eu tenho*!"

"Foda-se!" Eu tento bater a porta na cara dele, mas ele a abre de novo.

"Não, foda-se!" Ele dá o primeiro soco, me acertando na mandíbula.

Eu seguro uma mão lá, esperando a pulsação se acalmar. Mas não há mais luta em mim para retaliar.

Rhys endireita os ombros. "Lute comigo, sua buceta!"

Eu balanço minha cabeça, ajusto minha mandíbula. "Não."

"Rhys, você precisa sair!" Papai ordena.

Mas Rhys o ignora e investe contra mim, seu ombro batendo no meu estômago até minhas costas caírem no chão. Karen está gritando; Papai está gritando. E tento empurrar Rhys de cima de mim, mas ele está muito indignado, e agora estamos rolando no chão, derrubando a mesa de café. A água cai no tapete, e Michael está tentando levantar Rhys pela



cintura. Outro golpe no meu intestino e sangue na minha garganta, na minha língua. Eu tossi, protegendo outro golpe com meus antebraços.

"Ela era *minha*!" Rhys grita.

"Ela *me* escolheu!" Eu grunho encontrando forças para jogá-lo fora de mim. Eu me levanto, olho para ele, me perguntando de onde diabos tudo isso veio. Há quanto tempo ele esconde esses sentimentos? Através de respirações escalonadas, eu grito: “Ela me escolheu, ok? E não sei por que diabos ela fez!”

Rhys se senta agora, com a cabeça inclinada para trás para olhar para mim.

“Você não acha que eu questiono todos os dias que ela se foi! Que talvez *eu tenha* sido a razão? Que eu a *empurrei* para sair?” Meu peito dói com cada golpe físico, toda admissão verbal. "Ela estava bem!" Eu fervi, minha voz embargada pela emoção. "Quando eu a conheci, ela estava... ela estava bem, e eu..."

“Não, Connor!” Karen interrompe. “Não deixe a bunda bêbada de Rhys convencê-lo de que seu relacionamento era nada menos do que era. Você amou aquela garota com tudo o que tinha, e ela - ela adorou o chão por onde você andou.”

As respirações pesadas de Rhys preenchem o silêncio momentâneo.

Ela acrescenta: “Rhys está apenas procurando alguém para culpar; isso é tudo.”

Olho para Rhys, pego o momento em que seus olhos se fecham.



"E se ele realmente a amava do jeito que está *agindo*, ele não teria andado por aí mexendo com as pernas abertas nos últimos três anos."

Michael engasga. "É assim que as crianças falam hoje em dia?", Ele pergunta a papai.

Papai passa a mão pelo rosto.

Eu me agacho na frente de Rhys, limpo o sangue do meu lábio. "Você está autorizado a sentir falta dela", murmuro. “Mas eu não posso consertar isso. Não posso voltar no tempo e ser *melhor* com ela.”

"Jesus Cristo", Karen suspira, caindo no sofá. "Vocês idiotas consideram que nada disso tem a ver com você ou seus egos gigantes?"

"Menina pregue!" Papai murmura, entregando-me um pano de prato para limpar o sangue.

"Se alguém deveria estar sofrendo, deveria ser eu", continua Karen. “Vocês dois estão sentados lá, tudo *bem, pobre de mim.* Ela era *minha* melhor amiga. Você quer falar sobre quem a conhece há mais tempo? Somos amigas desde o jardim de infância! E você quer comparar quem está lá por ela mais?” Ela pergunta, e eu posso ouvir em sua voz... Ouvir a resistência que ela carrega com ela começa a enfraquecer, começa a desaparecer. “Isso seria eu, seus idiotas! Eu estava lá para ela quando sua mãe foi implantada pela primeira vez, e sempre que havia algo no noticiário sobre a guerra, e ela se assustava, ela me chamava!” Ela está chorando agora, as lágrimas estão fluindo, mas ainda ela segura sua cabeça erguida, suas palavras firmes, mesmo quando



sua voz não é. “E você é uma merda de amigos, porque estou com as duas mãos desde que ela partiu, e nenhum de vocês, nem uma vez, perguntou se *estou* bem. E eu *não* estou só para você saber. Eu não estou bem, porra... porque ela era *minha* melhor amiga.”

O silêncio cai, e meu coração também.

"Sinto muito", Rhys murmura. Seus olhos mudam de Karen para mim. "Sinto muito", ele repete.

Sento-me ao lado de Karen, passo meu braço em volta dos ombros dela. "Eu sou um amigo ruim", eu admito, beijando o topo de sua cabeça. "Nós dois somos."

Karen assente. "Eu odeio vocês dois e espero que você pegue clamídia."

Rhys ri uma vez. "Nós mereceríamos isso."

"Não brinca", ela retruca.

Papai suspira. "Estou tão confuso."

Michael esfrega as mãos. "Posso arrumar algo para comer ou beber?"

Rhys encolhe os ombros e começa a recolocar a mesa de café em sua posição original. "Eu poderia comer."



Karen zomba. "Quando você *não está* comendo?"

Rhys se acomoda no outro sofá enquanto papai e Michael vão para a cozinha. “Esse é amigo do seu pai?” Ele pergunta, com a voz baixa.

Balanço a cabeça. "Esse é Michael, *namorado* do papai."

A mandíbula de Rhys bate no chão. Ao meu lado, Karen engasga. "Seu pai é gay?", Ela sussurra. "Como eu não sabia disso?"

"Acabei de descobrir, mas não faz *nada* disso ok?"

"Ele é meio fofo", Karen sussurra.

Rhys pergunta: “Quem? Sr. Ledger?”

"Bem, sim, ele também."

"Não faça isso *mais* estranho", murmuro.

Papai e Michael voltam com uma bandeja de bebidas e algumas batatas fritas. Michael entrega um copo para Rhys, e Rhys diz com um sorriso cheio de dentes: "Obrigado, senhora Sr. Ledger."

Eu suspiro.

Karen diz: "Juro por Deus, Rhys, a merda que sai da sua boca..."

Rhys ri. "Nenhuma garota já reclamou da minha boca antes."

"Por que você..."



Uma batida na porta interrompe o discurso de Karen.

Papai balança a cabeça. "Se este é mais um de seus amigos aqui para dar

socos, eu estou puxando você para fora da escola e envolvendo-o em plástico bolha".

Eu me levanto e abro a porta. Apenas um pouco. Você sabe, no caso de alguém estar pronto para dar golpes.

Mitch está na minha varanda, com as mãos nos bolsos. Ele nunca esteve na minha casa antes, pelo menos não que eu saiba. "E aí?"

"Hey." Ele tenta espiar a casa, mas eu saio e a fecho atrás de mim. Deixo entreaberta, ainda desconfiado de seu propósito. "Você tem um segundo para conversar?"

A confusão embaça meus sentidos. "Sobre?"

Sua garganta balança com a andorinha antes que seu olhar caia. "É só... uh... sobre Ava e..."

"E Ava?" Eu cortei.

Ele respira fundo, prende-o e depois solta com força. Balançando a cabeça, ele olha para mim, com os olhos cansados. "Olha, eu não deveria... quero dizer, eu não queria..."

Fico mais alto, o alarme disparando na caixa torácica. "Apenas cuspa cara."



Seus lábios se separam, mas nada sai, e eu levanto minhas sobrancelhas. Esperar. "Eu uh... fui *eu*..."

"O *fogo*?" Eu pergunto.

Ele balança a cabeça. "Não. Não é o fogo, mas mais ou menos. Acho que

também tive algo a ver com isso. E me sinto culpado por isso, mas...”

"Jesus, cara, apenas diga."

Ele tira as mãos dos bolsos e as fecha nos punhos. "Você já reparou como todas as coisas ruins que aconteceram na casa de Ava aconteceram quando Peter Parker estava por perto?"

Meus olhos se arregalam, e tomo um momento para pensar em voltar. Ele tem razão. Apreensivo, concordo com a cabeça, espero que ele continue enquanto um nó se forma no meu estômago.

"Ele me pagou para fazer essa merda."

Eu mergulho minha cabeça, inclino minha orelha para mais perto dele porque não consigo ouvir direito. Não tem jeito. “*O que?* "

Mitch assente. “Eu não sei o ângulo dele, ou o que ele esperava conseguir com isso, mas ele me pagou para vandalizar a casa dela... a pistola de paintball, a pistola BB, tudo isso... ele me pagou para fazer tudo, e eu...”

A raiva solidifica todos os músculos, todas as células. "E você fez?"



Seus olhos se fecham... Assim que a porta se abre atrás de mim. Sou empurrado para fora do caminho, e tudo o que posso ver é uma mecha de cabelo loiro e unhas vermelhas brilhantes segurando a bandeja de bebidas enquanto ela voa na direção do rosto de Mitch. Quando o contato é feito, há um

estalo tão alto que *eu* sibilo em simpatia. O rosto de Mitch não passa de vermelho de seus olhos para baixo. O sangue derrama - sem *borrifos* - do nariz, lábios, todo o queixo, a mandíbula, caindo na varanda que eu nunca consegui consertar. Antes que eu tenha a chance de dizer ou fazer qualquer coisa, Rhys está levantando Karen pela cintura e praticamente a jogando de volta para casa. Papai se junta a Rhys e eu na varanda, enquanto nós pegamos a bagunça que é Mitch. O suspiro do papai é mais alto do que a fúria crescendo dentro de mim. "Deixe-me dar uma olhada", diz o pai, caminhando em direção a Mitch. Ele inclina a cabeça de Mitch para trás pela mandíbula e aperta a ponta do nariz com o polegar e o indicador. Mitch grita de dor e papai aperta mais forte. "Sim, está definitivamente quebrado." Ele libera Mitch completamente. "Agora saia da minha varanda antes de manchá-la com sua depravação."



Capítulo 42

Connor

Tentei ligar para Ava para avisá-la sobre Peter. Eu também tentei ligar para Trevor. Minhas chamadas não foram atendidas. O mesmo fizeram Rhys e Karen. Concluímos rapidamente que eles haviam conseguido novos números e não queriam ser contatados. Tudo faz sentido agora que penso nisso. Peter estava por perto quando todas as coisas importantes aconteceram, e saber que ele conseguiu o que queria é uma coisa, mas saber que ele está com Ava ... Isso é outra.

Eu me preocupo.

Não paro.

Porque se ele está disposto a descer tão baixo para chegar até ela, então do que mais ele é capaz?

Eu sinto falta dela.

Eu sinto tanto a falta dela que dói.



O que resta de sua casa agora está limpo. Pude ir até lá pouco antes do início do trabalho e reunir o que pude do que restava. Procurei principalmente as fotos que estavam nas paredes da mãe dela: aquelas dela quando criança, de seu crescimento, todas elas com ela sorrindo aquele

sorriso que provocou tantas das minhas inseguranças. Eu mantenho todos eles em uma caixa debaixo da minha cama e prometo a mim mesma que um dia, vou olhar para eles, e vou parar de doer e começar a lembrar. Vou me lembrar do bem que ela trouxe de mim, a confiança, a capacidade de amar, *confiar* e...

Deitado na cama destravo meu telefone e começo a examinar todas as fotos que eu tirei dela.

Nove meses.

Você pode cultivar um humano inteiro em nove meses.

E você pode se apaixonar por um humano inteiro em muito menos.

Encontro minha foto favorita que tirei dela. Ela está no meu carro velho, meu braço preso ao peito enquanto a baba formava uma poça no meu peito. Foi o primeiro dia em que *sugeri* que a amava e foi o primeiro a declarar isso em voz alta. Eu continuo examinando as fotos, momentos e memórias e gostaria de ter gravado mais vídeos porque - e soube depois que minha mãe me abandonou - a voz de uma pessoa é a primeira coisa que você esquece. Você se lembra da aparência deles, mesmo que esteja embaçada; você se lembra de certas partes do corpo: os olhos, os cabelos... Mas você esquece a *voz* deles. Você esquece o que parece quando eles dizem que te ama e você esquece os tons da voz deles quando cantam. Mas pior, você esquece a risada deles, a maneira como eles começam baixos e aumentam quando a única emoção os consome. Você esquece o som do suspiro deles no final quando o momento acaba. Você esquece o momento em



que *A Felicidade* é tão intensa que borbulha de seus seres e sai de suas bocas.

Eu mudo para a pasta de vídeos e os revisto também, parando na última que havia feito. Eu tinha me esquecido completamente disso, porque não era sincero e não era uma demonstração de nosso amor um pelo outro. É o vídeo do projeto de multimídia que tínhamos feito na escola que eu tinha sido dispensado de ver por não ter uma parceira. Eu bati play, meu coração afundando quando ela ganha vida. Mas não é *ela que* eu quero lembrar. Não é *Ava*.

Ela está triste.

Deus, ela está tão fodidamente triste, e eu vejo agora, mas não vi então. Eu senti, tenho certeza, mas não foi tão profundo como agora. Ela está lendo um roteiro, sem inflexão em seu tom, e ocasionalmente ela olha para mim, mas seus olhos... Não há luz em seus olhos, nem faísca, nem mágica.

Ouço nossas idas e vindas, nossas vozes baixas e melancólicas. "Talvez agora não seja um bom momento para isso", diz ela.

E eu respondo, porque sou egoísta: "Não posso consertar isso se não souber o que está quebrado, Ava."

Leva um momento para responder. "Estou bem. Eu só quero que você seja o mesmo."

Repito tudo na minha cabeça, ao mesmo tempo em que assisto na frente dos meus olhos. Eu pergunto: "Você quer que eu fique com você hoje à noite?"



Ela balança a cabeça. “Eu estou bem cansada. Provavelmente vou dormir agora.” Ela sai da cama, e eu me lembro dela andando comigo até a porta, posso nos ouvir dizendo boa noite um ao outro. Não mais do que um minuto depois, ela está de volta ao quarto, na cama. Sento-me mais alto e assisto meus olhos paralisados quando ela abre um frasco de comprimidos e derrama todo o conteúdo na palma da mão.

Tantos comprimidos.

Meu coração dispara quando a vejo olhar para cima, não para a câmera, para nada realmente. Quando seu olhar abaixa, ela levanta a mão, inspecionando... E então ela inclina a cabeça para trás, levanta a palma da mão para a boca e eu...

Eu não consigo respirar.

Não posso ver através das lágrimas enquanto vejo a esperança morrer e o sofrimento se desenrolar...

"Ava?" Trevor bate em sua porta.

Eu soltei um suspiro.

Ava tosse as pílulas de volta na palma da mão, depois corre para empurrá-las todas para debaixo do travesseiro, escondendo-as dele. "Sim?"



Eu ouço Trevor abrir a porta. "Ei, você tem um A + em inglês?", Ele pergunta.

Ava assente força um sorriso.

"Droga, garota", diz Trevor, orgulho claro em seu tom. “Eu não sei como você faz isso, Ava. Cuida de sua mãe e de *mim* e ainda assim consegue essas notas. É ridículo o quanto estou orgulhoso de você.”

O piscar de Ava é lento. "Obrigado."

Uma batida passa antes que eu ouça a porta trancar novamente, e eu vejo os ombros de Ava cair, seu peito subindo. Ela sussurra para um Trevor que não está mais lá: "Faço tudo por você." Seus ombros se contraem com cada um de seus soluços, e ela enfia a mão debaixo do travesseiro novamente, as duas mãos pegando os comprimidos. Ela se afasta da tela, mas sei que as jogou na lata de lixo e volta para a cama com o telefone no ouvido. “Turner?” Ela soluça. "Sinto muito por ligar tão tarde, mas você disse..." “...Estou tendo esses pensamentos novamente." ... "Os *sombrios*."

Dou uma sacudida quando meu telefone vibra na minha mão, cortando o vídeo. *Wendy* pisca na tela e o *desprezo* pisca dentro de mim. "Sim?" Eu respondo.

"Oi, Connor." Agora percebo que eu poderia passar o resto da minha vida sem lembrar da voz da minha mãe e nunca sentiria falta dela. Nem por um segundo. "Como você tem estado?"

Onde começar? "O que está acontecendo?"

Ela limpa a garganta. "Acho que terminamos com brincadeiras, então?"

"Honestamente, eu realmente não tenho mais nada a dizer para você."



"Tudo bem", diz ela. Então faz uma pausa. "Eu aceito isso."

Eu fico quieto. *Ela realmente não tem escolha.*

"Connor", diz ela com um suspiro. "Você tem um advogado?"

"Não. Por quê?"

"Porque você vai precisar de um..."



Capítulo 43

Connor

Chego cedo à escola na manhã seguinte porque tenho coisas a dizer e sei que a pessoa que quero dizer estará pronta para ouvi-las.

Turner leva apenas alguns segundos para gritar: "Entre" depois que eu bato. Ela sorri quando me vê, e eu não a conheço o suficiente para saber se é genuíno ou não. Depois do que vi no vídeo ontem à noite, eu não ficaria surpreso se ela me culpar por Ava sair.

Eu pergunto: "Você está programada para se encontrar com alguém ou..."

"Bem, este era o tempo de Ava comigo, então não." Ela aponta para o assento à sua frente. "É um tipo de conversa sentada ou em pé que estamos prestes a ter?"

Eu sento.

Ela assente uma vez. "Bom."



Eu pergunto, não querendo jogar, "Eu sei que você não vai me dizer o que eu quero, mas você pode pelo menos me dizer se ela está bem?"

“Ela está bem, Connor. A mãe dela está recebendo os cuidados de que

precisa, e *ela também”* responde Miss Turner, seu tom gentil. "Eu prometo a você isso."

Eu afundo mais no meu assento, me sinto confortável. "Ela disse que você estava tentando ajudá-la a levar a mãe para um lugar perto de Duke?"

"Sim, eu estava", ela responde um sorriso brincando nos lábios. “Deus, Connor, você deveria ter visto o rosto dela quando recebeu a carta de Duke. Ela veio aqui toda animada, e então sua realidade chegou, e ela estava tentando descobrir uma maneira de ser capaz de fazer tudo.” Piedade acompanha seu tom. "Clássico de Ava, certo?"

Concordo com a cabeça, tentando imaginar a reação de Ava quando ela recebeu essa carta, mas não posso... Tudo o que posso imaginar é a dor no coração do vídeo que assisti.

"Ela adoraria começar com você", ela diz, como se estivesse morrendo de vontade de me contar tudo isso, mas não sabia como. “Mas ela tinha que ter certeza de que sua mãe estava bem e que ela estaria acomodada em sua colocação. Ela não queria apressar as coisas, e é por isso que adiou um ano.”

Meus olhos se arregalam. "Ela fez?"

"Você não sabia?"



"Eu nem sabia que ela entrou na Duke até que ela me disse que estava saindo."

Agora *seus* olhos se arregalam. "Ava só queria manter isso em segredo, caso as coisas não dessem certo com a mãe", ela

me diz. "Ela não queria que você tivesse muitas esperanças e então..."

Eu franzo a testa com o pensamento.

"O que você está pensando, Connor?"

Eu dou de ombros. "É apenas uma *bagunça* - como guardamos tantos segredos um do outro porque pensávamos que estávamos protegendo a outra pessoa e, na realidade, estávamos apenas causando mais e mais danos".

Turner se senta à frente, com os antebraços apoiados na mesa. "Qual é o seu segredo, Connor?"

Eu não seguro. "Lembra-se da primeira sessão que tive com você?"

"Sobre sua mãe te abandonar?"

Eu concordo. "Ela voltou à minha vida recentemente."

Turner nem tenta esconder seu choque. "Quando? Quão?"

Eu conto tudo a ela, assim como contei ao papai. Mas conto mais a ela. Eu digo a ela que o nome da minha mãe é Claudia, mas para esconder do meu pai, eu salvei o número dela no meu telefone com Wendy - porque nos encontramos no *Wendy* quando eu estava na Geórgia para o jogo All-American. Eu digo a ela sobre minha mãe e avó voando aqui para me ver, e eu digo a ela sobre o quanto eu me arrependo de ter escolhido protegê-la sobre Ava. Admito que, inicialmente, eu tinha acreditado nas ameaças da minha mãe sobre Ava ficar



em apuros se alguém *de alguma forma descobrisse* que ela existia. Demorei um pouco para perceber que tudo o que minha mãe me disse era uma forma de manipulação para seu próprio ganho pessoal. Digo tudo isso enquanto olho para minhas mãos, envergonhado demais para encarar uma mulher que conhece Ava mais do que eu, que a viu mais baixa e a abraçou em seu auge. "Eu pensei que tinha tempo", eu digo. “Com Ava, eu quero dizer. Eu pensei que tinha tempo para compensar meus erros, mas não o fiz e agora... agora é tarde demais.”

Turner ficou calada o tempo todo que falo, e ela ainda fica nesse silêncio por segundos depois que eu terminei. Um piscar constante depois, como se estivesse voltando à realidade, ela respira fundo e se recosta na cadeira. Ela pega uma bola de estresse da mesa e aperta uma vez. Duas vezes. Então ela diz, quase cantando as palavras: “Eu posso aceitar o fracasso; todo mundo falha em alguma coisa. Mas não posso aceitar não *tentar.”*

Meus olhos se estreitam. "Michael Jordan disse isso."

Ela assente. "Você vai *tentar*, Connor?"

Perplexo, pergunto: "Com *minha mãe*?"

"Foda-se sua mãe."

Oh "Com Ava?"

Ela assente.

Eu suspiro, *sem esperança.*



Turner balança a cabeça. "Aqui está outro para você: o trabalho duro vence o talento quando o talento falha em trabalhar duro".

"Kevin Durant" murmuro. "Você está dizendo que eu não tenho talento?"

"Não."

Eu recuo. "Estou confuso."

Eu pego a bola de estresse que ela joga no meu peito enquanto ela diz: "Eu acho que essa citação é muito mais do que basquete." Ela faz uma pausa como se estivesse contemplando. “Quando você pensa sobre isso, *realmente* pensa, talento é dado por Deus; está *destinado*. E Ava uma vez me disse que ela pensava que você foi colocado nesta terra para ela. Que você se mudou para a porta ao lado e a salvou, e que estavam *destinados* a ficarem juntos...”

Os últimos nove meses devem ter arruinado minhas células cerebrais porque não consigo entender o que ela está dizendo, e ela deve perceber isso porque diz: “Connor. Substitua o talento pelo destino.”

Eu digo, pensando em voz alta: "O trabalho duro vence o *destino* quando o *destino* falha em trabalhar duro".



Turner sorri quando vê a luz acender em minha mente. "Eu entendo", digo a ela, uma única faísca de mágica piscando no meu peito. "Ei, você apenas mantém uma pilha de citações em arquivo?"

"Praticamente", ela responde. "Este lugar não me paga o suficiente para criar o meu."

Eu levanto, pego minha bolsa. "Obrigado por ouvir."

"Seja bem-vindo."

Eu paro na porta e viro para ela. “Olha, eu sei que existe toda essa coisa de confidencialidade do paciente, mas se você falar com Ava, eu apreciaria se você contasse tudo a ela... sobre minha mãe, quero dizer. Não quero que ela passe o resto da vida pensando que não era suficiente.” Faço uma pausa. "Passei os últimos quinze anos me afogando nesses pensamentos e não os desejaria a ninguém."

Turner assente, lentamente, os olhos abaixando. "O que você vai fazer agora, Connor?"

Meus ombros se levantam. "Vou começar a trabalhar comigo, começar a dar ao meu pai mais motivos para se orgulhar e dar à minha mãe ainda mais motivos para se arrepender do que ela fez... e depois vou trabalhar no meu jogo final".

Os lábios da senhorita Turner puxam os cantos. "E qual é o seu jogo final?"

Ava.



Eu bato no meu peito, assim como a senhorita D me mostrou. "A felicidade."

Capítulo 44

Ava

Um ano depois

"Ei pessoal. Apenas me dê um minuto. Eu vou encontrá-la", Brandon, uma das chamadas enfermeiras, nos diz enquanto caminha pelas portas atrás da recepção.

"*Encontra*-la?" Trevor diz seus olhos estreitados. "O que? Eles a perderam?"

"Isso não me surpreenderia", murmuro.

"Ava", Trevor fala sério.

Eu reviro meus olhos. "Eu estou brincando." *Seja gentil.*

Eu assisto Trevor enquanto ele olha em volta da sala de espera. Eu venho ao centro de tratamento de mamãe quase diariamente, mas com Trevor de volta ao Texas A&M e trabalhando em dois empregos de meio período para tentar reduzir as enormes dívidas que acumulou nos últimos anos, ele não pode visitar Mamãe, tanto quanto ele gostaria. Tento ver as coisas da perspectiva dele: a pintura descascada das paredes, o velho púrpura brilhante aparecendo através do agora azul-céu. Os pôsteres do final dos anos 90 não estão



em ordem específica, todos com citações motivacionais que, de alguma forma, são destinadas a aliviar a preocupação das pessoas que entram. O pior é o zumbido das luzes fluorescentes no alto; tão negligenciados, os insetos mortos na casa provavelmente são mais velhos do que eu.

"Onde diabos Peter encontrou esse lugar?" Ele sussurra, mais para si mesmo do que para mim. Acontece que as promessas de Peter de cuidar de mim significavam que eu morava em seu apartamento enquanto mamãe era colocada *aqui*. Minha vida com ele durou duas semanas, mas isso é outra história. Tanto quanto minha mãe... É tudo o que podemos fazer agora. Já me inscrevi em muitos lugares, mas as listas de espera são loucas e não é *tão* ruim assim - pelo menos é o que tento dizer a mim mesma toda vez que entro pelas portas.

Brandon retorna e, sem fazer contato visual, nos diz: “Ela está no quarto dela. Você pode voltar.”

A mandíbula de Trevor bate as mãos em punhos ao lado do corpo.

"Obrigado", eu respondo, puxando o braço de Trevor até que ele me siga através das portas. Os corredores são tão ruins quanto à sala de espera, e eu nos conduzo através do que parecem intermináveis corredores estreitos até chegarmos ao quarto de mamãe. Ela está em uma velha cadeira de plástico, com os cabelos emaranhados quando olha pela janela.



Dias zero.

Todo dia aqui é dia zero.

E, de certa forma, sou grata por ela não perceber como ela esta uma merda. Além disso, os dias zero são muito melhores que os dias negativos.

"Oi, mamãe", eu digo, tomando cuidado para não assustá-la. "Trevor está aqui."

Um toque de sorriso brilha em seus lábios quando ela olha para longe da janela e percebe Trevor parado atrás de mim. "Meus filhos", ela reflete. "Eu amo meus filhos."

"Nós também te amamos, Mama Jo." Trevor se aproxima, beija suas cicatrizes. Ele deixa a mão no ombro dela, esperando que ela a alcance e dê um tapinha como sempre.

"Como está a escola?"

"Bem", ele diz a ela. "Mais um ano e você estará na minha formatura, certo?"

Mamãe desvia os olhos.

O olhar de Trevor cai.

Ela não saiu do prédio desde que chegamos ao Texas, com muito medo do mundo exterior e nenhuma quantidade de convencimento pode mudar de ideia. "E o trabalho, Ava?" Ela pergunta. "Como está o trabalho?"



"É o mesmo", eu respondo, arrumando os travesseiros e lençóis em sua cama. Sento-me na beira, minhas mãos entrelaçadas no meu colo.

"O mesmo", ela repete. "Tudo é sempre o mesmo."

É. Pelo menos para ela e eu. Eu consegui um emprego logo depois que nos mudamos para cá, lavando pratos em uma antiga lanchonete em ruínas. O salário não é muito, mas é o suficiente para me passar a semana e cobrir o aluguel do meu estúdio, um apartamento que Trevor odeia apesar de eu dizer a ele que *está tudo bem*.

Isso fará.

Tudo *vai dar certo*.

Por enquanto.

Eu me formei no St. Luke's em "circunstâncias especiais". A Srta. Turner enviou meu diploma para a caixa postal de Amy. É o único endereço que me senti confortável em divulgar. Não tenho muita certeza do que fazer com um certificado que diz *Parabéns. Você sobreviveu. Mal.* Ela é a única com quem converso em casa, e nossos telefonemas se tornam cada vez menos ao longo do ano.

Às vezes, quando fico realmente sozinha, meus pensamentos vagam para minha vida antiga, para meus velhos amigos, para *Connor*. Mas sou rápida em afastá-los. Eu tenho que ser. Uma coisa que aprendi com os e-mails aleatórios da senhorita Turner que ela envia é que preciso parar de me punir, e pensar em Connor é a pior forma de punição que existe.



"Como você está, mamãe Jo?" Trevor pergunta a ela.

"O mesmo. Sempre o mesmo."

Trevor olha para mim e eu posso ver a luta em seus olhos. Balanço minha cabeça, mexo boca: "Não." Porque eu sei o que ele está pensando. Ele quer desistir de tudo. Novamente. Sair da escola e do trabalho e encontrar uma maneira de cuidar dela. De nós. Mas eu não vou deixar. E não é que eu não pense sobre isso ou pense em outras maneiras de fazer isso. Todo dia eu acordo, e é a primeira coisa em minha mente, mas não podemos passar por tudo isso de novo. Passamos por tanta dor e tanta mágoa, e não é a nossa salvação; é apenas um curativo.

Ficamos algumas horas antes de mamãe dizer que está cansada. Eu a coloco na cama e, em seguida, consigo encontrar uma enfermeira para que possamos obter nosso resumo semanal.

É tudo a mesma coisa.

Os remédios dela não mudaram.

O humor dela não mudou.

É sempre o mesmo.

E o *mesmo* tem que mudar.

Eu simplesmente não sei como.



***

Trevor me leva para casa, me leva ao meu apartamento, o nariz torcido o tempo todo. Das escadas quebradas ao corredor precário, todo o caminho até a minha porta, que deve ser aberta com força. "Eu mencionei o quanto eu odeio que você mora aqui?"

Meu vizinho, um velho vestindo apenas cueca listrada azul e branca, abre a porta e espia para fora. "Posso ajudá-lo?" Ele rosna.

A testa de Trevor afunda. "Sim você pode. Vestindo roupas malditas."

Eu puxo sua camiseta até que ele esteja no meu apartamento, depois fecho a porta atrás dele. Ele balança a maçaneta até a fechadura clicar. "Ava, você precisa sair dessa porcaria."

"Eu gosto", digo a ele, e não é uma mentira *completa*. Gosto de ter meu próprio espaço e poder ir da minha cama à cozinha e ao banheiro em cinco etapas, no total. Gosto da louca velhinha de algumas portas que fica sentada na varanda todas as noites e conta histórias sobre todos os marinheiros bêbados que a cortejavam uma vez. Gosto do sol da manhã quando ele penetra nas cortinas e gosto do cheiro do meu pequeno jardim de ervas que mantenho no canto da sala / quarto.



Ele enfia a mão em um armário e pega um copo - eu gosto de poder manter os armários abertos e não surtar se quebrar. Ele enche o copo com água da torneira, depois abre a geladeira e fica olhando o conteúdo. "Alimente-me."

Eu bato em seu ombro até que ele se afaste do caminho e começo a pegar os ingredientes para fazê-lo uma fritada. Assim que eu puxo a tábua de cortar, meu telefone toca. Tiro-o do bolso e olho para o número, meu coração disparado. É um número da Carolina do Norte, mas não o reconheço, e faço o que faço sempre que um número desconhecido me chama. Eu respondo, mas fico calada. Trevor me observa, sua testa mergulhada em confusão.

"Alô?", Diz uma dama do outro lado.

Trevor faz um gesto para o telefone, como se quisesse *falar,* mas pressiono meu dedo nos lábios, digo para ele calar a boca. Fiz uma escolha para bloquear *os* números *de todos* por um motivo - para ajudar a curar minha mágoa - e não quero voltar agora.

“Oi, aqui é Lydia, da Clínica Residencial Sunshine Oak. Eu esperava falar com Ava Diaz se...”

"Oi", eu cortei, meus olhos arregalados. "Eu sou Ava."

Trevor se aproxima seu olhar em pânico.

"Oi, Ava", diz Lydia. “Eu queria falar com você sobre os cuidados de sua mãe - Joanne Diaz. Você está disponível para discutir isso no momento?”

"Sim", eu expiro.

Trevor está revirando as mãos como se estivesse pedindo respostas. Coloco o telefone no alto-falante e o seguro entre nós.



"Ótimo", Lydia se regozija. "Bem, eu não tenho certeza se você já ouviu falar de nós..."

"Eu tenho", eu interrompo. “Quero dizer, conheço você e seus serviços. Você é o melhor dos melhores, então...” eu expiro. “Mas... eu não me inscrevi lá.” Pelo menos eu *acho* que não, mas talvez eu estivesse além do desespero e não estivesse pensando claramente.

"Bem, em primeiro lugar, é bom saber que você pensa tão bem em nosso programa e, em segundo lugar, *não se* inscreveu."

"Oh." Meu coração afunda.

“No entanto”, acrescenta ela, “Acabamos de ter um doador anônimo que deseja iniciar um programa contínuo dedicado especificamente para pessoas em sua situação - para veteranos feridos e suas famílias - e eu o mencionei a um amigo meu que é diretor em Riverside. Você se lembra de se candidatar lá?”

"Sim." Concordo frenética.

"Bem, meu amigo mencionou o seu caso e sobre como ele gostaria que ele tivesse uma vaga disponível para sua mãe lá, mas como eles não podem e nós *podemos*, eu queria saber se você gostaria de aceitar nossa oferta?"



"Um..." Olho para Trevor, com lágrimas nos olhos, enquanto meu pulso dispara contra a minha carne. "Quero dizer, obviamente, eu adoraria, mas... estamos no Texas agora e precisaria de dinheiro para viajar para lá e... e precisaria encontrar um lugar para

morar..." Minha mente não para de girar. "Por quanto tempo você pode aguentar..."

"Ava", Lydia interrompe. “Esse programa em particular vem com alguns extras muito generosos. Ele cobre todas as despesas de viagem e vem com um apartamento totalmente mobiliado nas proximidades, onde você pode morar ou apenas ficar quando estiver na cidade.”

"Por quanto tempo?" Eu pergunto minha voz rouca de emoção.

“Enquanto sua mãe precisar dos cuidados. Cobre todas as despesas de moradia para ela, assim como todo e qualquer medicamento, e temos os melhores médicos...” Ela continua a falar enquanto todo o ar sai dos meus pulmões, e eu olho para meu irmão, vejo a esperança em seus olhos, sinta a *magia* flutuando entre nós.

"Então, o que você diz, Ava?"

Eu não posso falar através do nó gigante na minha garganta, não posso ver através das lágrimas de alívio brotando nos meus olhos.

Trevor agarra meus ombros e depois me puxa para ele, seus braços apertados em volta de mim.

"Ava?" Lydia pergunta. "Você está aí?"



Eu limpo a salvação líquida das minhas bochechas. "Em quanto tempo você pode levá-la?"

"Quando você pode chegar aqui?"

Capítulo 45

Connor

Austin joga uma meia na minha cabeça, mas eu consigo abaixá-la bem a tempo. "Por que você está tentando arruinar a minha vida?" Ele grita.

Nariz torcido, pego sua meia suja da minha cama e a jogo de volta para o lado do dormitório. "Por que você não pode ter sua própria vida social?"

As sobrancelhas dele se erguem e ele faz um movimento para cima e para baixo no comprimento do tronco. "Você me conhece?"

Balanço a cabeça, pego minha bola de basquete e giro em torno do meu dedo. "Não há nada errado com você, Austin."

Ele suspira, pegando a bola de mim e escondendo-a atrás das costas. "Diz o atleta que tem toda garota disputando sua atenção."

Eu coço minha cabeça. "O que você quer?"



Ele ajusta os óculos. "Leve-me para a festa com você."

"Eu não estou indo para a festa", eu respondo.

"Assim, você está *arruinando a minha vida*."

Eu rio. Austin e eu fomos aleatoriamente emparelhados nos dormitórios, e não sei como Duke decide quem fica com quem, mas você não poderia encontrar uma partida mais estranha se tentasse. Pelo menos no papel. Ele deve ter se sentido da mesma maneira quando nos conhecemos, porque tenho certeza que ele me odiava. Demoramos alguns meses vivendo e respirando no mesmo espaço para ele perceber que eu não era nada parecido com os atletas que aparentemente o intimidavam durante o ensino médio. Agora, ele me chama de melhor amigo. Eu faria o mesmo, exceto que a minha está em algum lugar do Texas, provavelmente morando com um cara que conseguiu coagi-la em sua casa, ou pior, em sua cama.

Não, ainda não superei.

E claramente, ainda não a *superei*.

"Eu nunca vou transar", ele murmura, jogando-se em sua cama.

"Não há nada errado com você", repito honestamente. “Você encontrará uma garota quando menos esperar. Eu tinha dezoito anos quando perdi a virgindade.”

Ele se senta, os olhos se estreitam, depois balança a cabeça. "Então, o que vamos fazer hoje à noite?"



Pego meu laptop. “Não sei o que você está fazendo, mas tenho que estudar para as provas finais. Não podemos todos ser gênios como você.” Como eu, Austin viajou até Duke, mas, diferentemente de mim, o dele é puramente acadêmico. Eu ainda não

entendo qual é o jogo final dele ou quais são os assuntos que ele leva. Algo sobre computadores, ciência e algoritmos, e eu não sei... Às vezes eu o vejo em seu laptop, seus dedos voando pelo teclado, e na tela há um monte de letras, números e símbolos, e então ele aperta um botão e *boom*; ele acabou de ganhar algumas centenas de dólares por alguém em menos de cinco minutos.

Então ele diz.

Austin geme em seu travesseiro, claramente frustrado. "Se eu ajudar você a estudar..."

"Não."

"Por que não?"

"Porque toda vez que você faz, você me deixa mais idiota."

“Eu faço você se *sentir* mais idiota? Confie em mim, estar ao meu redor te deixou mais inteligente e você nem sabe disso.”

"Provavelmente", murmuro, saindo da minha cama para sentar na minha mesa. "Ei, seu pai ainda é legal em me fazer trabalhar com ele durante o verão?"

Outro gemido dele, este mais alto. “Sim, Connor. Meu pai te ama. Ele adoraria nada mais do que um Duke diabo Azul trabalhar com ele no ferro-velho da nossa família... mas por que diabos você *quer*?”



"Dinheiro?" Dou de ombros, mentindo. A verdade é que tive um ano de

merda na quadra - meu foco em outro lugar - e pretendo passar o verão recebendo algum treinamento e treinamento extra. "Além disso, meu pai estará na Europa"

"Você quer dizer seus *pais*." Ele bufa, rindo infantilmente.

"Idiota. Eles não são casados. E você disse coisas assim no ensino médio? Porque se você fez, não é de admirar que você tenha levado fora."

Ele coloca a mão no coração e brinca: "Você está machucando meus sentimentos."

"Uh huh."

Ele está ao meu lado, olhando por cima do ombro.

Eu abro meu laptop.

Ele a fecha. "Nós realmente não vamos a esta festa?"

Abro meu laptop novamente e olho para ele. "Vamos passar meia hora com uma condição..."

"O que é isso?"

Eu sorrio.

Ele suspira. "Essa merda de *novo*?"



Concordo com a cabeça, movendo-me para o lado para que ele possa me alcançar. Os dedos passam rapidamente pelo meu teclado, ele toca, toca, toca nas teclas e, com uma grande inspiração e um suspiro final, ele toca mais uma vez até que o logotipo da

Duke apareça no canto superior esquerdo da tela. Ele havia acabado de invadir - como ele diz - o banco de dados de admissões nas escolas, como havia feito muitas vezes antes e, como todas às vezes anteriores, clico em busca, meus dedos muito mais lentos que os dele quando digito:

A

V

A

D

I

A

Z

E então eu sorrio. "Vamos tentar fazer você transar."



Capítulo 46

Ava

É incrível o quanto as coisas podem mudar em apenas algumas semanas. Embora Trevor e eu tivéssemos procurado fotos e resenhas de Sunshine Oak, ficamos impressionados com a instalação quando a vimos pessoalmente. Sunshine Oak não é apenas uma instalação de tratamento; é uma *comunidade* e está cheia de pessoas que amam o que fazem e dos pacientes de que cuidam. Trevor só conseguiu ficar alguns dias antes de voltar, mas saiu mais do que satisfeito; ele saiu *feliz*... E um pouco ciumento.

Quando Lydia, em Sunshine Oak, me informou que eu tinha um apartamento totalmente mobiliado, eu esperava algo semelhante ao que eu tinha no Texas, então quando Trevor parou ao lado do prédio, tivemos que parar e tomar um momento. Não era nada grandioso, mas era muito melhor do que aquilo que havíamos assumido. "Eu não acho que você vai ter que se preocupar com velhos seminus e malucos aqui, Ava", ele murmurou. E eu gargalhei tão alto e tão livre, que o fez fazer o mesmo, e me senti tão bem em rir, especialmente com ele. Ficamos estupefatos, incapazes de compreender a pura sorte que nos foi dada. Precisávamos economizar, com certeza, mas isso estava *além de* qualquer coisa que eu pudesse imaginar. E então o apartamento em si... Dois quartos, com um banheiro anexado ao mestre, cozinha



aberta e sala com piso escuro e aparelhos novos. A sala se abriu para uma varanda com vista para uma piscina comum, e eu mal podia esperar para me sentar lá fora com o sol e as estrelas acima de mim.

Era um pouco melhor do que o apartamento - e não o *quarto - que* mamãe tem no Sunshine Oak. O dela tem vista para a horta comunitária, e todas as manhãs ela acorda e olha pela janela, e há *cores*. Tanta cor. Não apenas através de sua visão, mas em sua *vida*. E os médicos... Meu Deus, onde diabos eles estiveram nos últimos anos?

De certa forma, eu odeio ter precisado da ajuda de um estranho aleatório com dinheiro de sobra para dar a mamãe os cuidados que ela *realmente* precisa, mas estou agradecida. Muito grata. E a mamãe também. Eu posso ver isso em seu sorriso - porque ela faz isso agora. Ela *sorri*. Para todo mundo e tudo. Ela começou a ter algumas aulas; pintura e jardinagem, e ela está até pensando em aprender um segundo idioma.

"Há muito que fazer aqui", ela me diz, olhando através de um panfleto enquanto nos sentamos no *salão de cabeleireiro*. "Oh, Ava!" Ela ri. "Adivinha o que eu fiz ontem à tarde?"

"Eu não sei, mamãe", digo através de um sorriso. "O que você fez?"



"Cerâmica."

Eu olho para ela. "Você fez?"

"Eu tive uma gargalhada na sala quando usei o meu esboço para abrir um vaso", ela ri incapaz de se controlar. “Isso

me lembrou daquela noite em que fomos ao ginásio com Connor. Você lembra-se disso?"

Meu peito aperta. "Sim, eu me lembro."

O sorriso dela apenas aumenta. "Lembra quando tentamos girar a bola nos dedos um do outro, e ela voou?" Outra risada, essa mais alta.

Eu tento manter minha expressão passiva, mas é difícil. "Uh huh."

Ela suspira, enxugando as lágrimas de alegria pelo canto do olho. "Deus, eu sinto falta daquele garoto."

Eu também não digo em voz alta.

"O que aconteceu com ele?" Ela pergunta seus olhos sérios quando encontram os meus. “O que aconteceu com vocês dois? Você era tão...”

Eu interrompo minha voz falhando quando digo: "Eu realmente não quero falar sobre isso."

Ela oferece outro sorriso, mas é triste. "OK bebê. Eu só... ele é um menino tão bom, sabia? Eu gostaria que tivesse dado certo para...”

"Eu sei."



Assentindo devagar, ela se olha no espelho. "Este lugar é bom para mim, querida." Ela se concentra em mim, uma mão em seu coração. "Eu posso sentir aqui."

"Sentir o que?"

"A felicidade."

Lágrimas caem dos meus olhos, e eu estendo a mão, agarro sua mão na minha. "Estou feliz."

“Você passou muitos dos seus melhores anos cuidando de mim, Ava. E você sabe o quanto eu aprecio você, mas agora... talvez seja a hora de você começar a se cuidar.”

Eu inspiro uma respiração enorme. Seguro.

"Quando você vai ser feliz, Ava?"

Dou de ombros, olho para minhas mãos. "Eu estou feliz."

"Você também é uma mentirosa."

"Mamãe", eu lamento.

"Ele está na Duke, certo?"

"Quem?"

Ela revira os olhos. "Você sabe quem. Connor.”

Eu dou de ombros. "Eu *acho que* sim", eu minto. Eu *sei* disso

"Você sabe que posso ver o Cameron Stadium da minha janela."

Meus olhos se arregalam. "Você pode?"

"Uh huh", ela canta. "Não teria sido ótimo se *você tivesse* entrado na Duke..."



Eu a encaro, direto nos olhos dela, e ela olha de volta, esperando. Ela sabe... ela sabe *tudo.* "Como você..." eu sussurro.

“Ouvi tudo o que você tinha a dizer na noite em que partimos. Maldito quase partiu meu coração, Ava. Mas o que eu poderia fazer? Você fez uma escolha e estava fazendo isso por mim, e eu te amo por isso, mas agora... agora estou aqui e estou feliz, mas não estou tão feliz quanto poderia estar...”

Meu coração se instala no meu estômago, amarrado lá pelo peso do que eu sei que virá a seguir. "Você quer que eu vá para Duke, não é?"

Ela sorri como as mães devem sorrir para os filhos. “Eu *preciso que* você vá para Duke, Ava. Preciso que você comece a viver *sua* vida.” Ela estica a mão e segura meu rosto na mão. "E eu preciso que você comece a acreditar em magia novamente."



Capítulo 47

Connor

"Desculpe o atraso", saio correndo, olhando para Austin sentado atrás da mesa no ferro-velho de sua família. "Minha sessão de treinamento atrasou-se."

Austin revira os olhos. "Como se eu me importasse."

Pego meu cartão de funcionário da prateleira e avisto o relógio, em seguida realcei a hora em que cheguei e anotei que estava atrasado. Não quero que me paguem pelo tempo que não estive aqui. "Quais são meus trabalhos hoje?"

"Seu trabalho é parecer bonito", ele murmura, tocando no teclado. Ele faz uma pausa, olha para mim. "Oh espere. Você faz isso de qualquer maneira."

Eu rio. "Esses insultos estão ficando velho, Austin."

"Vou parar quando minha amargura parar", ele retruca, levantando os ombros com o encolher de ombros. "E hoje está quieto, então não há muito que fazer."



Eu respiro fundo, acalmo meu coração acelerado. Eu odeio chegar atrasado, especialmente para os pais dele. Eles têm sido tão generosos em me dar um emprego e me deixar ficar na casa deles durante o verão, e a última coisa que quero é desapontá-los. Eu me inclino contra a mesa dele,

com os braços cruzados, e pergunto: “Ei, você acha que posso levar você e seus pais para jantar em algum momento desta semana? Eu só quero dizer obrigado por me deixar bater com você.”

Austin balança a cabeça. “Cara, meus pais estão felizes por eu ter feito um amigo. Você não precisa fazer nada por eles.”

"Mas eu *quero*."

“Se você insiste, claro, mas nada sofisticado, ok? Nós não possuímos gravatas.”

"Nem eu."

"Você usa gravata todos os dias."

"Isso é diferente." Ele me olha com cautela enquanto eu puxo uma cadeira e me sento ao lado dele. "Austin".

"Sim?" Ele diz.

"Somos *amigos*, certo?"

"O que você quer?"

Eu sorrio.

"*De novo?*"

"Sim."

"Connor, eu não posso continuar abusando..."



"Vou levá-lo para uma festa quando voltarmos ao campus."

Os olhos dele se estreitam. "Cinco."

"Três."

Ele oferece a mão para apertar.

Aceito, acrescentando: "Mas desta vez vou precisar de um pouco mais".

"Cara..."

"Eu sei. Três festas e eu vou apresentá-lo a toda garota que se aproxima de nós."

Seus dentes mostram com seu sorriso. "O que você precisa?"

"Você consegue ver em quais classes as pessoas se inscreveram?"

Ele geme. "Realmente? Isso é perseguição oficialmente agora, cara."

"Não, não é. É... *curiosidade*."

Ele suspira seu rosto franzido em frustração. "Eu tenho sido seu melhor amigo..."

"Não, você não tem."

"Cale-se."

Eu rio.



Ele continua: “Sou seu melhor amigo há quase um ano e tenho perguntas... muitas delas... e nunca perguntei por que achei que um dia você desistiria e me contaria tudo sobre essa sua Ava indescritível Diaz... mas você ainda não o fez, e isso não é maneira de tratar seu melhor amigo, Connor.”

Eu olho para ele, em silêncio.

Outro suspiro o deixa. "Ela é uma ex?"

"Sim."

"Do ensino médio?"

"Sim."

"E ela partiu seu coração?"

"Sim."

"E você é um glutão por punição?"

Eu dou de ombros.

"Connor, me dê algo aqui, porque eu estou arriscando muito fazendo o que faço por você."

Minhas pálpebras abaixam e olho para o meu colo, meu peito cheio de dor, mas por baixo disso... Sinto esperança. Está lá. Não é apenas tão prevalente. Olho para Austin, meus olhos fixos nos dele. “Nós nos apaixonamos em um lago cercado por ideais imprudentes, e nossas vidas na época não nos dava graça suficiente para nos permitir viver esse amor. Ela foi embora, e eu fiquei, e todos os dias em que você e eu somos *melhores*



amigos, trabalho para recuperá-la. Ela foi minha primeira *tudo*, e eu quero que ela - não, eu *preciso* dela - seja minha *última em* tudo. Eu preciso que ela esteja ao meu lado quando tudo isso acabar e tudo acabar, porque *ela* é o meu jogo final, Austin. Meu para sempre."

Ele olha de volta para mim, sem piscar, sua respiração superficial. Então ele exala suas bochechas inchando com a força. “Droga, Connor. Eu pensei que ela era tipo, um caso de uma noite que você não conseguia se livrar... eu não sabia...” Ele balança a cabeça. "Então, é por isso que você não demonstrou interesse em outras garotas?"

"Não há outras garotas para mim."

Ele assente, lentamente, depois se vira para o computador, os dedos pairando acima do teclado. Em segundos, ele tem os registros de Ava na tela e uma lista das aulas nas quais ela se registrou. "Eu tenho que lhe contar uma coisa", diz ele, "já que estamos aqui revelando todos os nossos segredos..."

"OK...?"

Ele me encara novamente. “Na verdade, não estou invadindo o banco de dados de Duke. Eu trabalho no escritório de admissões deles.”

Eu rio. "Eu sei."

"Você faz?"

"Eu não sou tão burro quanto você pensa que eu sou."



"Isso me fez sentir legal por um tempo lá, no entanto."

"Eu sei disso também."

"Viu?", Ele quase grita. "Eu *sou* seu melhor amigo."



Capítulo 48

Ava

Olho para o mapa e depois para a porta na minha frente. Eu deveria ter prestado mais atenção durante a orientação, mas estava muito ocupada absorvendo tudo. O fato de não haver mais ninguém aqui me deixa nervosa. Pego meu telefone, vejo a hora. Não cheguei aqui *tão* cedo. Pelo menos eu não *acho* que sou. Talvez eu tenha entendido errado a hora. A pressão aumenta no meu peito e minhas mãos começam a tremer. Este é apenas o primeiro dia dos próximos quatro anos da minha vida. Estou fora da minha profundidade e não tenho a quem recorrer.

Eu estou sendo uma pirralha.

Eu tenho mamãe, para quem posso ligar a qualquer momento.

E eu tenho Trevor.

Seguro o telefone com mais força na mão e, com o outro, pressiono a palma da mão na minha têmpora. Eu não tinha dormido - eu sou idiota - mas estava animada. Agora que a emoção se transformou em medo e...



"Você parece perdida."

Olho para os olhos de um garoto - não, um homem. *Você está na faculdade agora, Ava. Duque.*

"Primeiro dia?" Ele pergunta seus olhos castanhos fixos nos meus. Eles são maiores que a média, causados pelos óculos de lentes grossas que ele está usando. Cabelos escuros e encaracolados voam em todas as direções, e então ele oferece um sorriso *gentil*, e eu não posso deixar de fazer o mesmo.

Minhas vias aéreas aumentam quando exalo uma respiração. "Sim. Primeiro dia e não sei se estou perdida." Aponto para a porta atrás de mim. "Isso é psicologia criminal?"

"Sim é."

"Bem, bom. Não consigo imaginar nada pior do que ir para a aula errada logo de cara."

Ele ri. "Seria uma daquelas coisas que mantém você acordado às três da manhã daqui a vinte anos."

"Com certeza", eu rio.

Ele fica mais alto, seu sorriso se alargando. "Eu sou Austin, a propósito."

"Ava", eu respondo.



Sua expressão cai. "Ava *Diaz*?"

Meus olhos se arregalam. "Como você..."

Ele dá um único passo para trás. "Oh culpa minha."

Uma mão aparece entre nós, segurando uma xícara de café. "Aqui."

É uma palavra.

Uma sílaba.

Mas é o suficiente para alinhar meu coração já instável. Meus olhos mudam, lentamente, como se tivessem medo do que eles verão. Ele não mudou, na verdade não, mas ele é *mais velho*, mais viril e seu sorriso... Deus, esse sorriso. "Eu comprei um chocolate quente para você", ele diz para mim, me entregando uma xícara. Está quente contra a palma da minha mão, combinando com o calor nas minhas bochechas. "Espero que esteja tudo bem?"

Eu sussurro o nome dele como se fosse algo sagrado, algo encontrado.

Ele balança a cabeça em direção a Austin. "Vejo que você conheceu meu colega de quarto."

"Oi", eu coaxo. Era para Austin, mas não consigo tirar os olhos dos de Connor. Eu limpo minha garganta, mergulho meu olhar - apenas por um segundo antes de voltar a encará-lo. Meu peito aperta, a barriga dá um nó, e eu sabia... Quero dizer, obviamente sabia que o veria, e me preparei mentalmente para encontrá-lo em algum momento, mas...



"Ela está bem?" Austin pergunta a Connor.

"Sim." Os lábios de Connor levantam em um canto, seu sorriso torto, e agora só percebo que ele... Ele também não consegue tirar os olhos de mim. "Ela é *perfeita*."

Suspiro e respiro até meus pulmões queimarem com a força.

Austin murmura: "Vamos nos destacar aqui o dia todo ou..."

Connor é o primeiro a quebrar nosso olhar, e ele se move ao meu redor, seu braço nu roçando o meu. Ele abre a porta e espera Austin entrar. Eu sigo atrás, meu coração batendo forte. Ele me para, sua mão gentil no meu antebraço. Cabeça baixa, ele murmura, sua respiração aquecendo minha bochecha, "Espero que você esteja pronta, Ava Elizabeth Diana."

Eu olho para ele. "Pronto para que?"

"Tomada três... *Ato três*."

Meus olhos estreitam em confusão. "O *clímax*?"

Ele fica de pé, balançando a cabeça e me dá aquele sorriso pelo qual me apaixonei tanto. "A *resolução*."



Connor

OK.

Eu fiz isso.

Eu quebrei o gelo proverbial e agora não sei o que fazer. Eu acordei confiante. Até cheguei à aula me sentindo confiante. E então eu a vi e tudo dentro de mim virou, mudou e parou. Ela estava olhando para uma folha de papel, o lábio inferior preso entre os dentes. Seu cabelo estava em um nó alto, uma bagunça gigante, mas Deus, ela era ainda mais bonita do que eu me lembro.

Eu disse a Austin que nos pegaria cafés e que o encontraria lá. Eu precisava de um minuto, apenas um, para acalmar meu coração acelerado. No momento em que olhei novamente, ela e Austin estavam conversando, sorrindo um para o outro, e acho que senti mais a falta desse sorriso.

Levou tudo em mim para não cair de joelhos no segundo em que nossos olhos se encontraram. Eu joguei legal. Pelo menos eu esperava que sim.

Agora, estou sentado em uma sala de aula ao lado da garota que ando “perseguindo” há muito tempo e estou *suando*. A sala é grande o suficiente para acomodar pelo menos cinquenta pessoas, mas na minha mente, no meu coração, somos apenas ela e eu... e infinitas possibilidades.



"Ei, Connor", diz uma garota, passando pelos assentos à nossa frente.

Sem tirar os olhos do lado do rosto de Ava, eu respondo: “O que houve?” E eu posso ver o leve sorriso que enfeita os lábios de Ava.

Eu vou beijá-la muito lá.

Ao meu lado, Austin bate no meu braço, me trazendo de volta à realidade. Olho para a garota, alguém que não reconheço, e aponto para Austin. "Você conheceu meu amigo Austin?"

Austin acena, mostra os dentes com um sorriso.

A garota chama a palavra "Hey" e eu volto para Ava.

"Então..." eu começo.

"Então", ela responde. Ela não olha para mim, pelo menos não diretamente, e quando tenho coragem de dizer mais alguma coisa, o professor entra na sala, dando as boas-vindas à turma com um "Bem-vindo à psicologia criminal!"

Ava senta em sua cadeira, seu foco na frente da sala.

Pego um caderno da minha bolsa e arranco uma folha de papel. Eu escrevo:

Jantar comigo? Sim ou não?



Deslizo-o para a mesa dela enquanto finjo estar prestando atenção ao discurso do professor. Pelo canto do olho, eu a vejo lendo minha nota e depois pegando uma caneta. Cabeça baixa, ela começa a escrever. Quando ela termina, ela o move sobre a mesa para mim.

Há um círculo ao redor de *não* e uma seta apontando para a letra dela: *Deixe-me preparar o jantar para você? Sim ou não* ?

Meu sorriso é estúpido. Eu circulo *sim*, devolvo.

Ela escreve: *Hoje à noite?*

E eu respondo: *Tenho prática até as 7. Depois?*

Certo. Vou mandar uma mensagem com meu endereço.

Isso significa que você terá que desbloquear meu número? Eu entrego a ela, assisto sua careta enquanto ela lê.

Ela escreve de volta: *Temos muito que conversar.*

Temos certeza que sim, mas agora não é a hora, e assim escrevo, retirando minha falsa confiança de antes: *Pergunta: O jantar hoje à noite terminará em um beijo? Sim ou não?*

Ela se vira para mim, seus olhos encontrando os meus, tão brilhantes e tão certos e tão malditamente perfeitos. Ela não responde. Em vez disso, ela dobra a nota até que ela caiba na palma da mão, depois a enfia dentro da blusa, estou assumindo no sutiã e fala uma única palavra que transforma todos os meus dias ruins em noites cheias de esperança: "*Magia.*"



Capítulo 49

Ava

Estou em apuros.

Problemas profundos e destruidores de almas.

Porque nada mudou, e tudo é o mesmo, e desta vez, não estou falando da minha mãe. Estou falando dos meus sentimentos por Connor.

"Não faz sentido", digo a Amy, meu telefone no alto-falante no balcão da cozinha. "É como, eu o vi, e tudo voltou à tona." Pego alguns legumes da minha geladeira e pego uma faca da gaveta. "E *por* que eu pedi para ele vir jantar?"

Amy ri.

"O que diabos eu estava pensando?" Eu corto uma pimenta ao meio, depois largo a faca e pressiono meu polegar na minha têmpora. "Como, se fossemos jantar *fora*, pelo menos poderíamos sair separadamente e sempre que quisesse. E sair significa *pessoas*, e essas pessoas - elas teriam me impedido de cair em lágrimas ou, eu não sei, esfregar sua perna e lamber seu rosto, mas *aqui*, no meu apartamento... Amy, não há pessoas no meu apartamento, e eu vou me tornar uma completa idiota. Eu já posso dizer."



"Bem, se você esfregar sua perna e lamber seu rosto..." ela diz, rindo.

"Você não está ajudando!" Eu lamento, batendo o pé. "Talvez eu deva falar com Trevor."

Ela ri agora. "Oh, sim, ele vai ser muito mais útil", ela canta, e eu posso ouvir seu sarcasmo a milhares de quilômetros de distância.

"Amy!"

Ela suspira. “Olha, se as coisas ficarem muito desconfortáveis para você, você pode pedir que ele vá embora. Pelo que você e Trevor me disseram, ele não é o tipo de cara que briga com você por isso. E, no que diz respeito à coisa toda de chorar, se você sentir necessidade de chorar, então chore, Ava. Deixe sair. E se você quiser ficar com raiva, fique com raiva. E se você *realmente* quer esfregar a perna dele, então... quero dizer, sem julgamento, mas tenha cuidado. Use proteção.”

"Eu não vou fazer sexo com ele!"

“Claro, se você diz. Vocês - vocês têm muita história, mas também tiveram muito tempo no meio. Você está basicamente entrando em território desconhecido aqui.”

Eu gemo.



"Ava?"

"Sim?"

"O que você está sentindo agora?"

"Eu não sei", murmuro. "Estou nervosa e com medo, mas também estou muito animada para vê-lo." Esfrego o suor da minha testa com as costas da minha mão. "Eu só queria saber como ele se sentia."

"Bem, pergunte a ele."

Pergunte a ele... Como se fosse simples assim.

“É a única maneira de você realmente conhecer. Então... assim que ele entrar, pergunte a ele.”

Eu suspiro. "Talvez."

“Vai ficar tudo bem, Ava. Ei, seu irmão acabou de chegar em casa, um segundo.” Ouvi Trevor beijá-la rapidamente e pergunto: "Com quem você está falando?"

"Sua irmã", ela diz a ele. "Ela encontrou Connor hoje e o convidou para jantar."

Trevor ri, e isso irrita meus nervos. A Estática preenche a linha telefônica como se ele estivesse atendendo o telefone dela e depois diz: "Ei".

"Ei."

"Então... Connor está vindo?"

"Uh huh."

"Ava, preciso te contar uma coisa."

"O que?"

"Quando um homem ejacula..."



"Você é um idiota", eu estalo. "Tchau." Desligo assim que há uma batida na minha porta. *Merda, merda, merda.* Eu olho para o relógio. É quase 7:30 e estou atrasado. Estúpida soneca de quatro horas à tarde.

Eu não estou preparada. Nem mesmo perto. Nem o jantar. Eu limpo minhas mãos em um pano de prato e abro a porta da frente. “Desculpe, estou correndo para trás. Ainda nem comecei a cozinhar, e você provavelmente está morrendo de fome...”

"Oi", ele interrompe, inclinando-se contra a moldura da porta, todo frio e calmo e, *Jesus,* ele é tão ridiculamente bonito que me deixa doente. "Você está atrapalhada." *Não brinca.* Ele está sorrindo para mim como se estivesse contando uma piada, só que ele tem acesso a... Como se *eu* fosse à piada.

Concordo com a cabeça, tento respirar calmamente. "Um pouco, sim."

Ele devolve o aceno, espiando por cima do meu ombro e entrando no meu apartamento. Abro mais a porta, espero que ele entre antes de fechá-la atrás dele. Com as mãos nos bolsos, ele se vira para mim, com a boca aberta, mas antes que ele tenha a chance de falar, eu digo: "Como você está... se *sentindo*?"

Sua sobrancelha se levanta. “Como estou me *sentindo?* "

“Sim, neste exato momento. Em três palavras ou menos. Como está se *sentindo*?”



Ele olha para mim, as sobrancelhas arqueadas, e Amy é oficialmente a pior

pessoa que dá conselhos no mundo. "Eu não sei." Com as mãos ainda nos bolsos, ele encolhe os ombros. "Nervoso, assustado, animado."

Meus olhos se arregalam. "Quanto tempo você ficou do lado de fora da minha porta?"

“Acabei de chegar aqui. Por quê?"

Balanço a cabeça. "Nada."

"Posso adicionar um extra ou existe um limite de três palavras?", Ele pergunta seu sorriso deixando minha mente desequilibrada.

"Claro, adicione uma palavra."

"Sorte."

"Sorte?" Eu repito. "Por quê?"

"Porque você está usando um vestido, e eu nunca te vi de vestido antes."

"Oh." *Oh.*

"Você está bonita, Ava."

A respiração que me deixa é irregular e olho para mim mesma. "Obrigado."



"De nada", ele ri. “E Olá, louco. Isso foi um inferno de boas-vindas.”

"Desculpe." Eu balanço minha cabeça, limpo a névoa. "Eu tive um longo

dia... e estou... *perturbada*." Eu aponto para o balcão. "Eu realmente não comecei com..."

"É legal. Posso ajudar em tudo?”

"Não." Eu aceno para os bancos embaixo da bancada. "Sente-se. Você provavelmente está exausto.”

Ele segue meu conselho e senta no meu lado oposto, o balcão entre nós. *Boa.* Um objeto que cria distância. Isso vai ajudar com toda essa coisa de torcer a perna. "Honestamente, eu estava bem empolgado, e então você abriu a porta naquele *vestido,* e eu tive um segundo folego."

Mordo o lábio para parar meu sorriso e me afastar dele, não querendo que ele visse meu rubor.

"Este é um apartamento muito bom", ele reflete.

Abro a geladeira, uma distração. "Sim, eu gosto do chão." *Eu gosto do chão?* Que porra é essa, Ava! Recompor-se.

"Uh... Peter ajudou você com isso?"

Com a menção do nome dele, meus ombros ficam tensos e eu fecho a geladeira de mãos vazias. Virando-me para ele, pergunto: "Me ajudar com o quê?"



"O apartamento."

"Não", eu respondo uma única risada borbulhando dentro de mim.

Os olhos de Connor se estreitam. "Porque é que isso é engraçado?"

"Por que ele estaria me ajudando..."

"Quero dizer, você se mudou para o Texas com ele, então..."

“Oh *isso*.” Eu aceno uma mão no ar, ignoro a maneira como seus olhos brilham mais azuis contra as luzes do teto. "É uma longa história."

"Sorte que temos a noite toda, hein?"

Balançando a cabeça, ignoro a maneira como o olhar de Connor mergulha nos meus seios antes de verificar a si mesmo e voltar a cortar os vegetais no balcão.

Seu tom fica sério quando ele pergunta: "Como está sua mãe, Ava?"

Eu olho para ele, o pego assistindo todos os meus movimentos. "Você não vai acreditar se eu te contar."

"Teste-me."

Faço um rápido trabalho de preparação do jantar enquanto digo a ele tudo o que aconteceu com minha mãe no ano passado. Ele ouve atentamente cada palavra, quase nunca tirando os olhos de mim. Ele faz perguntas, muitas delas e, no final, seus olhos estão arregalados. “Então, tudo *se* encaixou, hein?” Ele pergunta, repetindo as palavras que eu usei quando lhe disse que estava saindo.



Depois de deslizar a bandeja no forno, eu me viro para ele, aceno. “Quero dizer, de uma maneira indireta, sim. Sim.”

"E Trevor?" Ele pergunta. "Como ele está?”

Começo a limpar o balcão para temperar os bifes que tinha conseguido para nós. "Bem. Ele ainda é um idiota” brinco, e ele ri disso. “Ele se matriculou novamente no Texas A&M e está morando com Amy fora do campus. Ah, lembra-se disso...”

"Eu me lembro de tudo, Ava."

Não consigo controlar o tique taque no canto dos meus lábios. "Hum... aquela conversa que você teve com ele sobre ser um agente?"

Connor assente.

"Então, é isso que ele quer fazer agora."

"Realmente? Fantástico."

"Sim, é", eu digo minha voz repentinamente quebrando com as emoções que eu segurei por muito tempo. Sentimentos que tentei tanto suprimir.

Connor, o garoto que conheci no ensino médio, o garoto por quem me apaixonei de forma imprudente, está sentado no meu apartamento, a poucos metros de distância, e ele não tem ideia do impacto que teve em mim *e* minha família. *Nenhuma*. Ele entrou do nada e deixou pegadas onde quer que estivesse, e nossas vidas mudaram para sempre por causa dele. E eu não sei como dizer isso a ele. Como retratar o quanto a



presença dele em minha vida significou para todos nós. Agora percebo, no fundo, que talvez seja a razão pela qual o convidei para cá. Por que eu me ofereci para cozinhar para ele: um pequeno sinal de agradecimento em um vasto oceano do que Trevor chama de *Bom.* Estou olhando, sei que estou, mas parece que não consigo falar. Eu pisco de volta o calor repentino atrás dos meus olhos e empurro a dor na minha garganta. "E você?" Eu consigo perguntar. "Como está seu pai?"

"Ele é bom, Ava", diz ele, sua voz baixa quando ele me prende com seu olhar.

Agora eu desvio o olhar porque tudo é demais. Cedo demais. E muito *real*. "Ele ainda está morando naquela casa?"

“Não, ele foi embora depois que me formei. Fiquei até o contrato terminar... embora por um tempo considerasse queimar o lugar.”

Meus olhos se voltam para os dele.

Ele acrescenta: “É estranho, certo? Uma falha elétrica quando Trevor é eletricista...”

Meus lábios se curvam enquanto eu solto um suspiro. "O dinheiro do seguro certamente veio a calhar", murmuro.



"Oh sim?"

Empurro os bifes para o lado e passo para a salada. Sem olhar para cima, digo a verdade: "Precisávamos de uma solução imediata, e Peter ajudou com esse lado".

"Peter", ele cospe.

Eu olho para cima. "Por que você diz o nome dele assim?"

"Porque eu não gosto do cara", ele grunhiu as mãos em punho na bancada.

Espero um segundo para ver se ele vai acrescentar mais, e quando não acrescenta, digo: "De qualquer forma, o dinheiro do seguro ajudou a conseguir a colocação da mamãe e a colocar Trevor e eu de pé".

Ele assente, devagar. "Então, você não deve nada a Peter?"

"Nem um centavo."

"Mas e seu orgulho, certo?"

"Nem mesmo isso."

"Bom."

Largo a faca, largo minhas pretensões e mudo de pé. "Por que você é tão..."

"Tão?"



“Sua mandíbula está tensa, seu rosto está vermelho e seus punhos estão cerrados.” Deslizo a faca para longe dele. "E tremendo um pouco."

Ele ri baixinho. "Eu simplesmente não gosto do cara, Ava."

"Então você disse."

Connor permanece em silêncio.

Eu suspiro. “Você sabe, segredos nos arruinaram antes, Connor, e eu não estou dizendo que você e eu somos um *nós*, mas eu gostaria de... eu não sei... sermos *amigos?* "

Ele ri uma vez. Amargo. "Você quer a verdade?"

Eu concordo.

Olhos fixos nos meus, intensos, ele diz: “Eu não quero ser seu *amigo,* Ava. Eu já te disse isso uma vez e nada mudou.”

Eu largo meu olhar, minha mão flutuando no meu estômago para acomodar as borboletas lá.

Ele limpa a garganta. “Você sabe, Peter pagou a Mitch para fazer toda essa merda em sua casa. As bolas de tinta e a pistola de ar comprimido e... tudo isso, Ava... tudo era Peter.”

Eu suspiro, chocada, meu peito queimando de raiva. "Aquele filho da puta!" Exclamo, balançando a cabeça. "Ainda bem que Trevor bateu nele."

O rosto de Connor se ilumina. "*O que*?"



Com um aceno de cabeça, eu jogo tudo lá fora: "Por um tempo, ele estava oferecendo para" eu gesticulo no ar - "cuidar de mim."

Um som indescritível sai dos lábios de Connor.

Acrescento: “Eu não sei quando ele começou a me olhar de maneira diferente, mas ele fez, e é por isso que eu adiei a aceitar sua oferta. Ele me deu um cheque há muito tempo, o suficiente para cuidar de minha mãe em tempo integral, mas eu nunca aceitei até... quero dizer, eu sempre soube que ficaria em dívida com ele se aceitasse... em mais que financeiramente, mas eu estava desesperada, Connor.”

Ele leva um momento, sua respiração trêmula. Então ele olha para suas mãos, sua voz tão falsa quanto seu comportamento quando pergunta: "Você dormiu com ele?"

"Não", eu expiro. Minha cabeça se inclina para trás, olhando para o teto para impedir que as lágrimas caíssem. "Eu fiquei com ele, e depois de algumas semanas, ele entrou na minha cama uma noite enquanto eu estava dormindo e..."

"Ava", ele interrompe, dolorido. "Não sei se posso ouvir isso."

"Mas eu estava preparada", falo correndo. “Então... eu meio que dormi com um taser. O acertei no pau.”

Todo o seu corpo muda instantaneamente. "Não, você não fez", ele quase grita seu riso como música nos meus ouvidos.



Eu concordo. "Eu fiz. E então eu saí imediatamente e corri para Amy. Eu contei tudo a ela, e Amy contou a Trevor e... bem, digamos que Peter demorou um pouco para respirar pelo nariz novamente.”

"Droga", diz ele através de uma risada.

"Honestamente, porém, me sinto mal", eu admito, ficando mais confortável em sua presença. "Ele era um amigo genuíno de Trevor por um longo tempo, mesmo que ele me visse como... tanto faz."

"Um amigo genuíno não faria o que ele fez Ava", diz ele, sentando-se mais alto.

Pego um copo e o encho com água, depois deslizo sobre o balcão para ele. “Sim, eu sei, mas ainda há culpa lá, e estou tentando trabalhar com tudo isso. É apenas *uma* das muitas coisas pelas quais estou trabalhando.” Observo, paralisada, o pomo de Adão dele deslizar contra sua garganta quando ele engole a água. Então engulo, afasto os pensamentos que inundam minha mente: *eu poderia lambê-lo lá.*

Ele abaixa o copo, seus olhos nos meus lábios, e eu pisco. Difícil. Volto para a realidade. Eu digo minhas palavras correndo para que ele não tivesse chance de falar: "O programa em que mamãe está - é bastante extenso, pois oferecem terapia para os membros da família também, então eu vou lá uma vez por semana e..." ele lambe seus lábios "- e um..." Eu desvio o olhar. "Sim."

"Isso é bom, Ava", diz ele, sua voz uniforme. “Estou feliz que você tenha esse apoio. Você merece isso. Inferno, você *ganhou*.”



Eu esfrego meu pescoço com a parte de trás dos meus dedos, sentindo meu pulso acelerado batendo lá. Então inspiro profundamente, solto um *suspiro*. Mais de um ano segurando tudo, e é hora de deixar ir. Estou certa disso. "Connor", eu digo, mas sai um sussurro. Eu limpo a garganta, levanto o queixo, tento manter tudo junto. "Muita

coisa estava acontecendo quando eu... quando saí, estava em um lugar bem escuro..."

Os olhos dele suavizam. "Eu sei."

“Não, você não. Houve momentos em que perdi a esperança, não apenas para mamãe, mas para mim e...”

"Eu *sei* ", diz ele, estendendo a mão, as pontas dos dedos segurando as minhas. Dor no coração forçando meus olhos fechados. "Ava, olhe para mim." E a esperança os força a abrir novamente. "Houve uma noite em que deixei meu telefone no seu quarto e estávamos gravando a tarefa para multimídia..."

Eu suspiro baixo e devagar.

"Eu vi *tudo*."

Um único soluço me escapa, e eu cubro meu rosto com as mãos. "Oh, Deus..." Eu o ouço sair da cadeira, mas me afasto, não querendo que ele me veja assim. A vergonha inunda meu corpo, fechando minhas vias aéreas.

"Ei", diz ele, com a mão nas minhas costas, calmante. E então ele está me virando para ele, seus braços em volta de mim.

Isso.



Isso é tudo que eu queria.

Tudo que eu precisava.

E então ele segura minha cabeça em seu peito, minha orelha sobre seu coração, e eu quebro quando ouço.

Quando eu sinto isso.

Thump, thump.

Thump, thump.

Magia.

Outro soluço se forma na minha garganta, e ele me abraça mais forte. "Eu gostaria de saber", diz ele, com a voz trêmula. “Eu gostaria de poder ter visto isso quando estava acontecendo, mas estava tão consumido com o que estava acontecendo na minha vida na época, e me desculpe, Ava. Foda-se, sinto muito.”

Limpo minhas lágrimas em seu peito, como já havia feito muitas vezes antes, e me afasto, olho para ele, minhas mãos agarrando sua camiseta. “Turner me contou sobre *Wendy”* eu choro. “Sinto muito, Connor. Eu sei que você me disse para confiar em você com tudo isso, e eu deveria ter. Eu me arrependo todos os dias. Mas não posso mudar.”

Seus polegares deslizam ao longo da minha bochecha, e ele olha para mim, seus olhos claros poças de devastação. "Isso mudaria alguma coisa?"

Balanço a cabeça. "Acho que não", digo honestamente. “Acho que ainda teria saído. As coisas estavam tão ruins...”



“Entendi, Ava. Eu faço.” Sua sobrancelha afunda. "Mas se estamos jogando tudo lá fora, demorei muito tempo para aceitar que você partir não era o mesmo que me *abandonar...”*

"Oh, Deus, Connor", eu sussurro. "Eu nunca..."

“Eu sei, e não quero que isso acrescente à sua culpa. Desculpe-me, eu não mencionei isso.”

"Não. Eu *quero* que você me diga.” Eu tento dar de ombros para fora do seu domínio, com raiva de mim nunca, mas ele não vai me deixar ir. "Deus, eu sou uma pirralha egoísta, eu nem pensei em como isso faria você se sentir."

Ele balança a cabeça. “Eu só precisava de tempo para obter respostas e processar o que estava acontecendo, e não queria que isso fosse um fardo para o que já estava acontecendo com você. Nós dois guardamos as coisas para nós mesmos porque queríamos nos proteger. Porque é isso que pensávamos que o amor era. Fizemos muito para deixar a outra pessoa feliz que, em algum momento, nos esquecemos de nós mesmos.”

"Sim, é verdade", eu digo, assentindo, e é claro que não sou a única que passou o tempo procurando uma resposta na minha alma. Eu pergunto hesitante: "Então, como está sua mãe?"

Ele encolhe os ombros. Então ele me olha por um momento, como se estivesse contemplando suas próximas palavras. "Eu menti para você, Ava."



Eu forço um sorriso. “Pensei que tivéssemos passado por tudo isso. Eu abaixo...”

“Não”, ele interrompe. “Quero dizer, sim, também, mas eu menti para você antes disso. Muito antes. Quando nos conhecemos, você perguntou se eu me

lembrava de algo sobre o que aconteceu comigo...”

Concordo meu coração batendo loucamente.

“Menti quando disse que não. Porque eu faço. Eu me lembro de tudo. Eu até me lembro dos carros de brinquedo que eu estava segurando...” Ele me observa seu olhar intenso. "Você..."

"Eu a conheci", falo correndo, percebendo como uma tonelada de tijolos pousando no meu peito. “Depois da final das regionais, aquela caixa com os carros? Essa era ela?”

Ele assente lentamente.

Com os olhos arregalados, tento voltar a esse momento, lembrando como ela estava como *ele* estava na manhã seguinte quando o abriu. Ele vomitou e culpou o álcool e... “Oh, Deus, Connor. Eu sinto muito."

“Não fique. Você não poderia saber, e eu não queria que você soubesse.”

"Por quê?" Eu expiro.

"Eu não sei", ele responde, com a voz embargada. “Parecia... Demais. Estávamos em um lugar tão bom, e eu não queria que ela voltasse e tirasse isso de mim.”



Minha cabeça mergulha para frente, meu coração doendo por ele. E, com certeza, eu poderia reviver todos os momentos do passado, redirecionar todas as segundas conversas para que não terminássemos onde estávamos, mas isso seria inútil, e então deixo de lado nossos arrependimentos e pergunto,

tropeçando nas minhas palavras: " Vocês... vocês ainda falam ou...? ”

Ele é rápido a sacudir a cabeça enquanto se sente confortável encostado no balcão. Uma mão no meu quadril, a outra enrolada na minha cintura, ele responde: "Nem um pouco."

Faço beicinho, minhas mãos apoiadas no peito dele. "Eu sinto muito."

"Eu não", diz ele, tão seguro de si. "Ela é tão decepcionante agora como era naquela época."

"Você conseguiu as respostas que estava procurando?"

Ele assente, limpa a garganta.

Eu me inclino para mais perto dele.

Ele diz: "Ela hum... ela me deixou no carro como *vingança* porque meu pai estava tendo um caso emocional na época..."

Meus olhos se arregalam.

"Com outro homem."

Meus olhos saem da minha cabeça. "Seu pai é *gay*?"



"Sim, ele é", diz ele, e eu não sei como posso me orgulhar tanto de um sorriso tão pequeno. "Ele estava realmente com o cara na época." Ele estende a mão, dedos uma mecha de cabelo que caiu no meu ombro. Ele fixa seu olhar lá, enquanto o gira em torno de seu dedo. “O nome dele é Michael. Eu

gosto muito dele. Ele é um cara legal e é bom para o meu pai. Mas... eles se apegaram a esses sentimentos e ficaram calados por quinze anos, Ava...”

"Isso é muito tempo", luto para dizer, sentindo a intensidade entre nós crescendo.

"Eu sei certo? Mas agora eles são felizes, são livres e são...”

Ele para por aí, de repente, e eu olho para ele, meus olhos implorando para que ele continue.

Ele solta meu cabelo, desliza a palma da mão pelo meu ombro até a minha nuca. "Ava, eu não quero manter meus sentimentos por quinze..." O alarme de fumaça dispara, e ele gentilmente me move para o lado, pegando um pano de prato no caminho para o forno. Está cheio de fumaça, e como diabos eu não vi? Cheirei isso? *Magia.* Eu estava tão perdida, me afogando em sua magia, que nada mais importava. Ele abaixa a porta do forno, recuando quando o calor é emitido. E então ele acena o pano acima dele, em frente ao alarme de fumaça, esperando o ar clarear.

Começa como uma risadinha, esse *sentimento* que me domina e termina em uma risada despreocupada que o faz fazer o mesmo. Ele pega a bandeja de legumes que deveria acompanhar o bife. É carvão. Ele ri mais forte, virando-se para mim. "Eu ainda comeria só porque você fez."



"Eu não faria isso", digo através de uma risadinha. “Ainda temos o bife e a salada. Eu sinto muito."

"Não sinta." Ele volta para o forno, depois para mim. "Como não cheiramos isso?"

Eu abro a boca, meu sorriso largo, meus olhos nos dele, "Magia".

Ele balança a cabeça. “Você quer pedir algo? Guardar os bifes para amanhã?”

"Você vem amanhã?"

Ele sorri. "Eu poderia comer bife no café da manhã."

"Connor!" Eu suspiro. "Quem disse que você vai passar a noite?"

Sua expressão cai. "Quero dizer, eu estava falando *em geral* porque eu amo bife... mas ei, se você está oferecendo..."

Minhas mãos levantam, cobrem a vergonha rosando minhas bochechas.

Dedos circulando meus pulsos, ele puxa minhas mãos para baixo e une nossos dedos. "Não faça isso."

"Fazer o que?"

"Você é linda demais para se esconder."

Eu quase lambo o rosto dele. *Quase*.



"Então, nós pedimos?" Eu pergunto, liberando suas mãos para chegar ao meu telefone. "O que há de bom por aqui?"

Ele enfia a mão no bolso, pega o telefone. "Vamos ver."

Pego o telefone dele e o escondo no sutiã. "Eu estou pagando!"

"Hmm." Ele olha o telefone, a mão estendida para pegá-lo, mas para uma polegada de distância. "Como meu telefone ficou mais sortudo que eu?"

Com uma risadinha, eu entrego de volta para ele. “Deixe-me pagar, no entanto. Honestamente. Eu convidei você aqui; é justo.”

"Você pode pagar?" Ele pergunta genuinamente preocupado.

Eu concordo. “Aqui não pago nada além de comida e viagens. A casa, todas as contas, está coberta. E recebo um corte dos benefícios da mamãe.”

"Um corte?" Ele pergunta.

“A maior parte vai para Trevor. Estamos tentando obter o máximo da dívida dele antes que ele comece a pagar seus empréstimos estudantis.”

Connor faz uma careta. "Isso é péssimo."

Eu concordo. "Então, deixe-me pagar?"

"Bem."



Pedimos pizza e macarrão e limpamos a cozinha enquanto esperamos que ela seja entregue. Quando chega, sentamos no sofá, com o canal Investigação Discovery na TV.

"Você manteve contato com alguém da escola?", Pergunto a ele.

Ele assente, termina de mastigar a comida antes de responder: "Eu falo com Rhys e Karen, mas é isso, e é esse tipo de conversa fraca nas mídias sociais, sabe?"

Eu dou de ombros. "Na verdade não."

Ele ri. "Ah Merda. Eu não te contei. Você conhece a coisa toda sobre Peter e Mitch?"

A raiva explode, apenas por um segundo, antes que eu acene.

Ele diz: "Então Rhys e Karen estavam na minha casa - Rhys me deu uns socos porque, a propósito, ele ainda estava meio apaixonado por você".

"*O que*?"

"É irrelevante", diz ele, sacudindo o pulso. "De qualquer forma, Rhys e Karen estavam na minha casa quando Mitch apareceu para confessar. Karen ouviu tudo e esmagou seu rosto com uma bandeja de madeira. Quebrou o nariz."

"Cale a boca!" Eu rio, meus olhos arregalados. "Isso *não* aconteceu."

"Isso absolutamente aconteceu. Embora eu não tenha certeza se a bandeja quebrou o nariz ou se meu pai o quebrou quando ele fingiu *olhar* para ele."



"Não", eu suspiro.

Sua mão pousa na minha coxa nua. "Você é profundamente amada, Ava", diz ele, seu tom suave. "E se você quiser, acho que

deveria falar com Karen. Ela sente muito sua falta.”

Sem discutir, nos acomodamos à noite, com o braço no sofá atrás de mim enquanto assistimos a uma quantidade estúpida de crime verdadeiro. Eu pergunto: "Como vai o basquete?"

Ele balança a cabeça. “A última temporada foi uma espécie de show de merda, para ser sincero. Eu não estava realmente motivado, e mostrei. Meu agente estava chateado. Ele meio que me largou.”

"*Largou* você?"

"Sim, como cliente", diz ele, assentindo. “Mas estou tentando consertar. Passei o verão recebendo treinamento extra.” Seus olhos se fixam nos meus. "Acho que esta temporada será diferente."

"Sim?"

Ele concorda. "Eu recuperei minha *paixão*."

Eu mordo meu lábio, quebro nosso olhar. "É por isso que você não apresentou o projeto?"

"Como você sabe que eu não?"

Merda.



Eu aponto para a TV. "Veja. *Sangue*!”

Connor

"O quê?" Ava sussurra seus olhos estreitados. "Por que você está me encarando?"

Não consigo parar de sorrir. "Não há razão."

Ela volta a assistir outra pessoa ser assassinada, e parece a primeira vez. Como na época em que ela estava no meu carro e ela me chamou *de atleta bonito*. Naquela época, o que eu sentia por ela não passava de uma paixonite. Eu nunca pensei que acabaríamos aqui, que eu estaria tão fundo.

Porque eu ainda sou louco por ela.

Desesperadamente.

Infinitamente.

Louco *apaixonado* por ela.

Seus olhos estão arregalados, sem piscar, enquanto ela olha para a TV. Mechas soltas de cachos cortinam seu rosto. Estendo a mão, puxo uma para o lado para poder vê-la mais claramente. Estou olhando, fascinado por cada centímetro, cada curva, cada tremor de seus lábios quando ela respira. Então ela se vira para mim, devagar, e posso dizer que ela está nervosa, que o que quer que esteja passando em sua mente agora a deixa hesitante. "Então... este lugar onde minha mãe está..."



Eu engulo. "Sim?"

"Hum, os médicos e terapeutas lá - eles são realmente ótimos."

"Isso é bom, certo?"

Assentindo, seu olhar cai, sua voz mais baixa quando ela diz: "Levou apenas algumas semanas para diagnosticar a mãe com transtorno bipolar e esquizofrenia leve".

Meus olhos se arregalam, minha respiração fica presa na garganta, mas tento esconder minha reação. "Bem, pelo menos eles sabem agora... significa que ela pode tomar a medicação certa e obter o tipo certo de..."

A concordância de Ava me interrompe. "Sim. Eles suspeitam que o trauma na cabeça tenha causado muito; adicione isso a tudo o que ela já estava experimentando..." Ela respira profundamente, solta lentamente. "Isso meio que explica muito, especialmente com a rapidez com que o humor dela pode mudar."

"Sim", eu respiro, pensando em todo o tempo que passei com ela, todas as diferentes versões dela que eu testemunhei. "Mas ela está bem agora, certo? Tipo, *estável*?" Não sei se estou usando a terminologia correta e espero que isso não a ofenda nem afaste a saúde mental de sua mãe.



Ava assente novamente, depois abaixa o olhar. "Eles também me diagnosticaram com TEPT..." Meu peito aperta com as palavras dela, um nó na garganta. Abro a boca para falar, mas ela me bate: "Eu apenas pensei que você deveria saber, por que... porque você está me olhando de certa maneira e..."

"Como eu estou olhando para você?"

"Do jeito que você costumava", diz ela, sua voz tensa. “E talvez você não deva estar fazendo isso, porque eu não sou a mesma pessoa que costumava ser, Connor. Eu não sou aquela garota que você caiu...”

"Você está certa", eu interrompo. “Você não é a mesma garota. Nem um pouco. Porque você é muito mais.” Eu levanto o queixo dela, forço-a a olhar para mim através dos olhos manchados de lágrimas. "Ava, uma etiqueta não vai mudar quem você é, e não vai mudar o que eu sinto por você ou como eu olho para você", digo a ela, sentando-me mais alto. “Mas uma etiqueta vai me ajudar a entender mais você... e, realmente, não é *de se* surpreender.” Eu balancei minha cabeça. "Quero dizer, depois de tudo o que você passou e tudo o que você testemunhou..."

"Estou trabalhando nisso", ela resmunga como se estivesse tentando me convencer.

Coloco a palma da mão na mandíbula dela, meu coração dispara quando ela pressiona. “Eu te conheço e você chegará lá, querida. E eu vou estar *aqui.* Tudo o que você precisar, sempre que precisar. Sempre."

Seu olhar se levanta, trava no meu. Segundos parecem minutos. Por fim, ela diz: "Está ficando tarde, e eu tenho aula cedo amanhã".



Meu coração afunda apenas uma polegada, mas eu posso ver em seus olhos. Ela tem medo do que está acontecendo entre nós, ou do que nunca *parou de* acontecer. "Ok." Eu me levanto, ignoro o aperto no meu peito enquanto ela me

segue até sua porta. Ela alcança ao redor, abrindo para mim, e eu saio, virando-me para ela como eu faço. "Obrigado pelo jantar."

Ela oferece um sorriso. "Seja bem-vindo."

"Não vá desaparecer de mim, ok?"

“Eu não vou. Eu prometo."

Enfio minhas mãos nos bolsos para me impedir de estender a mão e tocá-la. Qualquer lugar. Contanto que seja ela. "Vejo você."

"Uh huh."

Eu recuo quando ela praticamente bate a porta na minha cara. Confuso, eu me forço a me afastar. Um passo. Dois. Um barulho soa atrás de sua porta, e eu congelo, espero. Ela está falando agora, e a curiosidade tira o melhor de mim. Eu sei que não deveria, mas eu faço. Eu volto meus passos leves, e pressiono meu ouvido na porta dela.

“Estúpida, Ava. Estúpida, estúpida, estúpida! A porta *bate* com cada uma de suas *estúpidas.* Há barulho de passos desaparecendo, e eu quase me afasto quando segundos de silêncio passam. Então eu a ouço novamente: "Amy!" Ela está quase gritando. "Sim, ele acabou de sair."



Isto está errado. Eu não deveria estar ouvindo. Mas...

"Não, eu não lambi o rosto dele, mas eu queria!"

Meu sorriso é patético.

“Não, eu não esfreguei a perna dele! Pare de tirar sarro de mim!”

Eu sufoco minha risada.

"Deus, Amy... ele é tudo que eu lembro que ele é", diz ela, e eu pressiono meu ouvido mais perto, porque eu não sei se isso é uma coisa boa ou não. Eu a ouço andando pela cozinha imagino-a lá com o telefone no ouvido, jogando as caixas de pizza no lixo. "Eu disse a ele tudo o que queria."... "Sim, até isso."... "Sua reação foi... *perfeito*. Tudo o que ele disse e fez foi... perfeito.” ... “Droga, Amy. Ele é tão *bom*. Como, tudo sobre ele apenas... ele é a paz do meu caos.” ... “Porque eu fiquei com medo, *obviamente*.” ... “É claro que eu não *queria que* ele fosse embora, mas...” Ao ouvir isso, me pego levantando meu punho, batendo duas vezes. "Merda, eu tenho que ir."

Eu dou um passo para trás, ajo casual. Enquanto meu coração bate forte dentro de mim.

Ela abre a porta, com o rosto perturbado, como na primeira vez. "Oi."

"Acho que deixei minhas chaves aqui."

"Oh, tudo bem." Ela dá um passo para o lado, abrindo a porta para mim.



Com um sorriso que não consigo parar, vou primeiro à cozinha, finjo olhar ao redor. Verifico o banquinho em que estava sentada. "Hmm. Não sei onde eles poderiam estar.”

"Talvez o sofá", ela oferece, indo até lá. Eu estou atrás dela, meus olhos colados na bunda dela quando ela se inclina, alcançando entre as almofadas. Ela levanta algumas almofadas, procurando lá embaixo. Estou muito tarde para desviar o olhar quando ela gira para mim. "Eles não estão lá." E quando ela percebe *exatamente o* que eu estava fazendo, ela fala seus olhos afinados em fendas. "Pervertido."

Eu dou de ombros.

Então ela me olha de cima a baixo, ainda olhando. "Não se mexa", ela ordena.

Eu bloqueio todos os músculos no lugar.

Suas mãos se erguem, pousando no meu estômago. Mantendo meus olhos em cativeiro, ela os desliza para baixo, para baixo, até escovar uma polegada acima do meu... "Connor!"

"O que?"

Ela enfia a mão no meu bolso, pega minhas chaves. "Suas chaves estão aqui..." Isso é o mais longe que ela chega antes de eu pressionar minha boca na dela, inalando o suspiro que vem dela. Agarro seu rosto com as duas mãos, faço uma pausa, a seguro lá. Com seu lábio inferior preso entre os meus, eu inclino minha cabeça, corro minha língua ao longo da costura de seus lábios, pedindo, *pedindo* permissão. Mas ela não cede aos meus desejos. Na verdade, ela não se move. Não respira. Espero outra batida, a esperança morrendo no meu peito, e então me afasto, meus olhos fechados, a humilhação inundando todas as



células. "Sinto muito", eu sussurro, liberando-a.

"Não, você não sente ", ela murmura, e eu abro meus olhos para vê-la me observando.

Eu tento esconder minha decepção, mas falho, porque não posso fingir quando digo: "Eu tive que dar o meu tiro, certo?"

Sua mão levanta, apalpando a parte de trás do meu pescoço, e antes que eu saiba o que está acontecendo, ela está me puxando para ela, sussurrando: "Venha aqui", como ela faz, e então ela me *beija*. E não há pausa no beijo dela como no meu. Sem hesitação. Sua boca se abre, sua língua procura a minha e quando elas se encontram, um milhão de vaga-lumes colidem, iluminando o céu noturno, enchendo meus pulmões de magia. Eu enrolo minhas mãos em volta da cintura dela, levanto-a de seus pés e quebro o beijo apenas o tempo suficiente para sentar no sofá, seus quadris abrangendo os meus. Volto a beijá-la novamente, me afogando na maneira como ela se sente pressionada contra mim, na maneira como minhas mãos correm suavemente ao longo de suas pernas nuas. Ela tem os braços em volta da minha cabeça, os dedos agarrando meu cabelo, puxando e fodendo, eu senti falta disso. Ela se afasta, ofegando por ar, e eu não consigo o suficiente, então vou para o pescoço dela, a provo lá, enquanto minhas mãos sobem e descem por suas coxas. Faço uma pausa, minha mão afiando sob o vestido, a borda de sua calcinha na ponta dos dedos. Ela puxa meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás e captura minha boca. E quando eu começo a me perder de novo, ela se afasta. "Talvez devêssemos ir mais devagar?"



A única coisa que posso pensar em dizer é: “Hein?” Porque não estou realmente pensando. Obviamente.

"Talvez devêssemos esperar."

Eu deixo minha cabeça cair no ombro dela, espero um momento para o sangue voltar para o meu cérebro. "Eu não sei sobre você, mas esperei um ano e meio por isso."

Os olhos dela rolam. "Como se você estivesse *esperando*."

Ela está delirando. Ela tem que estar. "Eu tenho."

"Certo." Ela assente uma vez. "Então, você está me dizendo que não está com ninguém desde você e eu?"

Eu levanto meu queixo. "Sim."

"Eu chamo besteira."

Eu a ajusto no meu colo, apenas o suficiente para que eu possa acessar o telefone no meu bolso. Eu ligo para o número de Austin, coloco no viva-voz e o seguro entre nós.

"Ei", ele responde.

"Ei, eu estive com alguma garota desde Ava?"

“Nem sequer olhou para uma. Por quê?"

Eu desligo. Minhas sobrancelhas levantadas: *Vê? Eu te disse.*

"Tudo bem", diz ela, com uma inclinação malcriada ao seu tom.



"Por quê? Você já?” Antes que ela tenha a chance de responder, eu cubro sua boca. "Espere. Não responda a isso.”

As duas mãos pequenas dela apertam as minhas e ela a abaixa para mim. "Eu não estive com ninguém."

"Bom." Eu aponto entre nós. "Podemos voltar ao que estávamos fazendo agora?"

Ela morde o lábio, acena com a cabeça e murmura: "Mmm-hmm".

Com a boca dela na minha, pergunto: "Posso tocar sua bunda?"

Ela ri, e eu respiro o som, deixo me aquecer. "Sim. Você pode até tocar o lado do meu peito, se quiser.”

"Foda-se, sim." Eu a beijo mais fundo. "É o meu dia de sorte." Meu telefone toca e eu grunho de frustração. O rosto estúpido de Austin ilumina minha tela. "O quê?" Eu estalo. Ava ri no meu pescoço, com as mãos apoiadas no meu estômago. Ela empurra para baixo, triturando em mim enquanto chupa meu pescoço com força. "Você é tão ruim", eu sussurro, agarrando uma mão cheia de sua bunda para trazê-la para perto de mim.

"Por que eu sou ruim?" Austin pergunta.



Ava abafa sua gargalhada no meu ombro.

"O que há?" Eu digo ao telefone.

Austin responde: "Você vai voltar hoje à noite?"

Dou um puxão no cabelo de Ava até que eu possa ver seu rosto com clareza e perguntar, “*Eu* vou voltar hoje à noite?”

Ela não pula uma batida. "Não."



Capítulo 50

Connor

Duas semanas se passaram desde a primeira noite com Ava, e porque não estávamos realmente preparados para como as coisas aconteceram naquela noite, nenhum de nós estava *preparado*. Nós brincamos, chegamos ao ponto, então ela me perguntou se eu tinha proteção, e olhei para ela como se ela fosse estúpida, porque por que diabos eu? Eu não dormi por aí, nem ela, então nos cuidamos de outras maneiras até adormecermos em sua cama em uma massa de membros suados e felicidade pós-orgástica.

E agora, segundo ela, ela quer *esperar*. Aparentemente, é o conselho de seu terapeuta. Porque o terapeuta quer ter certeza de que Ava está seguindo seu coração e não as partes entre as pernas que podem estar me chamando. Não vejo o que há de errado com a vagina dela me chamando. Eu não me importaria. Inferno, ela pode me chamar no meio do jogo, e eu iria correr.

Eu pareço patético, mas Ava - ela me faz assim. E ela usa vestidos agora. O tempo todo. E retiro o que disse sobre ela ser bonita demais para ser escondida porque quero escondê-la. Se eu tivesse um porão...



Muito longe?

Talvez.

Mas, o ensino médio com Ava era uma coisa. Todo mundo sabia que ela era minha, e não é como se ela estivesse lá fora, na natureza, usando *vestidos* e parecendo quente e adorável o tempo todo. E não é que eu desejasse que ela voltasse a ficar "presa" cuidando da mãe. Eu só... Fico energético e afiado, e os caras da faculdade são muito mais abertos com seu olhar malicioso, e eu odeio todos e tudo, menos Ava.

E Austin, eu acho.

Ele está bem.

"Connor!" Ava sussurra, estalando os dedos na frente do meu rosto.

Eu pisco, foco nela.

"Você está fazendo isso de novo."

"Que coisa?"

“Essa cara com expressão dura que você faz. O que há com você?"

"Ele não gosta de você em vestidos", Austin responde por mim.

"Ele não gosta?" Ela olha para o vestido.



"Não", digo a ambos. “*Gosto de* Ava em vestidos. Eu não gosto de outros...”

"Como um vestido é diferente do meu uniforme da velha escola?"

Meu pau mexe, e não deveria, especialmente considerando que estamos no meio da praça de alimentação, e eu realmente deveria começar a usar mais do que shorts de basquete, porque eles são ruins em esconder certas coisas e essas coisas estão acontecendo com muita frequência agora que Ava está de volta. "Por acaso, você ainda tem esse uniforme?"

"Você é um idiota", Ava diz através de uma risadinha, jogando um garfo de plástico na minha cabeça. Então ela se levanta, pega sua bolsa. Ela se aproxima de mim, me beija com mais paixão do que meu short pode suportar. Ela morde meu lábio inferior enquanto se afasta. "Eu tenho que ir ver a mamãe."

"OK."

Ela não me pediu para ir com ela ainda, e mesmo que eu esteja morrendo de vontade de ver a senhorita D, sei que ela tem razões e essas razões são puras. Ela quer ter certeza de que ela e eu somos sólidos antes de me reintroduzir na vida de sua mãe. Além de me dizer que está indo muito bem e que está feliz, ela não me dá muito mais.

O que é bom.

Por enquanto.



Ela passa os dedos pelos meus cabelos e meus olhos se fecham com o toque. "Venha depois do treino?"

Eu aceno, abro meus olhos novamente. "Eu estarei lá."

Austin geme. "Tenho saudades do meu melhor amigo."

***

Eu passo as aulas e pratico e depois corro para o apartamento de Ava por que... Bem, porque é *Ava*. Ela atende a porta apenas com uma toalha e, após o choque inicial, a irritação toma conta. Eu a empurro de volta, bato a porta atrás de mim. "Que diabos está fazendo? Qualquer um pode estar na porta ou apenas passando, e eles vão..."

"Cale a boca, *pai*."

"Estou falando sério, Ava." E então eu rio. "E é *papai* para você."

O nariz dela torce. "Nunca". Ela começa a caminhar em direção ao quarto e diz por cima do ombro: "Eu estava prestes a entrar no chuveiro."

Começo a tirar minhas roupas e, quando ela percebe, ela se vira para mim. "Não."

"Isso não foi um convite?"

"Não."



Eu coloco minha camisa de volta. "Foi mal."

Ela ri me beija uma vez. "Vá esperar na sala de estar; Eu serei rápida."

"Tudo bem", eu suspiro.

Na cozinha dela, pego um copo do armário superior. Um alto. Porque estou com sede, e não apenas pela água. Mas eu me atrapalho, derrubando um mais curto na frente dele. Ele atinge a borda do balcão e cai no chão, quebrando em pedaços. "Idiota", murmuro, balançando a cabeça. Pego todas as peças maiores e as jogo no lixo, depois procuro uma vassoura para limpar os fragmentos menores. Eu verifico o armário do corredor, a despensa. Não está em nenhuma delas, então vou para a lavanderia dela, fico no meio. Porque eu sou homem, e os homens não conseguem encontrar coisas que estão bem na frente deles.

Vejo seu cesto no canto, meus olhos se estreitando quando vejo o familiar preto e laranja. Vou até lá, checando por cima do ombro para ter certeza de que ela não está vindo, e levanto a camisa. Sorrio com força total quando vejo o *3* grandes nas costas, meu nome acima. *Ela ainda usa minha camiseta.* A alegria aumenta no meu peito, e largo a roupa quando ouço os canos tilintar, alertando-me que ela terminou. Lembrando por que vim aqui, em primeiro lugar, encontro a única outra porta na sala e a abro. Encontro a vassoura, mas também encontro algo que faz meu coração parar instantaneamente. Laranja e preto, branco e azul enchem minha visão. Há fotos nossas nas paredes do armário e fotos minhas nas próprias prateleiras. Recortes de jornais, impressos de sites. Pilhas de DVDs com datas, anotações e estatísticas e... Eu alcanço, pego um e abro. Além do disco, há um único balão - azul - e eu o inspeciono mais de perto, vejo o marcador preto. Eu pego outro. Mesma coisa.



"Connor?" Ela chama. "Onde você está?"

Eu não posso falar

Não consigo respirar.

"Connor?" Eu ouço seus passos se aproximando, mas eu não posso... Eu não posso *funcionar.* "O que diabos você está fazendo?" Ela grita, pegando os DVDs de mim.

"Ava, o que é isso?"

"Nada!"

Eu finalmente consigo tirar os olhos do armário e olhar para ela. Lágrimas brotam em seus olhos, e ela está tentando fechar a porta, mas eu estou no caminho, e seu rosto se contorce quando ela grita: “Você não deveria ver isso! Você pode ir? Por favor!"

"Ava..." Eu alcanço o armário novamente, puxo uma pilha de DVDs. "Estes são todos os meus jogos." Eu abro um, e um balão sai e cai no chão.

Ela é rápida em pegar, agarrando a capa do DVD, mas eu me afasto pego um recorte de jornal para inspecionar isso também. Ela tenta tirar isso de mim. "Pare com isso!", Ela implora. Deixei que ela pegasse o artigo enquanto voltei para os DVDs, deixando-os cair da pilha. "Você está deixando-os fora de ordem!" Ela soluça. "Pare!" Ela está puxando minhas mãos, tentando me afastar, e eu finalmente a deixei. Ela está chorando, lágrimas escorrendo por suas bochechas, sua respiração curta, aguda, enquanto suas mãos tremem tentando substituir tudo em alguma forma de ordem.



Eu estou atrás dela, minhas mãos nos quadris, minha boca na sua orelha. "Ava, o que é isso?"

"Não é nada."

Eu a giro forço-a a olhar para mim. "É alguma coisa."

Aquelas mãos pequenas cobrem o rosto dela, e eu as puxo para baixo, precisando que ela me veja. "O que você quer que eu diga Connor?"

"Não estou bravo com isso", tento consolar. “Estou apenas... Confuso. Você não teve contato por mais de um ano e poderia ter Ava; Eu *estava* aqui.” Eu aponto para o armário. “Você sabe que eu estive aqui. Por quê..."

"Por que... eu não sei ok?" Suas mãos caem para os lados e ela tenta respirar calmamente, mas ela parece não conseguir mantê-lo por muito tempo. “Eu *tentei* Connor. Eu tentei tanto te deixar ir, lutar contra esses sentimentos, mas não pude. Passei todos os dias longe de você tentando convencer todos ao meu redor, e até a mim mesmo, que eu estava *bem* sem você, mas não *estava*. E isso - você está vendo isso - é embaraçoso, ok?”

"Por quê?"

"Eu não sei! Porque é a única maneira de lidar com o quanto sinto sua falta, e o quanto amo você e eu...” Ela faz uma pausa. “Meu amor por você nunca vacilou. Nem por um segundo. E nunca deixei de me orgulhar de você, de tudo que você realizou e de tudo que é, mas isso...” Ela acena com a mão em direção ao armário. "Isso é, tipo, obsessão limítrofe e...”



Eu a beijo. Sem pausa. Sem mágoa. Eu pego tudo o que ela é, porque agora, ela é toda para mim, e *sempre* foi assim. Mesmo em seus dias ruins, e mesmo quando as coisas ficavam demais, ela nunca parava de me amar. Nunca.

Suas mãos formam um punho, fechando minha camiseta enquanto ela me puxa para mais perto dela, sua boca se abrindo mais para mim. Sua língua acaricia a minha, e eu sinto a carga entre nós acender no segundo em que suas costas atingem a parede. Seu gemido se afoga na minha inspiração, e eu agarro suas coxas, levanto-a de seus pés até que suas pernas estejam envolvidas em mim. Joelhos dobrados abaixo-nos no chão enquanto ela tira minha camiseta, sua boca encontrando minha clavícula assim que ela sai. Eu levanto a barra do vestido, cada vez mais alto, até que ele sai completamente, e meus quadris se erguem no momento em que reivindico sua boca novamente. Tudo dentro de mim é frenético, lutando pela libertação. Ela praticamente arranca seu sutiã e então agarra minha cabeça, me puxando para lá, seus quadris afundando nos meus quando eu me agarro a um peito. Suas unhas cravam no meu ombro enquanto ela arqueia as costas, moendo em mim. Abaixo meu short, apenas o suficiente para liberar a protuberância, e ela geme, me empurra até que eu esteja de costas e ela se inclinando sobre mim, um braço estendido, mão para o meu lado. O outro chega entre nós, movendo sua calcinha para o lado. Ela desliza contra mim, sua umidade contra o meu comprimento, e minha cabeça cai para trás, bate no chão com um baque. "Jesus, Ava, eu preciso estar dentro de você, porra..."



"Foda-se o esperando", ela geme, e sua boca cobre a minha enquanto seu

peso nos meus quadris se acalma. Eu enrolo minhas mãos em volta da cintura dela, levanto minha cabeça para que eu possa assistir enquanto ela me coloca em sua entrada.

"Espere, precisamos..."

"Estou tomando pílula", ela respira. "Faz um tempo porque ajuda..."

"Eu não me importo *por que*." Eu aperto sua cintura com mais força, puxo-a para baixo até que ela me cubra completamente e, "Foda-se!" Eu respiro pelo êxtase de sentir seu calor me cercar, sentindo-a crua. "Não se mova."

E porque ela é uma pirralha e nunca escuta, ela se move, deslizando-me lentamente para fora dela até que haja apenas a ponta, então ela cai, gemendo quando estou no caminho de novo.

"Eu disse para não se mexer."

"Cale-se; Eu não me importo." Ela começa a se mover em mim, com as mãos apoiadas no meu peito, e eu fecho meus olhos, penso em todos os horríveis acidentes que meu pai já me contou. Cérebros esparramados na estrada, unhas de cinco centímetros nas mãos, pernas presas "Oh, Deus, Connor!" Abro meus olhos bem a tempo de ver a felicidade a ultrapassar, sacudindo seu corpo inteiro enquanto ela aperta em volta de mim. Ela ofega por ar, me montando sem desculpas. Quando ela termina, ela cai no meu peito, seu cabelo molhado combinando com o suor cobrindo seu corpo.



Eu espero apenas um segundo antes de jogá-la de costas e agarrar sua coxa, segurando-a no meu quadril, e então eu

a *fodo.* Eu a fodo como se estivesse esperando um ano e meio para fazer isso, e amanhã farei amor com ela. Eu vou adorá-la. Mas hoje à noite... Hoje precisamos da liberação, tanto física quanto emocional.

Tomamos banho juntos quando terminamos, rindo de como estávamos fora de controle. "Você nem tirou o short", Ava ri, ensaboando meu peito com uma bucha.

"Você começou." Eu a beijo gentilmente, minha boca aberta na dela.

"Você pode se recuperar?", Ela pergunta. Agarrando minha mão e colocando a bucha na palma da mão, ela se vira as mãos na parede, a bunda no ar.

Eu a esfrego de volta.

Ela acrescenta: "E como eu comecei?"

"Com o seu assustador armário Connor."

"Cale a boca!" Ela ri, chegando por atrás para apertar minha excitação. Ela começa a me puxar, me puxando para mais perto até minha frente ficar de costas. Eu beijo seu ombro, seu pescoço, sua mandíbula e digo, minha boca em sua orelha. "Eu te persegui também."

Sua cabeça se inclina, sua boca encontra a minha. "Você fez?"



“Austin trabalha na admissão de estudantes. Eu verificava toda semana para ter certeza de que você ainda estava inscrita. Acho que, no fundo, foi por isso que tive uma temporada de merda,

porque não queria ir embora. Eu estava apenas esperando você voltar para mim.”



Capítulo 51

Ava

"Como é bom ter fins de semana juntos?" Eu pergunto, assistindo Connor lamber seu sorvete como se fosse seu trabalho. Um trabalho bem remunerado e com classificação X.

Ele revira os olhos, brincalhão. "Está *tudo bem*."

Jogo meu guardanapo na cabeça dele. Um mês. Estamos juntos há um mês, e não há outra maneira de descrever como me sinto além de *mágica.* Em todos os sentidos da palavra. Eu sempre imaginei como seria me libertar das cadeias de responsabilidade e apenas *estar* com ele, mas nunca pensei que seria assim. Nós aproveitamos todas as chances que temos, no meu apartamento ou no dormitório dele, aproveitando ao máximo o tempo que temos antes do início da temporada. Alguns pensam que estamos nos encontrando novamente ou nos apaixonando pela segunda vez, mas isso não é verdade. Nunca estávamos perdidos, sempre no coração um do outro, e nunca paramos de amar, nem por um segundo.



"Você terminou?" Ele pergunta, de pé, estendendo a mão para eu pegar.

Dedos ligados, andamos pelo shopping sem nenhum objetivo real, nenhum destino em mente. Ele vai a uma loja de esportes, compra um par de tênis e outra

bola de basquete para poder deixá-los na minha casa. Vou a algumas lojas de roupas e experimento alguns vestidos, forço-o a sentar e esperar até que eu esteja pronta para mostrá-lo, embora eu não ache que ele se importe demais. Ele se oferece para pagar, e eu sempre recuso, e então vejo uma loja de móveis com alguns utensílios domésticos e começo a entrar. Sua mão aperta a minha. "O quê?" Eu pergunto, olhando para ele. "Você não fez compras?"

“Não, não me importo. Mas... o que você precisa daqui? Seu apartamento está mobilado.”

"Eu não sei." Eu dou de ombros. "Talvez um lance ou alguns pedacinhos bonitos... por quê?"

"Nada." Ele balança a cabeça. "Desculpe, vamos tentar qualquer que seja o inferno."

Ele mantém a porta aberta para mim, com a testa abaixada e eu passo por ele, meus olhos se estreitando em confusão. "Connor, você tem um perseguidor ou alguém que trabalha aqui?"

"O único perseguidor que tenho é você", diz ele, pegando minha mão novamente.

Andamos pela loja e noto a palma da mão suando contra a minha, mas eu escolho ignorá-la, assim como eu escolho ignorar a rigidez de sua postura. "Ei, olhe", eu digo, apontando para um sofá. "Parece com o meu." Eu ando até ele, dou uma olhada mais de perto. "Eu acho que é o meu." Solto a mão dele para que eu possa sentar nele, testá-la. "É." E então eu noto



a mesa de café. “É exatamente isso que eu tenho. Eles devem ter...”

"Ei, Connor!", Canta um homem de meia idade, se aproximando de nós. "Você voltou."

"Quem sou eu?" Connor pergunta, com o rosto corado. "Eu acho que você pegou o cara errado."

O cara balança a cabeça. “Não, eu lembro de você. Difícil de esquecer, já que você...”

Connor limpa a garganta, cortando o homem. "Sério, eu nunca estive aqui antes, então..."

O olhar do homem se aproxima de mim, depois de volta para Connor. "Ok, se você diz."

Espero o cara ficar fora do alcance da voz antes de me levantar, sussurro para Connor: "Isso foi estranho."

"Tão estranho", responde Connor, retomando minha mão. Vamos para a seção de utilidades domésticas, onde pego um vaso. "Isso é fofo, certo?"

"É um vaso, Ava", ele fala, levantando os ombros. O suor reveste sua linha do cabelo, e seus olhos mudam. Direita esquerda. Então a frente.



"Você está se sentindo bem, porque você parece...”

"Estou bem. Pegue o vaso.”

O homem reaparece, agitando uma pilha de papéis no ar. "Connor Ledger!" Ele sorri. “Eu sabia que era você! Eu

nunca esqueço um rosto.” Ele para na nossa frente, apontando para os recibos em suas mãos. "É você, certo?"

Connor engole.

"Veja, tiramos cópias da carteira de motorista para as pessoas que entram e gastam tanto quanto você."

Os lábios de Connor afinam até uma linha, e eu posso ver o aborrecimento em seus olhos.

Coloco o vaso de volta na mesa e dou um passo à frente, minha mente girando. "Posso ver isso?", Pergunto.

"Não", Connor se encaixa.

"Claro!" Diz o homem, entregando-o alegremente para mim.

Olho os recibos e, com certeza, a identificação de Connor está anexada. Então eu olho para os itens, um por um, meu peito apertando a cada linha. Ao lado das descrições há imagens dos produtos, os mesmos produtos que preenchem meu apartamento inteiro. Meu estômago revira, minha mente clareia quando meu coração bate contra minhas costelas. Olho para Connor, a raiva forçando as palavras: "Que diabos você fez?"

Ele engole, solta um suspiro. "Ava, não é...”



Eu bato os papéis contra seu peito, minha voz aumentando. "O que você fez, Connor?!"

Ele se recusa a pegar os recibos, então eles caem no chão quando eu marcho, meus braços cruzados. "Ava!" Ele me

chama, segurando meu cotovelo para me impedir de fugir. A confusão pulsa em minhas veias e eu giro para ele, meu lábio formando um rosnado. "Você me comprou esse apartamento?" Eu balanço minha cabeça. "Não, esse apartamento veio com os cuidados da minha mãe... eles me disseram..." Abaixo o olhar, meus olhos se dispersam enquanto tento entender tudo o que aconteceu de agora em diante. Olho para ele ao mesmo tempo em que solto um suspiro impressionante. "Você comprou os móveis para encher o apartamento, mas como você - e por que - e de onde você conseguiu..."

"Vou explicar tudo, mas você só precisa se acalmar."

"Acalmar?!" Eu grito. Empurre o peito dele. “Não há mais segredos, Connor! Nós concordamos!"

O filho da puta ri. Bem na minha cara.

"Por que você está rindo?"

"Porque você está com muita raiva e nem sabe por que ainda."

"Isso não é engraçado!"

Ele ri de novo.

Eu giro nos meus calcanhares, vou embora. Mas ele está apenas um passo atrás de mim. O ar enche meus pulmões no momento em que saio, e ele está falando, me implorando para parar, mas não vou. *Não posso*. Lágrimas de raiva enchem meus olhos. Tudo o que consigo pensar é como forcei alguém a endividar-se. Mas desta vez é pior, muito pior, por quê...



“Ava!” Connor agarra meu cotovelo novamente, me virando para ele. Estamos na calçada, bloqueando outros pedestres, então ele me puxa para o lado, recosta-se a um caminhão - o caminhão dele - e eu nem sabia que estávamos de volta onde começamos. Figurativamente e literalmente. Mãos na minha cintura, ele me puxa entre as pernas. "Você terminou?"

"Foda-se."

Ele ri.

Eu bato meu punho contra seu peito. "Pare de rir de mim", eu grito, atingindo-o um pouco mais.

Ele agarra meus pulsos agora, segurando-os a ele. "Eu vou falar quando você se acalmar."

Eu *rosno*.

Ele levanta as sobrancelhas.

Então eu respiro calmamente. “Estou bem. Fale."

Sua boca se abre, mas nada vem. E eu espero, um segundo, dois.

"Você é um idiota", eu estalo. "Você não pode se dar ao luxo de comprar..."



"Eu posso", ele interrompe, encolhendo os ombros, e ele é tão legal e tão calmo e por que ele não consegue ver o quanto isso está me afetando? Ele respira fundo, como se estivesse preparando seu discurso, e

então diz: "Minha mãe voltou à minha vida porque sua mãe, minha avó, estava morrendo".

De repente, a raiva é substituída pela simpatia, e eu limpo as lágrimas residuais. Eu faço beicinho para ele. "Eu sinto muito."

“Não seja; Eu não a *conhecia*. Quero dizer, tenho certeza que sim em um ponto, mas isso realmente não me afetou. Mas a questão é que minha mãe estava escondida e, quando minha avó morreu, todo o seu dinheiro foi para mim, e minha mãe queria ter certeza de que ainda poderia acessar esse dinheiro *através de* mim.”

"Espere." Eu luto para respirar. "Ela só voltou por dinheiro?"

Connor assente.

"Ok, então..." Eu tento limpar a névoa no meu cérebro, tento envolver minha cabeça em torno do que ele está me dizendo. "Então sua avó morreu e você recebeu uma herança?"

Ele assente novamente.

"E sua mãe queria que você desse a ela um pouco disso?"



Outro aceno. “Quero dizer, não sou difícil de encontrar, certo? Você procura meu nome on-line e mostra em qual escola eu vou. E minha mãe sabia disso. Minha avó tinha advogados que poderiam facilmente me encontrar, e seria isso. Feito, acabou. Mas ela queria uma presença na

minha vida para que eu pudesse pingar dinheiro para ela, para que ela pudesse continuar sua vida como estava."

Eu pergunto hesitante, tentando deixar meus próprios sentimentos sobre a mãe dele fora disso: "Você dá dinheiro a ela?"

"Ela tentou me matar, Ava. *Foda-se ela."*

Meus lábios puxam os cantos. "Bom." Eu me inclino para mais perto dele, incapaz de controlar o puxão. "Então é isso? Você ganhou dinheiro e decidiu mobiliar o apartamento?"

Sua garganta palpita quando engole.

"Connor", eu respiro. "O que mais você fez?"

"Eu meio que... quero dizer, o apartamento também é meu."

"Você *alugou* um apartamento para mim?"

"Na verdade, eu *possuo* o apartamento."

Meus olhos se arregalam. "Você... o *que*?"

"Sim", diz ele, fazendo uma careta.

"Eu ainda estou processando", eu admito.



"Você parece tão fofa quando está confusa."

Ignorando-o, pergunto: "Então você ganhou dinheiro e acabou de comprar propriedades?"

Ele ri. "Sim, na verdade, eu tenho esse pequeno portfólio arrumado."

"Cale a boca", eu digo através de uma risadinha.

"É verdade." Ele encolhe os ombros. “Além disso, seu apartamento é um bom investimento. Mas gostaria de conseguir algo maior para você...”

“Connor! Pare!"

Ele fecha os lábios.

"Então... se você tem *todo* esse dinheiro, por que você está morando no campus e por que você ainda está dirigindo este caminhão?"

“Não vou deixar dinheiro me mudar. Ainda sou eu e não tenho motivos para morar fora do campus.” Então ele fica mais alto, sua postura defensiva. "Espere. O que há de errado com o meu caminhão?”

“Nada”, eu rio, “Mas por que não comprar uma Mercedes ou algo assim? Não é isso que os jogadores fazem?”

"Oh, ela me deixou um desses também... está em uma garagem em algum lugar, eu acho."

"Jesus."



"Ei, você quer isso?"

"Não, eu não *quero* isso."

Ele sorri. “Eu não sei, Ava. Sou um homem simples, com necessidades simples.” Então sua sobrancelha

afunda. "Ninguém além do meu pai sabe do dinheiro", diz ele, dando de ombros. "Eu gostaria de continuar assim."

Assentindo, fico em silêncio por um momento, ainda tentando trabalhar com tudo o que ele está me dizendo. "Espere. Como você soube comprar o apartamento e..."

"Porque tem mais, Ava."

"Oh Deus. Eu preciso me sentar."

"Não, apenas ouça, ok? E, por favor, tente não ficar brava comigo."

"Connor! Você não pode dizer isso e não esperar..."

"Sunshine Oak..."

"Não..." Meus olhos se enchem de lágrimas novamente. "Você não... não é?"

Ele morde o canto do lábio. "Eu sei que você disse que estava esperando um lugar para sua mãe perto de Duke, e demorei um tempo até encontrar onde ela estava na lista de espera, mas Riverside... Quero dizer, é um bom lugar, Ava, mas sua mãe - ela merece o melhor - e Sunshine Oak"

Cubro minha boca, paro o soluço de escapar, mas ele puxa minha mão e me beija lá.



"Sua mãe merece Sunshine Oak, e foi muito convincente para eles fazerem o que eu pedi. Eles estavam dispostos a aceitar o dinheiro, mas tentar levá-lo a bordo, e anonimamente, isso foi difícil, e é por isso

que levou quase um ano para eles entrarem em contato com você.”

Eu luto para respirar, para pegar cada lágrima que cai rápida e livre, e então ele faz isso por mim, seus polegares passando em minhas bochechas.

“E eu não quero que você pense que os cuidados de sua mãe são mutuamente exclusivos do que acontece conosco. Estará aí enquanto você precisar ou quiser, ok? Eu *prometo a* você isso. Mesmo quando você ficar doente da minha bunda idiota, sua mãe sempre será cuidada.”

Meus ombros tremem com o meu soluço, e ele me abraça com mais força, seus lábios encontrando minha testa. "Por que você faria isso?" Eu murmuro em seu peito.

Ele agarra meus ombros, me empurrando para trás para que ele possa olhar nos meus olhos. “Eu te disse desde o momento em que te conheci, tudo o que fiz foi por você. Meu jogo final era cuidar de você e sua mãe, e isso nunca mudou.”

"Connor, por que você não me contou nada disso antes?"

“Porque eu não queria que você sentisse que tinha que estar comigo por esse motivo. Eu queria ter certeza de que você se apaixonaria por *mim* novamente.” Ele solta um suspiro, a palma da mão em meu queixo enquanto ele se inclina, experimenta as lágrimas dos meus lábios. "Mas, amor, eu preciso que você prometa algo."



"Qualquer coisa."

"Duas coisas, na verdade."

Eu concordo.

"Eu não quero que sua mãe saiba."

"OK."

"E você não me deve nada."

"Connor, eu não acho..."

"Prometa-me."

Eu agarro meu cabelo, minhas mãos pressionando contra minha testa. “Isto é *tão* muito agora, e eu ainda... Eu não mereço isso.”

Ele balança a cabeça, olhos nos meus enquanto abaixa minhas mãos novamente. “Claro que você merece isso. Você é minha garota, Ava. Minha primeira e para sempre.”

Meu coração bate ao ritmo de sua declaração. "Eu nem sei o que dizer agora."

"Diga que me ama."

"Eu amo você, Connor." Pressiono minha boca na dele. "Eu te amo muito."



Ele sorri contra os meus lábios, depois se afasta. "Há uma coisa que você pode fazer..."

"É aquela coisa com a minha língua no seu p..."

"Não", ele interrompe, balançando a cabeça. Então seus olhos se arregalam. "Mas sim, isso também."

Não posso deixar de rir.

"Ava, eu quero ver sua mãe", ele sai correndo. "Estou morrendo de vontade de vê-la, e você não..."

"Podemos ir agora?"

Seu rosto se ilumina. "Sim?"

"Ela está *morrendo* de *vontade* de vê-lo!"

***

Mamãe está no jardim quando chegamos lá, o sol brilhando sobre sua pele bronzeada. Ela está usando um chapéu de palha e uma blusa regata - algo que ela só agora começou a se sentir confortável sendo vista. A mão de Connor aperta a minha quando a vê, seu sorriso dividindo seu rosto em dois. "Mama", eu chamo, e ela olha para cima. Seu sorriso habitual para mim se amplia quando ela vê Connor. "Connor, 2,01m!" Ela grita, se levantando e correndo até nós. Sua risada enche meu coração de esperança quando ela bate nele, jogando o braço em volta do pescoço dele. “Oh, Deus, Connor! Eu senti tanto sua falta."



“Você não tem ideia do quanto eu perdi *você*, Senhorita D”, ele murmura, liberando a mão para devolver o

abraço. Seus olhos estão vermelhos, cheios de alegria líquida enquanto ele sorri para mim. Eu limpo o meu com as costas da minha mão, meu mundo se enche de magia... Mesmo à luz do dia.



Capítulo 52

Connor

"Vem comigo?" Austin implora.

"Não."

"Por que não?"

"Por que."

“Por que... nada. É uma noite de sexta-feira e você não tem nada amanhã, então..."

“Porque é um encontro, Austin. Seu *primeiro* encontro Que diabos..."

"Sim, você está certo", diz ele através de um suspiro. "Ela provavelmente vai dar uma olhada em você e esquecer que eu existo."

Balanço a cabeça. "*Ela* te convidou para sair, certo?"

Austin assente.



"Então qual é o problema?"

"O problema é que eu não sou construído como você, Connor", ele responde seu tom sério.

Eu suspiro, saindo da minha cama para ficar atrás dele enquanto ele se olha no espelho. "Para alguém que se chama meu melhor amigo, você realmente não me conhece."

Seu rolar de olhos me faz rir. "Você está dizendo que estava tão nervoso no seu primeiro encontro com Ava?"

“Ava e eu nunca tivemos um *encontro de* verdade. Tipo, nós não saímos para filmes, jantares e outras coisas. Nós apenas... ficamos na casa dela ou na escola. Mas sim, eu estava nervoso perto dela. Eu *ainda* estou. Eu acho que são esses sentimentos, sabe? Aquelas borboletas sobre as quais as pessoas falam...”

Ele se vira para mim agora, com a cabeça esticada para olhar para mim. "Você também foi seu primeiro?"

Balanço a cabeça.

"Isso te incomodou?"

"Na verdade não."

Ele assente, respira profundamente. "OK. Eu vou, e eu vou...”

"Seja você mesmo", interrompi. "Mas tire o blazer."

Ele olha para si mesmo. "É um casaco de lã."



"Tire isso."

"Mas isso me faz parecer sofisticado."

"Faz você parecer uma bunda pomposa."

"Você é um burro pomposo!"

Há uma batida na nossa porta e vou abri-la, dizendo por cima do ombro: "Faça o que quiser".

Ava está do outro lado, seu sorriso com força total quando ela me vê. "Ei, querida", eu cumprimento, beijando-a rapidamente.

"Ava!" Austin grita, me empurrando para o lado. "Vou a um encontro", anuncia.

Os olhos de Ava se arregalam, apenas um pouco. "Nesse blazer?"

"Eu disse que era um blazer", murmuro, pegando a mão dela. Eu começo a puxá-la para o quarto, mas ela resiste. "O que há?" Eu pergunto confuso.

Ela sorri de orelha a orelha. "Eu tenho uma surpresa."

Meus olhos estreitam quando Ava dá um passo para o lado e Trevor aparece. "Cala a boca." murmuro meus olhos arregalados.

O sorriso de Trevor corresponde ao de Ava, e eu não posso evitar meu próprio sorriso estúpido. "Tudo bem?" Ele pergunta, estendendo a mão para um movimento.



Entendo, respondo: "Não muito".

E então ele ri, puxando minha mão e me abraçando - um pouco apertado - e com a boca no meu ouvido, ele sussurra: "Senti sua falta, seu idiota."

Eu rio, digo: "Eu também senti sua falta, sua porra gigante".

Atrás de mim, Austin resmunga. "Você nunca me abraça assim."

***

A reação da senhorita D a Trevor estar na cidade é semelhante à minha, embora ela não se incomode em esconder suas emoções genuínas. Ela chora quando ele a abraça e diz o quanto ela sentiu sua falta. A verdade é que *fiquei* um pouco emocionado quando o vi. Eu esperava que, desde que Ava e eu estivéssemos juntos novamente, eu veria Trevor em breve, mas ela sempre falava sobre o quão ocupado ele estava e o quanto as coisas eram difíceis para ele em termos de dinheiro. Eu quase, *quase*, me ofereci para pagar por ele e Amy para sair porque eu sabia o quanto ela sente falta deles. Mas eu também sabia que ela não aceitaria... Assim como todas as outras vezes que me ofereci para pagar pelas coisas.

"Eu não posso acreditar", diz Miss D, segurando a mão de Trevor sobre a mesa. Ela olha para cada um de nós enquanto esperamos o almoço chegar, com lágrimas nos cantos dos olhos. "Todos os meus filhos estão aqui!"



"Sim, mas eu sou o seu favorito, certo?" Diz Trevor.

Senhorita. D ri, dá um tapinha na mão dele.

"E Connor não conta", acrescenta. "Ele não é *seu* filho."

"Ainda não." Senhorita. D pisca para mim. "Mas o genro parece bom."

Ava engasga com seu refrigerante.

Não posso deixar de sorrir. "Algum dia, senhorita D", eu canto, recostando-me na cadeira. "Algum dia, sua filha vai fazer de mim um homem honesto."

"Cala a boca!" Ava sussurra rosa corando as bochechas.

"O quê?" Eu dou de ombros. "Como se isso *não* fosse acontecer."

"Mas não por alguns anos, certo?" Trevor diz com um tom ameaçador em sua voz.

Eu sorrio para ele.

Ele acrescenta: "Depois que ela se formar, e você estiver na NBA, ou o que você decidir fazer, então talvez..."

Eu rio uma vez. "O que? Vou ter que pedir sua permissão?"

"Sim", os três dizem em uníssono.



Agora é a vez de Trevor sorrir para mim. "Está vendo isso?" Ele diz, apontando para mim. "*Eu* sempre vou ser o favorito."

***

Eu fico com Ava no fim de semana e passo o tempo mostrando Trevor pelo campus, assim como Durham. Ele passa esse tempo tentando convencer Ava e eu a nos transferir para o Texas A&M. Visitamos a Srta. D todos os dias, às vezes duas vezes ao dia, e às vezes no meio do dia, alcançamos nossas vidas atuais, relembramos os velhos tempos e rimos. Nós rimos tanto que dói. E Ava - por mais que ela negue isso na cara dele, ela sente muito mais a falta dele do que ela mostra. Mas eu sei. Eu posso ver isso na maneira como ela olha para ele, a maneira como seus olhos encontram uma sensação de calma sempre que ele está perto dela. E talvez eu deva ficar com ciúmes por não estar *lá* ainda, por ela não me olhar assim, mas temos algo que nunca tivemos antes.

Nós temos tempo.

E nós temos *comunicação*.

Eu disse a ela a primeira noite juntos que era importante para mim que *ambos* fossemos abertos com o que estávamos experimentando e o que estávamos sentindo. Que se a qualquer momento ela estivesse se sentindo de certa maneira e precisasse de alguma coisa de mim - tempo, espaço ou *eu* - que ela me dissesse isso na frente e, em troca, eu faria o mesmo.



Sem mais segredos.

Não há mais como esconder o que sentíamos para que o outro não sentisse o peso disso.

Nós éramos uma equipe agora.

Uma dupla.

Michael Jordan e Scottie Pippen.

Eu a perdi na referência de basquete, mas ela concordou de qualquer maneira e disse que sentia o mesmo. Precisávamos ser sólidos. Uma fortaleza. Então ela fez uma analogia sobre fios de uma corda e algo sobre um desgaste, e eu disse a ela que não fazia sentido. Ela respondeu que Jordan e Pippen não faziam sentido. O que é besteira, e eu disse a ela também. Então entramos em uma discussão que durou todos os cinco segundos antes que ela estivesse esfregando a minha perna novamente.

Agora, estamos na cama, e ela está dormindo profundamente enquanto estou bem acordado. Ela se mexe ao meu lado, virando a cabeça de um lado para o outro. Agora a bochecha dela está no pedaço de baba no travesseiro, e eu penso em acordá-la para que ela saiba, mas... *eh*.

É quase meia-noite e o mundo está quieto, mas minha mente... Minha mente não descansa. Eu beijo o ombro de Ava antes de empurrar as cobertas para fora de mim. Depois de suar, saio da sala, fico de pé e vou em direção à cozinha. Paro quando percebo Trevor na varanda e caminho, deslizando a grande porta de vidro o mais silenciosamente possível. Ele olha para o som. "Não consegue dormir?" Ele pergunta.



Balanço a cabeça. "Você?"

"Mesmo."

Sento-me ao lado dele. "Você vai sair amanhã cedo, certo?"

Ele assente, olha para a lua. “Sim. Voar direto para o Colorado no sexagésimo sexto aniversário do pai de Amy.” Ele se ajusta em seu assento. “Eu não contei a Ava ainda, mas Amy conseguiu esse emprego assassino em Denver, então ela está voltando para lá em algumas semanas. Ela só ficou no Texas para eu terminar, mas esse trabalho é... é uma oportunidade muito boa para ela recusar.”

"Você... quero dizer, vocês ainda vão ficar juntos?"

"Sim." Ele assente, com certeza. "Já fizemos a longa distância antes, então não é grande coisa, mas não quero que seja para sempre."

"Então o que você vai fazer?"

"Eu não sei", diz ele. "Eu realmente queria falar com você sobre isso."

"Eu?" Eu pergunto meus olhos arregalados.

"Sim", ele respira. "Eu sei que Ava e eu vivemos em diferentes estados nos últimos meses, e quando Ava me disse que você e ela estavam juntos novamente... para ser honesto, isso tirou muita preocupação que eu estava carregando."



Eu sorrio meu peito se enchendo de orgulho.

"Eu sei que você vai cuidar dela, das duas, então... acho que voltar aqui não é tão urgente."

"Você quer se mudar para Denver com Amy?"

Expressão de dor, ele oferece um aceno de cabeça.

"Isso é bom, certo?" Eu pergunto confuso.

"Sim, mas Ava... eu não sei como ela está..."

“Não, cara. Ela não queria de outro jeito. Confie em mim. Tudo o que ela quer é que você seja feliz.”

"Vai nos dois sentidos", ele me diz. “Tudo o que eu quero é que ela encontre A Felicidade, e você a faz feliz, Connor. Então, obrigado.”

"Você não precisa me agradecer", murmuro. "Como você disse, é nos dois sentidos."

“Mas não quero dizer *apenas* com ela. Quero dizer, com a mamãe Jo também. Você ilumina algo dentro delas que... eu nem sei como explicar. Só sei que sou grato por isso. Por *você*.”

Há um nó na garganta que dificulta dizer "obrigado".

"Nós devemos nos abraçar novamente."

Eu me viro para ele. "Você está falando sério?"



"Não." Ele ri. Então me encara, com a mão no bolso. Ele pega uma minúscula caixa preta e abre a tampa para revelar um anel.

Eu respiro fundo. “Você está me pedindo para casar com você? Porque eu odeio dizer isso a você, mas a

homossexualidade não é genética, então... ”

Ele solta uma risada. "Vou pedir para Amy se casar comigo na frente de sua família."

"Sério?" Eu não posso esconder meu sorriso. Trevor assente. “Isso é incrível, cara. Parabéns."

Ele fecha a tampa com um estalo e a enfia de volta no bolso. "É o anel que meu pai deu à mamãe Jo."

"Isso não é má sorte?"

Os olhos dele se arregalam. "É isso?"

"Eu não sei", eu retrocedo. “Pensei ter ouvido em algum lugar, mas poderia estar errado. Eu sou meio idiota, caso você não tenha notado.”

“Merda, Connor. *É*?”

Eu dou de ombros.

"Porra."

"Eu sinto muito. Eu não deveria ter dito nada.”

Ele geme, passa a mão pelo rosto. “Cara, nós dois somos atletas; você sabe como somos supersticiosos.”



Eu me chuto com o pé que estava na minha boca. "Tenho certeza que vai ficar bem."

“Não, não vai. E agora é tarde demais. Eu contei aos pais dela e tudo mais...” ele geme novamente, as palmas das mãos indo para os olhos. "Droga."

"Você não pode trocá-lo?"

"É um pouco tarde, *imbecil*."

Eu suspiro. "Você e Ava têm linguagens de amor tão estranhas."

“E mesmo que eu pudesse, não ganharia muito e não tenho dinheiro para comprar outro, e que diabos estou fazendo, Connor? Jesus, eu não posso nem comprar um anel para ela e espero que ela se case comigo. Ela é a única com emprego até eu encontrar algo e...”

"Eu tenho uma... *proposta*."

Ele balança a cabeça. "Eu não estou dormindo com você."

Eu rio baixinho. "Bem, aí vai essa ideia."

"Qual é a sua proposta?" Ele suspira, chutando a grade da varanda. "Estou meio que desesperado aqui, e se for apenas uma noite, e nunca precisaremos trazê-lo novamente, *talvez*..."

Meus lábios levantam nos cantos. "Seja meu agente."

Sua cabeça mergulha em frustração. "Você tem um agente."



"Não, eu não."

Seu olhar levanta, trava no meu. “Por melhor que pareça, eu não poderia fazer isso com você. Eu nem me formei e não tenho experiência na vida real.”

"Mas você tem coração", digo a ele. “E você se *importa*. E você está investido em mim.”

Ele balança a cabeça, incrédulo. "Qual é o seu ângulo, cara?" Seus olhos escuros passam entre os meus. "O que você faz..."

"Eu vou fazer meus quatro anos..."

Ele concorda. "OK...?"

"E há apenas um time que eu quero."

Sua garganta palpita com o engolir.

Acrescento: “E quero que *você* me coloque nesse time. Eu quero me profissionalizar, mas não me importo com o dinheiro.”

"Connor, isso é..." Ele solta um suspiro. "Não funciona assim."

"Mas você tem dois anos e meio para fazê-lo funcionar assim."

Ele lambe os lábios, os olhos ainda questionando.

"E eu vou lhe dar um adiantamento."

"*O que*?"



Eu concordo. "Para comprar o anel dos sonhos para sua garota."

"*O que*?"

"E pague seus empréstimos estudantis."

"*O que*?"

"E uma casa para você e Amy."

"*O que*?"

Eu ri. "Ava não te contou?"

"*O que*?"

"Eu sou meio rico agora."

"*O que*?"

"Diga outra coisa."

"Não."

"Não?"

"Não."

"Você não quer ser meu agente?"

"Connor", ele fala, com as mãos na cabeça. “Minha mente está explodindo agora. Não posso nem compreender o fato de que você *quer que* eu seja seu agente, muito menos o fato de que você é rico o suficiente para... espera, você recebeu dinheiro de alguém, porque a NCAA...”

"Não", interrompi. "É uma longa história, mas confie em mim, posso fazer o que estou oferecendo e não me sentir mal."

"Foda-se."



Eu ri. "Então?"

"Seria um empréstimo?"

"Não, seria um adiantamento sobre o que você fizer de mim."

"E se eu não conseguir fazer isso acontecer?"

"Então você está ferrado", brinco. Em seguida, acrescento mais sério: “Você fará isso acontecer, mano. Não conheço muitas pessoas neste mundo que têm mais perseverança que você.”

Ele olha para a lua novamente, quebrando os nós dos dedos.

Então eu pergunto. "O que você disse? Você quer contratar alguém da Flórida como seu primeiro cliente?”

Ele se vira para mim, um suspiro deixando-o. "OK."

Eu sorrio. "OK."



Epílogo

Ava

“Ok, então o que você precisa de mim? Você quer espaço, ou tempo, ou eu? Você me quer? Apenas me diga o que você precisa, e eu farei.”

Connor está sentado na beira da cama do quarto de hotel, com a cabeça nas mãos, a bolsa aos pés. Ele solta um longo suspiro antes de chegar entre nós e segura minha mão na dele. Ele olha para cima, com os olhos claros. “Eu preciso que você se acalme, baby. Você está me deixando nervoso.”

"Desculpe", eu expiro, deixando-o me puxar entre as pernas.

Sua cabeça se instala no meu estômago, seus braços passando pela minha cintura. "Você vai chegar cedo, certo?"

"Eu serei a primeira a passar pelos portões."

Connor ri. "E você conseguiu todos os ingressos?"

"Todos eles."



"E você vem com sua mãe..."

"Assim que você sair, eu vou encontrá-la, seu pai e Michael no lobby."

Connor assente. "Tudo certo."

"Tudo certo."

Ele se vira para mim, um sorriso brincando em seus lábios. "Eu provavelmente deveria ir", diz ele, passando-me um marcador preto. Pego a mão dele, coloco-a na minha coxa nua e escrevo *Srta. D* nas costas da mão, e *Ava ED Diaz* abaixo dela. Então eu alcanço minha bolsa e puxo um balão azul. Eu explodo, faço um trabalho rápido escrevendo *Connor Ledger #1 Vaia Diabo.* Eu entrego a ele, amando a maneira como seus olhos se iluminam quando ele tira de mim.

Três anos.

Três estações

E é isso que fazemos antes de cada jogo.

Mas nunca tivemos um jogo como esse antes.

Duke está no campeonato da Divisão I da NCAA, e este é o último jogo de Connor como Diabo Azul Duke.

"Ok." Connor se levanta, e ele rola o pescoço, os ombros, depois sacode as mãos, virando-se para mim quando eu me levanto. "Diga", diz ele.

Eu subo na ponta dos pés, a palma da mão acima do coração, e o beijo, minha boca aberta, a língua passando contra a dele. Quando eu me afasto, seus olhos ainda estão fechados, e então eu o beijo novamente. Só uma vez. "Eu te amo, número três."



Ele bate na minha bunda, assim como Trevor bate na porta. Trevor esteve

conosco durante as finais de Connor para que ele pudesse estar por perto quando as equipes da NBA ligam ou quissessem reuniões com Connor. Porque isso está acontecendo. *Muito*. E o agente de Connor, Trevor - um acordo que eles aparentemente fizeram três anos atrás. Um acordo que eles não me falaram até recentemente.

"Posso entrar ou minha irmã está nua?"

"Você pode entrar", Connor ri, pegando sua bolsa e balançando a alça em torno de seu torso.

Trevor enfia a cabeça. "Você está pronto para ir?"

Connor me beija mais uma vez antes de encontrar meu irmão na sala de estar. Eu fico para trás, ouvindo-os falarem de bola e negócios, como fazem antes da maioria dos jogos. Quando eles chegam a porta, Connor se vira para mim. "Diga isso de novo?"

Eu estou no meio da sala, minhas mãos atrás das costas. "Eu te amo, número três."

Connor sorri seu peito subindo com a inspiração. Então ele se vira para Trevor. "Ok, eu estou bem agora."

No segundo em que eles saem, eu caio no sofá, minha mão no meu coração, tentando aliviar as batidas lá. Eu estou nervosa. Por ele. Por toda a equipe. Por três anos eu assisti o garoto que eu amo jogar um jogo que ele ama na faculdade dos seus sonhos, e agora... Agora ele está um passo mais perto de realizar todos os sonhos que ele já teve.



E eu *quero* isso para ele.

Para nós.

Mas eu me preocupo.

Porque depois disso, é o rascunho da NBA.

E nós não sabemos onde ele está indo.

Eu ainda tenho mais um ano à esquerda na Duke, e *eu* não sei se eu posso deixar a minha mãe. Ela está tão acomodada em Sunshine Oak, e eu...

Estou com medo do futuro.



Connor

O suor escorre da minha testa e entra nos meus olhos, e pisco com força, tento clarear minha visão. Nós sabíamos que seria um jogo difícil. O Texas Tech sempre luta, e estávamos preparados para enfrentar a noite toda. E nós temos. Não consigo nem contar quantas vezes o placar mudou. Mas agora, com menos de cinco segundos no relógio, o Texas aumentou um ponto e não conseguimos escapar da defesa por tempo suficiente para marcar. Com a bola fora dos limites, tomo um momento para respirar e pressiono minhas mãos nos joelhos.

Atrás de mim, eu posso ouvi-los.

Todos eles.

Ava, Trevor, Srta. D, meu pai e seu marido. "Vaiass, Ledger!" Ava grita, e eu inspiro esse som no meu corpo.

"Você está bem, Ledger?" Treinador chama do lado de fora. “Mais uma peça, bebê! Mais uma peça!”

Eu aceno, mais para mim do que qualquer outra pessoa, e ignoro a dor que aperta todos os nervos, todos os músculos. Fico em pé, protegendo meu oponente, meus olhos em um jogador do Texas Tech com a bola na linha lateral. O árbitro apita e meu coração acelera quando a bola vem em minha direção. O mundo está silencioso enquanto espero, a cada milissegundo fazendo a diferença. Com o meu pulso, o único som que ouço, levanto a mão na frente do meu oponente, as pontas dos meus dedos



fazendo contato com a bola, e então *ele solta*. A multidão *ruge* e eu estou correndo atrás da bola, empurrando meus pés com mais força e determinação do que eu já tive. A bola encontra minha palma, e então eu estou no controle, ouvindo o mundo ao meu redor entrar em erupção. Eu olho para cima, mais dois passos. Eu posso dar mais dois passos, mas também posso ouvir meu oponente apenas meio passo atrás de mim. Olho para a cesta, depois para a minha mão e vejo...

Os nomes *delas*.

Minha razão

Meus sapatos rangem contra a madeira, meus joelhos dobram com a memória muscular. Braços se erguem, cotovelos dobram e o tempo diminui no segundo em que a bola sai da minha mão.

Ela gira no ar, atingindo primeiro a tabela, depois a borda, de novo e de novo, e então...

A campainha soa e eu estou sendo derrubado no chão, coberto de azul e branco.

Eu não vi.

Não com meus próprios olhos.



Mas quando o Hino Duke Combate toca, eu sei que afundou o arremesso...

Um *arremesso*.

Ava

Ficamos na arena enquanto a maioria das pessoas sai, assistindo os limpadores começarem a varrer a bagunça de azul e branco deixadas para trás. Mamãe está perto de mim, repassando todas as peças em que Connor estava de alguma forma envolvido com Corey e Michael, e Trevor... Trevor está em *algum lugar*; Eu simplesmente não sei onde.

Alterno entre rir e chorar e rir um pouco mais, e minhas bochechas doem com a força do meu sorriso. Eu estava tentada, tão tentada, a correr para a quadra no segundo em que ele atirou, mas Trevor me segurou. Chegou à hora de Connor, ele me lembrou, e era importante que ele comemorasse com sua equipe. E ele fez. Por alguns minutos. E então seus olhos me encontraram como sempre, e ele se aproximou suas bochechas coradas. Ele parou a alguns metros de distância, seus olhos brilhavam contra as luzes da arena e olhou para mim, gritando sobre a multidão: "Eu era o melhor ou o quê?"

"Você era tão fodidamente o melhor!"

Seu olhar mudou para minha mãe, e ele ergueu uma sobrancelha, arrogante. “Tiro fraco, hein?” E então ele *gritou*, arqueando as costas, os punhos na frente dele, e eu o amava muito mais naquele momento, amava o jeito que ele se deixava ir, se deixava *viver*.



E pensar que uma vez alguém tentou tirar a vida dele...

Chorei no segundo em que estava em seus braços, seu suor encharcando minhas roupas. "Diga", ele ordenou.

Afastei-me, só para poder olhá-lo. "Eu te amo, número três!"

"Lá está ele", mamãe diz, me trazendo de volta ao presente. Eu paro quando o vejo. Connor está em seu traje do dia do jogo, caminhando em minha direção com Trevor de um lado e um homem que eu nunca vi antes do outro. O homem está falando e Connor está com a cabeça baixa, balançando a cabeça e ouvindo atentamente. Trevor - Trevor está com um sorriso de merda, e meu pulso começa a acelerar. Todos eles param na nossa frente, a apenas alguns metros de distância, mas Connor fecha essa distância. Ele me agarra pela minha cintura, me levantando sem esforço sobre a barreira. Eu seguro-o quando ele me coloca de pé novamente. Ele me beija uma vez antes de jogar a mão entre mim e o homem desconhecido. “Vaughn,” ele diz, “Esta é minha futura noiva, Ava.” Engasgo no ar, meu coração inchando com a escolha de palavras. Ele acrescenta: "Ava, este é Vaughn".

Eu levanto uma mão tímida, me aproximo de Connor. "Oi."

Vaughn sorri. “Oi Ava. Eu ouvi muito sobre você."

"Você tem?"

Atrás de mim, Corey ri.

Vaughn assente.



E Connor diz: "Vaughn é o presidente do [17]Hornets".

Meus olhos se arregalam e eu olho para Connor. "Hornets?" Eu expiro. “Como em *Charlotte* Hornets? Como em Charlotte, *Carolina do Norte*?”

"Sim, querida", diz Connor, deslocando um cacho solto da minha testa. "Eu te disse, você precisa trabalhar mais se quiser se livrar de mim."

“Então, não estamos nos mudando? E minha mãe não precisa... Você... você vai ficar *aqui*?” Eu choro, descrença forçando lágrimas de alegria.

"É claro que eu vou ficar." Ele pega minha mão, coloca-a logo acima de seu coração, e eu sinto sua vida, seu *amor* batendo sob meus dedos. "Por *amor e basquete*." Então ele sorri...

E aquele sorriso...

Esse sorriso enche meu mundo de *mágica.*

Fim!!!



[17] Charlotte Hornets é um time de basquete da NBA localizado em Charlotte, Carolina do Norte.